

Kimberly Derting

DESEJOS DOS MORTOS

THE BODY FINDER - LIVRO DOIS





Kimberly Derting

DESEJOS DOS MORTOS

TRADUÇÃO DE RITA SUSSEKIND



Copyright © 2011 Kimberly Derting
Publicado mediante acordo com HarperColins Children's Books,
uma divisão da HarperCollins Publishers.

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreno

TÍTULO ORIGINAL

Desires of the Dead

TRADUÇÃO

Rita Sussekind

REVISÃO

Umberto Figueiredo Pinto

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-197-4

Edição digital: 2012

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



*Para Amanda, Connor e Abby.
Sempre.*





PRÓLOGO

Violet se ajoelhou e apoiou as mãos no chão congelado. Mesmo de botas, a sensação nos dedos dos pés era de que fragmentos de gelo cortavam a pele e alcançavam as veias. Os dedos das mãos deviam estar gangrenando dentro das luvas.

O brilho de uma lanterna cortou o véu de escuridão que cobria a floresta no inverno e um foco de luz pousou no ponto em que Violet tentava cavar o solo sob a neve fofa.

Naquele estado de torpor, ela não soube dizer se o que via era uma alucinação quando encarou o homem de pé à sua frente. A pele do sujeito, castigada pelo clima, parecia ter um brilho próprio e artificial. Era ao mesmo tempo estranha e bonita.

Ela não estava raciocinando com clareza, lutava para buscar cada pensamento, para trazê-los à tona das profundezas de sua mente confusa.

O homem disse algo, sem saber que o cérebro da menina filtrava as palavras, misturando-as e as tornando incompreensíveis. Ela tentou se concentrar enquanto uma sensação de tranquilidade se espalhava por seu corpo, anestesiando seus sentidos.

Contudo, estava consciente o bastante para sentir medo — *pavor*, até — daquele homem. Conseguia compreender o suficiente do que ele dizia para perceber que estava zangado. E que era perigoso.

Ele a tinha seguido. No meio da noite. Apesar do embotamento que distorcia sua percepção, Violet compreendeu que ele sabia por que ela estava ali. De algum modo, sabia que ela havia encontrado o corpo.

Quando viu a mão do homem, o que ele segurava, tudo imediatamente ficou muito claro. Violet observou enquanto ele empunhava a espingarda com firmeza e a encarava.

— Sinto muito que você a tenha encontrado — disse ele, abatido. — Não

queria que mais ninguém morresse.



CAPÍTULO 1

Janeiro, cinco semanas antes

Chelsea se inclinou para Violet como se tivesse um segredo para contar, algo que não quisesse que mais ninguém escutasse.

— Olha só o novo colírio! — gritou, fazendo Violet pular.

Violet tinha quase certeza de que todo mundo no refeitório tinha ouvido a amiga. Como sempre, o desconfiômetro de Chelsea parecia desligado.

Pensando bem, Violet não se lembrava de Chelsea, algum dia, já ter filtrado as próprias palavras.

O *menino* ao qual Chelsea se referia estava passando por elas e, como todo mundo, também a ouviu — teria que ser surdo para *não* ouvir — e levantou o olhar a tempo de ver Violet o observando. Chelsea virou-se novamente para Jules e Claire e fingiu estar rindo de alguma coisa engraçada que lhe disseram, dando a impressão de que tinha sido Violet a autora do comentário escandaloso.

Ele sorriu timidamente para Violet e continuou andando. Ela sentiu as bochechas queimarem e ficou grata por ele ter tido, ao menos, o bom senso de parecer constrangido por toda aquela atenção. E, por mais humilhada que estivesse, também sentiu um pouco de pena dele. Deve ser péssimo ser aluno novo. Mesmo sendo muito bonito.

Enquanto observava, uma menina se juntou a ele. Violet poderia ter deduzido, pela semelhança — a cor da pele era muito parecida —, que os dois eram parentes, mas não foi preciso. Ela já sabia que aquela era a irmã mais nova do garoto.

White River recebia novos alunos de vez em quando, mas em uma cidade pequena como Buckley, em Washington, o fato de chegarem *dois* novatos no

mesmo dia era motivo para muita fofoca. Ainda que fossem irmãos.

Violet ficou olhando até que os dois encontraram uma mesa do outro lado do refeitório, longe da agitação e das mesas mais ocupadas, que ficavam no centro daquele espaço grande e barulhento, e em seguida virou-se para Chelsea.

— Muito obrigada, Chels. Tenho certeza de que isso não foi *nem um pouco* constrangedor para ele.

Violet olhou para baixo e examinou o que tinha em sua bandeja de plástico. A pizza parecia gordurosa e cheia de óleo e o purê de maçã estava com um tom ligeiramente acinzentado. A comida a fez perder completamente o apetite.

Chelsea sorriu para ela.

— Sem problemas, Vi. Você me conhece: sou generosa. Só quis que ele se sentisse bem-vindo. — Colocou uma colher do purê esquisito na boca, seu sorriso aparecendo em volta do plástico frágil, e olhou por cima do ombro de Violet, para onde os novos alunos sentaram, sozinhos. — Se ele não quisesse que as pessoas ficassem falando, não deveria ser tão gostosinho. — Ela ainda os olhava embasbacada quando fez uma careta e tirou a colher da boca. — O que seu namorado está fazendo lá?

Violet girou na cadeira para ver do que Chelsea estava falando bem no momento em que Jay se juntou à mesa dos recém-chegados. Sentou-se ao lado da menina, mas já conversava com o irmão dela como se fossem velhos amigos. Então, ele se virou e apontou na direção de Violet — *quer dizer, apontou exatamente Violet* — e sorriu ao ver que ela o observava. Ele acenou ao mesmo tempo que o aluno novo levantou o olhar, para vê-la os examinando.

Era a segunda vez que ela era pega olhando para o garoto novo.

Violet tentou sorrir, mas o sorriso não saiu. Pensou em fingir que não os vira, mas percebeu que era tarde demais, então, antes de se virar, acenou sem entusiasmo. Torceu para que o novato não estivesse contando a Jay que ela o chamara de “gatinho”... principalmente porque não foi *bem assim*. Jay era seu melhor amigo muito antes de se tornarem namorados, então esperava que ele soubesse que ela não faria isso.

— Ah, olhe — anunciou Claire, como sempre alheia ao desconforto de qualquer pessoa —, acho que Jay está convidando eles para virem aqui.

É claro que estava. Por que não?

— Ótimo — Violet murmurou baixinho.

Ela não se incomodou em virar agora; em vez disso apenas encarou

Chelsea.

Que fingiu inocência.

— O quê? Não quer que o Garoto Novo venha se sentar conosco? Claire e Jules não se incomodam, não é?

Jules estava ocupada demais com a comida para se envolver na conversa. A moleca magrela parecia uma presidiária inclinada sobre a bandeja, envolvendo-a protetoramente com um braço, colocando na boca aquela coisa que quase não parecia comida.

Claire balançou a cabeça.

— Claro que não.

Chelsea prosseguiu:

— Você é muito sortuda, Violet. Esse seu namorado tem um coração de ouro. Só está tentando fazer o aluno novo se sentir em casa. — Em seguida acrescentou: — Mas quando sou eu que faço isso você fica chateada e me olha torto. Deveria tentar ser um pouco mais como eu e Jay. Tente abrir seu coração... só um pouquinho.

— Ah, espere. Deixem para lá — anunciou Claire, ignorando Chelsea. — Os alunos novos ficaram onde estavam. Mas aí vem o Jay.

Violet repreendeu Chelsea com um olhar enquanto Jay se sentava a seu lado. Ele colocou a mão nas costas dela, sob a blusa, e a acarinhou com o polegar. Seu toque era tão familiar... e ainda assim a deixava sem ação. Violet se aconchegou e ele a beijou na testa. O toque dos lábios foi suave, mas a deixou com a pele formigando. Ela mal conseguia acreditar que seu estômago ainda flutuava sempre que ele estava perto.

— Vocês estão falando de quê? — perguntou Jay, e Violet ficou imaginando se a insinuação que ouviu nas palavras dele seriam só impressão.

Chelsea sorriu com doçura.

— Só estávamos curiosas sobre seus novos amigos lá do outro lado. Bem... mais sobre ele do que sobre ela.

Chelsea Morrison era uma garota bonita. Tinha a pele macia, o corpo magro e atlético e cabelos castanhos e brilhosos. Toda essa feminilidade ilusória e quase perfeita só ia abaixo quando ela abria a boca. Para sorte dela, Chelsea não dava a mínima para o que os outros pensavam a seu respeito... fosse bom ou fosse ruim. Recusava-se a corresponder às expectativas de qualquer pessoa.

Jay deu uma risadinha.

— Está falando do *Mike*? — questionou, dando um nome ao aluno novo.

— Só estava perguntando se ele queria se sentar conosco, mas por algum motivo — Jay olhou para Violet com as sobrancelhas erguidas — ele não quis. Tem alguma coisa que queira me contar, Violet? Como, por exemplo, por que Mike preferiu *não* se sentar à mesma mesa que você?

— Não fui *eu*... foi *ela*! — Violet, quase engasgando com o pedaço de pizza que tentava engolir, apontou para Chelsea.

A amiga riu, e até Jules levantou o rosto do prato tempo suficiente para dar um sorriso solidário. Claire foi a única que continuou séria, mas porque parecia não estar escutando ninguém. Seus dedos mexiam furiosamente nas teclas do celular; ela estava absorvida em uma longa série de mensagens de texto... provavelmente com alguém sentado a poucas mesas dali.

— Eu sei — admitiu Jay. — Chelsea é a única garota desse colégio que realmente teria coragem de falar uma coisa dessas na frente de alguém.

Chelsea fez o melhor que pôde para aparentar indignação, arregalando os olhos e fingindo raiva.

— *Ah, para!* Por que não pode ter sido Jules? Ou Claire?

— *O quê?* Eu não disse nada — disse Claire, de repente prestando atenção. O tom sério de Claire fez Chelsea revirar os olhos.

— Que paranoia, hem? Ninguém estava acusando você de nada. Além disso, qual o problema se ele souber que fui eu? Não tem nada errado em notar que ele é... *hummm*, delicioso. E se ele fizer tudo direitinho, pode acabar virando o Sr. Chelsea.

— Como se isso fosse possível, Chels — declarou Claire. — O homem não muda o nome *dele*; você que teria que mudar o seu.

Chelsea revirou os olhos outra vez, agora de um jeito que Claire não percebesse, já que visivelmente tentava conter sua irritação.

— Obrigada pela aula de convenções sociais, Clairzinha.

Claire encolheu os ombros e sorriu ingenuamente.

— De nada.

Violet olhou para Jay, rindo da habilidade inata que Claire tinha de irritar Chelsea e não sofrer as consequências.

Violet a invejava por isso. Mas sabia que a única razão pela qual Chelsea não descontava sua ira em Claire era porque, mais do que tudo, a amiga detestava pedir desculpas. Então, de alguma forma, com uma força de vontade que ela não era capaz de reunir quando lidava com nenhuma outra pessoa, Chelsea conseguia controlar seu temperamento em situações que envolviam a sensibilidade de Claire.

Isso divertia muito Violet.

Jay, porém, retribuiu o sorriso por uma razão inteiramente diferente. Ele se inclinou e fagulhas de expectativa percorreram o corpo de Violet. Os lábios dele tocaram os dela suavemente, bem ali, no meio do refeitório lotado, apenas o sussurro de um beijo. E Violet não conseguia evitá-lo.

Mesmo que quisesse, seu corpo parecia nunca obedecer aos mais simples comandos quando se tratava de Jay. Era como se ele fosse sua kriptonita.

Chelsea olhou os dois com cara de quem não gostou.

— Querem parar com isso? Estou quase vomitando. — Ela encolheu os ombros exageradamente. — Se não conseguem esperar até estarem sozinhos, vou ter que pedir que procurem outro lugar para se sentar. — Em seguida sua hiperatividade venceu e ela assentiu na direção de Mike e da irmã. — Então, qual é a história deles?

Jay deu de ombros.

— Não faço ideia; só o conheci hoje. Faz o primeiro tempo comigo. A família acabou de se mudar para cá. Isso é, basicamente, tudo o que sei.

— Por que para *cá*? — perguntou Jules, e Violet tinha que admitir que estava pensando a mesma coisa.

Buckley não seria a primeira opção de ninguém em termos de cidade. E não ficava particularmente perto de nenhum lugar importante. Era mais uma cidade de beira de estrada em um pedaço de rodovia que não levava a nenhum destino em especial.

Jay deu de ombros novamente.

— Isso é estranho. Você tem que descobrir por quê — mandou Chelsea. — E ela? Tem nome? Não que eu realmente me importe, mas seria grosseiro chamá-la de “aluna nova” quando eu e Mike começarmos a namorar.

— Tenho uma ideia — sugeriu Jay do outro lado da mesa, inclinando-se na direção de Chelsea. — Por que você não faz uma lista de perguntas, em ordem de importância, e peço para ele preencher com as respostas? Uma espécie de *dever de casa para alunos novos*. — Ela sorriu com inocência. — Não precisa terminar agora, é claro; mas tente me entregar antes do fim do dia.

— Ha, ha. — Chelsea fez uma careta. — Você é absurdamente hilário, Jay. — E virou-se para Violet: — Deve ser esse o motivo de você gostar tanto dele, porque, tirando isso, eu simplesmente não entendo.

Claire franziu a testa, como se o que Chelsea falara não fizesse sentido. Então, decidiu ajudar Violet.

— Não, ele é bonito também. — E quando Jules começou a rir,

acrescentou: — *Puxa, mas ele é!*

Chelsea não se abalou com a defesa de Claire e, como sempre, precisava ter a última palavra.

— Sem ofensas, Violet, mas ninguém é *tão* bonito. E isso é tudo o que tenho a dizer. — Assim, como era típico, Chelsea mudou de assunto antes que Jay tivesse a chance de lembrá-las de que ainda estava sentado bem ali. — Ei, e não se esqueça de que temos um encontro no sábado.

— Não esqueci — assegurou Violet. — Topo qualquer desculpa para ir à cidade.

Chelsea até podia ser desagradável, mas Violet sabia que se divertiriam juntas. E era uma chance de passar um dia fora de Buckley... Não recusaria uma oportunidade dessas.

★ ★ ★

Ao ouvir a voz do tio de Violet, vindo da porta dos fundos, Jay tirou a namorada do colo.

Violet riu ao cair nas almofadas do encosto do sofá.

— O que está fazendo? — reclamou. — É só o tio Stephen.

Jay se ajeitou no lugar.

— Eu sei, mas desde a Festa de Boas-vindas tenho a impressão de que ele está sempre de olho. Só não quero que ele ache que estamos fazendo algo que não deveríamos.

A festa da escola. Fazia quase três meses desde aquela noite, mas as lembranças ainda causavam arrepios em Violet.

Não passava um dia em que não se sentisse grata por Jay ainda estar vivo. Grata por a bala do atirador ter atingido apenas de raspão o ombro dele, apesar de o homem — um dos policiais do seu tio — ter mirado o coração.

Se o tio dela não tivesse aparecido na festa naquele momento e dado o tiro fatal que derrubou o assassino, nem ela nem Jay teriam escapado com vida.

Jay sempre gostou do tio de Violet, mas agora o sentimento se aproximava da idolatria. E apesar de o garoto jamais admitir, Violet desconfiava de que ele se sentia em dívida por ter sido salvo... uma dívida que sabia que jamais poderia pagar.

Uma dívida que não existiria se não fosse por Violet. Foi culpa dela ele ter se envolvido naquela situação. Violet e sua... *habilidade*.

Tudo porque ela era diferente. Sob mais aspectos do que a maioria das pessoas entendia ou poderia vir a entender.

Os mortos chamavam por Violet.

Deixavam ecos que somente Violet conseguia perceber, atraindo-a, chamando-a até onde estavam. Esses “ecos” chegavam de muitas formas. Cheiros, sons, às vezes uma cor inexplicável. *Qualquer coisa*.

Mas nem todos os mortos tinham eco, apenas aqueles que tinham partido prematuramente, aqueles cuja vida fora interrompida por atos alheios. E não só eles se destacavam para Violet, mas também quem os matou. Os assassinos carregavam uma marca: um sinal idêntico ao eco da vítima.

Ela podia esmaecer, sim, mas apenas com o tempo. E ligeiramente. Permaneceria com eles para sempre, de algum modo, um lembrete inconfundível da vida que roubaram. Uma lembrança ostentada involuntariamente.

E Violet era a única que sabia que ela estava lá. Era a única que podia enxergar, perceber ou sentir o gosto do que eles tinham feito.

Não podiam esconder isso dela.

— O que vocês dois estão fazendo? — A voz implicante do tio chegou à sala antes dele. Mas o som era o segundo aviso, porque Violet sentira o gosto de sua presença antes mesmo que ele entrasse na casa. Desde que salvara Jay na festa, o tio carregava a própria marca. O sabor amargo de dente-de-leão ainda ardia sem chamuscas na boca de Violet sempre que estavam próximos. Um sabor que Violet tinha aprendido a aceitar. E até, de certa forma, a apreciar. — Nada que seus pais não aprovassem, espero — acrescentou ele.

Violet sorriu maliciosamente para Jay.

— Estávamos dando uns amassos, então, se puder ser breve, ficaríamos *muito* agradecidos.

Jay levantou com um pulo.

— Ela está brincando — soltou. — Não estávamos fazendo nada.

Tio Stephen parou onde estava e os olhou com atenção. Violet podia jurar que sentiu Jay se encolhendo, apesar de todos os músculos estarem completamente imóveis. Ela sorriu para o tio, fazendo o seu melhor para parecer mesmo culpada.

Finalmente ele ergueu as sobrancelhas, a expressão exata de um policial desconfiado.

— Seus pais me pediram para passar aqui e ver como vocês estavam antes de voltar para casa. Eles não vão chegar cedo. Posso confiar nos dois aqui...

sozinhos?

— Claro que pode...

Jay começou a responder e, ao mesmo tempo, Violet disse:

— Acho que não... — Então ela viu a expressão de horror no rosto de Jay e sorriu. — Pode relaxar, tio Stephen, tudo bem. Só estávamos fazendo o dever de casa.

O tio olhou para a pilha de livros jogados na mesa em frente ao sofá. Nenhum estava aberto. Virou-se incrédulo para Violet, mas não disse nada.

— Acho que nos distraímos um pouco — ela completou, e novamente viu Jay se mexendo, nervoso.

Após diversas recomendações e a promessa de Violet de que trancaria as portas, tio Stephen finalmente deixou os dois outra vez a sós.

Jay estava encarando Violet quando ela o olhou do jeito mais inocente possível.

— Por que faz isso comigo?

— Por que se importa com o que ele acha que estamos fazendo? — Violet vinha tentando fazer com que Jay admitisse sua idolatria por Stephen há meses, mas ele era teimoso demais para confessar, ou talvez ele próprio realmente não percebesse.

— Porque, Violet... — disse ele, perigoso, dando um passo ameaçador em direção a ela. Mas o tom de censura foi arruinado pelo brilho divertido em seus olhos. — Ele é seu tio e é o chefe de polícia. Por que cutucar a onça?

Violet deu um passo para trás, e Jay avançou outro. Agora ele a perseguia ao redor da mesa de centro, e Violet não conseguiu conter os risinhos enquanto recuava.

Mas era tarde demais para escapar. Jay era mais rápido e seus braços a capturaram antes que tivesse qualquer chance de fugir. Não que realmente fosse tentar.

Ele a puxou novamente para o sofá, os dois caíram nas almofadas e, desta vez, prendeu-a embaixo de seu corpo.

— Pare! — ela gritou com a voz aguda, sem a menor sinceridade.

Jay era a última pessoa de quem queria se afastar.

— Não sei... — respondeu ele, em dúvida. — Acho que você merece ser castigada. — Ela sentia o hálito perfumado em sua bochecha e percebeu que se inclinava na direção dele, em vez de se afastar. — Talvez devêssemos fazer um pouco mais do *dever de casa*.

Dever de casa era o código que os dois usavam para “dar uns amassos”, até

que perceberam que não estavam enganando ninguém.

Mas Jay cumpria sua palavra, especialmente se fosse em código, e seus lábios pousaram nos dela. Violet de repente esqueceu que estava fingindo querer se livrar das garras dele. Sua frágil resolução sucumbiu. Ela esticou os braços, envolveu o pescoço dele e o puxou para perto.

Jay murmurou.

— Muito bem, *dever de casa*.

Ele a apertou contra seu corpo, até estarem deitados cara a cara, esticados no sofá. Logo Violet já estava agitada, as mãos se movendo impacientes, explorando o corpo dele. Ela se arrepiou ao sentir Jay passar os dedos sob sua blusa, em sua pele. Tocaram sua barriga e subiram, a pele áspera da mão dele contra a dela, suave. O polegar tocou a base de suas costelas, fazendo-a perder o fôlego.

E, então, como tantas outras vezes, ele parou de repente e recuou. Foram apenas alguns centímetros, mas pareciam quilômetros, e Violet sentiu a familiar onda de frustração.

Ele não disse nada; não precisava. Ela entendia perfeitamente. Tinham ido longe demais. *Outra vez*. Mas Violet ficou frustrada, e estava cada vez mais difícil ignorar sua decepção. Sabia que não podiam continuar para sempre nesse joguinho.

— Então, vai para Seattle amanhã?

Jay usou a pergunta para preencher o vazio entre os dois, mas sua voz falhou, e Violet ficou feliz por ver que aquilo também mexia com ele.

Ela não foi tão rápida em fingir que estava tudo bem, principalmente porque o que realmente queria fazer era arrancar a camiseta dele e desabotoar os jeans.

Mas já tinham conversado sobre o assunto. E, todas as vezes, decidiram que precisavam ter certeza. *Cem por cento*. Pois depois que cruzassem a linha...

Ela e Jay eram melhores amigos desde o primeiro ano e, até o último outono, era apenas isso. Agora que estava apaixonada por ele, não podia imaginar perdê-lo por causa de uma escolha errada.

Ou precipitada.

Ela decidiu deixar que Jay jogasse conversa fora. Por enquanto.

— Vou, Chelsea quer ir até a orla, talvez fazer umas compras. É mais fácil ficar com ela quando estamos só as duas. Você sabe, quando ela não está o tempo todo... *ligada*.

— Quer dizer quando ela não está sempre implicando com alguém?

— Exatamente.

Jay franziu o cenho e, por um instante, Violet imaginou o que estaria pensando. Depois ele sorriu e colocou a mão atrás da cabeça, se acomodando de novo. Os olhos brilhavam de um jeito malicioso, fazendo Violet se lembrar de que ele continuava sendo seu melhor amigo.

— Sabe que ela fez uma lista, não sabe?

— Como assim?

— Uma lista. Chelsea fez uma lista de perguntas para o Mike.

Violet riu, levantando-se. Era ridículo demais para acreditar. Mas era Chelsea, então, claro que era verdade.

— O que você fez? Não entregou a ele, entregou? — perguntou Violet com os olhos arregalados, chocada.

Jay se sentou também e sorriu, e Violet teve certeza de que tinha entregado. Mas então ele balançou a cabeça.

— Que nada. Disse a ela que se realmente quisesse respostas, teria que entregar a ele pessoalmente.

Violet relaxou e recostou-se de novo no sofá.

— E ela entregou?

Jay deu de ombros.

— Não sei. Com Chelsea, nunca se sabe. — Ele se inclinou para a frente, olhando Violet bem de perto enquanto passava o polegar por sua bochecha. — De qualquer forma — disse, mudando de assunto —, amanhã eu trabalho até as seis; podíamos sair depois. — Ele se aproximou, sorrindo. — E você vai poder me contar o quanto sentiu a minha falta.

Jay a beijou, rapidamente primeiro, depois com mais intensidade. E ela o ouviu gemer. Dessa vez, quando ela recuou, havia indecisão no olhar.

Violet queria dizer alguma coisa sarcástica e perspicaz para aliviar o clima, mas com Jay a olhando daquele jeito qualquer esperança de encontrar uma resposta inteligente se perdeu. Podia se sentir desaparecendo nas profundezas daquele olhar incerto.

Ignorou o bom senso que a alertou para *não* se aproximar para mais um beijo. Preferia ceder àquela outra parte dela. A que queria mais, que dizia: *não pare*.

E quando Jay também não recuou, percebeu que não era a única ignorando a lógica aquela noite.

Seu coração palpitou, batendo loucamente, quando os lábios dos dois finalmente se tocaram.



CAPÍTULO 2

Violet estava sentada à mesa da cozinha quando o pai desceu, já vestido para o trabalho. De acordo com o relógio, eram apenas 5h15. De um sábado.

— Fiz café. — Violet manteve a voz baixa, apesar de não haver qualquer chance de acordar a mãe àquela hora.

O pai ignorou o comentário e se sentou ao lado dela.

— O que houve, Vi? Não conseguiu dormir? — Ele franziu o rosto, parecendo ainda mais sério do que o normal. — Foi o sonho outra vez?

Violet cerrou os dentes. Claro que foi o sonho. Era sempre o sonho — um homem sem rosto, que a perseguia — andando atrás dela, noite após noite, um grito doloroso, silencioso, em sua garganta.

Detestava o sonho.

— Terceira noite esta semana — suspirou. — Pelo menos hoje foi quase de manhã.

O pai pousou a mão sobre a dela. Um gesto gentil, tranquilizador.

— Está segura, meu amor. Ninguém pode machucá-la agora. — Apertou mais forte, tentando convencê-la. — Você e Jay, os dois estão seguros.

— Sei que é só um sonho.

— Ela encolheu os ombros, puxando a mão. Comeu mais um pouco de cereal, dando um sorriso vacilante e fingindo que acreditava nas próprias palavras.

Se ao menos não parecesse tão real...

Mas sabia que ele tinha razão; era apenas um pesadelo, nada mais. Não *significava* nada.

Além disso, não era uma vidente. Videntes tinham habilidades úteis de fato; podiam prever o futuro, ver as coisas *antes* que acontecessem.

A habilidade de Violet era completamente diferente: apenas podia

localizar os mortos. E somente *depois* que eles tivessem sido assassinados.

Era uma habilidade dolorosa de se ter — que já tinha conseguido utilizar uma vez, quando uma dupla de assassinos em série atacou meninas na região. Mas, é claro, não conseguira salvar as vítimas. Apenas ajudou a localizar os assassinos e impedir que voltassem a matar.

Sim, talvez fosse especial, mas se pudesse escolher, teria sido vidente. Ou, melhor ainda, completamente normal.

Infelizmente, Violet nunca teve escolha.

★ ★ ★

Chelsea se atrasou somente meia hora. Nada mau para os padrões dela.

Buzinou da entrada, um ruído longo e descortês. Até o carro de Chelsea era desagradável.

Violet fez uma cara de desculpas para a mãe antes de sair.

Chelsea buzinou uma segunda vez quando Violet pulou nos degraus da varanda.

— Legal, Chels. E se meus pais ainda estivessem dormindo? — reclamou Violet ao entrar no carro aquecido.

— Ah, tá. Seu pai parece um fazendeiro. É o tipo do cara que dorme e acorda cedo. E duvido que sua mãe durma até depois das dez, mesmo em um sábado. — Olhou de lado para Violet e ergueu as sobrancelhas. — Estou enganada?

— Não hoje — admitiu Violet. — Mas poderia estar.

Mas não adiantava discutir; Chelsea já estava aumentando o volume do som.

Fim de janeiro não era temporada turística no centro, principalmente na orla de Seattle. No verão, ficava cheia: compradores, turistas, artistas de rua e restaurantes, tudo apertado nos píeres. Agora ainda havia movimentação, mas as multidões eram anêmicas, pessoas aconchegadas nos casacos quentes de inverno e segurando guarda-chuvas sob as nuvens cinzentas e baixas.

Chelsea não parecia notar o clima ou a ausência de agitação nas ruas.

— Devíamos pegar uma barca até uma das ilhas — propôs, sem fôlego.

Violet sorriu.

— Tudo bem. Qual delas?

Violet se lembrava de passear de barca com os pais quando era pequena.

Compravam chocolate quente na lanchonete e depois iam para a grade e viam as ondas pretas no Puget Sound.

Chelsea deu saltos, o entusiasmo em seu rosto a fazia parecer mais nova, menos cansada.

— Vamos pegar a primeira que conseguirmos!

Violet riu. Era por isso que gostava de sair sozinha com Chelsea: ela ficava diferente quando não havia ninguém olhando.

De acordo com a programação, tinha um passeio pelas ilhas saindo em pouco mais de uma hora. Compraram os bilhetes e vagaram pelo píer antes do horário de embarque.

Pararam na Ye Olde Curiosity Shop, uma das preferidas dos turistas, cheia de coisas estranhas, onde Chelsea comprou um colar com uma cabeça enrugada assustadora pendurada na corrente. E antes de saírem pediram ao sujeito atrás do balcão para tirar uma foto das duas com um porco petrificado que estava exposto.

Uma vez do lado de fora, Violet puxou o capuz para a cabeça, pois estava começando a chover.

A *sensação*, as vibrações palpitantes a atingiram muito antes do som.

O tremor inconfundível sob a pele foi imediatamente seguido pela sensação inexorável de estar sendo convocada, como se algo estivesse alcançando seu âmago e a puxando. Não podia ignorar a sensação, assim como não podia negar do que se tratava.

Algo morto a chamava.

O ruído que se seguiu às vibrações, alcançando-a, afinal, estava claramente deslocado na superfície das águas pesadas do inverno de Puget Sound.

No verão poderia vir de algum ponto anônimo entre os artistas de rua que se colocavam pelos píeres para atrair turistas. Mas, agora, na morbidez do inverno, o ruído instrumental de uma harpa, como a que Violet imaginaria anjos tocando, não estava em harmonia com o ambiente. Teriam sido calmantes — os sussurros acústicos —, não fosse pelo fato de indicar a presença de um corpo... humano ou não.

Violet estava torcendo pelo *ou não*.

— Onde estamos indo? — perguntou Chelsea, interrompendo a concentração de Violet enquanto ela lutava para se agarrar aos sons precários que a chamavam.

Violet nem havia percebido que estava andando para longe das lojas da orla. Parou, levantando a mão.

— Acho que ouvi uma coisa — explicou distraidamente.

Pensou em resistir ao impulso de seguir o som, simplesmente ignorá-lo, principalmente aqui... com Chelsea, que não sabia nada sobre o “dom” da amiga. Além disso, o que achava que iria fazer depois que encontrasse o corpo que a atraía? Não havia onde enterrá-lo, e certamente não poderia levá-lo consigo.

Às vezes, quando estava perto de um corpo, sentia-se atraída por ele, compelida a encontrá-lo.

Geralmente, quando Violet encontrava um animal, vítima de um predador feroz, podia resolver sozinha. Tinha o próprio cemitério. Mórbido, sim, mas uma necessidade para qualquer menina com a habilidade de localizar os mortos.

Mas se fosse uma pessoa, a história era diferente.

Uma vez que um eco a chamava, e antes de o corpo ser adequadamente enterrado, independente do tempo que isso levasse, Violet ficava inquieta. Apenas quando o corpo recebia um local de descanso o eco diminuía, caía no fundo de sua consciência, nunca desaparecendo completamente, mas enfraquecendo, tornando-se algo menos... *assombroso*.

Nesse dia, Violet podia respirar outra vez.

Em vez de tentar resistir à atração que sentia agora, se ouviu dizendo:

— Fique aqui, Chels. Já volto. — Não esperou a amiga responder e se afastou.

Violet levou um instante para localizar a direção outra vez, na medida em que o ruído a afastava do píer.

Era mais distante do que esperava, e estava apenas ligeiramente consciente de que o cenário ao seu redor mudava dramaticamente. Sob sua pele, a harpa continuava tocando.

Do outro lado da rua, oposto às águas de Puget Sound, passou pela charmosa loja de antiguidades e fachadas de tijolos desbotados da velha Seattle. Foi em direção às docas de navios de carga adiante. Uma cerca alta com arame farpado surgiu, em contraste com as calçadas de pedra e madeiras gastas do cais que deixara para trás. Rachaduras grandes dividiam o concreto desigual sobre o qual pisava.

Placas penduradas nas grades diziam: *Intrusos serão processados*.

Por trás da grade enormes contêineres de aço estavam empilhados, de ponta a ponta, criando uma fortaleza impenetrável, bloqueando a visão das pilhas de paletes industriais e um exército de empilhadeiras. Guindastes

vermelhos pesados erguiam-se muito acima dos contêineres. Diversos navios de carga flutuavam nas águas além.

Gaivotas, algumas brancas vívidas e outras da cor de água suja de louça, aterrissavam a toda hora, procurando restos de comida.

Era sábado, todos os estaleiros estavam praticamente desertos, com apenas alguns carros nos estacionamentos mais afastados. Mas o amplo portão central estava aberto.

Violet entrou sem avisar. Estava preocupada demais para se importar se alguém poderia vê-la. O som suave das harpas ficou mais forte, até as vibrações se tornarem praticamente dolorosas, e Violet percebeu que estava trincando os dentes. Era convidativo, aquele eco... aquela morte. E Violet estava muito perto.

Circulou uma fileira alta de contêineres de carga, todos pintados em tons de vermelho, azul e cinza-azul.

O cheiro salgado de água do mar pesava no ar, e ela ficou imaginando como não o tinha notado ainda. Agora parecia muito importante. A água salgada e a harpa. *E o corpo.*

Ela parou de repente, consciente de que não estava mais sozinha.

A pele da nuca repuxou, formigando. Tinha alguém atrás dela; alguém a observando.

Violet prendeu a respiração, com medo de se virar. E com mais medo ainda de não se virar. Já tinha sentido isso antes, a sensação de estar sendo perseguida. Cada músculo em seu corpo estava contraído, tenso.

Mas não tinha escolha; precisava descobrir quem estava ali.

Um... dois...

Antes de chegar ao três, sentiu alguém agarrá-la pelo braço, segurando-a com força.

Violet deu um pulo, o coração acelerado.

E Chelsea gritou, com o rosto coberto de preocupação, os olhos arregalados. A mão de Chelsea levantou para cobrir a própria boca.

— Chels, que diabos? Pensei que tivesse dito para esperar! — sibilou Violet, puxando-a para perto dos contêineres, onde ninguém poderia vê-las.

Chelsea alcançou a mão de Violet.

— *O que você achou que tivesse ouvido, Vi?*

Violet ergueu um dedo cauteloso até os lábios, alertando Chelsea para que ficasse em silêncio enquanto se colocava na frente dela, concentrando-se mais uma vez no som da harpa. Podia ouvir Chelsea respirando forte e ficou

imaginando se a amiga estava com medo... *Parecia* que sim. Mas Violet não procurou descobrir.

Violet estava confusa. Estava no lugar certo; sentia o ruído praticamente dentro de si agora, assim como o eco reverberante, tocando cordas suaves dentro de seu peito e se espalhando até a cabeça... os dedos das mãos... os dos pés.

Mas não havia nada ali.

Apenas contêineres de carga sobre uma vasta expansão de asfalto. Tudo sólido. Tudo selado.

Olhou para o contêiner vermelho diante dela; as paredes de aço corrugado eram intransponíveis.

Circulou-o, deslizando os dedos pela superfície sólida, examinando as emendas perfeitas e *sentindo* o som sob o couro cabeludo. Sua pele formigou. Finalmente encontrou a porta, mas estava claro que não era uma abertura que Violet pudesse acessar. Estava solidamente fechada, com um cadeado grande e enferrujado pendurado em um arco metálico.

Está aí dentro, Violet pensou. O que quer que a estivesse chamando, estava naquele enorme contêiner.

— O que estamos fazendo aqui? — Chelsea perguntou novamente, e Violet ouviu o alerta pontuando a voz da amiga.

Violet levantou os olhos, esquecendo-se momentaneamente do corpo preso no túbulo de aço.

O que Violet poderia dizer a ela? Não iria contar o que conseguia fazer. Jay era a única pessoa de fora da família que conhecia sua estranha habilidade de descobrir os mortos... os *assassinados*. E Violet planejava manter as coisas assim.

Além disso, mesmo que Violet pudesse encontrar palavras plausíveis para explicar sua habilidade, Chelsea jamais entenderia.

Como poderia? Acharia que Violet era alguma espécie de aberração.

Olhou para o contêiner uma última vez, sentindo-se derrotada pela superfície maciça e impenetrável. Olhou em volta e tentou afastar o som da cabeça, tentou ignorar os ruídos, os que somente *ela* conseguia escutar, vindos do interior da caixa de aço.

— Pensei que tivesse ouvido alguma coisa — repetiu Violet.

— Vamos perder a barca — disse Chelsea.

Violet finalmente desistiu. Que escolha teria? Não era o mesmo que encontrar um corpo na terra fofa da floresta perto de sua casa. Este corpo

estava selado, inalcançável. E ela nem sabia *o que* era.

Provavelmente, algum animal — uma gaivota ou um rato —, preso acidentalmente no contêiner, que teria morrido de fome.

Poderia ser ataque digno de marca, uma morte por descuido?

Deve ser, pensou Violet ao seguir Chelsea para fora do estaleiro.

O sal pesava no ar, prendendo-se às ondas sonoras... e à ressonância assombrosa da harpa que pairava atrás delas.

★ ★ ★

O passeio de barca foi mais divertido do que Violet esperava, principalmente considerando a descoberta no estaleiro.

Só ficaram na ilha por cerca de uma hora, andaram da doca até uma sorveteria, do tipo que fazia sorvetes como antigamente e servia em casquinhas mornas, feitas artesanalmente. Pediram duas casquinhas enormes, de duas bolas, e de algum jeito conseguiram comer tudo.

Chelsea falou sobre Mike, o aluno novo — *mais uma vez* — e Violet só ficou ouvindo. Não fazia o gênero de Chelsea ficar obcecada por um menino, e Violet achou bem hilariante ouvi-la falar sem parar sobre ele. Não que houvesse muito assunto sobre o menino. Ainda sabiam pouco sobre ele, exceto que a irmã se chamava Megan e o sobrenome deles era Russo. Nos três curtos dias em que estiveram no colégio, ele e a irmã conseguiram ser discretos.

Exceto por Jay, Violet não tinha visto Mike conversar com quase ninguém. Então Chelsea foi forçada a repetir as poucas coisas que sabiam sobre ele e imaginar o restante em voz alta.

Durante o passeio de volta, Violet lutou contra o desconforto persistente do eco no estaleiro. E, apesar de não estar mais *sentindo* fisicamente sua atração, ou mesmo ouvindo os sons da harpa ali nas águas profundas, isso não significava que o eco a deixara sozinha.

A sensação familiar já havia se estabelecido sobre ela, a inquietação à qual já estava tão acostumada, quando um corpo estava desesperado para ser posto em descanso.

Os mortos nem sempre querem ser esquecidos. E essa necessidade de serem descobertos podia ser tão poderosa que se transformava no único pensamento de Violet, seu único propósito, até conseguir localizar os restos e, se possível, enterrá-los adequadamente, dando tanto a ela quanto à vítima uma

sensação de conclusão.

Encerramento, sua mãe dizia.

Encerramento era uma boa palavra para o alívio que sentia quando um corpo era enterrado em segurança. *Quietude* era outra. Melhor ainda, achava Violet, era *paz*.

Fez o melhor que pôde para ignorar a atração assim que ancoraram novamente na cidade, mais uma vez tão perto do corpo. E o caminho para casa não foi muito melhor. Assim como na barca, sentiu aquele descontentamento constante que se recusava a abandoná-la.

Chelsea deixou Violet em casa, buzinando mais uma vez só quando Violet saltou do carro.

Violet riu, talvez um pouco demais, ao tentar espantar a tensão que a dominava cada vez mais, a cada minuto que passava.

★ ★ ★

Quando Jay ligou, Violet estava de mau humor. Pensou em contar para ele sobre o que tinha acontecido em Seattle, mas tudo que ela realmente queria fazer era se enrolar como uma bola e ignorar o ocorrido. Se pudesse manter distância de tudo, o faria.

Apesar de Jay ter tentado fazê-la mudar de ideia, sabia que não devia insistir. Violet precisava de espaço.

Tinha certeza de que contaria a ele, no fim. Mas não agora.

Agora, queria descansar. E esquecer.



CAPÍTULO 3

A escuridão era sufocante, opressora. Temia que fosse sufocá-la. Mas era o frio que estava insuportável.

Olhou em volta mais uma vez, exatamente como fizera diversas vezes durante as horas — ou dias — em que estava presa. O tempo deixou de ter qualquer significado tangível quando os segundos se transformaram em minutos, e em horas. Transformaram-se em dias.

Eram inúteis seus vãos esforços. Não havia escapatória, e ela já sabia, mas os instintos de sobrevivência se recusavam a deixá-la se render... a aceitar seu destino.

Não havia luz. Nem um rastro. Nem mesmo uma centelha.

E ausência de luz significava ausência de aberturas.

Mas procurou assim mesmo, pois não podia desistir, tateando com as pontas dos dedos todas as superfícies que alcançava... o chão... as paredes... os cantos. Eram todos muito familiares a ela, agora, e estava com a pele em carne viva de tanto explorar o metal rígido que a castigava.

Foi dominada pelo pânico, mais uma vez, e gritou, batendo com os punhos feridos nas paredes que a confinavam. A voz que saía de sua boca era estranha, mesmo aos seus próprios ouvidos. Era fraca e baixa. Parecia com a de alguém já condenada à morte.

A escuridão se fechava em torno dela, enchendo seus pulmões até se tornar difícil respirar, e impossível gritar mais. Os sons de sua voz estranha irritavam e ecoavam ao redor até ela se ver engasgando à procura de ar de verdade... ar limpo... *ar não escuro*.

Sucumbiu no canto, envolvendo os joelhos com os braços, e se balançando. Estava escuro.

E estava sozinha. E com muito, *muito* medo.

Gritou no vazio entre as pernas e o peito, soluçando inicialmente, e em

seguida soltando um choramingo quase inaudível ao se encolher.

Queria ir para casa.

★ ★ ★

Violet não acordou rapidamente. Em vez disso, acordou com um soluço lento, chorando na superfície úmida do travesseiro, segurando-o com firmeza enquanto tentava sufocar o pavor remanescente.

Sentiu-se confusa, aturdida. De início, não conseguia se lembrar do sonho, tão diferente dos que a assombraram no passado, ou do motivo pelo qual esse a fizera chorar. Mas enquanto estava deitada ali, lutando para se recompor, ele voltou, aos poucos.

A escuridão sufocante.

O medo. Pânico puro.

A sensação devastadora de derrota.

O vislumbre — apesar de fraco e fugaz — de esperança.

Foi como se tivesse sido enterrada viva. Sepultada em total escuridão, sem escapatória. Violet ficou abalada com o pesadelo, mesmo se garantindo que era apenas isso, um sonho ruim.

Mas dessa vez não aceitou; não estava acreditando nem um pouco. Era mais que um simples sonho.

E sabia por quê. Era a voz. Não fora a *sua* voz. Era baixa. Frágil. E pertencia a outra pessoa.

Fechou os olhos, lutando para atribuir significado às imagens assustadoras. Por que sonhara que era outra pessoa, presa e sozinha no escuro?

E por que parecera tão real?

Mas sabia a resposta. É claro que sabia. Soube mesmo em seu sonho, nos recônditos mais profundos do sono. E agora, enquanto oscilava entre saber e não querer admitir a verdade, isso acabava com seus esforços para se agarrar ao próprio bem-estar.

Parecia real porque era real.

Alguém estava lá. Isolada e assustada.

Piscou, tentando afastar o pensamento, que se recusava a ceder.

Havia uma pessoa dentro daquele contêiner de aço.

Balançou a cabeça, apesar de não haver ninguém para vê-la. Mesmo assim, a voz em sua mente se recusava a ser silenciada.

— Não — sussurrou —, não tem.

Mas dizer as palavras em voz alta não as tornou verdadeiras; até ela sabia disso.

As lágrimas voltaram, mas dessa vez eram dela, somente dela. Pois, apesar de saber o que o sonho estava contando, que havia uma pessoa lá — uma pessoa morta —, também sabia que precisava voltar para se certificar.

★ ★ ★

O céu tinha o tom de ébano polido quando Violet saiu furtivamente de casa, deixando apenas um bilhete breve e vago para que os pais não se preocupassem ao acordar e descobrir que ela não estava.

Prendeu a respiração ouvindo o estalo dos cascalhos sob os pneus ao tirar o carro da entrada com o farol desligado. Quando chegou à rua, verificou os bolsos para se certificar de que tinha pego o celular e acendeu o farol, projetando um brilho artificial pela neblina que havia se formado nas ruas desertas que cercavam sua casa.

O ar estava vivo, e como Violet não tinha esperado o carro esquentar antes de sair, preocupada com a possibilidade de os pais ouvirem o motor barulhento, o interior estava gelado. Conseguiu enxergar o vapor da própria respiração enquanto dirigia em direção à autoestrada para fora da cidade.

Era cedo — ou tarde —, dependendo de como você encarasse, e as estradas ficavam vazias a essa hora. Violet se sentia como a única sobrevivente em uma espécie de filme pós-apocalíptico, sozinha na parte abandonada de uma cidade. A ilusão foi destruída quando viu um carro no lado oposto da estrada estreita. Imaginou brevemente se estavam voltando para casa, ou saindo, como ela.

Estava cansada, pois não tinha dormido muito. Fatigada seria o termo mais apropriado. E a escuridão ainda exercia um efeito calmante em seus sentidos enquanto o carro se movia pelo asfalto, embalando-a suavemente. Parou para comprar um *latte* de baunilha duplo em um pequeno café drive-thru que ficava aberto a noite inteira, com a esperança de se livrar de parte do cansaço que dominava seus sentidos para a longa viagem até Seattle.

Ao se aproximar da cidade, a noite começava a se transformar em alvorecer, o céu mudava gradualmente de ébano para um carvão profundo e esfumaçado. Mais carros se deslocavam nas estradas, e de repente Violet não

estava mais sozinha.

Mas isso não significava que sentisse menos medo. Estava apavorada de voltar ao estaleiro, se colocar diante do contêiner de carga uma segunda vez, sabendo o que podia haver dentro dele. E não fazia ideia do que faria quando chegasse lá.

Infelizmente, também não poderia simplesmente ignorar esse eco, ou ele jamais a deixaria em paz.

Parou, estacionando perto da grade alta que guardava o perímetro dos estaleiros. Mesmo do lugar onde estava, era claro: o portão, definitivamente, *não* estava aberto esta manhã.

Violet saltou do carro e se aproximou da entrada fechada. Bufadas cristalinas de vapor saíam de sua boca enquanto fechava o casaco e colocava as mãos nos bolsos. Ainda estava muito escuro, *escuro demais*, e Violet examinou a área à procura de algum sinal de vida.

No dia anterior só havia algumas pessoas por ali, mas hoje não tinha ninguém. O silêncio era quase completo, exceto por um detalhe: as vibrações trêmulas da harpa.

Só aumentava a calmaria misteriosa que pairava como névoa pelo lugar deserto.

Seu coração bateu descontrolado enquanto ela se aproximava do portão. Parte dela torcia para estar trancado, provavelmente vinha torcendo durante toda a viagem. E, agora, o desejo quase oprimia o pesadelo que a atraía até ali inicialmente.

A covarde que havia nela pensou em ir embora, em simplesmente virar as costas e voltar. Mas sabia que não podia. Isso não era algo que desapareceria por conta própria. Disso tinha certeza.

Atravessar o portão se mostrou ser uma tarefa simples. Não tinha tranca, pelo menos não como o cadeado que vira no contêiner. Esticou o braço para tocar o trinco em U, aparentemente simples, como os que via em jardins. Agarrou e levantou. Ele se abriu com facilidade.

Olhou em volta para ver se tinha alguém observando, mas não havia ninguém à vista.

Cada fibra em seu corpo estava alerta enquanto prendia a respiração e empurrava o portão.

Abriu alguns centímetros. Era alto e mais pesado do que parecia, e Violet teve que se apoiar nele uma segunda vez, empurrando com o ombro o suficiente para passar.

A ressonância da harpa abafou os sons ao redor, a cidade acordava atrás dela, e o oceano à sua frente. Era nebulosamente surreal. Sinistro. Era como a trilha sonora de um filme de terror.

Mas isto não era um filme, lembrou Violet; estava aqui para localizar um corpo.

Caminhou furtivamente da forma mais discreta possível ao redor dos contêineres. Apesar de parecer estar sozinha, seguia o eco fantasmagórico da harpa que a atraía. Ao ver o contêiner diante de si, exatamente como no dia anterior, foi envolvida pela mesma sensação de sobressalto, o mesmo pânico repentino, que sentira durante o sonho. O pavor de estar presa em paredes sólidas de aço.

Seu corpo todo tremia, refletindo as vibrações que passavam por ela como correntes elétricas. Queria se aproximar, mas os pés pareciam pesados, e lutou contra o peso deles.

Quando chegou ao contêiner, o eco musical que ontem parecia assustadoramente harmônico agora era ameaçador. Atravessou sua razão como uma serra elétrica descontrolada, despedaçando Violet.

Esticou a mão para tentar tocar as paredes de aço, com medo de que pudessem queimá-la. Mas, a exemplo do que acontecera na véspera, as pontas dos dedos, ilesas, esfregaram o metal gelado. Pelo pesadelo, sabia exatamente qual seria a sensação de dentro do recipiente, e a lembrança permaneceu com ela ao tocar o exterior.

As vibrações eram dissonantes; o eco da harpa era invasivo e doloroso.

Ele, ou ela, estava ali dentro. E apesar de ser tarde demais para salvar a pessoa, o corpo ainda queria ser encontrado.

Violet estremeceu com o frio ao tentar se agasalhar no calor do casaco espesso. Mas nada podia aquecê-la agora; o frio chegava aos ossos.

Ficou imaginando por que teria sonhado com aquela pessoa. Sua habilidade nunca a havia levado a isso antes. O que tinha *nesse corpo* que o fez se infiltrar em seus sonhos?

Violet não sabia o que fazer agora. Quem deveria chamar? Para quem poderia contar?

Não para o tio Stephen. Mesmo sem contar com o fato de que Seattle ficava muito longe de sua jurisdição como policial, ainda era seu tio, e isso significava que, sem dúvida, se sentiria obrigado a revelar aos pais dela que Violet viera até ali — sozinha, e praticamente no meio da noite — para procurar um cadáver. Jamais permitiriam que ela voltasse a sair de casa.

E, praticamente pelas mesmas razões, também não podia contar a Jay.

Mas tinha que fazer alguma coisa. Jamais voltaria a dormir se não ajudasse quem estava ali dentro.

Pegou o celular no bolso.

Podia chamar as autoridades locais... de forma anônima. Podia inventar alguma desculpa para que viessem e procurassem o corpo, e sair sem informar seu nome.

Mas mesmo ela sabia que não podia usar o celular; seria fácil rastrear a ligação, atribuí-la a ela. E, então, iam perguntar como ela sabia onde encontrar o corpo. Uma pergunta que não queria responder.

O que precisava fazer era sair dali. Encontrar um orelhão.

Moveu-se rapidamente agora, voltando pelo estaleiro. Passou pela abertura na entrada e correu para a calçada, examinando a estrada à procura de um.

Não demorou muito para encontrar; havia dois, aliás, que conseguia enxergar de onde estava. Um ficava próximo ao estacionamento do estaleiro.

Correu a curta distância e pegou o fone. Estava frio e sujo, mas Violet mal percebeu. Procurou instruções de discagem na face prateada do telefone. Não tinha trocado, então torceu para que desse certo.

Discou rapidamente, com os dedos trêmulos.

OuvIU um clique suave, em seguida...

A voz fria de uma mulher falou do outro lado da linha.

— 911, qual é a emergência?

Violet pausou. *Isto é um erro*, pensou; *deveria desligar*. Seu polegar pairou sobre a alavanca do telefone público.

— Operadora do 911, por favor, informe a natureza de sua emergência.

Hesitou, mas tinha que fazer alguma coisa.

— Alô? — disse baixo, a mente girando em milhares de direções, procurando uma explicação coerente.

— Por favor, informe a natureza de sua emergência.

— Acho... Acho que ouvi alguma coisa... *alguém*... — começou Violet, ainda incerta. As mãos e a voz tremiam. — Vinha de um dos contêineres de carga na orla.

— Tem um endereço?

Violet balançou a cabeça, apesar de a operadora não poder enxergá-la.

— É perto dos terminais de barcas. Os do píer 52. Tem uma placa que diz *Estaleiros Puget Sound*.

Estava nervosa durante a ligação. Talvez tivesse cometido um erro. Olhou

em volta, incerta, de repente imaginando que espécie de pessoa colocaria alguém dentro de um daqueles contêineres. E se tal pessoa ainda estivesse ali? E se a estivesse observando? E se a seguisse?

Deu um passo para trás, e a mão que segurava o fone caiu para a lateral do corpo enquanto ela se esforçava para ouvir os ruídos ao redor, procurando qualquer sinal de que não estava sozinha. O fio metálico que ligava o fone ao aparelho chegou ao limite e ela congelou. Podia ouvir a atendente falando do outro lado, mas não conseguia identificar as palavras.

Precisava sair dali, mas esta necessidade era menos pungente do que o desejo de fazer alguém vir... para descobrir quem quer que estivesse preso na caixa de aço.

Ergueu o fone de volta ao ouvido, pronta para fugir a qualquer instante.

— Isso é tudo que posso falar. Tem alguém ali dentro, uma pessoa... trancada em um dos contêineres. Um contêiner de carga *vermelho*. Por favor... *mande ajuda*... — Estava sussurrando agora, com medo de que alguém além da operadora pudesse estar ouvindo.

— Qual é o seu nome...

Violet desligou, encerrando a ligação com um estranho pressentimento.

Correu o mais rápido possível para o carro. Uma vez dentro dele, com as portas trancadas, inclinou a cabeça para trás e lutou para recobrar o fôlego. Ligou o motor e esperou aquecer — e o coração desacelerar.

Fora do carro, os ecos da harpa estavam abafados, agora, mas o tremor pós-choque ia até sua alma. Podia ouvir o som distante de sirenes. Ficou imaginando se estariam se dirigindo para ali... se estavam indo por causa de sua ligação.

Não esperou para descobrir; passou a marcha e saiu do estacionamento, um pouco surpresa porque os pneus não cantaram ao pisar forte no acelerador.

E enquanto o alvorecer pálido irrompia no céu, foi perseguida pela sensação incômoda de que tinha acabado de cometer um terrível erro.



CAPÍTULO 4

Ainda era cedo quando Violet passou pela curva de sua casa, mas continuou dirigindo. Não estava pronta para voltar, para enfrentar as perguntas dos pais sobre aonde tinha ido tão cedo em um domingo.

O bilhete que deixara dizia apenas que ia sair e voltava logo. Violet sabia que era mentira, ainda que fosse apenas omissão. Contudo, para seus pais, uma mentira era uma mentira; a distinção não fazia diferença. Torceu apenas para que não fizessem muitas perguntas.

Em vez disso, foi para a casa de Jay e estacionou ao lado do brilhante Acura preto dele.

Ele comprara o carro no outono, logo antes da Festa de Boas-vindas. Violet não se lembrava de já tê-lo visto sem estar polido e brilhante, o que não era um feito qualquer em um lugar em que chovia mais do que qualquer coisa. Jay passava tanto tempo lavando o carro que Violet tinha medo de que ele pudesse acabar gastando a camada superior de tinta. Mas até agora o carro tinha conseguido brilhar mesmo nos dias mais sombrios de inverno, e o de Violet parecia triste e sem graça ao lado dele.

Apesar de ser uma manhã de domingo, a mãe de Jay atendeu a porta pronta para o trabalho. Era enfermeira no hospital da cidade vizinha, então, seus horários não eram fixos, mas a flexibilidade era perfeita para uma mãe solteira. Depois que o pai de Jay foi embora, Ann Heaton se mudou para Buckley, a cidade onde crescera, para criar o menino sozinha.

— Oi, Violet, acordou cedo — disse Ann, deixando ela entrar. — Jay está no quarto, ainda está dormindo.

— Obrigada. Que bom que não a acordei.

— Ah, querida, mesmo que não tivesse o turno da manhã este mês, não sou de ficar de preguiça na cama o dia todo. Nem no fim de semana.

— Não sei se pode ser chamado de *preguiça* quando ainda são 7h30 —

brincou Violet. Seus olhos lacrimejaram ao seguir a mãe de Jay para dentro, e ela piscou pelo aroma familiar que Ann Heaton carregava. A mãe de Jay tinha uma marca própria.

Violet só havia contado à própria mãe sobre a marca de Ann; nunca falou para mais ninguém. Sua mãe explicara sobre a dificuldade que enfermeiros às vezes enfrentavam ao testemunhar pacientes terminais sofrendo mortes lentas e agonizantes.

Violet decidiu *não* contar a Jay que sua mãe já tinha matado alguém, ainda que por misericórdia.

Agora, anos depois, o cheiro latente de madeira queimando que Ann carregava havia diminuído, e a ardência que atingia os olhos de Violet como fumaça de fogueira já havia enfraquecido. Mas não muito.

— Entendeu o que eu quis dizer, mocinha. — Ann deu um tapinha no bumbum de Violet, do mesmo jeito que fazia com Jay quando ele a provocava. Em seguida, uma piscadela. — Pode subir, querida. Tenho certeza de que ele não vai se importar se você acordá-lo. — Ann pegou a bolsa e as chaves do carro da mesa ao lado da porta. — Por favor, pode avisar a ele que volto depois do jantar e que por isso ele vai ter que comer sozinho? — Sem esperar por uma resposta, Ann deu um rápido beijo na bochecha de Violet, e o cheiro de fumaça pairou em torno das duas... só que Ann não podia senti-lo. — Tenho que ir, ou vou me atrasar. Até mais tarde, querida.

Violet olhou Ann indo embora. Gostava dela, amava até. Ela era espirituosa e engraçada e nunca fez Violet não se sentir bem-vinda. A casa deles era tão confortável para Violet quanto a dela.

Pendurou o casaco em uma cadeira e subiu silenciosamente até o quarto de Jay. Fez o melhor que pôde para não acordá-lo ao fechar a porta ao passar. Olhou-o dormindo, de barriga para cima, sentindo-se viva na presença dele.

— O que você está fazendo? — ele resmungou, sem abrir os olhos.

Violet levou um susto, sentindo-se como se tivesse sido pega fazendo algo que não devia. Como quando eram pequenos e foram flagrados olhando uma revista adulta que um dos alunos tinha levado para a escola.

Jay rolou de lado, abriu levemente um olho para Violet, sorrindo.

— Venha aqui — sussurrou, levantando o canto do lençol e convidando-a a se deitar. Ele parecia amarrotado, desalinhado e sedutor.

Violet tirou os sapatos e deitou ao lado dele. Ele a envolveu com o braço, puxando-a mais para perto. Sua respiração estava morna, o corpo ainda mais quente, e ela se sentiu descongelando pela primeira vez desde que descera no

estaleiro naquela manhã. Mesmo o aquecedor do carro no caminho de volta não tinha ajudado.

Acomodou os pés entre as pernas dele.

— O que está fazendo aqui tão cedo? — Estava com a voz rouca de sono, mas parecia um veludo suave. Preguiçoso, acariciou as costas dela. — Está melhor hoje?

Nenhuma das perguntas realmente precisava de resposta; era apenas a maneira de Jay informá-la que estava preocupado com ela.

— Não tive a intenção de acordá-lo — sussurrou enquanto se aconchegava nele.

Estava com frio e cansada, e agora que estava aquecida outra vez achou que pudesse dormir ali mesmo, nos braços dele.

Ele apoiou o queixo na cabeça dela.

— Não acordou — garantiu. — Eu já estava acordado.

Violet suspirou. Era tão bom estar ali. Era a primeira vez que se sentia confortável desde que tinha ido a Seattle com Chelsea no dia anterior. Jay a fazia se sentir segura — *entre outras coisas* —, e ela precisava disso agora.

Fechou os olhos; estavam arenosos e sensíveis com a falta de sono. Respirou fundo, aspirando Jay, e relaxando ao se aconchegar nele... e no travesseiro.

Dormiu assim, envolta em calor.

Envolta em Jay.

★ ★ ★

Quando Violet acordou, estava sozinha.

Estava na cama de Jay, e apesar de ele não estar presente ainda podia sentir seu cheiro nos cobertores. Espreguiçou-se longa e vigorosamente, esperando o sangue começar a circular, para encontrar forças para se levantar.

Rolou na cama e olhou para as rachaduras familiares no gesso do teto. A luz clara do dia se esforçava para penetrar pelas cortinas fechadas. Violet se espreguiçou novamente e, relutante, afastou as cobertas.

Jay estava na cozinha quando ela desceu.

— Olá, Bela Adormecida — disse, levantando os olhos do velho laptop que usava na mesa da cozinha.

A mãe de Jay tinha diversas qualidades excelentes que Violet admirava;

sede de tecnologia não era uma delas. Ela era uma dessas pessoas que se recusavam a se mudar para o século XXI e adotar as coisas modernas. Era a única adulta que Violet conhecia que não tinha um celular e se recusava a ceder à pressão de pagar por internet de alta velocidade, então Jay era forçado a conectar o laptop de segunda mão à linha telefônica e utilizar a conexão dial-up. Não porque não pudessem pagar por esses luxos, mas porque Ann Heaton não se entregava sem uma boa briga.

Violet sorriu preguiçosamente para ele.

— Obrigada por me deixar dormir.

— Imaginei que estivesse muito cansada.

— É, desculpe por acordá-lo tão cedo. Provavelmente, deveria ter ido para casa. — Franziu o nariz torcendo para que estivesse uma gracinha, para que ele a perdoasse.

Jay sorriu, e de repente *ele* é que estava uma graça.

— Você não me acordou. Sua mãe ligou antes de você chegar para ver se eu sabia onde estava.

Violet fez uma careta ao olhar para o relógio. Ficou surpresa em ver que já passava da hora do almoço.

— *Ai, droga!* É melhor ligar para ela e avisar que estou viva. Ela deve estar tendo um ataque!

— Não se preocupe. Liguei para ela depois que você dormiu. Ela está bem. — Então ficou com o rosto sério. — E aí? Onde estava?

Violet mordeu a bochecha. Não planejava contar para ele, mas também sabia que não podia mentir. Ele saberia. Sempre sabia.

Ela levantou um ombro, tentando fingir que não era importante.

— Seattle.

Pelo olhar no rosto dele era a última coisa que esperava ouvir.

— Então você foi até a cidade e voltou antes de, sei lá, oito da manhã? Que horas chegou?

— Um pouco depois de 7h30 — confessou, mordendo a bochecha outra vez.

— Sério, Vi? — Ele passou a mão pelos cabelos desalinhados, um indício claro de que tinha passado de confuso a irritado. — Por quê? Esqueceu alguma coisa ontem e precisou voltar para buscar?

Violet assentiu sem entusiasmo e descompromissada.

— Algo assim. — Virou-se para não ter que encará-lo. Pegou a chaleira do fogão e a encheu de água.

— *Mm-hmm.* — A voz de Jay estava cheia de ceticismo. — O *quê*, exatamente?

Violet colocou a chaleira de volta e se apoiou no fogão. Teria que contar para ele. Não tinha como contornar.

— Senti uma coisa, Jay. No terminal de barcas, quando eu e Chelsea fomos lá ontem. Por isso não quis sair ontem à noite. — Suspirou. — Acho que posso ter assustado Chelsea. Ela não fazia ideia do que estava acontecendo.

Ele franziu o rosto para ela.

— Então, por que diabos você *voltou* lá?

Violet esfregou as têmporas com o polegar e o indicador, cobrindo os olhos para não ter que ver a preocupação no rosto dele. Mesmo após uma boa dormida ainda se sentia desconfortável... perturbada. E sabia que não se sentiria melhor até que descobrissem quem estava naquela caixa de aço, e ele — ou *ela* — fosse posto para descansar.

— Tive um sonho e precisei voltar para ter certeza se havia alguma coisa, alguém, lá dentro.

Quando levantou, Violet viu a mandíbula dele se retesar.

— Então? — perguntou entre os dentes. — Conseguiu? Encontrou alguma coisa, quero dizer?

A bochecha de Violet estava começando a ficar machucada no lugar em que ela mordia.

— N-não — gaguejou. — Quero dizer, mais ou menos.

— Droga, Violet! O que *isso* quer dizer?

— Quer dizer que tem alguém trancado em um daqueles contêineres enormes no cais. Mas não consegui entrar, então, ainda não sei ao certo. Quero dizer, não de algum jeito que eu possa provar.

Jay levantou da cadeira. Era mais do que podia suportar.

— Está me dizendo que foi até os estaleiros antes de o dia clarear? No meio da noite? *Sozinha*?

Violet sorriu, então. Não era o que pretendia, mas não pôde evitar. Sentiu os cantos da boca se levantando antes de conseguir contê-los. Jamais se acostumaria com isso, com ele se preocupando.

— É — desafiou, dando um passo para ele. — Tipo isso. — Foi até onde ele estava, mal contendo a frustração. Não tentou esconder o sorriso. Colocou as palmas no peito dele e sentiu o coração batendo acelerado. — Acha que vai ficar bem? Precisa sentar? Quer que eu pegue uma xícara de chá ou alguma coisa?

— Que inferno, Violet, não tem graça. Juro por Deus, você procura encrenca quando faz coisas desse tipo.

Ela abaixou as mãos, cerrando os olhos.

— *Coisas desse tipo*, Jay? Coisas de que tipo? Eu *nunca* faço *coisas desse tipo*. E não foi como se eu *quisesse* ir; *tive* que ir. — Não estava mais sorrindo.

Jay expirou sonoramente.

— Devia ter me ligado. Teria ido com você. *Sabe que teria*.

A chaleira começou a apitar atrás dela.

— Eu sei — admitiu. — Mas também teria contado para os meus pais. Ou para o meu tio. E não queria que eles soubessem. Por favor, não conte a eles, Jay. — O vapor apitou pelo cano da chaleira, e Violet virou para retirá-la do fogo.

Manteve-se ocupada por um instante, servindo água quente em uma caneca e dando a Jay a chance de absorver o que tinha acabado de pedir a ele, permitindo que considerasse o pedido.

Antes da festa e de se tornarem um casal, não teria havido o que pensar; ele jamais a teria dedurado. Guardavam os segredos um do outro. Independente de qualquer coisa.

Mas, agora, tudo — *tudo* — tinha mudado, e Violet, às vezes, se surpreendia com até onde ele ia para mantê-la fora de perigo. Ela sabia que isso, para ele, pelo menos, significava ser capaz até mesmo de trair os segredos dela, se isso fosse preciso para mantê-la em segurança.

Levou a caneca quente, com o sachê de chá dentro, e a colocou na mesa ao se sentar.

Jay também se sentou, relutante. Inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos, observando-a, cansado. Finalmente suspirou:

— Não conto... *se* você me prometer uma coisa.

Encontrou os olhos dele, hesitando ao notar seu olhar. A mistura incomum de suavidade e medo era conflitante, mas fez com que se sentisse acalentada e suave por dentro. Ele esticou a mão para Violet e ela a pegou, permitindo que ele a puxasse em sua direção. Sentou no colo dele, que a abraçou. Encostou o nariz no pescoço dela, inalando profundamente, como se o cheiro de Violet fosse tranquilizante de alguma forma.

— Na próxima vez... — começou, com uma voz mais tranquila do que antes —, me ligue.

Ela assentiu, satisfeita por ele mantê-la segura... os segredos e tudo mais.

Era completamente espantoso para ela — mesmo depois de todos esses

meses — estar apaixonada pelo melhor amigo.

★ ★ ★

Violet sobreviveu ao interrogatório surpreendentemente breve dos pais. Ela e Jay haviam formulado uma história qualquer sobre ter ido à casa de Chelsea para buscar o celular que tinha ficado no carro da amiga. Mas, no fim das contas, realmente não precisou da mentira. Os pais não pareciam nada preocupados com o paradeiro da filha. Estavam mais preocupados em saber como ela estava se sentindo hoje, sabendo que havia se trancado no quarto na noite anterior.

Mais tarde naquela noite, mais uma vez sozinha no quarto, Violet ligou a tevê e acompanhou os noticiários para ver se aparecia alguma notícia sobre um corpo encontrado na orla de Seattle. Quando não noticiaram nada, procurou na internet. Tinha medo de que estivesse lá, de que seus medos mais sombrios finalmente se confirmassem, que alguém *tivesse sido* assassinado e deixado para trás, para ela encontrar.

E tinha o mesmo medo de que não houvesse notícias, e de que fosse permanecer nesse suplício indefinidamente. De qualquer jeito, seria devastador.

Mas, no fim, não sabia nada além do que já sabia pela manhã.

Então Violet teve mais uma noite difícil, e levou horas para cair em um sono leve demais para ser revigorante. Mas não sonhou e, pelo menos por isso, se sentiu grata.

Quando a manhã finalmente chegou, Violet queria ficar na cama e matar aula. Mas de alguma forma a ideia de ser vigiada pela mãe o dia inteiro, perguntando se estava tudo bem, era ainda menos agradável que tentar sobreviver a mais um dia de privação de sono.

Conseguiu se arrastar para fora da cama, fatigada e desanimada. O banho ajudou — um pouco. Mas o café da manhã só a deixou tonta. Estava se sentindo mal, chateada. O que era péssimo, pois sabia que passaria o dia sonâmbula, e provavelmente o próximo, e o seguinte. Até quem quer que estivesse naquele contêiner ser descoberto e enterrado adequadamente.

O telefone vibrou um pouco antes de ela sair de casa; tinha uma nova mensagem de texto.

Veja o noticiário. Era de Jay.

Enquanto se levantava, Violet pegou o controle e passou pelos canais locais. Não demorou muito para achar o que Jay queria que ela visse; estava em todos os programas.

Um menino de quatro anos fora encontrado na orla de Seattle na noite anterior. Dentro de um contêiner de carga. Mostraram uma foto de um garotinho louro, com rosto angelical.

Violet reconheceu a foto; tinha visto o rosto antes, no noticiário, uma história que ignorara com facilidade. Um alerta fora divulgado — semanas antes — quando ele desapareceu de casa em Utah.

E mesmo então lembrou-se de ter pensado... vagamente... no cantinho de sua mente, que o menino na tela parecia um pouco com seu priminho Joshua.

Violet sentiu enjoo. Teve que se sentar na beira da mesa de centro para se acalmar e recuperar o equilíbrio. Sentiu como se todo o ar tivesse sido arrancado dos pulmões dela.

Mas, finalmente, entendeu o sonho de sábado à noite.

Sonhara com um menino morto. Um menino morto *real*.

Derrubou a mochila no chão, decidindo sucumbir à exaustão e matar a aula.

Se ao menos tivesse se enganado, se ao menos o contêiner estivesse abrigando apenas um animal morto, então tudo seria diferente agora. Mas desse jeito, sabendo que não havia se enganado, e que de algum modo sabia o que — ou melhor, *quem* — estivera ali dentro, sentiu-se esmagada pelo fardo.

Desligou a televisão e voltou para o quarto. Sabia que não teria sossego até que a família do menino recuperasse o corpo e fizesse o enterro.

Sentou-se na cama. Pelo menos no refúgio do próprio quarto não precisava enfrentar um dia normal.

Ali ela podia se esconder sem fingir ser nada além do que realmente era: Uma menina que encontra os mortos.



CAPÍTULO 5

Violet estava do lado de fora da cantina, torcendo para que Jay se apressasse. Precisava dele para protegê-la, para fazê-la se sentir segura.

Sentia-se frágil, exposta. Sua pele estava sensível e os dentes cerrados doíam até a mandíbula.

Sabia, obviamente, o porquê disso, mas saber não tornava a situação mais suportável.

Violet ouviu seu nome novamente e levantou o olhar. Reconheceu Lissie Adams e até a amiga que a acompanhava, mas não conseguiu lembrar o nome da menina — seu cérebro estava muito confuso, os pensamentos, embaralhados demais. Mas isso não a impediu de tentar interpretar o olhar de Lissie. Desdém, talvez. Repugnância. Uma mistura dos dois, provavelmente.

Aparentemente, Chelsea e Jules, que estavam esperando com Violet, também repararam.

— Vá embora, Lissie — disse Chelsea, colocando-se à frente de Violet. — Não deveria estar se alimentando com os da sua laia?

— Fique fora disso, Morrison. Não é assunto seu. Só estava tentando falar com Violet.

Chelsea deu um passo para a frente, até estar cara a cara com Lissie.

— É, bem, Violet não está interessada em ouvir suas bobagens. Além disso, todas nós sabemos que você só está irritada porque Jay não gosta de *vadias* como você.

Os lábios de Lissie enrijeceram, e o rosto empalideceu. Foi um golpe baixo, Violet sabia disso, mesmo detrás da cortina que a separava do mundo real.

Não conseguia nem olhar, mas apenas porque era difícil demais se concentrar. Virou-se de costas; as amigas resolveriam o assunto; cuidariam dela até Jay chegar. Ao seu lado, uma menina desconhecida estava parada, quieta,

esperando sem dizer nada. Violet tinha a clara sensação de que a menina fazia parte do grupo, de que deveria reconhecê-la, mas, novamente, a confusão que a atormentava a deixava em dúvida.

A menina riu, um sorriso bonito, mas Violet virou o rosto, olhando para o chão, tentando se desligar de tudo ao redor. Era mais fácil assim, sem pensar, sem notar.

E então seu coração acelerou — o primeiro sinal de que ainda estava batendo —, ao ouvir a voz de Jay. Não levantou o olhar; nem sequer reconheceu que ele havia se juntado ao grupo, exceto para si mesma. Exceto para se sentir imensamente grata por ele estar ali. Finalmente.

Ouviu a conversa ao redor, enquanto o braço de Jay envolvia seu ombro, e a puxava para o refeitório. Ouviu Chelsea e Jules. Ouviu Claire rir. Ouviu a voz do aluno novo — Mike, lembrou-se —, grave como a de Jay. E ouviu Jay.

Não ouviu a menina, mas sabia que ela ainda estava lá.

Todos não passavam de barulho para Violet.

Ruídos de fundo.

Sentiu Jay apertar sua mão. Estava quente. Fez com que ela se sentisse segura e conectada ao mundo.

Ele a fez lembrar de que *ela* ainda estava viva.



LUXÚRIA

Ela estava diante do armário do colégio, fingindo apenas examinar o conteúdo, quando na verdade estava concentrada nos alunos apressados pelo corredor movimentado atrás dela, sem querer perdê-lo em meio às atividades pós-aula. Sabia que não podia esperar muito tempo, ou perderia a carona. Não que se importasse de verdade. Voltaria a pé para casa se isso significasse que podia passar alguns instantes a mais — mesmo que rapidamente — com ele.

Só de pensar nele seu coração batia acelerado.

Casualmente, curvou-se para ajeitar os cadarços do sapato, para ver melhor. E foi então que viu o que estava procurando.

Jay Heaton.

Seu coração bateu alegre enquanto a esperança brotava mais uma vez. Tinha que parar de sorrir; estava sozinha e não queria parecer louca.

O que queria era que Jay finalmente a notasse. Desejou que ele olhasse para ela, fosse até ela, mas ele continuou andando, com os olhos procurando na multidão por outro alguém. Daria tudo para ser essa pessoa, só essa vez.

Depois o olhar no rosto dele mudou, e um sorriso tão doce que a fez se esquecer de respirar chegou aos olhos do menino. Tinha visto a pessoa por quem ele estava esperando, e então sua flor de esperança murchou.

Claro. A menina por quem sempre esperava... Violet Ambrose.

A inveja se estabeleceu, espalhando-se como uma doença. Todos sempre lhe diziam como era bonita, mas o que a beleza já tinha feito por ela? Independente do quanto tentasse, não conseguia fazer Jay olhar para ela daquela forma.

Enrijeceu a mandíbula ao cerrar os dentes, tentando imaginar o que Jay podia ver naquela menina, por que havia decidido chamar Violet de sua “namorada”. Ela parecia um zumbi, uma morta-viva. Tinha pele cinza e feia, a expressão... bem, não era nada. Violet era vazia.

Mas ele não parecia perceber. Tirou a mochila dos ombros de Violet e a envolveu

com o braço, guiando-a protetoramente para fora pelo corredor.

Seguiu a uma distância razoável, rastreando-os até o estacionamento, tentando parecer relaxada, como se fosse apenas mais uma aluna. Havia tantos outros ao seu redor que era fácil se misturar, fácil não ser notada.

Contou os passos, concentrada em manter a respiração uniforme e a cabeça baixa.

Um.

Dois.

Três...

Quando finalmente chegaram ao carro de Jay, ela desacelerou, mantendo a distância para poder observar enquanto ele abria a porta e ajudava Violet a entrar. Seu estômago embrulhou quando ele se inclinou e deu um beijo na testa de Violet. Esticou a mão e tocou a própria testa fria no mesmo ponto enquanto, mais uma vez, tentava imaginar como seria estar no lugar de Violet...

Por apenas um minuto.

Por uma semana.

Ou talvez para sempre.



CAPÍTULO 6

Exatamente seis dias após a ligação anônima de Violet, o menino foi levado para casa e sepultado pela família.

Seis dias.

Ela quase podia apontar o momento em que aconteceu, o instante em que se sentiu libertada e o fardo a deixou. Era como uma princesa de um conto de fadas adormecida cujo feitiço acabara com o beijo do príncipe. Exceto que em *seu* sombrio conto de fadas o beijo foi o enterro de um menino de quatro anos.

E lá estava... aquela sensação de *conclusão* pela qual vinha esperando.

Apenas três dias depois, estava de volta ao mundo dos vivos, sentada na cantina com os amigos como a menina normal que gostaria de ser sempre. No entanto, não podia deixar de notar a ausência do namorado.

Aparentemente, Jay e Mike se tornaram praticamente inseparáveis desde que começaram a sair juntos, logo depois que Violet descobriu o corpo do menino no estaleiro. *Inseparáveis*, provavelmente, era uma palavra forte demais, mas para Violet era o que parecia.

Detestava sentir ciúmes. E de um garoto, para piorar.

Não sabia exatamente *por que* a incomodava tanto. Jay podia ter outros amigos, não podia? E não era como se Violet não gostasse de Mike; ele parecia legal. Apenas não o conhecia de fato.

Além disso, Chelsea, certamente, gostava dele. Isso revelava alguma coisa... ainda que fosse apenas que ele era absurdamente lindo. Até onde Violet percebia, *todo mundo* parecia amar Mike.

E talvez fosse isso; talvez estivesse se sentindo excluída. Enquanto todos estavam conhecendo Mike, *se apaixonando por ele* na última semana, Violet estivera um pouco... *ausente*.

Mas não era com os outros amigos que ela se preocupava. Era com Jay.

Sentia a falta dele. Sentia falta de ficar *sozinha* com ele. Parecia que, onde quer que Jay estivesse, Mike estava.

E onde quer que Mike estivesse, Chelsea queria estar.

Então formaram um quarteto estranho, e Violet estava se sentindo invadida. Como uma estranha no ninho, a única que *não era* louca por Mike.

E, pior, estava começando a sentir que competia pela atenção de Jay. Coisa que nunca havia feito antes... e não tinha a menor intenção de começar a fazer agora.

Percebeu-se torcendo secretamente para que Mike e Chelsea ficassem logo, apenas para dar espaço para ela e Jay.

— No que está pensando? — Jay perguntou ao se sentar ao lado dela.

Ela piscou os olhos, imaginando se exibia sua expressão frustrada.

— Nada — mentiu, mexendo na salada no prato.

Não sabia ao certo por que não contava para ele, simplesmente.

— Não parece nada — interrompeu Jules, do outro lado da mesa.

Violet encarou rapidamente a amiga por inconvenientemente destacar o óbvio.

— *O quê?* — perguntou Jay, cutucando Violet com o ombro. — Conte.

Violet hesitou, de repente envergonhada pela nova insegurança. No entanto, em seus pensamentos, se referia amargamente a Mike como “namorado de Jay”.

Ironicamente, no entanto, foi Mike que salvou Violet de ter que confessar esses pensamentos, quando sentou em um espaço vazio do outro lado da mesa.

— O que perdi? — O sorriso preguiçoso chegou até os olhos acastanhados dele, e até a covinha na bochecha apareceu brevemente.

Violet conseguia entender Chelsea; ele *era* relativamente lindo de se ver.

Então, qual era a desculpa de Jay? Torceu de brincadeira para que não fosse a adorável covinha.

Sentada ao lado de Jules, Chelsea, que tinha estado estranhamente quieta, imediatamente se animou.

— Nada. Só estávamos imaginando por que você estava demorando tanto.

— Sorriu para Mike.

Mike hesitou, sem saber ao certo como interpretar o comentário, em seguida lançou um meio sorriso na direção de Jay.

— Bem, acho que foi bom ter aparecido agora, então.

Chelsea riu, um ruído estranho e agudo, que quase fez Violet se engasgar. *Que diabos está acontecendo com ela?*, pensou Violet, olhando cautelosamente para

Chelsea. *Alguém precisa verificar os medicamentos dela!*

— Então — iniciou Chelsea, como se tivesse sido interrompida pela chegada de Mike, em vez de estar se lamentando pela ausência dele —, o que acham de nos encontrarmos à noite? Talvez ir ao cinema ou coisa do tipo?

O coração de Violet se comprimiu; uma noite com “todos”, definitivamente, *não* era o que ela estava querendo. Seu ombros caíram ao suspirar.

Mas foi Jay que interrompeu Chelsea antes que ela pudesse combinar o encontro.

— Na verdade, eu e Violet já temos planos. Vamos fazer algo sozinhos hoje à noite. — Cutucou Violet com o joelho por baixo da mesa. E para amenizar o golpe em Chelsea, acrescentou: — Talvez possamos sair no final de semana. — Em seguida, com a voz baixa, disse para Violet: — Além do mais, temos *dever de casa* para fazer.

Violet suspirou novamente, desta vez um ruído totalmente diferente. Ele não tinha se esquecido dela, afinal. E não iria perdê-lo para um novo cara com covinhas lindas.

O uso nada sutil das palavras *dever de casa* não passou despercebido por ela.

Violet sorriu para si mesma.

— Claro. Sem problema, cara — Mike concordou, dando uma mordida enorme no sanduíche, fazendo quase metade desaparecer de uma só vez. Não se perturbou nem um pouco com o comentário de Jay, e de repente Violet passou a gostar um pouco mais dele.

Chelsea, por outro lado, pareceu cabisbaixa, como se estivesse murchando, e Violet lamentou pela amiga, algo que a pegou inteiramente de surpresa.

Mas, por pior que estivesse se sentindo por Chelsea, Violet não ia recusar uma oportunidade de ficar sozinha com Jay.

★ ★ ★

Violet estava no banco do carona do carro de Jay depois da aula quando veio a primeira ligação. O código de área era de Seattle, mas não reconheceu o número e não estava com humor para descobrir quem era, então apertou “ignorar” no celular.

A pessoa não deixou recado.

Jay a deixou em casa, beijando-a docemente com a promessa de que

voltaria assim que terminasse a lista de afazeres que a mãe deixava para ele todas as tardes.

Normalmente, a lista consistia de arrumar a casa e tirar o lixo, mas Jay era o homem da casa, então, ocasionalmente, a mãe inseria alguma tarefa estranha de reparo. Ele havia se tornado bastante habilidoso com uma chave de fenda e um rolo de fita adesiva.

Enquanto ele ia embora, o celular de Violet tocou novamente.

Ela verificou... era o mesmo número.

Apertou “ignorar” mais uma vez, e, novamente, não deixaram recado.

Do lado de fora da porta da frente Violet olhou em direção à rua e viu o carro de Jay desaparecer. Tentou se livrar da sensação desagradável que a vinha incomodando na última semana. Estivera ciente da sensação mesmo enquanto estava perdida naquele torpor, esperando o enterro do menino. O sentimento perturbador de que não estava sozinha, de que alguém a estava seguindo... observando.

É apenas sua imaginação, disse a si mesma pela enésima vez, *nada mais*.

Examinou a entrada mais uma vez antes de entrar em casa e largar a mochila perto da porta. Sua mãe ainda estava no estúdio — um galpão convertido no jardim —, trabalhando. Mas havia um bilhete na bancada da cozinha esperando por Violet.

Um recado. Um nome e um telefone. O mesmo número que já tinha ligado duas vezes para o celular.

Aparentemente, alguém *realmente* queria falar com ela, mas Violet não reconhecia o nome anotado pela mãe.

Guardou o bilhete no bolso, pegou uma lata de refrigerante e foi para o quarto, tentar descobrir quem estava tão desesperado para falar com ela.

Sentou na cama com as pernas cruzadas enquanto procurava as ligações perdidas e apertou “enter”.

Tocou duas vezes antes de uma voz feminina atender do outro lado.

— FBI, Escritório de Seattle. Para onde posso direcionar sua ligação?

Violet tirou o telefone do ouvido como se ele tivesse acabado de pegar fogo. Desligou e jogou no travesseiro.

Que diabos era isso? Por que alguém do FBI tinha ligado para ela?

O sangue correu ruidosamente por seus ouvidos ao retirar o bilhete do bolso e reler o nome.

Sara Priest.

Quem era Sara Priest? E por que estava ligando para Violet?

Violet se sentiu momentaneamente atordoada. Pensou em todas as pessoas ligadas à lei com quem tivera contato durante o ano anterior.

Depois do tiroteio na festa, prestou declarações à polícia, repetindo as palavras diversas vezes para mais policiais e detetives do que conseguia contar. Falou até com os promotores que cuidavam do caso contra o outro assassino, o parceiro que fora capturado vivo.

Mas *nunca* com o FBI. *Nunca* com uma pessoa chamada Sara.

Imaginou se de algum jeito o FBI havia se envolvido no caso. Mas por que agora? Um dos criminosos já estava sob custódia, provavelmente em prisão perpétua. E o outro estava morto.

Então, o que aconteceu para mudar isso tudo? Será que tinham descoberto mais vítimas? Mais meninas desaparecidas, enterradas e esquecidas? Mas, certamente, se fosse o caso, teria aparecido no noticiário.

O que deixava outra opção, algo mais recente.

Rapidamente avaliou as razões pelas quais deveria ser impossível.

Havia utilizado um orelhão.

De forma anônima.

Sem testemunhas por perto.

Tinha que ser o caso do assassino em série.

O celular tocou novamente, trazendo-a de volta à consciência. Inclinou-se para a frente e puxou o telefone com um dedo, como se fosse algo repulsivo... algo a temer. Olhou para a tela.

Era o mesmo número.

Violet foi atingida pela constante e angustiante sensação de que estava se esquecendo de alguma coisa.

Pensou rapidamente em atender, para descobrir de uma vez por todas. Mas não conseguiu, e, em vez disso, deixou o celular de lado.

Resolveu que, por enquanto, a ignorância era libertadora.



CAPÍTULO 7

Quando Jay finalmente apareceu, Violet mal podia esperar para sair de casa. Estava com os nervos à flor da pele por ter passado a tarde toda esperando, com medo de que o FBI fosse ligar outra vez. E, apesar de ter colocado o celular no silencioso, não havia nada que pudesse fazer quanto ao telefone fixo.

Só tocou duas vezes, mas ela quase saltou para fora do corpo em ambas, preocupada com quem pudesse ser no outro lado da linha.

Felizmente, em nenhuma das vezes foi a pessoa misteriosa do FBI. Em uma foi o pai, avisando que chegaria tarde do trabalho. Típico. E na outra foi Jay, pois não estava conseguindo falar pelo celular, avisando a Violet que passaria para buscá-la às seis.

Violet se surpreendeu com o fato de que sairiam, essencialmente porque tinha presumido que ficariam em casa, “fazendo dever de casa”, entre outras coisas. Mas, aparentemente, Jay tinha outros planos.

Ela estava esperando no lado de fora quando ele parou.

Saltou do carro e abriu a porta do carona para ela. Violet o olhou desconfiada; estava muito estranho.

— Pronta? — ele perguntou ao entrar novamente.

— Não sei — respondeu. — Você é quem vai me dizer. Para onde estamos indo?

Ele sorriu, tentando parecer relaxado, mas ansioso demais para fazer propaganda.

— É surpresa.

— Sério? O que é? — Já podia sentir a tensão se desfazendo. Jay era uma ótima distração.

— Entende o conceito de surpresa, Violet? Contar o que é destrói o propósito.

— Posso adivinhar? — perguntou, de repente interessada.

Violet detestava surpresas. Natais e aniversários eram torturas quando criança. Dava dicas e mais dicas sobre o que queria, preparando listas longas e elaboradas para os pais, geralmente em ordem numérica. E após entregá-las, recorria a súplicas, adulação, e a procurar o que quer que tivessem comprado para ela. Passara horas da infância garimpando armários e olhando embaixo de camas procurando os esconderijos, apenas para se decepcionar com o fato de que os pais tinham sido mais espertos outra vez.

Parte dela — apesar de ser uma muito, *muito* pequena — tinha até aprendido a temer a chegada das festas de fim de ano. Tinha certeza de que era alguma espécie de resposta pavloviana doentia à temporada de Natal, saber que seria, mais uma vez, afligida pela falta de capacidade de esperar pacientemente, enquanto contava os dias até o gorducho de roupa vermelha efetuar sua aparição anual.

Mas hoje era diferente. Estava com Jay, e quase tudo, até mesmo uma surpresa, era tolerável quando estavam juntos.

Ele considerou o pedido antes de responder, e Violet podia perceber que ele estava adorando a situação. Jay amava esta fraqueza dela em particular.

— Pode adivinhar, mas vou continuar não contando.

— E se eu acertar?

— Então, você seria absolutamente incrível.

Ela fingiu se ofender.

— Então, e se eu não acertar...?

O sorriso torto dele apareceu.

— Continua sendo absolutamente incrível, Violet. — Ele levantou a mão dela, comprimindo-a contra os próprios lábios.

Violet se sentiu enrubescer. Sabia como lidar com as provocações dele, mas ainda não tinha se acostumado a este lado mais doce e suave dele.

— Você é tão menininha — repreendeu Violet, mas de algum jeito as palavras saíram suaves demais... carinhosas demais, e acabou soando como um elogio.

Jay apenas riu.

— Então isso faz de você o que, o homem? — Ele apertou a mão dela ainda mais forte, mantendo-a presa na dele.

— Ou alguma espécie de lésbica — provocou, erguendo uma sobrancelha.

— Talvez devêssemos experimentar uma coisa de meninas.

— *Que beleza*, Violet. Você beija sua mãe com essa boca? — Os olhos dele

brilharam ao olhar para ela.

Ela se inclinou mais para perto dele na escuridão do interior do carro.

— Não, mas beijarei você com ela.

Ele repousou a mão da namorada no colo dela.

— Cuidado, Vi, ou posso encostar o carro agora mesmo e nunca chegaremos ao nosso destino.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Chegaremos aonde?

— Bela tentativa, mas não consegue me distrair tão facilmente... Ainda é uma surpresa.

Jay dirigiu o restante do trajeto em silêncio, fingindo ignorá-la, apesar de ela saber que tinha conseguido atingi-lo. Então, ele ligou a seta e virou novamente, parando em um estacionamento deserto de um parque com vista para o lago. Era um local estranho nessa época do ano, tornado ainda mais esquisito pela escuridão que cobria a noite fria.

Violet o olhou, curiosa.

— O que estamos fazendo *aqui*?

— Esta é a sua surpresa. — Ele puxou um casaco espesso de inverno do banco de trás. — Talvez queira vestir isso — recomendou, ao saltar e abrir o porta-malas.

Violet se levantou, ajeitando com os ombros o casaco quente. As mangas eram muito maiores que seus braços, escondendo os dedos das mãos no tecido suave. Estava se sentindo como uma garotinha brincando de se fantasiar com as roupas do pai. Mas ficou feliz em tê-lo quando Jay a encontrou no lado do carona, carregando um pequeno isopor em uma das mãos, e um cobertor embaixo do braço. Estava sorrindo maliciosamente.

— Um piquenique? — perguntou Violet, olhando como se ele estivesse louco. — Não está um pouco frio? E escuro?

Ela pegou o cobertor e ele colocou o braço nos ombros dela, puxando-a para perto.

— Prometo mantê-la aquecida. E iluminada.

Conduziu-a em direção ao parque, e quando Violet olhou para a grama, na direção do lago, congelou onde estava, sem conseguir se mover.

Seu coração parou, e Violet alcançou o casaco dele, puxando-o de volta.

— Jay... — sussurrou. Tinha certeza de que estava testemunhando um eco, um eco estranhamente lindo.

— Tudo bem, Vi. — Inclinou-se, tocando a orelha dela com o nariz. —

Estou vendo também. Fui eu quem fiz. É para você.

Ela relaxou a mão, recuperando o fôlego.

Jay puxou-a para a frente, e quando o fez, ela pôde ver o esplendor do que havia feito. Só para ela.

Dessa vez, quando perdeu o fôlego, foi por uma razão inteiramente diferente.

Aos seus pés, uma trilha iluminava o caminho pelo gramado. Feita inteiramente de palitos brilhantes; cada luz radiante tinha sido laboriosamente colocada no chão com intervalos perfeitos, traçando um rastro curvo que brilhava na escuridão.

Aparentemente, Jay tinha estado bastante ocupado.

Perto da beira da água, no final da trilha brilhante e sob algumas árvores, ele havia armado mais do que um simples piquenique. Havia criado um retiro, um oásis para os dois.

Violet balançou a cabeça, sem conseguir encontrar palavras.

Ele a conduziu mais para perto, e Violet seguiu, impressionada.

Jay havia pendurado mais palitos luminosos nos galhos baixos, de modo que estavam pendurados sobre eles. Balançavam com a brisa que soprava do lago.

Sob a cobertura de galhos havia posto duas espreguiçadeiras cobertas com almofadas e cobertores.

— Tinha planejado usar velas, mas o vento teria apagado, então, tive que improvisar.

— Sério, Jay? Isto é incrível. — Violet estava admirada. Não podia imaginar quanto tempo ele teria demorado para preparar.

— Que bom que gostou.

Ele a conduziu para uma das cadeiras e a fez sentar antes de começar a esvaziar o isopor.

Violet estava quase esperando que ele retirasse um vidro de caviar Beluga, alguns queijos franceses chiques e champanhe Dom Pérignon. Talvez até um cacho de uvas para dar em sua boca... uma de cada vez. Então, quando ele começou a arrumar o piquenique, Violet riu.

Em vez de ovas de peixe caras e queijos fedidos, Jay havia trazido Doritos e tacos de frango — os preferidos de Violet. E em vez de uvas, trouxera Oreos.

Ele a conhecia bem *demais*.

Violet sorriu enquanto ele pegava dois copos de plástico e uma garrafa de cidra. Ela riu.

— O quê? Não tem champanhe?

Ele deu de ombros, servindo um pouco do espumante em cada copo.

— Achei que dirigir embriagado podia quebrar o clima. — Levantou o copo e brindou com o dela. — Saúde. — Ele a observou de perto enquanto ela tomava um gole.

Durante muitos instantes, eles ficaram em silêncio. As luzes balançaram sobre eles, criando sombras que dançavam no alto. O parque estava pacífico, adormecido, enquanto as águas do lago molhavam a orla. Do lado oposto, luzes das casas à beira da água projetavam reflexos na superfície ondulante. Todas essas coisas transformaram o parque comum em um encontro romântico de inverno.

Violet pegou um dos tacos, impressionada por ainda estarem quentes.

Jay assistiu enquanto ela dava uma mordida.

— Está tudo bem, Vi?

Violet engoliu, repousando o restante.

— Está perfeito... — Enrolou-se no cobertor e foi para a cadeira de Jay. Inclinou-se sobre ele, seus cachos caindo pelos ombros como uma cortina escura. — *Você* é perfeito. — Sorriu ao cair sobre ele, beijando-o.

Ele suspirou e a puxou mais para perto, abrindo espaço para ela na medida em que o beijo se aprofundava.

Ela queria estar no controle, mas o perdeu rápido demais. A respiração se tornou irregular, e se pressionou contra ele, lutando para chegar mais perto. O calor entre eles se espalhou como febre, deixando-a agitada e impaciente.

Ele parou naquele instante, antes que não pudesse mais, afastando o rosto para criar uma distância microscópica entre eles.

— Está com gosto de tacos.

Violet se engasgou enquanto tentava recuperar o fôlego.

— O quê? — piscou, tentando reunir os pensamentos. — Sério, Jay? É uma reclamação ou coisa do tipo?

Ele balançou a cabeça.

— Claro que não.

— Ótimo. Porque isso é: *Detesto quando você para assim*. — Afastou-se dele e se sentou, cruzando os braços na frente do corpo.

— Vamos, Violet, não foi isso que eu quis dizer. — O olhar confuso fez com que Violet se sentisse ligeiramente melhor. Estava feliz por ele ter ficado ao menos um pouco incomodado. — É que eu queria falar com você... sabe, antes de nos *distrairmos*.

— Meu Deus, eu realmente *sou* o homem. — Olhou zangada, mas seus

ombros relaxaram.

Ele a puxou para perto, arrastando-a para os seus braços.

— Pare com isso. Você *não* é o cara. — Beijou-a na boca, ignorando o fato de que ela não estava retribuindo. Mas, por mais irritada que estivesse, era difícil sustentar o sentimento. Principalmente aqui... agora. Era realmente mágico.

Então, quando ele pegou o pacote de Oreos e balançou na frente dela — uma oferta de paz —, Violet balançou a cabeça e suspirou.

— Você é impossível. — Mas não havia briga de verdade nas palavras, e não conseguiu impedir os lábios de tremerem quando ele sorriu para ela.

Jay interpretou o sorriso relutante como redenção e se acomodou, puxando-a mais para perto até estarem aconchegados um no outro.

Violet pegou um biscoito e o abriu, comendo primeiro uma metade e depois a outra, do jeito que sempre comia, desde a infância.

Jay esperou um instante antes de quebrar o silêncio.

— Sei que você não gosta de falar sobre essas coisas, mas quero me certificar de que está bem. Desde aquele dia em Seattle com Chelsea, você está passando por alguma coisa. Não perguntei, porque sabia que precisava de um tempo para pensar, mas agora... pensei... que talvez quisesse conversar. Talvez me contar sobre o menino.

Violet congelou. O silêncio que se estabeleceu poderia tê-la engolido; parecia aprofundar-se a cada segundo que passava. Queria dizer alguma coisa, apenas para fazer o vazio entre eles desaparecer, e substituí-lo por alguma coisa. *Qualquer coisa*. Mas não conseguia. Sua voz desaparecera; palavras escapavam; seus pensamentos perderam o rumo.

Não queria pensar no menino. Não agora. Nunca mais.

Passou tanto tempo tentando apagá-lo da lembrança, tanto tempo tentando bani-lo, que não queria abrir novamente aquela porta, mesmo a pedido de Jay.

Não sabia por que ele poderia querer que ela o fizesse. Por que a pediria para o fazer.

Violet inclinou a cabeça para trás, pensando desesperadamente o que dizer, sem encontrar. Finalmente balançou a cabeça.

— Não posso.

Pensou que ele fosse discutir, tentar convencê-la. Mas, não. Claro que não. Era Jay, e Jay não pressionaria assim. Deveria saber disso.

Ele sorriu docemente, torto, e a pulsação de Violet acelerou.

— Tudo bem — respondeu, com um beijo suave como um sussurro na

testa dela. Suas mãos apoiadas nos quadris de Violet, as pontas dos dedos reconfortantes.

Ficaram assim, em um silêncio diferente, olhando para o lago e as estrelas, ouvindo a noite, absorvendo o calor um do outro. Violet escutou os ruídos abafados do coração de Jay até sua respiração desacelerar, tornando-se firme e uniforme. Permitiu que ele a envolvesse com os braços. Ele a beijou, com mais controle, mais cautela do que antes.

E apesar de detestar ser a pessoa que encerraria a noite, sabia que alguém precisaria fazê-lo.

— Devíamos ir — disse, afinal, pegando o celular para verificar a hora. — Passará das dez quando chegarmos em casa.

— Precisamos mesmo? — resmungou Jay, tentando segurá-la.

— A não ser que tenha uma ideia melhor... — disse sugestivamente, meio brincando.

Mas sabia que Jay não morderia a isca, por mais que quisesse que ele o fizesse. Em vez disso, juntou as coisas enquanto Violet dobrava os cobertores e ajudava a levar tudo para o carro.

— Você se importa se passarmos na casa do Mike na volta? Ele me ajudou com as tarefas hoje à tarde e deixou a carteira no meu carro. Só preciso deixá-la lá. — Guardou o isopor na mala.

Violet suspirou, desejando que pudessem ter a noite somente para eles. Não parecia muito a se pedir.

— Poderia me deixar em casa primeiro?

Ele olhou para Violet como se ela estivesse louca.

— É bem no nosso caminho — explicou. — Além disso, só vai levar um segundo.

— Que seja — Violet murmurou para si mesma. Não bateu a porta, mas queria.

Detestava se sentir assim, e odiava ainda mais porque, definitivamente, *não* deveria agir assim... fazer manha por causa de uma rápida parada no caminho de volta do encontro perfeito. Que diabos estava acontecendo com ela?

Sabia que estava sendo irracional, mas não conseguia se conter. Cruzou os braços sobre o peito quando pararam no que só podia presumir ser a casa de Mike, e quando Jay prometeu que já voltaria, se recusou a olhar para ele.

Sem imaginar a ira contra ele, Jay a deixou, subiu a varanda curta em dois passos longos e bateu à porta da frente. Quando ela foi aberta, desapareceu lá dentro.

Apenas quando estava sozinha parou para prestar atenção aos arredores, à casa velha onde o *novo namorado* de Jay morava. Ficava no bosque, em uma estrada longa e única de terra, o que dava máxima privacidade a eles. E estava escuro, apenas a luz da varanda rompia a escuridão que se assentava gelada sobre a casa. Árvores altas cercavam a casa envelhecida. A tinta estava desbotada e descascando, e havia telas de janela enferrujadas apoiadas nos magros degraus da frente. Havia alguma coisa na localidade isolada, na casa assustadora, e na escuridão absoluta que deixou Violet arrepiada.

Mas, exatamente como prometido, Jay voltou logo, e Violet ficou aliviada em vê-lo, apesar de se manter determinada em dar sequência ao juramento de silêncio no que se referia a ele.

Foi então, no entanto, que Violet sentiu um murmúrio inesperado de ciúme *verdadeiro* passar por ela. A irmã de Mike, Megan — não Mike — passou a cabeça pela porta da frente, acenando para Jay. Disse alguma coisa que Violet não conseguiu ouvir, mas o tom de voz, que Violet *conseguiu* escutar, mesmo com as janelas fechadas, era algo que Violet reconheceria em qualquer lugar.

A mesma voz que já ouvira tantas vezes, de garotas flertando com Jay. A despedida foi um pouco ansiosa demais, um pouco coreografada demais, como se tivesse planejado os movimentos antes de Jay chegar.

Violet também notou que a irmã de Mike era bonitinha, quase na mesma hora em que percebeu que a menina não sabia que Violet estava sentada ali, no escuro, observando enquanto esperava por ele.

A garota levantou um pé atrás de si. Não foi um gesto óbvio, mas Violet o reconheceu pelo que era: modesto e cativante. Então, viu a menina enrolar um chumaço de cabelo do rabo de cavalo com o dedo quando falou novamente, tentando capturar o interesse de Jay.

Jay estava abrindo a porta do carro, ao se virar para respondê-la. Foi quando a luz interior piscou e Violet, de repente, percebeu que não estava mais encoberta pela escuridão.

A irmã de Mike também viu.

Violet mordeu o lábio ao levantar a mão e acenar inocentemente para Megan, que estava parada, como uma estátua, com o pé levantado. Quase se sentiu culpada quando Megan visivelmente murchou, deixando o pé cair no chão aparentemente instável sob si.

Jay sorriu para Violet, inconsciente dos flertes de Megan, ao entrar e fechar a porta.

— Viu, disse que não ia demorar.

Violet se sentiu melhor, percebendo que Jay não parecia notar a outra menina. Mas ele não iria se livrar tão facilmente, ainda estava brava com ele.

Agora, não só tinha um novo namorado, mas aparentemente uma nova admiradora também.

Assim que chegaram à estrada, Violet sentiu uma pontada repentina de dor de cabeça. Massageou as têmporas com as pontas dos dedos e, em seguida, a base do pescoço, tentando se livrar da tensão.

Um par de faróis os encontrou na junção da estrada, e assim que Jay virou a velha picape vermelha passou por eles em direção à via da qual tinham acabado de sair. Mal tiveram tempo de sair do caminho.

Enquanto voltavam em silêncio, Violet tentou dizer a si mesma que estava sendo infantil. Que Jay a amava. E *apenas* ela. Não Mike, nem a irmã de Mike.

E acreditava. Mas ainda estava irritada com o desvio no retorno.

Sentiu a dor na cabeça reduzindo, diminuindo um pouco a cada rotação dos pneus, até não passar de uma lembrança desconfortável.

Jay parou na frente da casa de Violet, e ela deixou que ele lhe desse um beijo de despedida. Foi um bom beijo. E em instantes ela estava ocupada demais para se lembrar de que tentava ficar irritada com ele, distraída demais para se importar com a chateação, a única da qual ele nem suspeitava.

Entorpecida pela despedida passional, esqueceu-se de *não* acenar para ele antes de fechar a porta.

Talvez até tenha levantado o pé ao fazê-lo.



CAPÍTULO 8

Violet estava destrancando o carro quando a mulher com o terninho branco apareceu.

As aulas estavam acabando, e os alunos se espalhavam pelo estacionamento e se enfileiravam nas calçadas nos pontos de ônibus, esperando ansiosamente pela chance de escapar. Em algum lugar atrás de Violet um som com o baixo muito grave tocava uma música country que fazia balançar as janelas dos carros ao redor.

— Violet? Violet Ambrose? — A mulher não parecia estar realmente perguntando; parecia saber *exatamente* quem Violet era.

Mas Violet não fazia ideia de quem *ela* era; tudo o que sabia era que a moça, definitivamente, estava deslocada entre os alunos da White River e não parecia pertencer ao corpo docente. Além disso, Violet tinha certeza de que se lembraria dela se já a tivesse visto pelo colégio. E apesar de o menino que vinha atrás dela parecer muito pouco mais velho do que Violet, ele também parecia estranhamente fora do lugar com sua camiseta preta desbotada e os jeans rasgados. Cabelos lisos, pretos, longos e despenteados, caíam pelos olhos, somando a impressão de que estaria mais confortável em uma pista de skate do que em um colégio de cidade pequena com música country ao fundo.

Manteve as mãos nos bolsos e os olhos no asfalto, sem olhar para Violet.

Violet tirou a chave da fechadura.

— Você é Violet Ambrose? — A moça esperou a confirmação de Violet.

— A-hã. — Estava definitivamente curiosa.

A mulher deu um passo à frente, esticando a mão formalmente.

— Sou Sara Priest. Tenho tentado falar com você.

Sara Priest? Esse nome...

Do FBI? Aquela Sara Priest.

Ai, droga, droga, droga! Violet se repreendeu silenciosamente.

Violet examinou a mulher ao apertar sua mão distraidamente, absorvendo os detalhes de sua aparência meticulosa. Não apenas o *tailleur* antigo e o rabo de cavalo indefectível, mas também sua conduta direta. Exalava uma confiança que Violet jamais teria.

— Podemos conversar? — Sara FBI perguntou quando ficou claro que Violet não tinha nada a dizer.

— Acho que sim — concordou, olhando em volta para ver se alguém estava olhando os três. Tentou pensar em alguma desculpa — alguma razão — para *não* ter essa conversa agora.

De repente, estava irritada com Jay por ter tido que trabalhar hoje, irritada por ter tido que dirigir até o colégio.

Então, agora ali estava. Completamente sozinha. Com Sara Priest FBI.

Droga!

Da calçada, perto da entrada da escola, Violet viu Mike esperando o ônibus. Ele acenou para ela, entusiasmado, como um cachorrinho. Foi inundada por culpa pelo ciúme que sentira da nova amizade entre ele e Jay, lembrando-a do modo infantil como vinha se comportando. Violet levantou a mão e acenou de volta.

Infelizmente, Lissie Adams estava exatamente atrás dele, e viu Violet também.

Lissie era tudo o que Violet não era: loura, na moda, e incrivelmente popular, e tinha ódio por Jay ter escolhido Violet em vez dela para ir com ele à Festa de Boas-vindas. Partia para o ataque sempre que ele não estava por perto.

E este era um desses momentos. Lissie ergueu o dedo médio com a unha belamente pintada e insultou Violet.

Violet fechou os olhos; estava cheia de aturar os desaforos de Lissie.

— Então, quem é? — perguntou a mulher, inclinando a cabeça na direção da escola.

Violet suspirou.

— Ela não é minha amiga.

A mulher sorriu.

— Não ela. O menino para quem acenou.

— Está falando de Mike? — Violet franziu o rosto. — Só um aluno novo do colégio.

Sara FBI contraiu os lábios, hesitando brevemente.

— O que sabe sobre ele?

— Nada. Por que está perguntando? — Violet perguntou esperançosa. — Por *isso* que está aqui? Para falar sobre Mike? — De repente conversas sobre Mike Russo não pareciam tão ruins.

Para mérito dela, Sara Priest não hesitou.

— De jeito nenhum. Estou aqui para falar de você, Srta. Ambrose. Podemos? — Apontou para o carro de Violet. — Então podemos conversar em particular?

O estômago de Violet se contraiu. Tinha certeza de que não tinha visto um distintivo e sabia que os pais não gostariam da ideia dela falando com estranhos — mesmo que eles *fossem* do FBI. Ainda, teve dificuldade em reunir coragem de fazer qualquer coisa além de concordar.

Seu coração bateu acelerado ao entrar. Pensou em *não* deixar a tal de Sara entrar no carro e apenas trancar a porta e partir. Mas mesmo ao avaliar essa opção sabia que a essa altura seria inútil. Obviamente, sabiam seu nome e telefone. Sabiam onde estudava e, provavelmente, onde morava. Realmente achava que poderia *escapar* do FBI?

Então, em vez de partir, esticou-se sobre o banco do carona e destrancou a porta ao fazer uma rápida avaliação do assento, para se certificar de que não havia nada capaz de provocar uma mancha grande e feia. Tinha medo que o terninho da moça corresse perigo de ser contaminado por seu carro velho e enferrujado.

Violet ficou imaginando se o menino moreno também entraria, mas ele não se mexeu; apenas ficou ali, guardando silenciosamente a porta de Sara.

Estranho, pensou Violet ao ligar o carro para esquentar o motor. Torceu para que o que a mulher tivesse vindo falar acabasse antes de o carro aquecer.

— Suponho que queira saber por que estou aqui.

— A-hã. — Mesmo essas duas quase inarticuláveis sílabas soaram trêmulas ao deixarem sua boca. Torceu para não ter que falar muito.

— Bem, parece que seu nome surgiu durante uma investigação. — A mulher ao lado dela esfregou uma fibra invisível de algodão do joelho antes de levantar o olhar para julgar a reação de Violet.

O coração de Violet bateu forte. Muito forte.

Isto poderia tomar dois rumos. Um, poderia lidar com o assunto. O outro seria ruim. Muito, muito ruim.

Talvez tivessem encontrado o corpo de outra menina desaparecida na floresta em algum lugar.

Não podia acreditar que estava torcendo por algo tão terrível.

— A-hã... — *Até agora tudo bem na parte da fala*, pensou.

O som de batida que veio da janela do motorista pareceu uma explosão para os nervos já à flor da pele de Violet. Pulou forte e imediatamente se constrangeu pela reação ao se virar para ver quem era.

O nariz de Chelsea estava grudado no vidro, deixando seu rosto, normalmente bonito, distorcido e horrível. Violet praticamente podia ver os seios da face da amiga; era mais do que precisava testemunhar.

Violet abriu o vidro com a manivela antiquada, e Chelsea deu um salto para trás antes que o rosto descesse com o vidro.

— Desculpe interromper — declarou Chelsea, sem parecer nada arrependida. Olhou desrespeitosamente para a mulher no banco do carona de Violet ao dizer e instantaneamente a ignorou sem esperar resposta. Encarou Violet, ansiosa. — Sabe para onde Mike foi? Estou procurando por todo lugar. Não estava perto dos armários depois da aula, e não vi a, como se chama?, a irmãzinha dele.

Violet revirou os olhos impacientemente.

— Acabei de vê-lo esperando o ônibus.

Chelsea suspirou.

— *Droga!* Estava querendo oferecer uma carona para casa. — Mas a maneira como moveu as sobrancelhas sugeria que “carona para casa” significava muito mais do que uma simples carona. Conhecendo Chelsea, estava torcendo que fosse.

Violet sorriu quando um ônibus escolar amarelo saiu do estacionamento.

— Acho que acabou de perder a oportunidade, Chels.

Agora havia apenas alguns veículos no estacionamento dos alunos, entre eles os de Violet e Chelsea, assim como um grande utilitário preto que Violet só podia presumir que pertencia à mulher ao seu lado, pois certamente não era de ninguém do colégio.

— Tudo bem — suspirou Chelsea. — Até amanhã, suponho.

— Desculpe — Violet resmungou para a mulher depois que Chelsea se retirou.

— Só tenho algumas perguntas para você — Sara FBI prosseguiu, como se a conversa nem tivesse sido interrompida.

As vias aéreas de Violet se estreitaram dolorosamente. *Lá vai*, pensou Violet, torcendo desesperadamente para que viessem as perguntas familiares que já havia respondido centenas de vezes.

— Em primeiro lugar, como soube que o corpo estava lá?

Violet a encarou. Não sabia ao certo como responder aquela pergunta. Não era clara; Sara FBI não deu detalhes suficientes para que ela soubesse de que corpo estava falando.

Pensou no primeiro corpo que encontrara no ano anterior, descartado e inchado nas águas rasas do lago. Fechou os olhos, tentando pela milionésima vez remover a imagem da cabeça. Mas era vívida demais, eternamente presa à sua lembrança.

— Eu vi — resmungou, torcendo para que fosse *daquele* corpo que ela estava falando.

A mulher se mexeu desconfortavelmente.

— Você o *viu*? — perguntou, olhando desconfiada para Violet. — Como assim, *voce o viu*?

E lá estava. Aquela palavrinha esclarecedora, e Violet não podia mais negar.

O, dissera o. Violet se enganara. Cuidadosa ou não, não fora o suficiente. Todos os corpos encontrados por Violet no ano anterior foram de meninas desaparecidas.

Sabiam. O FBI sabia. Mas como isso era possível?

Olhou para a mulher, tentando transmitir que isto não passava de um terrível engano. Era sua única chance.

— Acho... Acho que se confundiu. Talvez tenha procurado a pessoa errada.

— Violet Ambrose? É você. Fez uma ligação de um orelhão há quase duas semanas. — Observou Violet cautelosamente; seus olhos cerraram o bastante para parecerem incertos. — Nela você disse à atendente que “ouviu alguma coisa”. Não falou nada sobre *ver* o menino.

Tudo veio a Violet de uma vez. Sua cabeça estava girando. Sentiu-se tonta e enjoada em um segundo.

Fechou os olhos, tentando fazer a cabeça parar de girar, para que pudesse controlar os pensamentos descontrolados.

Sabia que não deveria ter ligado para a polícia. No que estava pensando?

Mas tinha usado um orelhão. Não deveria estar tendo esta conversa.

— Não sei do que está falando — negou, mas sua voz saiu baixa, abafada, uma mentira clara. Achou que fosse vomitar. Isto era uma espécie de pesadelo, quase tão ruim quanto o próprio sonho com o menino.

Fez-se silêncio, e Violet lutou para se controlar. Precisava encontrar uma saída da situação, do próprio carro, se necessário fosse. E para longe dessa

mulher que tinha conseguido encontrá-la.

— Ouça, Srta. Ambrose, não adianta negar. Rastreamos você por meio das câmeras de segurança do estaleiro. Encontramos sua placa. Isso, somado à ligação que fez, facilitou nosso trabalho em encontrá-la. — Sara FBI inclinou-se para a frente, e Violet achou que ela talvez estivesse tentando transmitir compreensão, compaixão. Em vez disso, a intimidava.

— Não fui eu — Violet respondeu, rouca.

— Nós duas sabemos que isso não é verdade. Tenho a gravação da ligação, se quiser ouvir. — Puxou um pequeno gravador do bolso do casaco.

Violet olhou fixamente para ele, sem conseguir negar.

— Não pensei que quisesse. — Colocou o gravador de volta no bolso. — Já sabemos que não tem nada a ver com o desaparecimento do menino. Ou com a morte dele. Como disse, câmeras. Além disso, temos provas de DNA que a excluem.

“Então, eis a proposta. Quero facilitar as coisas para você. Tudo que preciso é fazer algumas perguntas. Não agora, mas em breve. Será rápido e vil, apenas os fatos sobre como — contraiu os lábios novamente — ‘ouviu’ o menino. Mas, só para constar, e isto é apenas um palpite meu, acho que é mais do que isso. Acho que não *ouviu* nada.”

Violet piscou, tentando clarear os pensamentos ao olhar apreensivamente para a mulher em seu carro. Recusava-se a dar qualquer pista do que se passava em sua cabeça.

Continuou sem esperar por uma resposta. Não parecia querer uma.

— Aliás, eu *sei* que não o ouviu, pois ligou no domingo. O médico legista disse que o menino estava morto há pelo menos dois dias quando o encontramos.

Vomitare se tornou uma possibilidade muito real àquela altura quando Violet sentiu os ácidos do estômago subindo perigosamente em direção à garganta. O suor espetava como agulhas de gelo na testa e na nuca.

Ainda assim, se recusava a falar. Não era tanto uma recusa, na verdade, já que sentia que agora seria fisicamente impossível.

Mais uma vez, Sara FBI continuou, destemida:

— E apesar de acreditarmos que não tenha nada a ver com a morte do menino, ainda assim estava lá. Sabia onde encontrá-lo. Então, terá que responder a algumas perguntas, gostando ou não.

Violet manteve os lábios fechados.

Alguna coisa em seu olhar a deve ter entregado, pois Sara FBI finalmente

parou de falar. Examinou a menina ao seu lado.

— Você está bem? — perguntou. A pergunta em si parecia carregar uma preocupação honesta.

Violet assentiu.

— Estou... — começou a responder, mas se interrompeu ao engasgar com as palavras. De repente, a expressão favorita de Chelsea, sobre vomitar na própria boca, chegou um pouco perto demais da realidade para o gosto de Violet. Fechou a boca outra vez.

Sara FBI retirou um cartão do bolso e o entregou a Violet.

— Terá que falar comigo mais cedo ou mais tarde. Ligue para o número no cartão para marcar um horário.

Saltou do carro e caminhou decidida para o utilitário preto, e o menino a seguiu.

Violet olhou para o cartão de visitas simples, distraidamente passando o dedo sobre o selo dourado em alto relevo.

Detestava a sensação pairando sobre ela, a crescente apreensão que profetizava a iminência de algo terrível. Torceu para que fosse apenas preocupação por ter sido descoberta e ser forçada a prestar um depoimento sobre algo que nunca deveria ter testemunhado. Algo que nenhuma pessoa normal deveria saber.

Mas sabia que não era isso. Havia mais do que um simples depoimento formal. Havia algo na maneira como Sara FBI havia colocado as coisas que preocupou Violet.

Quaisquer que fossem as perguntas de Sara, Violet tinha a estranha sensação de que se respondesse honestamente Sara podia de fato *acreditar* no que revelasse sobre sua habilidade.

Mas Violet jamais poderia confessar o que podia fazer para Sara FBI. Não tinha qualquer intenção de se tornar alguma espécie de rato de laboratório para o FBI.



CAPÍTULO 9

Violet rolou, agarrando o travesseiro com força e desejando que o que a tivesse acordado simplesmente desaparecesse outra vez, como um sussurro sem resposta. Mas, infelizmente, o abismo impraticável entre esperança e realidade era impossível de se atravessar.

Amaldiçoou a si mesma. Desde quando se tornara a pessoa com o sono mais leve do mundo?

Um flash de luz passou pela janela. Veio de fora, projetando um brilho pálido pelo quarto escuro, e em seguida desapareceu, tão depressa quanto aparecera.

Era isso. Deve ter sido o que a acordou.

Resmungou, balançando as pernas em frustração e tirando as cobertas ao mesmo tempo. Isto era ridículo. Precisava dormir!

A luz surgiu novamente, e, desta vez, com os olhos arregalados, teve que cerrá-los por causa do brilho.

Sentou-se, equilibrando-se na beira da cama, tentando decidir o que fazer. De uma coisa tinha certeza: alguém queria chamar sua atenção, e realmente estava cansada e irritada demais para se importar com o motivo.

Vestiu o casaco de moletom que tinha jogado no pé da cama e puxou o zíper até o queixo. Não se incomodou em olhar pela janela; estava apressada demais. Precisava fazer isso parar antes que acordasse seus pais também.

Desceu apressada pelas escadas e destrancou a porta da frente, olhando para a noite desagradavelmente fria. Forçou os olhos, procurando a fonte da luz, mas não encontrou nada.

Nada além da noite. E do frio odioso.

Deu um passo para fora, sobre os tacos de madeira da gelada varanda da frente, com a intenção de chamar quem quer que estivesse fazendo sinal para ela. Mas alguma coisa a deteve, e, em vez de gritar, esperou, prendendo a

respiração. O tecido da calça do pijama de flanela, que parecera quente demais lá dentro, agora parecia absurdamente fino. Uma lufada de ar frio subiu por suas pernas. Ela estremeceu, protegendo as mãos nas mangas, e desejou que tivesse mais do que um par de meias de algodão nos pés.

O silêncio noturno que a cercava era ensurdecedor.

Então, veio. Novamente. O flash de luz intensa, que estava tão fora do lugar, no meio das sombras da meia-noite, que queimou seus olhos antes de se apagar novamente.

Violet piscou e se inclinou para trás, a mão procurando a maçaneta. Apenas para se certificar de que ainda estava ali. Agarrou-a, tentando descobrir de onde tinha vindo a luz.

Novamente queria gritar, mas sua voz também tinha desaparecido, como a explosão fugaz de luz branca.

Mas Violet estava curiosa demais para esquecer o assunto. Além disso, se não conseguisse encontrar a fonte de luz e impedi-la de brilhar, não conseguiria dormir a noite inteira. Ou pelo tempo que continuasse acesa.

Estremeceu enquanto a noite polar acabava com sua reserva de calor corporal. Decidiu se concentrar, para esperar novamente a luz e, dessa vez, descobrir sua localização.

Não precisou esperar muito. O brilho era como uma explosão visual, agredindo seus olhos. Ela tentava não piscar.

Era tudo de que precisava. E agora tinha certeza de que sabia de onde vinha.

Inclinou-se para a frente, relaxando, hesitante, a mão da maçaneta fria de aço enquanto seguia até a luz que piscava. Cuidadosamente, desceu da varanda e olhou em volta, certificando-se de que estava sozinha.

O flash surgiu outra vez. Do outro lado do carro dela.

Moveu-se mais depressa, agora, ao alcançar o veículo, circulando a traseira do mesmo, e quando viu o brilho mais uma vez, congelou onde estava.

Vinha de uma caixa. Uma caixa simples de papelão ao lado da porta do motorista. As abas superiores encontravam-se abertas.

Ficou confusa ao olhar para ela. Por que a caixa estava piscando? E quem a colocara ali, ao lado do carro?

Olhou para as árvores que cercavam sua casa, imaginando — apenas brevemente — se estava sozinha.

Em seguida olhou novamente para a caixa, dando um passo à frente, com os pés congelando na superfície gelada da estrada de cascalhos, dormentes

demais para sentirem as pedras. Inclinou-se sobre o pacote, com medo de que o que estivesse lá dentro brilhasse novamente quando estivesse espiando.

Não brilhou. Mas ela desejou que tivesse brilhado. Desejou que tivesse sido cegada pela luz, para que não tivesse visto o que era.

Violet se sentiu triste e nauseada ao mesmo tempo. E furiosa.

A caixa tinha sido colocada deliberadamente para que ela a encontrasse.

Ficou imaginando por que não a tinha reconhecido antes. O chamado de um morto, um eco. O brilho esporádico de luz branca. O frio deve ter entorpecido mais do que simplesmente os pés de Violet. Até seus sentidos foram anestesiados pelo frio glacial.

Mas explicava por que apenas ela tinha sido acordada. E por que se sentira atraída a localizar a luz.

Espiou o gatinho preto no fundo da caixa. A cabeça caída de forma repugnante — e nada natural — para o lado. Os olhos verdes sem vida a olhavam de volta.

Não é Carl. Violet suspirou aliviada por não ser o gato dela. Em seguida, foi invadida pela vergonha de pensar algo tão insensível.

A explosão de luz veio novamente, atacando suas retinas, e ela teve que piscar várias vezes para clarear os pontos vermelhos que bloquearam sua visão.

Não estava mais com medo de que pudesse haver alguém em volta. A raiva ia muito além da preocupação com a própria segurança. Gostaria que ele *estivesse* ali, quem quer que fosse o responsável por... por *aquilo*. Queria que ele se mostrasse. *O desafiava* a tal.

A raiva invadiu suas veias congeladas, descongelando sua incerteza. Sabia o que tinha que fazer. E quanto mais cedo, melhor.

Fechou as abas, com cuidado para não perturbar o corpo sem vida mais do que o necessário. A coitadinha já tinha sido suficientemente perturbada.

Violet sussurrou sob a respiração, baixo demais para que qualquer outra pessoa escutasse, ainda que não estivesse sozinha. Apenas o ar frio ao redor de sua boca pareceu notar, e ela pôde ver as nuvens expelidas pelos lábios.

— Agora me deito para dormir... — Era a mesma oração que dizia para todos os animais que enterrava.

Carregou a caixa, andando decidida sob a lua pálida, sem precisar olhar para o caminho ao redor da casa, em direção ao bosque.

— ...rezo ao Senhor para guardar minha alma... — Era a única prece que conhecia.

Um raio de luz explodiu sob as abas da caixa corrugada que carregava

cuidadosamente, fragmentos brilhantes ultrapassando as aberturas.

— ...se eu morrer antes de acordar...

Chegou à entrada escura do seu cemitério, o que o pai havia ajudado a construir quando ela era apenas uma garotinha: o Território Sombrio. E agora, no meio da noite, o nome parecia mais apropriado do que nunca. Um augúrio de muitas coisas.

Mas não tinha medo. Não aqui. Nunca aqui.

Um ruído estático familiar de tantos animais mortos, que outrora chamaram Violet a localizá-los, se fundia em uma ressonância pacífica depois que os corpos eram postos para descansar.

Entrou pela grade de arame colocada para manter afastados catadores que ousassem perturbar as almas perdidas. Ajoelhou-se na terra, ao lado de uma área que já tinha sido cavada, uma cova rasa esperando ser ocupada. Sempre havia um espaço pronto no cemitério de Violet.

Estremeceu ao abrir a caixa, sem conseguir ignorar a temperatura hostil que a cercava.

— ...rezo a Deus que leve minha alma.

Inclinou a caixa, permitindo que o pequeno corpo enrijecido caísse gentilmente na terra macia do fundo do buraco. Ela mordeu o lábio, tentando não imaginar a morte do pobre animal. Tentando não chorar enquanto outro flash branco cortava a noite.

Ajoelhou-se, alcançando o monte de terra que esperava pelo buraco superficial na terra, e puxou com as mãos, enterrando a gata morta.

Amém. Moveu os lábios sem emitir qualquer som.

Quando terminou, sentou sobre os calcanhares. Podia sentir a paz já caindo sobre ela.

A gata estava se libertando... a libertando.

Violet pegou a caixa e se apressou de volta para a casa sem olhar em volta outra vez. Deixou a embalagem vazia do lado de fora ao fechar a porta após passar, voltando para o quarto.

Lavou-se e se trocou rapidamente, tentando se livrar da sensação incômoda que permanecia, fazendo-a tremer muito depois de o vento frio de inverno ter desaparecido. O conhecimento inquietante de que alguém havia deixado um recado para ela esta noite.

Mas qual seria a mensagem?

E quem a havia deixado?



IRA

A menina estava ali, escondida entre as árvores, observando Violet. Agora estava satisfeita por ter se vestido de preto — com o casaco preto pesado, a máscara de esqui que cobria seu rosto, as luvas escuras —, não só por mantê-la aquecida, mas por escondê-la.

Realmente, não esperava ter que se esconder na proteção natural oferecida pelos arbustos grossos e árvores que cercavam a casa de Violet; simplesmente esperava entrar e sair.

Deixar seu “presente” para Violet e sair.

Mas Violet a surpreendera, saindo no meio da noite. E quando o fez, a menina ficou parada no lugar, sem poder se mover... ou nem sequer pensar com clareza.

Até teve medo de que Violet pudesse vê-la lá. Mas não viu.

Em vez disso, Violet estava concentrada em outra coisa, lhe dando tempo para reagir, entrar mais no abrigo do bosque, onde poderia assistir sem medo de ser descoberta.

Antes do aparecimento de Violet, havia temido ter ido longe demais. Que a mensagem fosse forte demais. Mas ver Violet, observá-la, inflamou-a novamente. A raiva que sentiu ultrapassava a razão... ultrapassava qualquer explicação... ultrapassava o controle.

Ela não tinha certeza de como Violet soubera onde procurar, mas de algum modo ela encontrou a caixa. E quando Violet olhou em sua direção, procurando pelas árvores, a menina se jogou no chão, se encolhendo, se envolvendo com firmeza enquanto esperava ser pega.

Mas Violet não a encontrou.

E, ao levantar novamente a cabeça, percebeu que nenhuma das reações de Violet foram como imaginava. Ou esperava que fossem. Em vez de medo, viu raiva. Em vez de asco pelo animal mutilado, Violet parecia... calma.

De repente, desejou que tivesse feito mais. Aumentado a aposta.

Queria ver Violet assustada. Com medo. Apavorada.

Quem sabe na próxima.

Ao observar Violet carregar a caixa para o fundo da casa, pensou ter visto os lábios dela se movendo sob a luz difusa projetada pela lua. Mas com quem estava falando? Consigo mesma? Com a gata morta?

E, então, Violet foi para o fundo da casa e saiu do campo de visão.

A menina ficou lá, no bosque, imaginando o que Violet estaria fazendo. Imaginando se esta era sua chance de ir embora, mas curiosa demais para ver o que Violet faria em seguida. E irritada demais para fugir.

Detestava Violet. Neste instante, mais do que nunca.

Mais até do que detestava a si mesma.

Quando Violet voltou, ainda carregava a caixa, vazia, agora. Dava para perceber, pela maneira como a transportava, não mais com cuidado contra o peito, mas pendurada no lado do corpo, enquanto andava.

Onde a gata tinha ido parar? Será que Violet tinha jogado em algum lugar? Descartado? Enterrado?

Quando Violet passou pelo quintal, para casa, nem sequer olhou em volta.

Naquele instante, a menina pensou em revelar sua presença. Pensou em como seria machucar Violet pela simples satisfação de testemunhar as expressões que tanto queria ver.

Imaginou atacar Violet com as próprias mãos. Rasgar seus olhos. Arrancar o cabelo do couro cabeludo.

Medo. Terror.

Imaginou-se talhando o rosto de Violet.

Implorando. Suplicando.

Imaginou-se quebrando o pescoço dela.

Redenção.

Sonhar acordada era tão bom!

E, então, Violet fechou a porta de casa, deixando-a sem nada além das fantasias.



CAPÍTULO 10

— **E**ntão, por que você acha que ele não me convidou para sair? — perguntou Chelsea, desembulhando mais um chiclete e enfiando-o na boca. Era o terceiro que ela comia.

— *Shhh...* — advertiu a Srta. Hertzog, colocando um dedo nos lábios.

Chelsea fez cara feia para a bibliotecária, mas abaixou a voz ao se inclinar sobre a mesa e repetir a pergunta:

— Mike Russo? Por que ele ainda não me convidou para sair?

Violet já sabia quem “ele” era sem Chelsea complementar a pergunta com um nome — *ou um sobrenome*. Atualmente, Mike era o único assunto sobre o qual Chelsea queria conversar, mas hoje, de todos os dias, Violet não se importava. Isso a impedia de pensar em... *outras coisas*.

Violet não tinha contado a ninguém sobre a gata. Nem a Jay, nem aos pais. Ninguém.

De alguma forma, sentia-se transformada com aquilo. Havia se tornado seu pequeno e desprezível segredo.

Sempre que pensava em ter ficado lá, tremendo de frio, olhando para a caixa que continha uma gata morta, Violet percebia que sua habilidade de encontrar mortos havia sido usada contra ela. E a pessoa responsável, provavelmente, nem sabia disso.

Quem quer que tivesse deixado a gata não sabia que teria despertado Violet. E não tinha como saber que o som emitido pela gata também ficaria preso à pessoa, uma marca que carregaria para sempre. Isso significava que Violet saberia quem fora, que não poderia se esconder dela.

E presumiu que quem tinha feito isso era alguém que a conhecia. *Por que outro motivo alguém colocaria uma gata morta ao lado do seu carro?* Encontraria o responsável, mais cedo ou mais tarde.

O problema era que não sabia se realmente queria descobrir quem a tinha

deixado. Ou por quê. Às vezes, não saber era melhor. Mais fácil. E talvez até mais seguro.

Mas se alguém podia matar um animal inocente para passar um recado, ou um aviso, então até onde iriam para transmitir seus verdadeiros sentimentos?

Sabia que deveria temer. Mas estava preocupada com mais do que ela mesma agora.

Estava preocupada por Carl. Pelos amigos. E pela família.

— Já disse a você, Chels, dê tempo a ele — Violet sussurrou de volta, conseguindo falar mais baixo que ela, que era fisicamente incapaz de fazer silêncio. Ela e a Srta. Hertzog tiveram uma briga por isso. — Ele nem sequer ligou? — perguntou, apesar de já saber a resposta. Chelsea teria explodido de alegria se tivesse.

— Não — Chelsea respondeu taciturna, e em seguida estalou o chiclete, conquistando mais um olhar zangado da bibliotecária. Ignorou a careta. — E não entendo. Usei meu melhor material, incluindo meu olhar sedutor *sou-fácil-e-serei-totalmente-sua*. O que ele está esperando? — Chelsea parou de falar e virou o rosto para um livro aberto de história. — Cuidado, bibliotecária louca, nove horas.

Quando a Srta. Hertzog as alcançou, Chelsea estava fingindo interesse na tarefa, preenchendo as datas no papel como se fosse o dever de casa mais fascinante do mundo. Apesar de Violet ter quase certeza de que a Guerra de 1812 *não tinha* acontecido em 1776.

— Srta. Morrison, preciso lembrá-la de que deveria estar com a mão na massa? Sua professora mandou que viesse para cá para estudar, não para socializar. — Sorriu docemente para Violet. Chelsea franziu o olhar, primeiro, para Violet, em seguida, para a Srta. Hertzog. Mas, sabiamente, manteve a boca fechada. — Se precisar de ajuda para encontrar material de consulta — ela ofereceu—, terei prazer em ajudar...

Chelsea engoliu em seco, e Violet desconfiou que ela acabara de engolir o chiclete, considerando que não era permitido na biblioteca, antes de responder:

— Não, obrigada. Acho que estou bem. — Sorriu, tentando ser doce, mas soando quase amarga. — A não ser que tenha alguma informação sobre a família Russo.

— Que *família Russo*? — inquiriu a bibliotecária, como se fosse muito improvável que Chelsea estivesse realmente interessada em “pesquisa”.

Estava, apenas não no tipo que podia fazer na biblioteca. E Chelsea não era

a única interessada em Mike Russo.

Violet pensou no encontro com a moça do FBI e ficou imaginando o que Sara Priest estava tentando descobrir. Violet não conseguia deixar de pensar que seu interesse em Mike tivesse sido simplesmente aleatório.

— Deixe para lá, Srta. Hertzog, não se preocupe com isso. Você não tem a informação que eu preciso. — Chelsea sorriu ironicamente para a bibliotecária e em seguida, fingindo saudá-la, dispensou-a, de um modo que Violet não tinha visto.

Para crédito dela, a Srta. Hertzog não reagiu à falta de respeito de Chelsea. Em vez disso, emitiu um aviso velado:

— Tudo bem, mas se mudar de ideia, estarei ali.

Os olhos de Chelsea cerraram enquanto assistiu à bibliotecária se afastar.

— Muito obrigada, Violet. Não deveria me dar cobertura, ou coisa do tipo?

— De quê? Do grande golpe? Estava planejando partir para a briga com ela? Além disso, ela gosta de mim. Por que me queimaria com ela só por que você já o fez?

— Contanto que continuem próximas, certo, Vi? — Chelsea disse, arrastadamente. — Mas, sério, preciso descobrir uma maneira de fazer Mike Russo me notar.

— Tenho certeza de que ele notou.

— Você entendeu o que quis dizer — arfou Chelsea. — A propósito, qual era a da mulher nervosa e do carinha gato no seu carro ontem? E com “gato” quero dizer sombrio e perigoso, é claro. Por favor, diga que são parentes distantes que vieram dizer que você herdou uma fortuna ou coisa do tipo. Estou precisando de uma boa notícia. — Chelsea cruzou os braços sobre o peito, observando Violet de perto.

Violet sentiu o estômago se contrair. Era bastante estranho Sara Priest ter perguntando sobre Mike. Se não tivesse certeza, teria achado que Chelsea tinha acabado de ler sua mente. Por que outro motivo estaria perguntando a Violet sobre Sara e o garoto, agora?

Independente do motivo, Violet não queria falar sobre o papo com o FBI. Decidiu que só havia um jeito de mudar de assunto.

Suspirou. Por sorte, Chelsea só pensava em uma coisa ultimamente.

— Então, sobre Mike. O que sabe até agora?

Chelsea se animou, inclinando-se para a frente ao ouvir a palavra mágica: *Mike*.

— Nada de útil. Ele tem uma irmã, como se chama?, no segundo ano.

— Megan — afirmou Violet.

— Se você está dizendo. Sei que moram com o pai, Ed, que é mecânico na oficina da Craft Auto, na Highway 410. — Chelsea mordeu o lábio. — Também sei que ele é ótimo em inglês *e* história, só faltou dois dias de aula ano passado e não pratica nenhum esporte. Ah, e se mudam muito. Quatro colégios em três estados diferentes nos últimos dois anos.

A Srta. Hertzog deu dois passos na direção delas, as sobrancelhas erguidas em alerta a Chelsea.

Chelsea disse *tudo bem* sem som e acenou para que a mulher se afastasse outra vez.

Quando a bibliotecária voltou ao seu posto, perto da entrada, Violet olhou para Chelsea, sem saber ao certo se sentia admiração ou repulsa.

— Como sabe isso tudo sobre eles? Anda *espionando* agora?

— Não espionando *exatamente*. — Chelsea limpou a garganta. — Mas *talvez* tenha dado uma espiada na ficha escolar dele. O Andrew Lauthner está trabalhando na secretaria para receber crédito extra. Não consegue me dizer não.

Isso era um eufemismo; Andrew Lauthner era o único membro do fã-clube pessoal de Chelsea. Vinha esperando que ela o notasse desde o terceiro ano.

Violet balançou a cabeça ao voltar para o dever de casa.

— Não sei o que dizer para você; já sabe *muito* mais do que eu.

Chelsea se espalhou na cadeira.

— Bem, faça um favor e tente descobrir *alguma coisa*. Quero uma maneira de fazê-lo usar a língua comigo quando formos ao cinema no fim de semana, e talvez até trocar carícias. — Chelsea não precisava que Violet dissesse nada, agora; estava embalada. — Seria melhor se fôssemos só nós dois, pois Jay vive chamando a atenção de Mike, mas como não consigo fazer isso acontecer, você pelo menos pode falar com o seu namorado para *não* atrapalhar meus planos dessa vez? Preciso muito desse encontro.

— Farei o que puder, Chels. — Violet comentou, relutante. — Mas não prometo nada.

Silenciosamente, no entanto, Violet concordou com Chelsea e torcia tanto quanto ela para que Jay não monopolizasse o tempo de Mike no fim de semana.

Chelsea era uma criatura ímpar. Como uma força incontrolável da natureza. Semelhante a um furacão ou a um tornado. Ou um pit bull.

Violet admirava essa qualidade.

E nisso Chelsea havia se provado nada menos do que formidável.

Então, quando Jay falou no começo da semana que poderiam ir ao cinema no fim de semana, Chelsea cobrou a promessa. Um horário e um local foram escolhidos. E as pessoas avisadas.

E, de algum jeito, Chelsea conseguiu resolver tudo.

Ainda queria os planos de sábado à noite; apenas não queria a multidão que viria junto. Decidiu que deveria ser um “encontro duplo”. Com Mike.

Só que Mike nem saberia.

Quando o sinal tocou depois do almoço na sexta-feira, todos concordaram em se encontrar para a sessão de sete horas no dia seguinte. Mas quando se separaram para as respectivas aulas, Chelsea deu início a seus planos. Começou a descartar um por um, e todos caíram.

Começou com Andrew Lauthner. O pobre Andrew não soube o que o atingiu.

— Ei, Andy, ficou sabendo?

Pelo olhar dele, não estava sabendo de nada, exceto que Chelsea — *a Chelsea dele* — estava falando com ele. *Do nada*. Violet precisava ir para a aula, mas estava louca para saber o que ela tinha na manga, então ficou esperando.

— O quê? — O enorme sorriso parecia ter sido esculpido com gesso e secado durante a noite.

A expressão de Chelsea era apologética, algo que deve ter sido difícil para ela.

— O cinema foi cancelado. Esqueça os planos. — Esticou o lábio inferior, simulando decepção.

— Mas pensei... — Ele parecia confuso.

Violet também estava.

— ... não acabamos de combinar no almoço? — perguntou.

— Eu sei. — Chelsea conseguiu soar tão surpresa quanto ele. — Mas sabe como é o Jay, fala demais. Ele se *esqueceu* de falar que tem que trabalhar amanhã à noite e não vai poder. — Olhou para Violet e disse, mais uma vez, em tom de desculpa: — Sinto muito que tenha tido que ouvir isso, Vi.

Violet simplesmente ficou ali, observando e pensando que deveria negar o

que Chelsea estava dizendo, mas nem sabia ao certo por onde começar. Sabia que Jules o teria feito. *Onde estava Jules quando se precisava dela?*

— E as outras pessoas? — perguntou Andrew, ainda mantendo a esperança.

Chelsea deu de ombros e colocou uma mão solidária no braço de Andrew.

— Não. Ninguém mais vai poder. Mike tem planos com a família. Jules tem um encontro. Claire tem que estudar. E Violet está de castigo. — Envolveu os ombros de Violet. — Certo, Vi?

Violet foi salva de ter que responder, pois Andrew não precisava de uma resposta. Aparentemente, se Chelsea dissesse, era a mais pura verdade. Mas o olhar patético no rosto dele fez com que Violet quisesse abraçá-lo ali mesmo.

— Ah! — disse finalmente. E em seguida: — Bem, quem sabe na próxima.

— Sim. Claro. Com certeza — Chelsea disse sobre o ombro, já arrastando Violet para longe daquela cena dolorosa.

— Meu Deus!, Chels, que tal quebrar o coração dele? Por que não disse simplesmente que tem uma doença rara ou coisa do tipo? — Violet fez uma careta para a amiga. — Não foi legal.

Chelsea zombou.

— Ele vai ficar bem. Além disso, se eu dissesse “doença” ele teria feito canja e se oferecido para me dar um banho de esponja ou coisa parecida. — Ela franziu o nariz. — *Eca*.

O restante da tarde foi basicamente igual, com algumas variações: *Obrigações familiares. Testes importantes para os quais estudar. Prisão domiciliar.* Chelsea arrumou desculpas para quase todos que planejavam ir, inclusive Claire. Foi implacável.

Até sábado à noite, eram só os quatro... Violet, Jay, Chelsea e, claro, Mike. Tudo com que Chelsea sonhou, tudo pelo que trabalhou.

Decidiram ir juntos... no carro de Jay, obviamente. Quando pararam para pegar Mike, Violet começou a saltar para sentar no banco de trás com Chelsea, oferecendo às pernas de Mike o banco da frente, mas Jay se esticou e a pegou pelo pulso.

— O que está fazendo? Quero que sente comigo. — Seus dedos entrelaçaram-se com os dela ao arrastá-la novamente para dentro. — Mike pode sentar atrás.

Violet se sentiu enrubescer de satisfação.

Mike saiu de casa e saltou a varanda sem tocar os degraus. Por trás das

cortinas escurecidas a televisão piscava.

— Lá vem ele! — ganiu Chelsea, parecendo uma garotinha ao saltitar no banco de trás, sacudindo o carro todo. Bateu palmas, animada.

Violet puxou o assento para a frente, para dar espaço para Mike. Ele precisaria, se fosse ficar confinado lá atrás com Chelsea.

— Oooooiii, Miiike. — Chelsea conseguiu arrastar as duas palavras e diversas sílabas longas enquanto Mike entrava no carro. O melado soava estranho saindo da boca de Chelsea.

— Oi — respondeu Mike. Uma palavra, uma sílaba.

— Então, acho que somos só nós quatro hoje — ronronou Chelsea.

— Sêrio? Achei que fôssemos encontrar um monte de gente.

— Não. Só a gente. Todos os outros desistiram.

Violet sorriu para si mesma ao ouvir o relato de Chelsea, impressionada por como as palavras soavam tão... *sinceras*.

Mas Violet sabia bem. E percebeu pelo olhar de Jay que ele também.

Mike, por outro lado, era novo demais para entender a maneira perturbadora com que a mente de Chelsea operava. Fez-se uma breve pausa, em seguida Violet jurou ter ouvido um sorriso na voz dele quando ele respondeu:

— Tudo bem.

Ele pode querer repensar isso mais tarde, pensou Violet, quando Chelsea parar de se conter e decidir atacá-lo dentro de um cinema lotado. A não ser que ele goste dessas coisas. Sorriu maliciosamente para si mesma.

Em seguida, ficou imaginando se Jay *a* atacaria.

Esperava que sim.



CAPÍTULO 11

O verdadeiro show da noite aconteceu quando pararam no Java Hut para matar o tempo antes do filme.

O Java Hut, inicialmente, abriu como um cibercafé antes de todos terem computadores em casa. Mas na medida em que o conceito se tornou obsoleto, o Java Hut conseguiu se manter aberto tornando-se o lugar perfeito para depois da aula e para os fins de semana. Agora, em vez de apenas café, serviam hambúrgueres com fritas e sorvete, e junto com os computadores havia também estações de jogos. E, naquela noite, como na maioria dos sábados, estava cheio e barulhento.

Quando atravessaram a porta de entrada, Violet ficou imaginando se algum dia se acostumaria com a atenção que Jay atraía sempre que saíam. Meninas — de *todas* as idades — pareciam atraídas por ele, e Violet acreditava entender a razão. Havia alguma coisa na total falta de percepção dele em relação ao próprio charme que era universalmente atraente.

E as mulheres pareciam dispostas a abandonar todo o bom senso apenas para atrair um segundo de atenção dele, mesmo que sem qualquer resultado.

Garçonetes se derretiam por ele. Caixas demoravam com o troco, se deliciando com o instante em que suas mãos se tocariam. E mesmo as professoras costumavam ser tolerantes com ele... davam prazo extra para entregar trabalhos e não marcavam atraso quando ele chegava tarde.

Jay nem se tocava, mesmo quando Violet destacava o óbvio. Achava que estavam apenas “sendo gentis” ou “fazendo o trabalho”. Mas Violet jamais ganhava sobremesa de graça, ou passe livre para andar pelo colégio em horário de aula.

Então, não foi surpresa Jay ter feito algumas cabeças virarem esta noite. Ela só não tinha previsto o poder dos dois juntos. Dois meninos bonitos mais do que dobravam a atenção que atraíam. Mesmo entre pessoas conhecidas no Java

Hut naquela noite, Violet e Chelsea se tornaram instantaneamente invisíveis.

As meninas não só notavam os dois, como davam risadinhas atrás das mãos e acenavam para eles.

Ou Jay não percebeu, ou optou por ignorar. Mike, por outro lado, não. E não. Não só percebeu o interesse que atraía, como pareceu gostar.

Violet reconheceu imediatamente o que era: Mike gostava tanto de chamar atenção quanto Chelsea.

Violet aceitou bem. Chelsea, nem tanto.

Violet deixou que Jay a arrastasse pela multidão aglomerada na entrada. Gostava de saber que ele pertencia a ela enquanto todos aqueles olhos invejosos o encaravam.

— Acho que Chelsea não é a única a fim do Mike — sussurrou Violet enquanto Jay a arrastava até a fila do balcão.

Jay olhou novamente para Chelsea, que estava perto de três garotas do colégio que conversavam animadamente com Mike.

— É, ela não está se saindo muito bem, está? — concordou Jay.

— Pensei que ele já estaria comendo na mão dela a essa altura. — Violet franziu o nariz, preocupada com a amiga.

— Do jeito que eu como na sua?

Violet sorriu para ele e o cutucou com o ombro.

— É. *Exatamente* assim.

Chelsea viu os dois olhando para ela, e Violet sorriu como se pedisse desculpas. Chelsea revirou os olhos em resposta. Estava de mau humor enquanto caminhava até eles.

— Quero batata frita. — A falta de interrogação na fala era reconfortante. Continuava sendo Chelsea. Abalada, porém mandona.

— Já está desistindo? — Jay perguntou a Chelsea, depois que a garota atrás do balcão anotou o pedido.

Chelsea deu de ombros.

— Não, só dando um tempo. Vou vencê-lo, em algum momento, só vai demorar mais do que imaginei.

— *Ali!* — exclamou Violet, empurrando Jay. — Viu isso? É disso que estou falando! — Apontou para a menina que estava pegando as batatas dele. Obviamente, não percebeu que eram para Chelsea. — Você pediu pequena, e ela está pegando uma grande. Provavelmente, nem vai cobrar.

Jay balançou a cabeça.

— Só se confundiu, nada mais. Se isso faz com que se sinta melhor, pagarei

o valor da grande.

— *Ugh!* Desisto. A questão não é nem essa! Ela só está fazendo isso porque o acha gato.

— Você é doida. — Jay sorriu para Violet, e a garota atrás do balcão riu com ele ao repousar a cesta lotada de batatas fritas. Não tinha a menor chance de ela ter ouvido o que estavam falando.

— Mais alguma coisa? — Inclinou a cabeça para o lado. Parecia ser uma líder de torcida, *muuito animada*.

Ao menos não era abertamente oferecida. Ousada e flertando Violet podia suportar.

— Não — disse Jay, entregando a ela uma nota de vinte.

Ela contou o troco e devolveu em câmera lenta. E lá estava... o toque de mãos.

Violet sorriu por dentro, mantendo a expressão perfeitamente neutra. *Previsível*.

— Bem, se precisar, me chame — disse a menina, esperançosa.

Jay entregou as batatas a Chelsea, e Violet pegou o milk-shake dele.

— Então, ele está seguindo ou o quê? — perguntou Chelsea, colocando várias batatas na boca de uma vez.

Violet olhou para Jay:

— Quem *está seguindo quem?*

Mas Jay não estava ouvindo. Aliás, Jay nem estava mais lá; eram apenas ela e Chelsea. Jay fora buscar Mike, para pegarem uma mesa.

Violet olhou espantada para a amiga.

— Você é tão estranha às vezes. Do que está falando?

O rosto confuso de Chelsea espelhou o de Violet. Estava com a voz impaciente.

— *Alô?* Mesa do canto à direita? O cara do outro dia?

Violet virou para olhar. Um mar de rostos se acumulava em volta dela, movendo-se entre as mesas, mas ela ainda não estava vendo de quem Chelsea estava falando.

Virou-se para olhar para Chelsea novamente.

— *Quem?*

— Quando você estava falando com aquela mulher depois da aula. — E então, exasperada, porque era tão óbvio para ela, acrescentou: — O cara gato que estava esperando fora do carro.

A mente de Violet trabalhou rapidamente, e quando descobriu a quem

Chelsea estava descrevendo, ficou alarmada. Girou outra vez, agora procurando por alguém em particular.

E lá estava ele, olhando para Violet. Violet podia sentir os olhos azul-escuros cortando-a, dissecando-a. Sentia-se como se estivesse desmoronando sob o peso do olhar penetrante.

Violet não sabia ao certo o que fazer, não tinha certeza quanto a como se sentia. Era possível poder queimar e congelar ao mesmo tempo? Ou estava apenas entorpecida?

O menino olhando para ela não se moveu, não fez nada. Ele mal percebeu que Violet o notara. Houve apenas uma leve contração no canto dos olhos que denunciou aquele instante de reconhecimento.

Violet olhou para Jay e Mike, que estavam voltando em direção a ela. O pânico contraiu sua garganta, e ela fez uma careta.

Não tinha contado a Jay sobre o FBI. Havia guardado segredo, como tantas coisas ultimamente.

Talvez ele se preocupasse. Ou contasse aos seus pais. Ou talvez Violet ainda estivesse se sentindo culpada por tudo que passaram no último ano... tudo por causa dela.

E agora isto. *Aqui*.

Lançou um olhar de alerta a Chelsea e torceu para que a amiga entendesse o significado: *Não diga nada!*

Mas Chelsea não notou o olhar suplicante. Mike estava de volta, e Chelsea já estava ligada outra vez. Sorrindo, flertando, fazendo charme.

A verdadeira Chelsea não estava mais lá. O que era uma boa notícia para Violet; sua amiga estaria ocupada demais com Mike para falar qualquer coisa sobre o outro dia.

— Estão prontos para ir? — Violet perguntou, pegando o braço de Jay, conduzindo-o para a saída.

Jay riu, mas puxou o braço de volta.

— Violet, o filme só começa daqui a uma hora. Vamos encontrar um lugar para sentar, para acabarmos de comer.

Violet piscou os olhos, tentando pensar em um argumento *contra* ficar, mas não conseguiu. E, antes que pudesse protestar, Jay, Mike e Chelsea já estavam indo para uma mesa vaga.

Violet suspirou, derrotada pela incapacidade de pensar rápido.

Suas pernas estavam fracas ao ceder e seguir os três. Parou uma vez, para olhar por cima do ombro. Mas o menino não estava mais sentado na frente do

café.

O coração de Violet saltou quando seus olhos examinaram o recinto. Tinha achado paralisante vê-lo sentado ali, observando-a. Mas *essa* sensação era pior: *não* saber para onde ele tinha ido e, ao mesmo tempo, saber que ele ainda podia estar por perto.

Torceu para que ele tivesse decidido deixá-la em paz. Mas duvidava.

★ ★ ★

Violet sentou-se em silêncio à mesa redonda enquanto os outros comiam, conversavam e riam.

Por sorte o torpor, aquela sensação morta que a dominou desde que viu o amigo de Sara FBI sentado ali, passou. Fora substituído por outra coisa, algo mais próximo do ultraje. Violet se sentia como se seu espaço tivesse sido invadido, a privacidade, violada.

Sentia-se mais perspicaz agora. Perspicaz demais, enquanto ficava cada vez mais consciente. Sua cabeça girou com perguntas e teorias, desconfianças e dúvidas. Preocupou-se ao examinar os outros clientes, e ao olhar cautelosamente para a entrada do café.

Não podia deixar de imaginar: *Por que ele veio aqui? O que ele quer?*

Se Jay notou, não falou nada. Estava curtindo. Ele e os amigos estavam se divertindo, mesmo sem sua participação.

Violet não se importava. Tinha outras preocupações no momento.

Ficou aliviada quando chegou a hora de sair, e liderou o caminho até o estacionamento, atravessando a multidão, apressando-se para sair do espaço confinado. E, de algum jeito, Jay conseguiu acompanhar.

Sentiu-se melhor quando estavam do lado de fora, como se pudesse respirar outra vez. Já estavam no carro de Jay quando Mike e Chelsea os alcançaram.

Chelsea parou de sorrir para Mike por tempo suficiente para fazer uma careta para Jay.

— Estão tentando se livrar de nós, ou coisa assim?

Mas foi naquele breve instante que Violet viu o olhar fugaz no rosto de Mike ao olhar para Chelsea.

Foi tão rápido que a não ser que a pessoa estivesse olhando diretamente para ele, como era o caso de Violet, teria perdido. Mas, definitivamente,

existiu. O canto da boca dele se curvou para cima, os olhos enrugando ligeiramente, ao olhar para ela.

E Violet soube: *Mike gostava de Chelsea.*

Assim que o olhar de Chelsea voltou para ele, as bochechas de Mike ficaram rosa e ele desviou os olhos, como se ela não existisse. Nem Jay nem Chelsea notaram.

O absurdo da situação invadiu o estado apreensivo de Violet, e ela não conseguiu deixar de sorrir para si mesma. Chelsea vinha se empenhando desesperadamente em chamar a atenção de Mike sem perceber que a tinha desde o início.

Quando chegaram ao cinema, Violet estava se sentindo mais normal. Até provocou Jay por ser tão difícil escolher um local para estacionar seu precioso carro, por ter recuperado o apetite... para pipoca e alcaçuz, pelo menos. Pegou bastante de ambos na bonbonnière.

Quando chegaram ao corredor escuro do lado de fora da sala, Violet hesitou.

— Aqui. — Entregou a pipoca a Jay. — Por que não me dá o canhoto do meu ingresso e encontro vocês lá dentro? Tenho que ir ao banheiro.

Sabia que não adiantaria convidar Chelsea para ir com ela, pois ela não tinha a menor intenção de sair de perto de Mike, mesmo que por alguns minutos. Jay entregou o canhoto a Violet e ela foi para o banheiro.

Lá dentro, estava completamente sozinha, o que sempre incomodava Violet. Como sempre, ficou imaginando se alguém a ouviria se gritasse, mesmo com o som alto dos cinemas. Algum dia pensava em tentar, só para descobrir.

Não, não tentará, censurou a si mesma. *Você é muito covarde.*

Tentou *não* pensar nas coisas que poderiam fazê-la gritar enquanto se apressava em usar o banheiro e lavar as mãos. E quando acabou, correu porta afora, quase esbarrando na pessoa que esperava no corredor.

Violet saltou, espantada. E então o reconhecimento acendeu e gritar se tornou uma possibilidade muito real.

Se ao menos conseguisse encontrar a voz.

— O que está fazendo aqui? — Violet olhou furiosa para o menino diante dela, levantando o queixo. — Está me seguindo ou coisa parecida? E não tente me dizer que é apenas coincidência estarmos os dois aqui, agora. Vi você no Java Hut.

Ele deu de ombros, com as mãos enterradas nos bolsos dos jeans

desalinhados.

— Só vim dar um recado de Sara Priest.

Violet piscou os olhos.

— Então *ela* o mandou? — Esticou os ombros. Não o deixaria perceber o quanto o nome de Sara Priest a afetava.

Ele balançou a cabeça, os cabelos negros caindo pelos olhos.

— Não exatamente. Mas estava torcendo para que, de repente, você estivesse mais disposta a falar se eu viesse no lugar dela. Precisa retornar as ligações em algum momento.

A indignação de Violet diminuiu. Há dias vinha ignorando os recados de Sara Priest, cada um deles lembrando que o assunto era urgente.

— Diga que não quero falar com ela.

Tentou passar por ele, mas ele a pegou pela manga, contendo-a. Sabia que deveria puxar o braço de volta, mas em vez disso permitiu que ele a arrastasse em direção às portas de saída no fim do corredor. Era um local escuro, privado.

Ele olhou para ela, mas quando falou, a voz soou baixa.

— Vamos, Violet, é sério. — Ouvir o próprio nome na boca dele a fez hesitar, e de repente ele tinha a atenção dela. — Não pode simplesmente ignorar isso e esperar que passe. Sara tem um trabalho a fazer, e o leva muito a sério. E, gostando ou não, envolve você.

— Não sei o que posso dizer que ela já não saiba — mentiu Violet, dando um passo para trás. Havia tanto que Sara não sabia a seu respeito e que ela não tinha a menor intenção de confessar.

— A questão é a seguinte: a decisão não é sua. — O rosto dele suavizou, só um pouco. — Prometo que fica mais fácil. — Foi mais para perto dela. — Só precisa aprender a confiar em alguém.

Uma porta ali perto se abriu suavemente, como um sussurro, mas Violet não levantou os olhos. O que ele estava tentando dizer? Que de algum jeito sabia como era ser... *diferente*? Ou que ela deveria confiar nele?

Violet ficou mais confusa do que nunca.

— Não tenho tempo para isso. Estou em um encontro.

O menino franziu o cenho ao tirar o cabelo dos olhos, e então entregou mais um dos cartões de visita de Sara enquanto a examinava.

— Apenas ligue para ela, Violet. *Por favor*. Nunca se sabe, se ajudar a Sara, ela pode ajudá-la. — E em seguida entregou outra coisa, um pedaço de papel com um número e um nome, *Rafe*, escritos com caneta preta. — Caso se sinta

mais confortável, pode ligar para mim, em vez de para ela — explicou, olhando nos olhos dela. — Acredite em mim, sei como pode ser assustador.

Violet enfiou o cartão e o telefone no bolso, sem querer olhar para eles, ou considerar o significado por trás das palavras dele. Não sabia ao certo se queria saber se Rafe realmente a entendia — ou exatamente o que fazia para Sara Priest.

Então, quando ele virou para sair, Violet ficou onde estava, nas sombras da entrada, e o observou indo embora.

Fechou os olhos, imaginando exatamente o que ele achava que Sara poderia fazer para ajudá-la. Diversos segundos se passaram antes que os abrisse novamente, apenas para se certificar de que ele realmente havia ido embora.

Olhou para o corredor e hesitou.

Jay estava ali, examinando-a. Sem dizer nada.

Violet ficou nervosa com a acusação que viu no olhar dele e imaginou se era real, ou se era a própria culpa que sentia.

Finalmente, quando Violet perdeu a conta do tempo que estavam parados ali, ele se virou e voltou para a sala de cinema, sem esperar por ela.

Sentiu as lágrimas chegando. Vergonha e arrependimento a inundaram, queimando sob a pele, até chegar ao ponto em que preferia que o torpor voltasse.

Escapou para o banheiro mais uma vez, para jogar água no rosto — e lavar um pouco da culpa que sentia por esconder coisas de Jay.

Por que não conseguia falar com ele?

Por que estava guardando tantos segredos?

Violet entrou na escuridão da sala de cinema e procurou os amigos. Quando os encontrou, foi até onde estavam sentados, passando espremida por pés e joelhos, e tentando não chutar pipocas e refrigerantes.

Jay não levantou o olhar quando ela passou por cima dele e sentou no lugar vazio.

Mas ficou surpresa e aliviada quando sentiu o braço dele envolvendo-a pelo ombro. Sabia que Jay estava chateado — viu no olhar dele quando estavam no corredor —, então o toque inesperado foi reconfortante, consolador. A cara de Jay.

Ele se inclinou para a orelha dela, a voz não passava de um sussurro.

— Não pode ficar escondendo as coisas para sempre. De repente, vai ter que me contar que diabos está acontecendo.

Violet piscou as lágrimas e encostou a cabeça nos lábios calorosos dele. Ele

se ajeitou e voltou a ver o filme.

Do outro lado dela, Chelsea e Mike estavam se agarrando.



CAPÍTULO 12

Hesitante, Violet se aproximou da delegacia de polícia. Já tinha estado ali dezenas, talvez centenas de vezes antes. Seu tio Stephen era o chefe de polícia em Buckley, então seria um lugar difícil de ser evitado. Mesmo assim, seus passos eram lentos.

Atravessou as portas da frente, esperando que o lugar estivesse vazio em uma tarde de domingo. Ou *torcendo*, pelo menos.

Em vez disso, havia quase tanta atividade em um fim de semana quanto durante a semana. Encontrou diversas faces familiares, e alguns ecos igualmente identificáveis — os tipos de marcas que os homens da lei às vezes carregam. Entre eles o gosto pungente de dente-de-leão que soube imediatamente ser o tio.

— Oi, tio Stephen — disse Violet, quando o viu. — Tia Kat me disse que você estava aqui. Espero que não tenha problema eu ter vindo.

— Claro que não. Encontro você no meu escritório. — Apesar de Violet conseguir ouvir o calor no tom dele, reconheceu também a preocupação.

Quando ele fechou a porta após entrar, seu comportamento mudou e a expressão se tornou preocupada.

— Tudo bem, o que houve? Você detesta vir aqui. — Sentou-se atrás da escrivaninha.

Violet estremeceu.

— Não *detesto*...

Ele a interrompeu.

— Não me venha com essa. Você detesta, e sabe disso. Então, por que está aqui?

Queria contar para ele, conversar sobre tudo que tinha acontecido... o menininho na orla de Seattle, a gata morta que encontrara no jardim, as visitas de Sara Priest e Rafe. Essas eram as razões pelas quais tinha vindo. Precisava da

ajuda, do conselho dele. Mas agora que estava sentada diante dele, olhando em seus olhos, não conseguia.

Ele era o chefe de polícia, sim, mas era também o irmão do seu pai. E por causa dela agora carregava a marca de um assassinato, justificável ou não.

Já não tinha causado dor suficiente aos familiares?

Seu sorriso estava trêmulo.

— Queria ver se podia pegar alguns daqueles distintivos adesivos que vocês distribuem para as crianças. Gosto de chatear Jay pela paixãoite que ele tem por você.

A risada do tio encheu o escritório apertado.

— Você é terrível, Vi. Age mais como a sua tia Kat a cada dia. Tem feito aulas com ela? — Mas ele já estava mexendo na gaveta e pegando uma pilha de adesivos. Deslizou-os por cima da mesa. — Como ele vai parar de ficar tão agitado quando eu estiver por perto, se você não parar de provocar?

Desta vez o sorriso de Violet foi verdadeiro.

— Dê um tempo a ele, tio Stephen; ele vai relaxar. Só está agradecido, nada mais. — Guardou os adesivos no bolso, sentindo-se como uma covarde.

Não se incomodou em dizer ao tio — mais uma vez — que tinha tanta gratidão quanto Jay, pois ele já sabia. Jamais poderia retribuir.

Ficou olhando para ela por um instante, examinando-a.

— Bem, obrigada — disse, apontando para o bolso, tentando pensar em mais alguma coisa para dizer, algo que a impedisse de se sentir tão incapaz. — Acho que vou deixá-lo voltar ao trabalho.

Ele a levou para fora, e, uma vez na calçada em frente à delegacia, a abraçou. Ela se encolheu contra o gosto amargo que invadiu sua boca ao ser abraçada.

O tio deu um beijo em sua cabeça.

— Amo você, garotinha. Se um dia precisar conversar, estou aqui.

Violet olhou para ele, sabendo que o tio desconfiava de que ela tinha vindo por muito mais do que apenas adesivos. E se sentindo mal por não ter conseguido confiar nele.

— Obrigada, tio Stephen. Também amo você.

Fechou a porta do carro e ligou o motor antes de pegar o celular. Clicou nas ligações perdidas e passou pelos números antes de apertar “enter”.

Depois de dois toques, a ligação foi atendida, e Violet falou, com a voz trêmula, porém resignada.

— Aqui é Violet Ambrose — disse à pessoa do outro lado da linha. —

Acho que precisamos conversar.

★ ★ ★

Violet ficou do lado de fora de seu cemitério particular quando as primeiras estrelas despontaram no céu. O bosque além se tornara uma coleção de sombras, uma colagem de carvões e cinza. Estremeceu, mas não por causa do frio. Seu casaco estava quente o suficiente; era a dúvida que a abalava agora.

Examinou os marcadores feitos a mão, lápides que ocupavam o chão diante dela. Por que alguns corpos — como esses, como as meninas do ano passado e o menino da orla de Seattle — a chamavam enquanto outros a deixavam quieta? Por que alguns corpos *precisavam* tanto ser descobertos a ponto de lhe causarem dor física?

Violet tinha suas desconfianças — especulações, na verdade — de que tinha alguma coisa a ver com a brutalidade das mortes. E com vidas inacabadas. E parecia, pelo menos até agora, que corpos humanos chamavam mais que os dos animais.

Mas não havia como ter certeza; não parecia haver regras específicas. Até agora tudo o que tinha eram palpites e teorias.

Abraçou a si mesma, ouvindo o ruído estático que os corpos reenterrados do seu cemitério emitiam, o zumbido satisfatório de paz enquanto os ecos se misturavam. Ajustou-se sobre ela enquanto se mantinha em silêncio, imóvel.

Continuava irritada por não ter tido coragem de falar com o tio hoje. Deveria ter dito tudo a ele; detestava guardar tantos segredos. Mas odiava mais ainda sua família — e Jay — ter que se preocupar com ela como já tinha acontecido antes, quando um assassino a caçara. Não suportaria causar esse tipo de dor outra vez.

Não, decidi. Cuidaria disso sozinha, pelo menos enquanto ainda conseguia.

O corpo do menino fora recuperado; não havia mais nada que pudesse fazer por ele.

A gata morta foi algo perturbador, e ameaçador, mas até agora o único recado que recebera. Talvez fosse apenas alguma brincadeira doentia.

E Sara Priest era apenas uma mulher do FBI que queria conversar com Violet. *Conversar*. Podia fazer isso sem ter que dar a mão para os pais, não podia?

Então, por que se sentia tão culpada por não contar a eles? Por que seus segredos pareciam mais com mentiras?

E, então, havia Rafe. Sabia que Jay ainda estava chateado com ela por não ter explicado de quem se tratava depois que ele apareceu no cinema na noite anterior; por que outro motivo não teria telefonado do trabalho hoje? Sempre ligava.

Soprou os dedos congelados ao virar de costas para o cemitério, seus pés quebrando o gelo que cobria a grama.

Torceu para que, depois do dia seguinte, tivesse algumas das respostas que vinha procurando.



CAPÍTULO 13

O estômago de violet estava embrulhado ao entrar no elevador no estacionamento. Este era o tipo de lugar que causava pesadelos a uma garota. Ao menos, às garotas que podiam sentir marcas de assassinos.

Este era *exatamente* o tipo de lugar que Violet normalmente evitava — hospitais, necrotérios e delegacias de polícia. Até mesmo lojas específicas para caçadores.

E escritórios do FBI.

Não que tivesse tido muita escolha.

Violet tinha a impressão de que Sara FBI não estava planejando deixar o assunto de lado.

A subida de elevador incomodou seu já perturbado estômago, e ela lutou contra uma nova onda de náuseas. Inclinou a cabeça para trás contra a parede fria de aço e respirou fundo diversas vezes, preparando-se contra os impulsos sensoriais esmagadores que imaginava esperarem por ela, os que somente ela podia decifrar.

Quando as portas se abriram, foi parar em um pequeno saguão, cheio de detectores de metal e seguranças armados.

Até aqui tudo bem, pensou Violet, relaxando apenas um pouco quando seus sentidos permaneceram inabalados. Os seguranças, obviamente, nunca precisaram atirar em ninguém no trabalho. Pelo menos não em ninguém que tivesse morrido.

Violet secretamente zombou de si mesma por ser tão medrosa. Com alguma sorte, entraria e sairia rapidamente. Conseguiria fazer isso.

O prédio do centro era basicamente o que Violet imaginara. Tinha visto filmes de ação suficientes para ter um retrato na mente, e este lugar se encaixava direitinho. Talvez um pouco mais árido do que esperava e um pouco mais silencioso e tranquilo, mas, fora isso, bastante governamental.

Infelizmente nenhuma dessas observações deixou Violet mais confortável.

Após apresentar a identidade e passar pela segurança, um dos guardas chamou Sara Priest para informá-la de que Violet havia chegado.

Os saltos de Sara estalaram no chão quando ela saiu para encontrar Violet no saguão, e novamente Violet ficou embasbacada pelo quão imaculada Sara era — a epítome do que deveria ser uma agente do FBI. Só faltavam os óculos escuros.

Sua saudação foi um breve:

— Que bom que veio.

Pularam a parte do papo-furado enquanto Sara silenciosamente levava Violet por um corredor de escritórios e cubículos. Os escritórios eram como os de qualquer outro edifício, quietos, e até mesmo chatos, exceto que o fato de estar ali fazia a cabeça de Violet latejar.

Quando entraram na pequena sala de reuniões, Sara fechou a porta e puxou uma cadeira, oferecendo-a a Violet.

— Posso oferecer alguma coisa para beber? — perguntou Sara, a voz sugerindo que estava fazendo um esforço, pelo menos, para ser educada.

Mas Violet ainda estava irritada por ter sido obrigada a vir, e havia decidido por uma abordagem diferente. Algo menos civilizado. Balançou a cabeça, cruzando os braços, teimosa.

Sara tomou o assento diante de Violet. Ao sentar, o casaco se abriu e Violet viu o cabo da arma, no coldre, em uma tira de couro que usava. Ver a arma abalou a determinação de Violet.

Aquilo não era um jogo, a arma lembrou-a, e fazer beicinho não facilitaria as coisas. Violet descruzou os braços.

— Srta. Ambrose, posso ser brusca? — Sem dar a Violet uma chance de responder, Sara FBI continuou: — Esta reunião tem menos a ver com o menininho do que tem a ver com *você*.

E, simplesmente assim, conquistou o interesse de Violet.

— Aliás, seu depoimento é uma mera formalidade que provavelmente será arquivada e esquecida. — Inclinou-se para a frente então, cerrando os olhos enquanto observava Violet de perto. — Eu, contudo, estou fascinada. — Deixou as palavras pairando entre as duas.

— Sério? — Violet limpou a garganta, fazendo o possível para soar indiferente.

Sara assentiu e se inclinou para trás, cruzando os braços casualmente.

— Então, diga-me. Como funciona?

Só podia estar blefando.

— Não sei do que está falando. — Por que esta frase estava começando a soar tão familiar? Tinha a sensação de que toda vez que estava com aquela mulher repetia exatamente essas palavras.

— Vamos, Violet. — E, de repente, voltaram a se tratar pelo primeiro nome. — Sabe o que quero dizer. De algum jeito, quando mais ninguém no país conseguia, você encontrou o garotinho. E como não podia *vê-lo*, e certamente não o ouviu, deve haver outra coisa. Algo... *especial*... em você.

Violet cerrou os punhos com muita força sob a mesa ao se inclinar para a frente. Tentou parecer confusa. Desejou que houvesse premiações para encenações na vida real, pois achou que estivesse executando um ótimo trabalho.

— Tipo o quê? — suspirou, tentando imitar as expressões confusas que já tinha visto tantas vezes no rosto de Claire. Com a diferença de que as da amiga eram verdadeiras.

Sara fez uma pausa, e ocorreu um instante desconfortável durante o qual Violet pensou que a mulher pudesse estar duvidando dela mesma. Em seguida, Violet observou enquanto a incerteza se transformava em outra coisa. Uma nova tática.

— Muito bem. Vejo que não se sente muito confortável falando sobre isso. — A voz de Sara, de repente, se tornou suave, suave demais, e deixou Violet ainda mais desconfiada. — Claramente, começamos com o pé esquerdo...

Violet interrompeu com um som que foi meio risada, meio bufada.

— Você acha?

Sara parou e olhou fixamente para Violet. Em seguida, o canto de seu lábio se curvou em um sorriso. Um sorriso de verdade. Sara suspirou ao tirar o casaco, colocando-o sobre a cadeira. Balançou a cabeça, encontrando o olhar de Violet.

— Que tal começarmos outra vez? Por que não falo um pouco de mim? — O tom era mais próximo de genuíno, quase sincero. — Tem certeza que não quer água nem nada?

— Estou bem — Violet respondeu novamente. Apesar de se sentir relaxando, ainda queria acabar com aquilo.

Sara assentiu.

— Sou uma ex-agente do FBI que agora trabalha como consultora para eles. Ocasionalmente, com outras agências também. Sou o que chamam de uma pessoa que traça perfis, uma psicóloga forense. O que, basicamente,

significa que tento entrar na cabeça dos bandidos. Neste caso específico, fui chamada quase imediatamente para ajudar a encontrar o sequestrador, o homem que havia levado o menininho que você... *descobriu*. — Passou pela palavra rapidamente e continuou falando: — É meu trabalho determinar que tipo de pessoa faria uma coisa daquelas, e por quê. E, com sorte, impedir que aconteça novamente.

Violet ficou confusa. Entendeu as palavras, mas havia alguma coisa que não compreendia, algo importante. E não achava que fosse algo que pudesse ser ignorado.

— Então, não trabalha de fato para o FBI?

Sara Priest balançou a cabeça.

— Nem sempre. Agora trabalho, pelo menos no momento. Mas às vezes trabalho para a polícia de Seattle, ou algum outro departamento. Em raras ocasiões, trabalho até para investigadores particulares ou advogados. Mas na maior parte do tempo é para o FBI.

Violet não sabia ao certo o que isso significava, mas de algum jeito parecia importante. Sara Priest *não era* uma agente do FBI. Isso mudava tudo, não?

— Então foi por isso que não pedi permissão aos meus pais para me interrogar? Significa que eu nem precisava ter vindo?

— Garota esperta — elogiou Sara. — Estava quase esperando que aparecesse com seu tio. — Com o olhar surpreso de Violet, ergueu as sobrancelhas. — Sim, Violet, fiz meu dever de casa. Sei que seu tio é o chefe de polícia. Mas o negócio é o seguinte: só estou interrogando; você não é suspeita de um crime. E está aqui por vontade própria. Eu só *pedi* que viesse. Apesar de bastante tenazmente, admito.

— E se eu quiser me retirar?

Sara Priest permaneceu serena com a ameaça.

— Espero que não o faça. Espero que ao menos me ouça.

Violet continuava incerta, mas já estava lá, e parte dela queria saber onde tinha escorregado, o que havia feito para levantar suspeita sobre sua habilidade.

Deu de ombros.

— Tudo bem, eu acho. Mas posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Por que perguntou sobre meu amigo Mike Russo naquele dia no estacionamento?

Sara não hesitou e não precisou de maiores lembretes; sabia do que Violet estava falando.

— Achei que o tivesse reconhecido. De um caso em que trabalhei há mais ou menos dois anos, enquanto ainda estava no FBI. Tive que pesquisar quando voltei, mas estava certa. Era ele.

Violet se inclinou para a frente, interessada.

— Que caso?

— Mike mencionou alguma coisa... sobre a mãe dele...?

Violet balançou a cabeça.

— Bem triste, na verdade. Seu amigo está diferente agora, mais velho, mas jamais o esquecerei. Há pouco mais de dois anos a mãe dele desapareceu. — Franziu o rosto, como se a lembrança ainda fosse fresca. — O marido ficou péssimo. Desmoronou depois que a mulher desapareceu, coitado. E aquelas crianças... — suspirou. — Fiquei surpresa em ver que voltaram para a região. Se eu fosse ele, queria me manter o mais longe possível.

— E nunca a encontrou? — Violet tinha certeza de que já sabia a resposta. Lembrava de Chelsea dizendo que Mike e Megan moravam com o pai; não falou na mãe.

Sara confirmou suas dúvidas.

— Não. Houve uma breve investigação, mas o marido sempre acreditou que ela simplesmente tivesse ido embora. Disse que ela estava sob muita pressão, e não achava que tivesse conseguido suportar mais. Mas nunca me convenci de verdade. Existia um ex-marido abusivo em cena, aparecendo no trabalho dela, tentando reconquistá-la, mesmo tantos anos após o divórcio. Nunca consegui interpretá-lo adequadamente, mas no fim das contas não havia provas suficientes, então não pudemos acusá-lo.

— O que Mike e a irmã achavam?

Sara deu de ombros, contraindo os lábios.

— Nada, até onde sei. Eram apenas crianças; nunca houve razão para envolvê-los, principalmente porque a investigação sobre o ex não estava indo a lugar nenhum. Os interroguei brevemente, mas duvido que eles soubessem que eu desconfiava de um crime. — Olhou para Violet. — Mesmo assim, gostaria de ter certeza.

Aquela sensação arrepiante estava de volta, a sensação de que Sara estava pedindo alguma espécie de ajuda de Violet, e Violet se sentiu recuando, se afastando. Não estava pronta para isso. Pelo menos não ainda.

Sara deve ter percebido e rapidamente mudou de assunto.

— Como eu estava dizendo antes, às vezes, como parte do meu trabalho, encontro pessoas que ligam com pistas por vários motivos. Geralmente, essas

pistas não dão em nada; as pessoas veem o que querem ver. Na maioria das vezes só querem ajudar, mas muita energia é desperdiçada. Mas sua *pista* se provou muito valiosa. — Sara assentiu para Violet. — Obrigada, a propósito. Às vezes o *não saber* é a pior parte para as famílias. Você deu à família daquele garotinho o encerramento de que precisavam.

Violet permaneceu em silêncio.

— Sei que não confia em mim, e não tem problema. Não dei motivo nenhum para confiar e peço desculpas por isso. Mas minhas razões para procurá-la, para tentar falar com você, são boas.

Ela se inclinou para a frente outra vez; seus olhos estavam aguçados como os de uma águia agora, e miravam Violet. Continuou:

— Trabalho com certas pessoas, Violet. Pessoas com... talentos incomuns, pode-se dizer. *Aptidões não convencionais* que podem ser consideradas extremas por alguns, talvez até peculiares. Alguns dos meus colegas acham uma grande besteira, mas já vi funcionar. Já vi essas pessoas em ação. — Esperou um pouco antes de prosseguir. — Poderia entender se alguma pessoa com uma forma *alternativa* de enxergar o mundo desejasse guardar para si esse segredo, por quaisquer que fossem as razões. Razões que talvez só ela entenda.

O clique suave na porta as interrompeu, e Violet ficou agradecida pela intromissão. Estava com os punhos cerrados no colo, as palmas suando.

Não sabia por quê, mas ficou surpresa quando viu quem era.

Rafe colocou a cabeça para dentro ao falar calmamente com Sara.

— Estamos prontos quando estiver.

— Se Violet o achou fora do lugar no campus da escola, não foi nada comparado a quão deslocado parecia no mundo dos escritórios do FBI.

— Nos dê um minuto — respondeu Sara, e um olhar silencioso passou entre eles, deixando Violet com a impressão de que se entendiam com facilidade, com poucas palavras.

Nem olhou para Violet antes de fechar a porta outra vez.

Mas Sara a examinava.

— Alguma coisa do que eu disse faz sentido para você?

Violet assentiu. Entendia perfeitamente — tanto as implicações ditas quanto as não ditas.

Sara estava *contando* a Violet que sabia que ela era especial. Que sabia que Violet, de algum jeito, tinha encontrado aquele menino de um modo que mais ninguém poderia. Ou, pelo menos, pelo que Sara acabara de insinuar, apenas poucos outros poderiam ter feito.

Mas Violet só estava disposta a reconhecer o significado superficial das palavras de Sara. Violet sentia-se como se estivesse em um precipício estreito, equilibrando-se tenuamente à beira da admissão. E se recusava a dar aquele salto.

— Ótimo. Pode me fazer um pequeno favor? Vai levar apenas um minuto.

— Tudo bem — concordou Violet.

Sara surpreendeu Violet levantando-se para sair.

Violet seguiu enquanto Sara segurou a porta aberta. Tinha reservas quanto a voltar ao corredor, onde a intensidade de impressões parecia mais forte. Felizmente, não tinham que ir longe, e atravessaram outra entrada a poucos passos de distância.

Rafe já estava lá, esperando. Seus olhos azuis encontraram brevemente os de Violet, investigando-a, deixando-a desconfortável outra vez.

Ficou imaginando o que via na expressão dele. Preocupação? Ou talvez curiosidade. Talvez ela fosse algo excêntrico a ser examinado. Violet desviou o olhar antes de conseguir interpretá-lo, isolando-se do desconforto que o breve olhar do menino lhe causava.

Então Rafe se moveu silenciosamente para o canto da sala, tentando ser o mais discreto possível. Ele parecia confortável ali, assistindo em silêncio, e com tudo o que estava acontecendo, Violet se viu esquecendo-se da presença sombria de Rafe quase imediatamente.

Esta sala era diferente da que estava antes, apesar de reconhecê-la imediatamente. Não por experiência pessoal, mas da tevê e de filmes. Era uma sala de observação. O tipo de sala com vidro de uma face que a polícia usava para reconhecimento de suspeitos.

O espaço no qual estavam era pequeno. Menor do que ela imaginava. E escuro. A sala do outro lado do vidro, que enxergava com clareza, era maior e bem mais iluminada.

A cabeça de Violet começou a latejar outra vez, agora de ansiedade. Temia o que aquilo significava, estar ali naquela sala. Não achava que estava pronta para o que Sara tivesse em mente. Seu peito enrijeceu, e sua respiração se tornou superficial.

— O-o... — gaguejou Violet. Não parecia conseguir concluir o que desejava perguntar.

Sara tocou sua mão.

— Tente relaxar, Violet — disse em um tom mais gentil agora. — Vai levar apenas um segundo. Temos uma pessoa de interesse no caso do

assassinato do menino da orla. Apenas olhe para ele. Diga se notar... *alguma coisa* a respeito.

Violet não podia. Não faria. Balançou a cabeça, mas não conseguia verbalizar a recusa.

— Apenas fique. — A súplica de Sara foi suave como um sussurro.

Quando Violet não se opôs — ou melhor, *não pôde* se opor —, Sara assentiu sem dizer nada para Rafe.

Ele saiu da sala e em segundos cinco homens foram dispostos no espaço bem-iluminado do outro lado do vidro.

Violet estremeceu.

Sara olhou para ela, examinando-a.

— Não tenha pressa, Violet. — Calmamente.

— Eu... não posso... — Foi um murmúrio sem nexos.

— Olhe para eles — sugeriu.

Violet estava congelada, com os olhos passando pelos rostos dos estranhos. Diversos dos homens carregavam marcas, alguns mais do que uma. Podia ver chamas ultrapassando a pele dele, calor brilhando sobre ele. O gosto cúprico de moedas invadiu sua boca, e também o de alguma outra coisa, algo amargo que ela não conseguia identificar. E mesmo através do vidro, escutava diversos sons se entrelaçando: as asas de um pássaro batendo freneticamente, o motor abafado de um caminhão grande, uma criança chorando.

Ficou até imaginando se não estava sentindo cheiro de laranja.

Os estímulos eram demais, e Violet não conseguia distinguir um rosto do outro. Em alguns momentos, não conseguia filtrar uma marca da outra. Eram todas distorcidas, uma confusão generalizada.

— Consegue me dizer alguma coisa? — Sara soava distante agora, como se estivesse no fim de um túnel. Violet torceu para não estar prestes a desmaiar.

Balançou a cabeça. Parecia que poderia explodir com a pressão se acumulando dentro do crânio frágil. Seus olhos passaram nervosos de um rosto para outro.

Sara agarrou os ombros de Violet. O toque foi como um solavanco para Violet, arrancando-a do borrão de marcas que a agrediam e dos rostos ainda mais borrados diante dela. Permitiu-se ser virada de costas para o vidro.

Violet sabia que Sara havia entendido errado o que estava passando.

— Sei o que aconteceu com você no ano passado — Sara confortou-a. — E sei que está com medo. Mas não precisa, Violet, prometo. Está completamente segura aqui. Não podem vê-la.

Violet piscou em resposta. Foi tudo o que conseguiu.

— Apenas me diga o seguinte... — pediu Sara, a derrota evidente em suas palavras. — Ele está ali?

Violet olhou de volta, sem realmente olhar. Estava tentando encontrar algo no meio do emaranhado de sensações. Tentou localizar um ruído, único e solitário, entre os outros.

As vibrações melódicas de uma harpa.

Fechou os olhos e balançou a cabeça.

Não estava ali.

Graças a Deus, Violet pensou consigo mesma. Não está aqui.

★ ★ ★

Violet ficou no banheiro por mais tempo do que precisava.

O interior estava frio, e nas paredes isoladas se sentiu mais segura. Mais calma.

Sentia-se grata por ter chegado a tempo, antes de vomitar de fato. Sara a deixara sozinha, e, apesar de haver diversas cabines, não foi perturbada por ninguém.

Violet se inclinou sobre a pia e encheu a boca de água, bochechando e em seguida cuspidando no recipiente de porcelana. Jogou água no rosto, pressionando as mãos nas bochechas rubras e se olhando no espelho.

Qual é o meu problema?, imaginou. *Por que estou tão aliviada por ele não estar ali, na fila?*

Seus olhos pareciam assombrados. Ela se *sentia* assombrada.

Sabia por que: não estava pronta para encará-lo. Não *queria* saber quem ele era. Ou *o que* ele era.

Esperou o máximo que pôde, até passar do ponto em que era estranho ainda estar ali, antes de se forçar a sair novamente.

Rafé estava esperando por ela, parecia aliviado, e Violet tinha a sensação de que ele estava ali, guardando a porta o tempo todo.

— Está melhor? — perguntou suavemente, se mexendo, nervoso.

Violet olhou em volta do corredor, imaginando por que estavam sozinhos agora.

— Sara teve que ir — Rafé respondeu antes que Violet pudesse perguntar. Em seguida, ele entregou a Violet duas pastas de papel manilha antes de levá-

la até o elevador. — Ela pediu para entregar isto, e para você pensar no que ela disse.

— Não posso... — insistiu Violet, tentando recusar.

Mas Rafe ficou com elas estendidas até que Violet finalmente as pegasse.

— Não precisa fazer isso agora, Violet. Apenas olhe quando achar que pode.

Seus olhos escuros sustentaram os dela, e Violet teve a mesma sensação incômoda de quando esteve sozinha com ele no cinema... a impressão de que havia algum tipo de segredo compartilhado entre os dois. Um segredo que nenhum dos dois estava disposto a reconhecer.

Um homem de terno passou por eles no corredor, e Violet o observou passar. Ela o conhecia de algum lugar, mas não sabia exatamente de onde. Ignorou a sensação efêmera de déjà-vu, cansada demais por tudo que havia acontecido para pensar a respeito.

Quando chegaram ao elevador no saguão, Violet ficou aliviada ao ver Rafe desaparecer por trás das portas que se fechavam.

Ela suspirou, inclinando-se pesadamente em uma grade, apoiando a testa na parede de aço. Quando chegou ao seu andar, apressou-se para a estrutura de concreto do estacionamento, ansiosa para alcançar o carro e se afastar de tudo daquele lugar.

À sua frente, um grupo de homens estava reunido, e Violet ouviu trechos da conversa sem querer.

— O que ela estava pensando...?

— ...que perda de tempo...

— ...uma bobagem.

As palavras não teriam significado nada para Violet se não estivessem cercados por outra coisa: as inconfundíveis impressões que pairavam ao redor de suas palavras, ao redor das vozes... *ao redor deles*.

Marcas.

Cores. Sons. Sensações... girando em volta de cada um, e unidas como fios entrelaçados.

Reconhecíveis para ela de uma maneira recente demais em sua memória para serem ignoradas.

Asas de pássaros. Chamas. O choro de uma criança.

Olhou em volta para os rostos, ao passar por eles, lembrando a si mesma de que deveria se manter firme, tentando se concentrar nos passos para não tropeçar.

Os ternos não faziam sentido para ela. Trocou as roupas deles mentalmente. Blusas de flanela. Camisetas. Jeans desbotados.

Em sua mente, acrescentou o homem do corredor, o que havia encontrado na saída.

Então, o que foi tudo? Uma piada? Um truque? *Um teste?*

Ficou imaginando se eles a reconheciam. Se *eles* sabiam quem *ela* era.

Espiou de volta na direção deles mais uma vez ao chegar ao carro. Não pareciam tê-la notado.

Estava com as mãos trêmulas ao entrar e colocar o cinto de segurança. Ligou o carro e saiu do edifício sem prestar atenção nenhuma à direção que estava tomando. Todas as ruas do centro pareciam iguais para ela.

Será que Sara tinha armado para ver se Violet realmente podia fazer o que desconfiava? Será que Violet tinha passado no teste? Fracassado?

Violet cerrou os dentes, com raiva e se sentindo traída, mas sem entender realmente o porquê. Não deveria se importar com o que Sara achava que podia — ou *não podia* — fazer. E, certamente, não era nenhum rato de laboratório para servir de cobaia.

A cabeça estava girando outra vez, o estômago dando cambalhotas violentas.

Dobrou uma esquina e parou em um estacionamento lotado, sem se importar com o fato de que não havia vagas. Abriu a porta do carro e se inclinou para fora, vomitando no asfalto. Ignorou o funcionário da guarita, que começou a olhá-la desconfiado.

Pensou nas palavras que ouviu no estacionamento.

Perda de tempo. Bobagem.

É bobagem, pensou furiosamente. Pelo menos eles não acreditavam em nada. Talvez Sara também não.

Violet sentou-se recomposta e limpou a boca na manga, cuspingo mais uma vez, para tentar se livrar do gosto ruim.

Talvez a deixassem em paz agora.

A não ser que...

Mas o pensamento foi quase excessivo para ser considerado.

E se não tivesse sido reprovada no teste?

E se tivesse passado?



CAPÍTULO 14

Violet vasculhou a geladeira, procurando alguma coisa para comer enquanto tentava se esquecer do que tinha acontecido no escritório do FBI à tarde.

Tentou não pensar nas coisas que dissera, nem nas que não dissera. Lutou para desconsiderar o que sentira e o que ouvira na garagem. Mas, acima de tudo, fez o possível para ignorar as ideias que Sara havia plantado em sua mente.

Sua mãe interrompeu a tentativa de improvisar uma refeição ao aparecer atrás de Violet, espiando por cima do ombro da filha. Não mencionou o horário, nem o fato de que Violet não havia ligado para dizer onde estava ou a que horas voltaria, algo que Violet apreciava mais do que podia expressar.

— Aqui, deixe comigo. — A mãe sorriu, colocando a filha de lado.

Violet esperou para ver onde isso chegaria. Sua mãe não era exatamente... *do lar*. E preparar uma refeição estava em algum lugar no fim de sua lista de fracas habilidades domésticas. Mas ela surpreendeu Violet, emergindo da geladeira com uma caixa de ovos e um pacote de bacon.

— Que tal café da manhã para o jantar?

Violet sorriu em resposta.

Café da manhã no jantar era uma de suas refeições preferidas desde a infância. Panquecas, ovos, torrada... até cereal de algum jeito tinha um gosto melhor quando servido no outro extremo do dia.

— Com certeza — concordou Violet. — Quer ajuda?

A mãe a espantou, exatamente como quando ela era pequena e vivia em volta.

— *Psst*. Vá sentar. Não é todo dia que posso preparar jantar para a minha filha.

Isso é um eufemismo, pensou Violet ao puxar uma cadeira, apoiando o

queixo na mão.

— Na verdade, mãe, poderia ser. Ainda moro aqui, sabia?

A mãe lançou um olhar de punição na direção de Violet enquanto quebrava os ovos em uma vasilha.

— Poderia, espertinha. Você tem sorte de eu pelo menos cozinhar.

— Sorte, *hmmm*? Não exatamente a palavra que eu teria utilizado.

A mãe jogou uma toalha de mão para ela e em seguida começou a procurar pelas gavetas, parecendo perdida na própria cozinha. Violet assistiu, sorrindo para si mesma enquanto a mãe se frustrava mais e mais, procurando nas mesmas gavetas repetidamente. Finalmente, Violet decidiu ajudá-la.

— A batedeira está no balcão. No recipiente de cerâmica... no recipiente que *you* fez.

A mãe parou de procurar na gaveta e soltou as mãos em sinal de derrota.

— Obrigada — suspirou.

A mãe de Violet era uma artista incrível, um talento não descoberto perdido na cidadezinha obscura onde moravam. Seus quadros enfeitavam as paredes da casa onde moravam, juntamente com os desenhos. Mas, acima de tudo, tinha o dom de trabalhar com argila, o que era evidente nas vasilhas cuidadosamente fabricadas, vasos e potes de cerâmica pela casa.

Violet não era criativa, pelo menos não como a mãe.

Tinha uma habilidade diferente.

Uma que, aparentemente, era útil ao FBI... ou pelo menos para a consultora deles.

Afastou o pensamento indesejado enquanto a mãe colocava um prato de ovos mexidos, bacon e torradas diante dela. Engraçado como uma coisa tão simples quanto uma refeição de infância preparada pela mãe podia fazer tudo parecer tão... tão *certo* outra vez.

Comeu apressada, não porque tinha que estar em algum lugar, mas porque cada garfada deixava o estômago mais estável. Durante a volta para casa a náusea fora substituída por uma sensação de vazio completo. Como se houvesse um buraco no lugar do estômago.

Violet não percebera o quanto estava perdida nos próprios pensamentos até ouvir a voz da mãe e perceber que ela estava sentada ali ao lado o tempo todo.

— Tudo bem? — a mãe perguntou quando Violet comeu mais um pedaço.

— Perfeito — respondeu Violet, e tomou o copo de leite. — Era

exatamente do que eu precisava. Obrigada, mãe.

— Sem problemas. Mas não foi o que quis dizer. Quero saber, está tudo bem? *Você* está bem? Parece chateada. — A mãe esticou o braço e tocou uma mecha de cabelo de Violet, girando um cacho longo no dedo e em seguida o soltando. O olhar em seu rosto era compreensivo, convidativo. Fazia séculos que Violet não se abria com ninguém.

Mas o que esperava? Deveria ter sabido que a mãe ia perceber tudo. Ela sempre parecia saber quando algo a incomodava.

Violet suspirou, pensando que apenas dispensaria, manteria as preocupações enterradas. Mas, em vez disso, se ouviu perguntando:

— Por que sempre foi um segredo tão grande? — E quando não teve certeza de que a pergunta tinha sido clara, explicou: — Você sabe... a coisa... que eu faço com os corpos? Por que você e o papai sempre esconderam tanto?

— *Hummm*. — A mãe assentiu como se entendesse completamente. — Sempre aguardei quando perguntaria isso.

— Sério?

— Sério. Estou surpresa por nunca ter surgido o assunto antes. Pensei que no ano passado, quando tudo aconteceu, que você fosse querer conversar a respeito. Mas nunca quis. Sempre foi tão forte, tentando guardar os sentimentos para si. — Sorriu atenciosa para a filha. — Que bom que quer conversar agora.

Violet não estava tão confiante, e falar sobre sentimentos — compartilhá-los — a deixava desconfortável. Tinha um desejo esmagador de retirar a pergunta, de esquecer que sequer havia tocado no assunto.

Mas a mãe tomou a decisão por ela.

— Nunca foi para ser segredo, Vi. Queríamos protegê-la, é claro, mas queríamos que fosse uma escolha sua. *Para quem* contaria, o quanto contaria. E quando. Nunca foi algo *nosso* para compartilhar. Decidimos cedo que esperaríamos até que você pudesse tomar essas decisões sozinha. Não temos problemas com pessoas sabendo, ou não sabendo, se for o que quer. — Pegou a xícara de chá, uma coisinha antiga e bonita, e tomou um gole.

Violet pensou a respeito. Não era exatamente o que esperara ouvir. Por algum motivo, sempre achou que devesse manter o segredo por perto, guardá-lo.

— Vovó alguma vez contou para alguém? — De repente ficou curiosa sobre como as antecessoras cuidaram da habilidade herdada. Sabia que a avó,

pelo menos, compartilhara do talento.

As sobranceiras da mãe se ergueram, e então ela riu.

— Sua avó contava para todos que a ouvissem, e para alguns que não a ouvissem, também. Uma vez me contou que quando era pequena a professora a fez voltar para casa por contar histórias sobre encontrar animais mortos. Claro, sua avó nunca encontrou um corpo *humano*. — Esticou a mão e tocou a bochecha da filha.

— Então, por que acha que *você* não... sabe, herdou?

A mãe deu de ombros, com um sorriso brincalhão se formando nos lábios.

— Falta de sorte, suponho.

— Que seja — murmurou Violet, escarnecendo da ideia de que de algum jeito tinha sido abençoada com a *boa sorte* de conseguir localizar corpos descartados. Mas, então, pensou na tarde bizarra nos escritórios do FBI. — Então, *você* contaria a alguém, se estivesse no meu lugar?

A mãe se levantou da mesa, tirando as louças.

— Eu pensaria em *por que* estava fazendo, se havia algum propósito em alguém saber, em seguida faria o que meu coração mandasse — respondeu a mãe ao colocar as louças na pia. Deu uma piscadela para Violet. — Sei de uma coisa, querida. Não tenho dúvidas de que tomará a decisão correta, independente do que decida fazer.

Em seguida saiu da cozinha, deixando Violet com mais perguntas do que antes. De algum jeito esperava que a mãe confirmasse o que sempre pensou: que se tratava de um segredo. E que deveria permanecer assim.

Em vez disso, sua cabeça se encheu de novas possibilidades. Sobre contar para mais alguém. Sobre ajudar o FBI. Sobre caçar assassinos propositalmente.

Era muito para uma menina considerar. E, por agora, pelo menos, estava física e emocionalmente esgotada demais para se preocupar com isso.

Apagou as luzes para ir para o quarto.

★ ★ ★

Por mais cansada que estivesse, Violet não queria dormir imediatamente. Em vez disso, deitou na cama, esticada, de bruços, olhando para as pastas que Sara pedira a Rafe para lhe entregar.

Sabia o que Sara esperava, é claro, o que achava que Violet poderia fazer com uma pilha de fotos e relatórios policiais. Achava que Violet era alguma

espécie de médium. Sara achava que Violet poderia resolver mistérios só de tocar nas provas reunidas.

Se ao menos fosse tão simples assim.

Violet pegou uma das duas pastas, a com o caso do garotinho. Passou o dedo sobre a foto, traçando a linha da boquinha dele, imaginando como alguém poderia machucar uma criança. Violet sentiu uma sombria pontada de tristeza no peito. Ele era tão novo, tão inocente!

Fechou a pasta e abriu outra.

Dentro havia a foto de uma mulher. De acordo com o arquivo, chamava-se Serena Russo — mãe de Mike. A foto não era atual; mesmo há dois anos, seria antiga, como se tivesse sido retirada de um porta-retratos pendurado na casa da família. Era desbotada, e a roupa há muito estava fora de moda, mas ela sorria. Estava feliz quando a foto foi tirada.

Havia outras duas fotos na pasta, ambas de ocorrências mais antigas do que o desaparecimento de Serena Russo. Ambas tiradas depois dos maus-tratos do primeiro marido. Nelas, o rosto estava machucado, os olhos, inchados, os lábios, sangrentos.

Violet virou as fotos da mulher ferida, sem conseguir olhar para elas por muito tempo.

Ficou arrepiada ao observar para a foto do responsável. Olhou para o nome dele: Roger Hartman. Casualmente, notou o endereço e ficou espantada ao constatar que ficava a apenas uma hora de onde morava.

Violet podia entender por que Sara acreditava que aquele homem podia ser o culpado pelo desaparecimento da moça, e ficou imaginando exatamente do que Sara realmente desconfiava. Será que achava que a mãe de Mike estava morta? Que tinha sido assassinada pelo ex-marido abusivo?

Parecia injusto que ele pudesse continuar como se nada tivesse mudado, quando a família Russo fora destruída.

De repente, Violet se lamentou por não poder ajudar, por não poder fazer nada para acalantar o vazio que Mike e a irmã deviam sentir pela ausência da mãe. Para suavizar o fardo que o pai devia sentir sem a esposa.

O não saber, como Sara havia descrito.

Fechou a pasta e colocou as duas na mochila.

Violet desejou que pudesse ajudar, desejou que pudesse fazer alguma coisa para dar alguma sensação de encerramento para a família de Mike.



GULA

Ela detestava o som de vidro de uma garrafa. Nunca era um bom som, principalmente à noite.

Era o ruído do seu pai.

Sozinha, no escuro do próprio quarto, queria gritar. Sentiu como se fosse engasgar com a voz que mantinha presa na garganta e que queria desesperadamente soltar.

Escutou os calçados pesados de trabalho passando pelos tacos do chão da sala, imaginando pela milionésima vez por que a mãe tinha ido embora, e não ele. Por que não podia ter sido ele a abandonar a família?

Quase pior do que o barulho da garrafa, no entanto, era o medo que a engolia por dentro durante aqueles instantes antes de ele voltar para casa a cada noite, enquanto esperava para ver que homem ele seria, que pai entraria pela porta ao final do dia. Porque agora estava convencida de que não eram o mesmo, o velho pai e este novo homem que ocupava um lugar na casa deles. Seu verdadeiro pai havia ido embora — junto com a mãe —, deixando-a com este novo homem, que só na aparência parecia o pai de outrora.

Havia aprendido que alguns monstros não eram de mentira.

No entanto, havia sempre aquele instante fugaz, independente do quanto resistisse, em que torcia para não ser ele. Que, em vez dele, seu verdadeiro pai entrasse pela porta. Que houvesse voltado para casa, afinal.

Mas ele nunca voltava.

O verdadeiro pai se fora. E em seu lugar deixara alguém arredio e amargo. E raramente sóbrio.

Ela era sozinha de maneiras que ninguém jamais poderia entender.

Esforçou-se para escutar, agarrando-se às cobertas enquanto se encolhia e esperava que os ruídos no outro quarto se estabilizassem mais uma vez. Ouviu o barulho de mais uma garrafa. Logo, ele estaria dormindo.

Com o alívio vinha o ódio.

Odiava o pai, o homem que havia se tornado.

Detestava a mulher que lhe dera a vida e em seguida a deixara para trás, abandonando os filhos quando mais precisavam dela.

Havia outras pessoas que detestava, outros que tinham o que ela não tinha, outros que tinham as coisas que ela mais queria neste mundo. Mas principalmente odiava a si mesma por não ser forte o suficiente para se salvar. Não ainda.

Mas algum dia seria. Não ficaria aqui para sempre; a convicção daqueles pensamentos solitários lhe dava força.

No fim encontraria uma saída.



CAPÍTULO 15

Violet não sabia ao certo o que estava fazendo ali; só sabia que não queria ficar em casa, sozinha com seus pensamentos.

Estava dirigindo pela cidade por cerca de uma hora, tentando ser engolida pela noite, se perder nela. Era seu horário preferido para dirigir, quando as ruas estavam praticamente desertas.

A chuva batia no para-brisa, borrando as luzes lá de fora, deixando-as como piscinas de reflexo, ampliando seu senso de isolamento.

Era um bom horário para pensar.

No sinal vermelho de um cruzamento de quatro vias parou o carro completamente, apesar de não haver outros carros esperando. Parecia que até mesmo quando ninguém olhava estava sempre seguindo as regras, sempre tentando fazer a coisa certa.

Desejou saber qual era a coisa certa, agora, o que deveria fazer em relação à proposta de Sara de utilizar seu dom para ajudar os outros. Violet nem sabia ao certo se era uma oferta séria, ou apenas uma investida de uma observadora atenta. Provavelmente, o fato de Sara ter deixado as pastas para que ela olhasse significava que estava falando sério.

Mas havia outras opiniões a se considerar; tinha ouvido os agentes no estacionamento:

Bobagem, declarou um deles.

Uma perda de tempo, dissera o outro.

Eles eram homens com distintivos, investigadores experientes. E *eles*, certamente, não achavam que o FBI precisava do tipo de assistência proporcionada por Violet.

Talvez tivessem razão.

Violet não sabia. Havia passado tempo demais escondendo o que conseguia fazer, e a ideia de revelar a qualquer um, que não fosse Jay e a família, ia

contra tudo em que sempre acreditou.

Era um segredo... *seu segredo*. Como poderiam querer que dividisse isso?

Exceto, que não precisava ser segredo.

A frustração prejudicou seu julgamento. Percebeu que ainda estava sentada no sinal flamejante, esperando algo acontecer.

Mas não haveria sinais, nem respostas fáceis.

Não queria continuar dirigindo sem rumo; precisava ir a algum lugar... mesmo que fosse somente a sua casa.

Ela suspirou, tomando sua primeira verdadeira decisão em dias.

O carro rugiu como sempre, assegurando-a de que ainda estava viva e tinha feito uma curva ilegal no meio da estrada deserta. Gostava um pouco de fazer algo que não deveria, ainda que fosse apenas uma violação de trânsito. Fazia com que tivesse a sensação de que estava quebrando regras sem motivo algum.

Virou na rua de Jay, desligando os faróis. Não precisava deles; poderia ter feito o percurso com os olhos fechados.

Não era a primeira vez no dia que se perguntava o que estava fazendo. Não sabia ao certo por que havia decidido ir, mas sabia uma coisa:

Precisava ver Jay.

Desligou o motor e saltou na chuva, passando furtivamente pela lateral da casa dele. Bateu suavemente na janela do quarto e esperou. Após alguns longos segundos, quando estava prestes a bater outra vez, as cortinas se abriram.

Quando a viu, ele sorriu.

Imediatamente, tudo pareceu melhor. Seus nervos à flor da pele foram acalentados. Tinha feito a coisa certa vindo ali.

Jay abriu a janela.

— Vá até a porta. Vou abrir para você. — A voz soou calma e lenta, de sono.

— Não — sussurrou de volta. — Você vem aqui.

Jay não discutiu.

— Deixe apenas eu vestir uma calça. Já vou.

Violet observou enquanto as cortinas caíam de volta no lugar. A luz não foi acesa, mas em poucos segundos ele estava pulando a janela. Sorriu para ela ao tocar no chão.

— O que está fazendo aqui? — A envolveu nos braços como se de algum jeito pudesse protegê-la da chuva que caía sobre eles. Não reclamou do clima.

Violet se soltou, apenas o bastante para conseguir olhar para ele. Vê-lo

fazia as outras coisas parecerem menos... *importantes*. Menos perturbadoras.

— Quer ir para algum lugar?

Violet balançou a cabeça.

— Podemos só conversar?

— Claro. — Deu de ombros casualmente, mas Violet pôde ler a preocupação na expressão dele.

A seguiu até o carro, e entraram.

Violet não ligou o motor; preferia o silêncio. O ruído suave da chuva batendo no carro criava uma trilha sonora repousante para seu humor. Jay esticou a mão e limpou as gotas de chuva da bochecha dela, tirando os fios de cabelo do rosto. Violet pegou a mão dele e segurou enquanto esperava pela chegada das palavras certas.

Jay não a apressou.

Devia tantas explicações a ele que parecia tolice se preocupar com inseguranças infantis. A voz dela era suave.

— O que pensou quando contei sobre os animais que encontrava?

Ele pareceu confuso. Obviamente, não era o que esperava.

— Violet, eu tinha sete anos. Achei incrível. Acho até que tive inveja.

Ela fez uma careta para ele.

— Não achou esquisito?

— Achei — concordou, entusiasmado. — Por isso tive tanta inveja. *Eu* queria ser a pessoa que encontrava corpos. Você era como um detetive de animais ou coisa do tipo. Só era *estranha* porque era uma menina. — Sorriu. — Mas aprendi a ignorar isso, porque você me levava em aventuras legais.

Violet soltou a respiração, sorrindo. Sabia que ele estava falando a verdade, o que tornava mais engraçado ainda o fato de estar contando aquilo em voz alta. Claro, que garoto não gostaria de cavar no meio do bosque?

Tentou outra vez.

— Alguma vez contou para alguém? Sua mãe sabe?

Ele levantou a mão de Violet até a boca e encostou seu lábio inferior nos dedos dela.

— Não — assegurou. — Jurei que não contaria, nem para ela. Acho que ela sabe de alguma coisa, ou pelo menos acha que você tem a pior sorte do mundo, considerando que encontrou todas aquelas meninas mortas. — Diminuiu a voz. — Ela se preocupou muito com você depois do tiroteio ano passado. Você é como uma filha para ela. — Inclinou-se para perto. — Claro, isso torna tudo esquisito quando faço coisas assim.

Ele a beijou. Foi íntimo. Não foi suave, nem doce dessa vez, foi profundo e apaixonado, arrancando o fôlego de Violet. Ela pôs as mãos no peito dele, saboreando a sensação dos batimentos cardíacos dele em suas mãos, em seguida deslizou as pontas dos dedos até o pescoço dele, para o cabelo.

Ele a puxou por sobre o console que os separava, arrastando-a para o colo. Ele passou as mãos pelas costas dela, incansavelmente, puxando-a para o mais perto possível.

Era realmente impossível para ela se afastar.

— Espere — ela pediu, sem fôlego. — Por favor, espere. — Estava com as mãos nos ombros dele, lutando mais contra si do que contra ele.

Os olhos acetinados de Jay a provocaram.

— Pensei que eu que deveria dizer não. Sou a garota, certo?

Violet suspirou forte, encostando a cabeça no ombro do namorado, tentando recobrar os pensamentos em fuga. Ainda queria conversar. Queria fazer outras coisas também, mas precisava primeiro organizar os pensamentos.

— Desculpe, é só... tenho muita... — deu de ombros. A camiseta molhada estava morna e era fina como papel, tentando-a a tocá-lo. Passou os dedos pela barriga dele. Sabia que não era justo provocá-lo, mas não conseguia evitar. Ele era tentador demais. — ...tenho algumas coisas para resolver. — Foi a melhor explicação que conseguiu.

Jay pegou a mão dela antes que chegasse até a cintura, e a segurou com firmeza.

— Estou tentando ser paciente, Violet, de verdade. Se tem alguma coisa que queira me contar... Bem, gostaria que confiasse em mim.

— Vou chegar lá — explicou. — Vou conseguir. Só estou um pouco confusa agora.

Ele soltou um suspiro vacilante, e beijou a cabeça dela, ainda sem soltar sua mão.

— Então, quando chegar, retomamos de onde paramos.

Violet assentiu. Achou que fosse continuar falando; ainda tinha muitas dúvidas quanto ao que deveria e o que não deveria fazer.

Mas, em vez disso, ficou ali, encolhida no colo dele, absorvendo-o, encontrando alívio em seu toque... e força em sua presença.



CAPÍTULO 16

— **E**stá parecendo uma linda maluca — Chelsea disse a Violet ao se colocar ao lado dela no corredor. — Ouvi dizer que faltou o primeiro tempo; pensei que talvez fosse ficar em casa.

— Muito obrigada, Chels — Violet respondeu, irritada. — Perdi a hora e tive que praticamente ultrapassar todos os limites de velocidade para chegar a tempo para a segunda aula.

Chelsea fez uma careta.

— *Por favor*, você dirige como a minha avó! Não ultrapassou limite nenhum.

Violet não conseguia mentir:

— Não. Não ultrapassei. Mas escrevi meu próprio bilhete de atraso.

— Só porque sua mãe deixou. Disse que teve dor de barriga?

— Não, só que perdi a hora.

— Deveria ter dito que teve dor de barriga. Ou, no mínimo, cólica menstrual, pois teria se livrado da aula de educação física. Matava dois coelhos com uma só cajadada.

Violet riu, apesar de estar com a cabeça latejando.

— Que graça. Você é uma verdadeira dama.

Chelsea a cutucou, atraindo a atenção para Mike, que vinha na direção delas.

— Por falar em damas, veja só. Mike está deixando crescer o bigode.

Violet fechou os olhos para enxergar melhor. Chelsea tinha razão; havia uma linha de pelo facial escuro acima do lábio superior dele.

— Por quê? — perguntou Violet, tentando não deixar claro que o estava observando.

— Porque eu disse a ele que gostava. Queria ver se conseguia que ele deixasse crescer.

Violet sentiu uma pontada inesperada de desconforto ao olhar para Mike. Sabendo o que sabia, o que sua família tinha sofrido... de repente teve pena dele. Ficou aliviada por ele não fazer ideia do que ela sabia sobre sua mãe.

Ele sorriu para Chelsea ao se aproximar, mal notando a presença de Violet.

Chamar de “bigode” era um pouco forçado, sob qualquer ponto de vista. Definitivamente, dava para notar, mas era no máximo visível, e o acúmulo de novos pelos parecia estranhamente fora do lugar no rosto bonito de Mike. Violet ficou impressionada com o fato de que menos de uma semana após ficarem no cinema Chelsea já estava conseguindo que ele passasse por essas coisas. Ela era incrível.

— Oi, baby — Chelsea disse com uma voz que beirava a infantilidade quando Mike se curvou para beijá-la rapidamente. — Sentiu saudades?

Violet quase revirou os olhos.

— Pensei em você a aula inteira — respondeu, com a voz rouca. — Viu o bilhete que deixei em sua mochila?

Violet não conseguia mais se conter; revirou os olhos. Nenhum dos dois notou.

— Recebi. Você é um amor. — A voz arrastada era quase nauseante. — Alguém falou alguma coisa sobre o bigode?

Mike franziu o rosto, como se de repente tivesse se lembrado dos fios acima do lábio superior.

— Algumas pessoas — respondeu relutante, e Violet imaginou que ele tivesse ouvido algumas piadinhas por causa disso.

Chelsea ignorou o claro incômodo na voz dele.

— Eu e Vi temos que nos apressar, ou vamos chegar atrasadas. — Esticou-se para beijá-lo e em seguida passou o polegar nos pelos acima do lábio de Mike, como se estivesse fazendo carinho neles. — Vejo você depois da aula.

Chelsea puxou Violet, que ainda estava olhando para o bigode. Era como ver um acidente de trânsito... difícil de desviar os olhos.

— Então, é verdade? Que gosta? — perguntou Violet enquanto era arrastada pelo corredor.

— Do bigode? — Chelsea fez uma careta. — Deus me livre, não. Fica horrível nele.

— Então, por quê?

— Já disse, para ver se ele deixaria crescer de fato. Não se preocupe, vou fazer com que ele raspe no fim de semana.

Violet não sabia ao certo se deveria parabenizar a amiga pelas habilidades de treinamento ou repreendê-la por ser tão cruel. No fim das contas, não fez nem uma coisa nem outra, essencialmente porque sabia que não faria diferença.

Chelsea era Chelsea. Tentar convencê-la de que havia agido mal seria como bater com a cabeça em um muro. Ia doer e não resultaria em nada.

★ ★ ★

Jay sentou-se diante de Chelsea e pegou as duas mãos dela. A enorme cantina estava agitada, e ele praticamente teve que gritar para ser ouvido.

— Chelsea, pelo amor a tudo que há de bom e sagrado, por favor... *por favor* pare de estragar o meu amigo.

Violet mordeu o lábio para não rir dos dois. Sabia do que ele estava falando antes mesmo que precisasse explicar. Era o novo pelo facial.

Chelsea soltou as mãos das dele.

— Ah, relaxe, rainha do drama. Ele não está estragado. Além disso, vou consertá-lo no fim de semana.

Jay pareceu aliviado.

— Preferia que consertasse antes. O coitado está aturando um monte por causa daquilo.

— Ele vai ficar bem. Pode confiar. É um exercício de fortalecimento de caráter. Quando tudo acabar, será uma pessoa mais forte. — Falou sério. Estava realmente tentando convencer alguém de que era pelo bem de Mike.

Jay não estava acreditando, mas deixou para lá quando Mike apareceu atrás de Chelsea e deu um beijo entusiasmado na bochecha dela. Obviamente, Mike não estava sofrendo tanto assim com o experimento de Chelsea.

Chelsea tocou o local onde os lábios de Mike a beijaram, e fez uma cara que só eles puderam ver.

— *Aí está o meu garoto!* — disse. — O Jay estava falando que não gosta do seu bigode, baby. Mas disse a ele que está louco. Acho lindo.

Mike pareceu envergonhado por estarem falando no assunto outra vez. Violet percebeu que era um assunto desagradável, e ficou imaginando o que Chelsea havia feito para deixá-lo tão ansioso em agradá-la.

Mas, antes que pudesse especular, algo estranhamente familiar atraiu a atenção de Violet, no canto do olho.

Tão fraco e tão veloz que não teve nem certeza de ter visto.

Violet virou na direção de onde viera, imaginando o que poderia ter sido.

Alunos lotavam mesas e se apoiavam contra paredes. Entravam e saíam, e ela podia vê-los passando pelos corredores que rodeavam os escritórios administrativos na entrada da escola, logo além da cantina.

Podia ter sido uma máquina fotográfica. Ou uma lanterna, apesar de parecer estranhamente deslocado naquele ambiente... durante o dia.

Poderia não ser nada.

Mas não era. Um cântico suave pulsou por suas veias. Sabia que não tinha como ser *nada*.

Levantou-se, ignorando os outros ao redor.

— Já volto — disse a ninguém em particular ao examinar a área, tentando localizar o bruxuleio translúcido mais uma vez. Não conseguia ter certeza, exatamente, de onde vinha, mas foi em direção aos corredores lotados. Reconhecia a todos, mas ninguém em particular.

Sentiu como se estivesse perseguindo fantasmas ao examinar cada rosto, procurando por alguma coisa que pudesse distinguir um indivíduo do restante. Procurando por *aquilo* que nem ele sabia que carregava.

Era a luz, os flashes oscilantes que a acordaram na noite em que a gata morta foi deixada do lado de fora da sua casa. Com tudo mais que estava acontecendo, quase se esquecera da gata... e do assassino. E agora aqui estava, a marca da morte.

Apesar de estar desbotada, quase completamente apagada pela luz do dia, tinha certeza do que era.

Seu coração congelou ao pensar que um de seus colegas, alguém que conhecia, tinha feito algo tão horrendo. E, em seguida, deixado para Violet encontrar.

Tentou localizar o brilho outra vez, tentou identificá-lo entre os rostos que a cercavam. Como não conseguiu ver, começou a pensar que talvez tivesse ido embora. Ou, possivelmente, que tinha apenas imaginado.

Então veio outra vez, apenas o leve toque do flash difuso e brilhante. Sumiu tão depressa quanto apareceu. Mas mais longe agora do que antes.

Talvez esteja vindo lá de fora, pensou Violet, olhando através das janelas.

Passou pela multidão, pelas portas duplas perto da secretaria, para a luz do dia. Não a viu, a pessoa que carregava a marca da gata morta.

Continuou andando, procurando. À frente, no estacionamento, podia ver carros indo e vindo. Ao redor, alunos e membros do corpo docente vagavam

pelas calçadas que cercavam o campus.

Seu coração batia num ritmo impiedoso. Tinha medo de descobrir a verdade. E medo de não descobrir.

Desacelerou, movendo-se cuidadosamente, tentando perceber tudo. Mas, quanto mais procurava, mais percebia que era tarde demais. Quem quer que tivesse sentido, já não estava mais lá.

Chegou ao fim dos prédios, onde começava o estacionamento, e deu um pesado passo para a frente, saindo do meio-fio, procurando ao redor. Não havia ninguém ali. Nenhuma luz. Estava sozinha.

Não fazia o menor sentido.

Suspirou, enchendo-se de decepção. Não sabia o que pensar.

Mas estava cansada, lembrou a si mesma. Mal dormira, e não apenas na última noite, mas há muito, *muito* tempo não dormia direito. Talvez sua mente tivesse ultrapassado a fadiga normal e entrado em algum terreno mais perigoso, mais próximo do tipo de exaustão em que seus pensamentos não podiam mais ser confiáveis.

Sacudiu a cabeça, sem querer pensar nisso.

Não era louca. *Tinha* visto alguma coisa. Definitivamente, estivera lá e, mesmo que não tivesse sido uma marca, fora real.

Esperou por alguns minutos e desistiu, voltando para a cantina.

Hoje à noite, decidiu com determinação. Hoje preciso dormir.



COBIÇA

Foi a coisa mais estranha se levantar da mesa e ir diretamente em direção a ela. Era como se soubesse que estava sendo observada.

Mas isso era impossível.

Só tinha tido a intenção de espiar por um instante, para se entorpecer por apenas um segundo. E quando viu Violet se dirigindo a ela, com aquele estranho olhar de reconhecimento no rosto, recuou antes que ela pudesse descobri-la... escondida ali, olhando para a vida que jamais poderia ter.

Violet perfeita. Com a vida perfeita.

Saiu do prédio antes que Violet pudesse alcançá-la, desaparecendo na esquina. Parou por um instante, congelada — encurralada —, enquanto esperava o pai entrar na caminhonete. Detestou que ele tivesse insistido em entrar para assinar o atraso, ressentida por ele ter feito com que se atrasassem pois passara metade da noite acordada, esperando até ele desmaiar.

Enquanto ele saía, ela circulou o prédio, procurando outra entrada, e imaginou o que aconteceria se deixasse Violet alcançá-la.

Brincou com a ideia de se abrir com Violet, ideia que era estranhamente atrativa.

E se pudesse contar a verdade a alguém? E se pudesse compartilhar o fardo?

E o que diria? Que a mãe havia fugido? Que o pai era um beerrão?

A quem estava enganando? Não ia contar para ninguém. Não havia ninguém em quem pudesse confiar... ninguém que se importasse com sua existência patética.

Especialmente Violet Ambrose.

Chegou a uma porta aberta e respirou aliviada. Entrou na corrente de alunos que inundavam os corredores antes da aula seguinte. Moveu-se entre eles, assegurou-se de que estava mais uma vez encoberta.

Exatamente como gostava.

Anônima. Sem rosto na multidão.

Apenas mais uma garota.



CAPÍTULO 17

Quando Violet e Jay foram para o estacionamento, depois da aula, Violet não conseguiu deixar de inspecionar todos ao redor. Analisá-los. Investigá-los.

Um deles carregava uma marca.

Repetia a si mesma que deveria esquecer, mas não conseguia.

— Ei, é para você — anunciou Jay, interrompendo os pensamentos de Violet. Pegou o papel rosa preso no limpador de para-brisa e o cheirou antes de entregar a ela. — O cheiro é bom.

Violet riu dele por cheirar o bilhete, em seguida virou-o nas mãos.

O nome dela havia sido escrito com marcador roxo, uma letra claramente feminina. Cheirou apreensivamente; tinha cheiro de uva. Um adesivo de coração rendado o lacrava.

— Que estranho! — Puxou o canto do adesivo, lançando um olhar manhoso a Jay. — Talvez eu tenha um admirador secreto.

Jay jogou a mochila no banco de trás e sentou no carro para ligar o motor.

Violet desdobrou a carta e leu. Seu coração parou.

As palavras foram escritas com a mesma caligrafia feminina que escreveu seu nome do lado de fora do papel. Leu novamente, acreditando ter se confundido na primeira vez.

Não tinha.

Dobrou novamente o papel, desta vez apressada, tentando ignorar a sensação perturbadora de que alguém a observava. Enfiou-o na mochila e a jogou no banco de trás, junto com a de Jay.

— Então? De quem era a carta de amor? — ele perguntou distraidamente enquanto ela sentava no banco do passageiro.

Violet balançou a cabeça, tentando encontrar as palavras, mas elas não apareceram. Sentiu como se estivesse presa no sonho outra vez, no pesadelo

em que fora trancafiada, sepultada na escuridão sufocante. Incapaz de se salvar.

— Violet?

Ela piscou.

— O quê? — Ainda não tinha respondido a pergunta. — Chelsea — gaguejou. — É só um bilhete de Chelsea.

Ele pareceu preocupado.

— Você está bem? — perguntou, enquanto tocava a bochecha dela, com o cenho franzido.

Ela assentiu.

— Estou cansada. Muito, muito cansada.

Jay aceitou essa resposta, principalmente porque sabia, melhor do que ninguém, que era verdade. E era.

Até ela ler o bilhete.

★ ★ ★

Jay tinha que trabalhar naquela tarde, então Violet havia planejado ir para casa e tirar uma merecida soneca. Mas quando chegou o pai ainda estava no trabalho e a mãe ia passar a tarde fora, então Violet percebeu que não conseguiria dormir de jeito nenhum. Ainda não. Não com a casa vazia.

Vagou pelos cômodos, tentando encontrar uma maneira de ficar confortável. Era loucura ficar com medo ali, dentre todos os lugares. Violet nunca tinha sentido medo na própria casa, nem quando pequena.

Nunca acreditou no bicho-papão ou em monstros escondidos nas sombras embaixo da cama ou no armário, nos lugares que a luz do abajur não alcançava... nunca foi o tipo de menina que precisa de uma luz acesa para dormir.

E, no entanto, lá estava ela, apavorada no lugar onde deveria se sentir mais segura.

Graças àquele bilhete idiota.

Retirou-o da mochila e o olhou novamente, sem saber ao certo o que esperava ao ler mais uma vez:

Rosie está morta

Violet está azul

Você não me vê...

Mas eu vejo você

Desde a infância ouvira essa cantiga com muitas variações utilizando seu nome. Mas nunca tão ameaçadora, tão sinistra. Violet entendia o significado implícito por trás das palavras.

Era mais uma mensagem da pessoa que havia deixado a gata. A mesma pessoa que a havia seguido hoje no próprio colégio.

Ele, *ou ela*, Violet se corrigiu ao examinar a caligrafia feminina, estava atormentando Violet. Perseguindo-a, torturando-a abertamente.

E a pessoa sabia onde ela morava.

Violet enfiou o bilhete no fundo da mochila, e fechou todas as persianas da sala, sentando-se no sofá, no escuro, tentando gerar a ilusão de que estava isolada, segura. Queria voltar a se sentir cansada, o suficiente para cair no sono, para que pudesse se sentir melhor e conseguisse pensar com mais clareza. Mas, quanto mais ficava ali sentada, tentando relaxar, mais percebia que era impossível.

Finalmente, decidiu que precisava sair de casa. Pelo menos um pouco. Pelo menos até os pais voltarem. Mas precisava fazer uma coisa antes de sair.

Calçou os sapatos, vestiu o casaco e se certificou de que Carl estava seguro dentro de casa antes de sair pela porta da cozinha e correr pelo gramado até o estúdio da mãe. Lá dentro remexeu a mesa bagunçada até encontrar um pequeno pedaço de madeira. Era fino e reto, do tamanho exato para o que precisava. Torceu para que a mãe não estivesse guardando para algo especial.

Abriu um pequeno recipiente de tinta acrílica e pegou um pincel fino. A cor que havia escolhido era um bonito tom rosa.

Violet trabalhou de forma meticulosa — respeitosa — em seu projeto, certificando-se de tratá-lo com o cuidado que merecia. Quando terminou, lavou o pincel e colocou a tinta onde a havia encontrado.

Andou furtivamente pelo galpão, em direção à beira do bosque na parte de trás da propriedade, onde ficava seu pequeno cemitério. Andou em volta das tumbas e das lápides feitas em casa, pisando com cuidado, até encontrar o ponto que estava procurando.

Ajoelhou-se diante da sepultura ainda nova e colocou a pequena placa pintada com o nome da gatinha:

ROSIE

Violet havia planejado passar pelo drive-thru e pedir um chá, um agradinho para aguentar o restante da noite. Algo para mantê-la alerta.

Mas quando chegou ao Java Hut e viu o carro de Chelsea no estacionamento, mudou de ideia. Não era como se tivesse lugar melhor para ir, mesmo...

Ao trancar o carro, Violet não pôde deixar de imaginar se a pessoa que escrevera o bilhete também frequentava o Java Hut. O pensamento a deixou desconfiada de todos por quem passava.

Lá dentro viu Chelsea e Jules em uma mesa no canto, ao fundo.

Violet pediu um chá no balcão e foi até o lugar onde as amigas estavam sentadas. Ficou surpresa por Claire não estar junto, considerando que ela detestava ficar de fora.

Chelsea fez uma careta para o chá de Violet.

— Não deveria estar tomando um milk-shake ou algo do tipo?

Essa era a maneira de Chelsea dizer que Violet deveria pedir um milk-shake para que ela pudesse “dividir”, sem pagar.

Violet balançou a cabeça, ignorando a dica não tão sutil.

— Não. Estou bem. — Tirou a tampa plástica do copo e misturou um sachê de mel.

— *Eu* divido um com você, se quiser — ofereceu Jules.

— Own! Viu? A Jules me entende. — A resposta de Chelsea era para ser um comentário sobre a esnobada intencional de Violet.

Jules esticou a mão, com a palma para cima.

Chelsea franziu o rosto.

— Pensei que *você* fosse pagar.

Jules sorriu e balançou os dedos.

— Eu disse que iria *dividir* com você. Então, pode pagar, amiguinha.

Chelsea olhou fixamente para Jules enquanto derrubava alguns trocados na mão dela.

— Qualquer coisa, menos morango.

Jules pegou o dinheiro e foi para o balcão, pedir o milk-shake.

— Pensei que adorasse morango — Violet disse quando Jules se retirou.

— Adoro. É psicologia inversa. Ela vai pedir o de morango. — Mesmo quando suas declarações eram absurdas, Chelsea sempre soava segura.

Violet apenas riu.

— Só porque você faria o oposto, não significa que Jules também fará.

Tomou um gole do chá; estava perfeito, quente e doce. A dose de cafeína

que Violet precisava para afastar a exaustão por mais um tempo.

— Então, você e Jay vão para o chalé? — perguntou Chelsea.

A pergunta foi inesperada, e tão sem sentido que Violet achou que finalmente tivesse sucumbido à falta de sono.

— Do que está falando, Chels?

— Ah, sim, claro, você saiu durante a hora do almoço hoje. Ei, onde você foi, por falar nisso?

Violet não tinha intenção de contar a Chelsea que tinha ido perseguir uma luz invisível pelo colégio.

— Tive que resolver uma coisa antes da aula. Então, que chalé?

Chelsea não questionou a falta de explicação de Violet; em vez disso, respondeu:

— A família do Mike tem um chalé de caça na montanha. Um pessoal está pensando em ir para lá passar uma noite daqui a umas duas semanas, para curtir a neve e socializar. Sabe, ficar perto da lareira e todas essas coisas boas. — Os olhos de Chelsea brilharam entusiasmados.

Violet detestava decepcioná-la.

— Duvido muito que meus pais me deixem passar a noite em um chalé remoto com um bando de meninos.

— Ah, por favor, Branca de Neve, o pai do Mike vai estar lá. Ele é até engraçado... sabe, de um jeito estranho de pai. Não se preocupe, sua pureza permanecerá intacta. Palavra de escoteira.

Fez uma espécie de gesto com os dedos que Violet presumiu se tratar de um juramento, mas como Chelsea nunca *fora* bandeirante, acabou parecendo um sinal de paz. *Ou algo do tipo.* Violet manteve a expressão de dúvida.

Mas Chelsea não seria desestimulada, e tentou ser a voz da razão.

— Vamos, acho que Jay está vendo se consegue folga no trabalho. O mínimo que você pode fazer é perguntar para os seus pais. Se eles não deixarem, sem problemas, certo? Se deixarem, vamos nos divertir pra caramba. Vamos fazer trilha na neve e ficar na frente da lareira à noite. Dormiremos em sacos de dormir e, talvez, até tostemos marshmallows. Vai ser como se estivéssemos acampando. — Sorriu um supersorriso para Violet e juntou as mãos como se estivesse implorando. — Por mim. *Por favooooor.*

Jules voltou com o milk-shake. Era de morango, e Chelsea sorriu para Violet com ar de *não falei?*

Violet acabou o chá, pensando na ideia de passar um fim de semana em um chalé com Jay e Chelsea. Longe da cidade. Afastada de quem quer que

estivesse deixando animais mortos e bilhetes arrepiantes para ela.

Parecia divertido, e Violet *adorava* neve. E os bosques. E Jay.

Poderia pelo menos perguntar.

Como Chelsea dissera, *sem problemas*.



CAPÍTULO 18

A exaustão finalmente a alcançou e, naquela noite, Violet dormiu como se estivesse morta. Pela primeira vez em semanas sentia-se completa e totalmente descansada. E pela manhã sentia-se sã outra vez. Revigorada.

Era uma sensação maravilhosa.

Acordou cedo. Bem, talvez não *cedo*, mas também não foi tarde, e teve tempo de comer algo antes de sair para a aula. Nada mau.

Na pressa da manhã, ignorou facilmente a primeira ligação, que desligaram na cara dela, atribuindo-a a um engano. O identificador de chamadas simplesmente registrou: *número desconhecido*.

Guardou o celular no bolso do moletom e pegou o livro de matemática e o dever de casa que estava fazendo enquanto comia uma vasilha de cereal, e os enfiou na mochila.

Dentro do casaco, sentiu o telefone vibrando. Pegou-o para verificar.

Número desconhecido outra vez.

— Alô? — Olhou pela janela para se certificar de que Jay ainda não tinha chegado para buscá-la.

Houve um instante em que pensou que a pessoa do outro lado da linha pudesse dizer alguma coisa, uma pausa longa e vazia, mas nada aconteceu. Finalmente, Violet afastou o telefone do ouvido.

A ligação havia sido encerrada.

Guardou o aparelho uma segunda vez. Jay chegaria a qualquer momento.

Violet limpou a bagunça na mesa e lavou a vasilha na pia. Estava ouvindo os ruídos do carro dele quando sentiu as vibrações no bolso. *Outra vez*.

Agora estava se irritando. Secou as mãos na toalha e tirou o telefone novamente. Mesma coisa: *número desconhecido*.

— O quê? — atendeu irritada.

Do outro lado, silêncio.

Suspirou suavemente.

— Alô? — tentou outra vez, desta vez se empenhando em não soar tão agressiva. Verificou o telefone para ter certeza de que a ligação ainda estava conectada. Estava.

Nada.

— Tem alguém aí?

E, então, alguma coisa. O que era? Uma respiração? Um sussurro? Violet ouviu *alguma coisa* do outro lado.

— Alô? *Quem é?* — perguntou com expectativa, esperançosa.

Esperou por um instante e em seguida checkou o telefone. A ligação havia sido encerrada.

Mordeu o lábio ao olhar fixamente para a tela do celular, esperando vibrar outra vez. Ficou imaginando quem poderia ser e reavaliou a hipótese inicial de que tinha sido engano... quem ligaria e desligaria quando ela atendeu, três vezes? Só conseguia pensar em uma pessoa.

Olhou para a mochila, no chão, perto da mesa da cozinha. Dentro dela estava o bilhete rosa bonitinho com um recado perturbador escrito em roxo.

Ouviu o carro de Jay na entrada, exatamente quando o celular no bolso vibrou mais uma vez. Hesitou, pegando o telefone e olhando para ele. Pensou em atender, em dizer a quem quer que fosse do outro lado da linha para se ferrar e parar de assediá-la, mas duvidou que fosse ajudar. Tentou uma nova abordagem.

Pegou a mochila e, enquanto saía pela porta, apertou “ignorar”.

Se a pessoa do outro lado achava que assustaria Violet com poemas idiotas e com ligações silenciosas, estava mexendo com a garota errada. Até o animal morto fazia parte de sua especialidade.

Pessoas muito mais aterrorizantes já haviam perseguido Violet.

E fracassado.

★ ★ ★

Os planos para a viagem ao chalé correram surpreendentemente bem. O mais inesperado foi os pais de Violet terem concordado em deixá-la ir.

Ainda estava um pouco espantada, considerando que era, afinal, uma festa do pijama com meninos e meninas misturados. Isso soava como coisa de

crianças, mas para pais de adolescentes normalmente invocava imagens de sexo ilícito e consumo ilegal de bebidas alcoólicas.

Violet esperava que os pais fossem ter tais preocupações, mas, aparentemente, confiavam nela.

Claro, colocaram diversas condições. Insistiram em conhecer o pai de Mike antes da viagem, já que ele iria junto, e quiseram saber o nome dos pais e os nomes e os telefones de todos que iriam passar a noite de sábado fora. Também queriam o endereço do chalé. E, é claro, uma firme garantia de que Jay ficaria de olho em Violet.

Essa última promessa foi suficientemente fácil de conseguir. Era engraçado como Jay rapidamente assumiu o papel de protetor de Violet desde que começaram a namorar. Na verdade, até antes disso.

Mais engraçado ainda era a fé que depositavam nele, considerando que Jay seria oficialmente mais novo do que Violet em menos de uma semana.

Violet estava prestes a completar dezessete anos, enquanto Jay ainda teria 16 por quase dois meses.

Jay gostava disso, de namorar uma mulher mais velha. Também gostava de fazer piadas com o fato de que em breve Violet estaria namorando um homem mais novo.

Uma noite, quando os pais de Violet tinham saído, ele a provocou por isso, sussurrando próximo ao seu pescoço:

— Eu deveria estar saindo com meninas da minha idade, agora que você está indo ladeira abaixo. — Jay estava esticado na cama de Violet enquanto ela se aconchegava nele.

Violet riu, mordendo a isca.

— Tudo bem — desafiou, recuando e se apoiando sobre o cotovelo. — Tenho certeza de que existem muitos homens da minha idade dispostos a terminar o que você começou.

Jay se contraiu, e Violet percebeu que tinha tocado em algum ponto sensível.

— O que foi?

Ele balançou a cabeça, e Violet achou que ele pudesse responder “Nada”, mas suas palavras a pegaram de surpresa.

— Você *tem* outra pessoa, Vi?

Violet franziu o rosto, espantada pelo ciúme inesperado no rosto dele. Enquanto esticava a mão e tirava uma mecha de cabelo da testa dele, ficou imaginando o que ele estava querendo dizer.

— Do que você está falando, Jay?

Os olhos dele encontraram os dela.

— Eu vi você e aquele cara no cinema, Vi. Quem é ele?

Violet fechou os olhos. Ainda não estava pronta. Não queria contar para ele sobre o FBI, sobre Sara e Rafe, ou sobre o que tinha descoberto a respeito da mãe de Mike. Imaginou rapidamente se ele sabia algo sobre isso, se o amigo havia confidenciado a ele. Mas duvidava. Jay não era como ela; não guardava segredos.

— Não é nada disso — explicou, torcendo para que bastasse.

Jay se levantou e foi até a janela, puxando a cortina de lado. Cada músculo em seu corpo estava rijo.

— Disso o que, Vi? O que está acontecendo? Alguma coisa tem incomodado você ultimamente. Por que não pode me contar?

Ele tinha razão. Devia a ele, no mínimo, uma tentativa.

— Não sei como explicar, mas sinto como se tudo tivesse mudado entre nós...

— Claro que mudou, Violet, o que você esperava?

Violet tentou ignorar a amargura na voz dele, dizendo a si mesma que não tinha o direito de se sentir ferida.

— Antes eu nunca esconderia nada de você. Você era meu *melhor amigo*. Mas, agora que estamos namorando, é... *diferente*. Tenho a sensação de que preciso prestar atenção no que digo ou você fica todo preocupado. Às vezes, quero que você seja o velho Jay outra vez, para poder falar com você. — Violet foi para trás dele, enrolando os braços na cintura do namorado e apoiando a bochecha nas costas dele.

Não era exatamente uma confissão, mas era um progresso, ela concluiu. E em breve, *muito em breve*, esperava se sentir confortável o suficiente para se abrir completamente.

Sentiu que ele relaxava, e a voz de Jay suavizou.

— É isso? Tem a sensação de que não pode mais conversar comigo? *Nós* não mudamos; ainda somos as mesmas pessoas.

Escorregou as mãos sob a frente da camisa dele, passando lentamente os dedos pelo peito e pela cintura dele. Ele virou nos braços dela e sorriu, mas seu sorriso estava cheio de desconfiança desdenhosa.

— Está tentando me distrair, Violet Ambrose?

— Acho que você é mais esperto do que parece — provocou enquanto ele a empurrava para trás, de modo que os dois caíram sobre a cama dela.

— E *você* não é tão engraçada quanto pensa. — A boca dele pairou sobre a dela, os braços enrijecendo, esmagando-a contra ele. Violet riu e tentou se soltar, mas Jay não deixou. Beijou o pescoço dela, seus lábios provocando-a, até não ser mais o abraço dele o que dificultava sua respiração.

— Ah, e Violet — sussurrou na orelha dela, seu hálito fazendo cócegas na bochecha da menina. —, *ainda* sou o seu melhor amigo. Nunca se esqueça disso. — As palavras eram ardentes e tocantes.

Violet tentou pensar em uma resposta que fizesse sentido, algo adequado, mas só conseguiu dizer:

— *Por favor*. Não pare.

Não se incomodava em implorar se isso significasse que conseguiria o que queria.

Aparentemente, foi o suficiente para satisfazer Jay, e ele a beijou possessivamente. Com vontade. Profundamente.

Deitou-a devagar nos travesseiros, e Violet esperou Jay parar, dizer que já tinham ido longe demais por essa noite. Mas não queria que o fizesse. Queria que ele continuasse. Queria que a tocasse, a beijasse, a explorasse. Seu corpo vibrava com o desejo. Alcançou-o, abraçando-o tão firme que os dedos doeram. Tudo dentro dela doía.

Jay se acomodou sobre ela, cobrindo-a com o próprio corpo, reagindo aos seus desejos. Violet enrolou as pernas em torno dele, puxando o quadril do namorado mais para perto, dizendo com cada movimento que *o* queria, que queria *aquilo*. *Agora*.

— Tem certeza? — Jay perguntou em meio à respiração morna entre eles, mal separando a boca da dela.

Violet assentiu, mas quando tentou falar, a voz tremeu. Torceu para que ele não entendesse errado.

— Claro que tenho. — Estava muito nervosa, apavorada e excitada ao mesmo tempo.

Ele sorriu na boca de Violet, ainda beijando-a, e ela se derreteu nele, sem conseguir impedir que o coração batesse acelerado.

Esticou a mão para pegar a carteira.

— Tenho uma camisinha. — A voz dele estava rouca.

Violet sorriu. Estivera esperando por aquele momento por tempo demais para *não* estar preparada, mas ficou feliz em saber que ele também estava considerando seriamente.

— Eu também — contou para ele, abrindo a gaveta da mesa de cabeceira

e tirando um punhado delas. — Sabia que você ia acabar cedendo.

Ele suspirou, movendo os lábios para o pescoço dela enquanto puxava a camisa e a tirava.

Violet o achou lindo. Era o cara certo para ela; sempre foi.

Enquanto ele tirava lentamente a blusa *dela*, com as pontas dos dedos acariciando lentamente sua pele nua, provocando arrepios, ela imaginou por que tinham demorado tanto para chegar ali.

★ ★ ★

Nada mudou naquele momento em que Violet e Jay finalmente decidiram transar. Nada... e tudo.

Violet estava maravilhada pelo que tinham feito. Maravilhada por terem se compartilhado *daquele jeito*. Era maravilhoso, e lindo, e nada do que Violet esperava que fosse ser.

A dor foi mais intensa do que podia ter imaginado, e ela fez o melhor que podia para não gritar. Mas, é claro, Jay notou que seu corpo ficou tenso, e, em seguida, ela estremeceu. Lágrimas molharam os cílios, mas ela se recusava a deixá-las cair.

Jay insistiu para que parassem, mas Violet não deixou. Em vez disso, esperaram, com Jay segurando-a, acariciando seus cabelos, ombros, o rosto, até a dor passar, tornar-se algo... *menor*.

Mais tarde, quando estava deitada nos braços dele, estremeceu novamente.

Jay a abraçou forte.

— O que houve? Não está arrependida, está? — A ternura das palavras de Jay fizeram seu coração dar um salto.

— Claro que não. Como poderia me arrepender *disso*?

Ele beijou os olhos dela, suavemente.

— Então, por que está tremendo? Não quis machucá-la, Vi.

Violet balançou a cabeça, batendo desajeitada no queixo dele.

— Não sei por quê. — Deslizou os dedos pelo braço dele, memorizando a sensação dos pelos ásperos de Jay, da pele, dos músculos sob tudo. — Só é... muito. Sabe?

Jay sorriu. Um sorriso satisfeito.

— É. — Inclinou-se para trás e a puxou para perto, encaixando-a no próprio ombro. — *Foi* muito. Um muito, *muito* bom.

Violet queria empurrá-lo, brincar, provocar, mas estava exausta demais.

Quando Jay finalmente se levantou para sair, Violet se apoiou no cotovelo e o observou abotoando os jeans. Desejou que pudessem ficar assim — juntos — por mais tempo. Para sempre.

Já estava sentindo falta da presença dele ao seu lado, e do cheiro que a envolvia. Sentou-se para devolver a camisa que estava usando.

O sorriso preguiçoso de Jay era lindo demais para ser real.

— Fique para você — insistiu. — Fica melhor em você mesmo. — A maneira como a encarou fez com que o estômago de Violet se contraísse. Era um olhar cheio de ternura. Eram parte de algo mais agora; pertenciam um ao outro.

Vestiu o casaco sobre o peito nu e se abaixou para beijá-la uma última vez, os lábios se demorando.

O polegar de Jay traçou a linha da bochecha dela.

— Eu amo você, Violet Marie. Sempre vou amar.

E em seguida saiu.

E, mais uma vez, Violet dormiu profundamente, sossegada, enrolada na camisa de Jay.

Ele era o remédio perfeito para todas as suas preocupações.

★ ★ ★

Jay tinha que trabalhar no dia seguinte, mas ligou diversas vezes. Certificando-se de que Violet estava se sentindo bem, de que não tinha mudado de ideia em relação à escolha deles e falando que estava com saudades. Violet ligou só para ouvir a voz do namorado. E para fazer comentários injustamente sugestivos, provocando-o pelo telefone.

Violet adorava esse novo jogo. Jay suspirava desconfortavelmente do outro lado, mas nunca interrompia.

Violet continuou ignorando todas as ligações que não fossem de Jay. Não apenas as do número desconhecido, mas também as de Sara Priest.

Sara deixou mais um recado para Violet e, apesar de não estar mais ligando dos escritórios do FBI, Violet não se sentiu menos ameaçada pelo assunto em questão. Simplesmente não estava pronta para lidar com aquela parte da vida, principalmente quando ainda estava se acostumando com esse novo lado do relacionamento com Jay.

Mas, à tarde, Violet estava sozinha e entediada. Ficou no quarto, tentando se concentrar no dever de casa, enquanto lembranças da noite que passaram juntos continuavam a distraí-la. Podia praticamente *sentir* a pele de Jay na dela, os lábios do namorado passando por seu corpo em locais antes não descobertos. Só de pensar sentia calor e tontura.

Não conseguia deixar de olhar para a janela do quarto. O vento soprava, mais forte do que antes, e as árvores altas em volta da casa balançavam, movendo-se com lufadas fortes.

Violet adorava o vento.

Tentou manter o foco na leitura do trabalho, mas os barulhos lá fora a chamavam. Fechou o livro, deixando-o de lado. Não podia simplesmente ficar em casa em uma tarde tão formidável.

Logo havia trocado de roupa, e estava percorrendo o caminho que já fizera centenas de vezes. Abriu mão do iPod para escutar os ruídos do vento passando por ela, soprando seu cabelo no rosto, reunindo folhas e escombros, e empurrando-os pelo solo.

Pela primeira vez em semanas Violet permitiu que sua mente esvaziasse enquanto corria completamente descompromissada. O ar que soprava ao redor era vivo; podia sentir o cheiro do frio, e inalou profundamente. Mas, contanto que continuasse se movendo, se mantinha aquecida. Apenas a pele exposta das bochechas pinicava com as correntes geladas.

Acima, galhos estalavam em protesto enquanto dobravam demais com as rajadas súbitas. Violet olhou para cima e observou as árvores balançando violentamente sobre sua cabeça. O vendaval ganhava força à medida que o sol descia pelo céu.

Continuou correndo, apreciando o poder da tempestade que se formava.

Em algum lugar por perto um galho quebrou, e Violet desacelerou, percebendo a força com que o vento soprava. O céu escureceu enquanto o crepúsculo caía, projetando uma sombra sobre a floresta enquanto os galhos das árvores, no alto, tremiam e balançavam.

Não tinha mais certeza de que estava salva sob o toldo verde. Não era páreo para a força do vento que crescia. Sabia onde estava e que a maneira mais rápida de sair do bosque seria sair da trilha e correr pela estrada.

Passou pelas plantas o mais rápido que conseguia. Passou por tocos apodrecidos e por cima de árvores caídas. Não estava longe, e contanto que ainda houvesse luz, poderia encontrar o caminho de volta facilmente.

A bainha da calça de corrida prendeu na vegetação baixa, e Violet puxou

a perna. O vento continuou a agredi-la, golpeando seu rosto enquanto se esforçava, mantendo a cabeça baixa.

Ao se curvar para soltar a perna, viu alguma coisa piscar. Estranho que nem sequer tivesse notado, e virou a cabeça na direção da luz, cerrando os olhos. Após um instante, a mesma luz branca apareceu do nada. Um pestanejo.

O que quer que fosse, chamou a atenção de Violet, enquanto ela ia naquela direção, para longe da estrada principal. Podia ver de onde vinha, piscando entre as árvores, e enquanto a escuridão caía, tornou-se mais claro, mais fácil localizar. Mas, ao se aproximar, questionou-se com relação ao que pensava ter visto.

À frente, Violet se aproximou dos fundos de uma casa. Caminhou lentamente, atenta, até estar praticamente em um quintal.

A noite pareceu cair de repente, sugando toda a luz remanescente até ela se sentir como se estivesse em um vazio, alerta. A casa era erma e parecia desabitada, mesmo por trás, e ela notou rapidamente que já tinha visto aquela casa antes.

Lá dentro as luzes estavam apagadas, por trás do vidro, por entre as cortinas de uma janela solitária, os lampejos continuaram, enviando flashes de luz na escuridão que cercava Violet. Ela piscou, reconhecendo o que a luz lembrava, e imaginou se haveria uma televisão ligada em algum lugar na casa.

O vento soprou em suas costas, agredindo-a, passando dedos gelados em seu cabelo. Outro galho, este quase exatamente sobre a cabeça de Violet, rachou ruidosamente. Ela deu um salto, se sentindo tonta de repente, mas seus olhos não se desgrudaram da janela.

E, então, Violet percebeu por que não podia ser a luz de uma tevê o que estava vendo. Examinou a propriedade, olhando além dela, para a rua do outro lado.

Havia escuridão até onde enxergava. Nenhum semáforo, nenhum sinal ao longe. *Nada.*

A eletricidade estava desligada. A ventania apagara tudo na área.

E dentro da casa a luz branca piscou novamente.

Violet sabia o que era. Reconheceu da noite em que fora acordada em casa. No escuro, era quase inconfundível. Era a marca ligada à gata morta.

Quem quer que tenha matado o animal, estava ali dentro.

Ela tropeçou para trás, tentando colocar alguma distância ao voltar para a estrada... e para longe da casa de Mike.

★ ★ ★

Quando Violet chegou em casa, tinha tido tempo para pensar. Mais do que o suficiente.

Fora cuidadosa pelas ruas escurecidas, onde o vento não era canalizado, onde não estava protegida pelas camadas de árvores e vegetações, e algumas das rajadas quase a derrubaram. Pequenas árvores e galhos bloqueavam as ruas como uma pista de obstáculos, e continuaram a cair enquanto ela voltava cautelosamente para casa.

Faltava luz até sua casa, e a escuridão era opressora. Apenas mais um obstáculo que a forçava a tomar ainda mais cuidado a cada passo que dava.

No entanto, não conseguia parar de pensar no que tinha acabado de ver. As explosões solitárias de luz entre as sombras, piscando naquela janela solitária, lembrando a Violet de que alguém a vinha perseguindo. Deixando recados... e coisas piores.

E agora sabia quem era.

Soube imediatamente, *sem qualquer dúvida*, que não era Mike. O vira vezes demais desde que a gata fora deixada para ela; teria reconhecido a marca nele com facilidade. E jamais se esqueceria da caligrafia feminina no bilhete, no papel rosa, e da caneta cheirosa.

Também se lembrou de ter visto a irmã mais nova de Mike flertando com Jay na única outra vez em que esteve na casa, quando Megan não notara que Violet estava esperando no carro, olhando para eles.

Só de pensar na menina bonita matando aquela pobre gata, a pele de Violet formigou. Não podia imaginar que tipo de ser humano perturbado podia segurar o pescoço de um animal e quebrá-lo, por qualquer que fosse o motivo... quanto mais para enviar um recado.

E que recado era para ser esse? O que Violet tinha feito para fazer com que a menina a odiasse tanto assim? Por que Violet merecia ser desprezada?

Mas não importava, importava? Qualquer que fosse o motivo, o que quer que achasse que Violet tinha feito, ela era doente, e alguém precisava contê-la. Antes que machucasse alguma coisa, *ou alguém*, outra vez.

Violet sabia que era hora de parar de guardar segredos. Tinha que contar a Jay.

★ ★ ★

Seu pai a estava esperando na varanda da frente, segurando uma lanterna, e andando impaciente de um lado para o outro. Correu para encontrá-la na rua. Violet tremia tanto de frio, por causa do vento cortante, quanto pela descoberta perturbadora que havia feito no bosque.

— Violet — o pai a repreendeu, tirando o casaco e jogando nos ombros dela. — O que você estava pensando, saindo em uma noite como esta? Sua mãe estava prestes a ligar para a Guarda Nacional. — Ele a apertou forte ao conduzi-la pelos degraus. Violet se inclinou para ele, batendo os dentes. — Vamos, tem uma lareira acesa, e aposto que você consegue convencer sua mãe a fazer um chocolate quente.

Ele tinha razão, claro. A mãe ficou tão aliviada que se esqueceu de passar um sermão em Violet por ter saído no meio de uma ventania. Violet se sentou o mais perto do fogo que podia, sem se queimar, o bastante para o calor encontrar o caminho até a ponta dos dedos dormientes nas mãos e nos pés, e o frio ser espantado.

O vento uivou ao tentar destruir a casa, e o ruído de galhos e árvores rachando preenchia a noite em intervalos. Dentro de casa acenderam velas e usaram lanternas para se movimentar.

Violet sabia que se a energia continuasse cortada o pai iria até a garagem para ligar o gerador. Mas, normalmente, em tempestades assim, a energia voltava em algumas horas, não em dias, então, até lá, esperariam.

Violet queria ligar para Jay, contar o que tinha descoberto, contar tudo, mas não com os pais tão perto. Estavam reunidos, perto do fogo para conservarem o calor enquanto a temperatura lá fora continuava caindo.

A mãe de Violet entregou uma caneca de chocolate quente a ela, que a segurou com os dedos ainda gelados, inalando o cheiro.

— Obrigada — suspirou.

A mãe sentou de pernas cruzadas no chão ao lado dela. Afagou a perna de Violet.

— Então, sei que não queria causar uma cena com isso — começou —, mas convidei tio Stephen, tia Kat e as crianças para o seu aniversário. — Antes que Violet pudesse protestar, ela esticou a mão. — Não vai ser uma festa. Só um jantar. E um bolo... — Pareceu contente consigo mesma ao acrescentar: — e presentes.

— É? E não é uma festa? — reclamou Violet.

Sua mãe sorriu.

— Vamos. Só queremos desejar um feliz aniversário. Jay e a mãe dele

também vêm. Vai ser divertido.

Violet revirou os olhos. Sabia que não adiantava discutir; essa batalha já estava perdida. Percebeu antes da conversa começar que a mãe faria uma festa, independentemente de sua vontade.

— Tudo bem — Violet finalmente concedeu. — Mas sem chapeuzinhos. E sem serpentinas ou balões. Sério, é só um *jantar* de aniversário. Certo?

— Certo. Nada de serpentinas — prometeu a mãe.

— Nem balões.

A mãe suspirou como se Violet estivesse estragando tudo.

— Tudo bem, nada de balões também.

Violet sorriu, levantando a caneca e tomando um gole do chocolate. Estava gostoso.

— E, mãe... — acrescentou, calma.

— *Hum?* — respondeu a mãe, perdida nos próprios pensamentos, provavelmente sonhando com maneiras de se desviar da regra de não comprar balões.

— Obrigada — sussurrou Violet.



CAPÍTULO 19

Quando Violet acordou a luz tinha voltado. Todos os interruptores deviam estar ligados, pois onde antes estava escuro irradiava luz agora, em cada canto, cada fenda. Tinha certeza de que havia sido isso que a acordara.

Ela e a mãe tinham caído no sono em lados opostos do mesmo sofá e estavam com as pernas cobertas sob o cobertor pesado que compartilhavam. Lá fora, Violet ainda ouvia o vento assobiando baixo e intenso ao dançar pela casa, mas estava muito mais quieto do que quando dormira.

A luz do teto se apagou, e Violet sentou para olhar para o pai.

— Que horas são? — sussurrou, tentando não perturbar a mãe.

Ele olhou para o relógio.

— Pouco mais de meia-noite. A luz acabou de voltar, então a casa deve ficar quente em alguns minutos, se quiser ir para a cama.

Violet se esticou ao desenrolar as próprias pernas das da mãe; estava com o pescoço doendo por ter ficado com ele apoiado de mau jeito no braço. O pai voltou a fechar a casa, verificar janelas e desligar interruptores.

Violet foi para o quarto, tentando desfazer os nós do pescoço pelo caminho. Mas ao deixar o calor da fogueira para trás percebeu que o pai estava certo quanto ao calor. Ainda estava congelando, apesar de agora poder ouvir o velho sistema de calefação funcionando e saber que o calor logo chegaria.

Vestiu um moletom e deitou sob as cobertas, cobrindo a cabeça antes de discar o número de Jay no celular.

Ele atendeu no segundo toque.

— Estou há horas tentando ligar para você. Você está bem?

— Estou, a luz acabou de voltar. E aí?

— Só voltou há mais ou menos dez minutos. — Então a voz dele assumiu um tom totalmente diferente. — Estava torcendo para que você precisasse de

alguém para aquecê-la.

Violet sorriu, encolhendo-se contra o frio e deixando o calor das palavras de Jay penetrarem seu corpo.

— Vai sonhando. Sabe, parece que ultimamente é só nisso que você pensa — provocou. Ouviu a risada de Jay e sorriu, aproveitando o momento. E em seguida suspirou, arruinando-o. — Jay, precisamos conversar.

— Parece sério. — O tom dele ainda era malicioso.

Violet desejou que pudesse jogar o jogo dele.

— E é.

Fez-se uma pausa, e então:

— Quer que eu vá até aí?

— Não. — Violet hesitou. Parecia muito mais difícil agora. Passou a noite toda pensando, repassando as palavras na cabeça, em conversas e mais conversas. E em todas elas esteve muito confiante, muito certa. Agora, não tanto.

Suspirou outra vez.

— Tudo bem, está começando a me assustar, Vi. O que houve?

Balançou a cabeça contra o fone.

— Vi uma coisa hoje à noite. — Novamente, estava muito *insegura*. *Druga! Por que era tão difícil?* — Saí para correr antes da ventania e, enquanto estava fora, vi um eco. Uma marca, na verdade, de um eco que eu já conhecia.

A voz dele estava brincalhona mais uma vez.

— Você conhece *muitos* ecos, Vi.

Ele continuava não entendendo.

— Sabe que não tenho sido completamente honesta recentemente, que tem alguma coisa me incomodando. — Estava sentada agora, não sentia mais frio. Soltou a respiração. — Não sei nem por onde começar.

— Com a verdade seria bom. — Não havia nada de brincalhão no tom de Jay agora, mas não tinha como voltar.

Respirou fundo mais uma vez.

— Há algumas semanas alguém deixou uma gata morta na minha casa. Foi no meio da noite, mas sei que foi para mim, pois quem quer que a tenha deixado, colocou a caixa ao lado do meu carro.

Fez-se um breve silêncio do outro lado da linha, e Violet temeu ter cometido um erro em compartilhar com ele.

— Caramba, Violet, por que não me contou? Por que não me contou uma coisa dessas?

Praticamente podia ouvi-lo passando a mão no cabelo, exatamente como sempre fazia quando estava estressado.

E foi exatamente por isso que não disse nada. Por isso, e pelas próximas palavras claras que falou.

— O que seu tio falou?

Não sabia como responder. Sabia que Jay ficaria nervoso ao ouvir a resposta. Preparou-se.

— Não falei para mais ninguém. Você é o único que sabe.

— Por que guardaria uma coisa dessas? E se tiver alguém atrás de você outra vez? E se a pessoa que fez isso decidir que uma gata morta não é ameaçadora o suficiente? Foi o cara do cinema da semana passada? — Ele parecia sem fôlego, e ela soube que ele estava inquieto, andando de um lado para o outro. — Estou indo pra aí — insistiu. — Temos que contar para o seu tio.

— Espere, Jay. *Por favor*, apenas... *espere*. — Violet o interrompeu. — Só me deixe terminar. Não foi o cara da semana passada.

Ouviu Jay soltar o ar.

— Certo. Muito bem. Continue...

— Mas sei quem foi — continuou, antes que mudasse de ideia outra vez. — A marca que vi hoje à noite, a do gato, estava vindo da casa do Mike.

Inicialmente, Violet achou que a ligação tivesse caído; Jay não disse nada.

A voz de Violet, quando falou novamente, foi como um sussurro seco, quase uma respiração.

— Alô?

— Estou aqui. — Mas havia uma rispidez agora que Violet não tinha escutado antes, que não tinha nada a ver com a preocupação com sua segurança. Podia sentir o coração acelerado. — Então, o que está dizendo, Vi? Acha que Mike deixou a gata morta? Acha que *Mike* fez isso?

— Não, de jeito nenhum. — Inclinou-se para a frente, precisando que ele entendesse. — Aconteceram outras coisas. Um bilhete, aquele que deixaram no seu carro; não era de Chelsea. Não sabia quem havia colocado lá, mas era de uma menina. E recebi uns trotes. — Seu coração estava acelerando à medida que o momento da acusação se aproximava, e quando finalmente o fez, a voz saiu fina e fraca. — Acho que foi a irmã do Mike.

Não tinha certeza quanto ao que esperava dele naquele instante, mas certamente não era o que ouviu.

— *Megan?* — retrucou, com a voz incrédula. — Por que ela faria isso?

— Não sei, Jay. Mas acho que é seguro dizer que ela tem problemas. — A frustração a atingiu, incendiando suas bochechas. Violet lembrou a maneira como a menina flertou com Jay na noite em que pararam na casa dela para deixar a carteira de Mike. — Talvez ela goste de você. Talvez não goste do fato de estarmos juntos, e desejasse que *ela* fosse sua namorada.

Então ele riu. Suavemente. Sob a respiração.

Mas foi o que bastou. Violet se arrepiou, com as costas enrijecendo enquanto o ressentimento encobria a razão.

— Que diabos, Jay? Definitivamente, não tem graça. Ela matou uma gata. E por alguma razão bizarra deixou na minha casa como uma espécie de *recado*. E depois teve o bilhete. Ela é louca, Jay. Precisa de ajuda.

Violet esperou. Queria que ele dissesse alguma coisa, *qualquer coisa*, para demonstrar a ela que entendia. Agarrou a ponta da colcha com força e soltou enquanto esperava uma resposta.

— Acho que está enganada, Violet.

Violet fechou os olhos com força.

— Eles passaram por muita coisa este ano. A mãe do Mike não está presente, e o pai mal se aguenta. A irmã do Mike é basicamente tudo que resta a ele.

A última coisa que ela queria agora era sentir pena de Megan.

— Não muda o que vi.

— Talvez tenha se confundido. Estava escuro, talvez não tenha sido um eco. Nós dois sabemos que você já se enganou antes. Lembra da Srta. Webber?

Mas Violet não precisava de Jay para se lembrar da professora do primeiro ano. Aquilo foi completamente diferente; Violet tinha apenas seis anos quando a professora entrou no colégio com uma aura sombria que não tinha no dia anterior. O ar negro que se prendia à sua pele como uma fumaça preta espessa aterrorizou Violet, e ela correu da sala, forçando a enfermeira da escola a ligar para seus pais.

Após a mãe pegar as tarefas da aula da Srta. Webber para Violet, a professora confidenciou a ela que tinha atropelado um guaxinim no caminho para a escola naquela manhã.

E Violet aprendeu a ser cuidadosa antes de tirar conclusões.

Mas, dessa vez, não estava confusa. Sentiu a ardência por trás das pálpebras ao piscar furiosamente para espantar as lágrimas.

Jay não tinha acabado de garantir que ainda era o seu melhor amigo? Não tinham acabado de passar uma noite nos braços um do outro, fazendo

promessas e sussurrando juras de amor? Ela não tinha se entregado a ele por completo? Como poderia questioná-la? Principalmente agora. Em relação a isso.

— Não estou enganada — insistiu, calma. Irritou-se com o fato de ser traída pela voz, soando fraca em vez de determinada. — Você está enganado, Jay. Desta vez, você está enganado.

Desligou o telefone, sem lutar contra as lágrimas. Deitou, curvando-se no travesseiro e soluçando, utilizando-o para abafar os choros frustrados. Não tentou se conter, não tentou dizer a si mesma que ficaria tudo bem; apenas permitiu que as lágrimas saíssem. Permitiu-se *sentir* tudo.

Pela primeira vez em meses ela se sentiu irritada, traída, com medo, sozinha. Tudo que havia afastado com tanto cuidado.

Chorou até os olhos estarem irritados e o rosto, inchado. Sentiu-se esgotada e vazia. Oca. Era bom, o nada. E quando finalmente sentiu nada, dormiu.

★ ★ ★

Seu celular estava tocando — ou vibrando, nesse caso — por baixo do travesseiro. Violet o pegou e olhou para a telinha.

Seus olhos pareciam ter sido raspados com lã de aço. Tentou diminuir a sensação arenosa, mas era difícil enxergar através do torpor lacrimoso. A tela de LED brilhou no escuro.

O relógio na cabeceira informava que eram 2:03.

O identificador de chamadas informava: *número desconhecido*.

A respiração ficou presa na garganta, e o pulso estremeceu ao se levantar. Pensou em ignorar a ligação. Mas tinha que resolver depressa, ou perderia. Fechou os olhos e apertou “atender”.

Limpou a garganta.

— Alô? — ainda estava com a voz áspera.

Como antes, nada aconteceu do outro lado. Violet se esforçou para ouvir, tentando escutar alguma coisa, qualquer coisa que confirmasse a identidade da menina. Tapou o outro ouvido com a mão.

— *Alô?* — repetiu Violet, a voz menos que um sussurro.

O silêncio foi a única resposta.

Violet estava nervosa, mas ao falar tentou soar confiante.

— Sei quem você é — declarou calmamente.

E lá estava.

Dessa vez ouviu. Sem dúvida, alguma coisa — *alguém* — do outro lado da linha. Tinha certeza agora de que a menina estava ouvindo. Violet tinha sua atenção.

Ouviu um ruído singelo, como se o telefone tivesse sido mexido, sendo reposicionado.

Esperou um instante e tentou outra vez.

— Sei o que fez — Violet disse com a maior calma possível. Estava com o coração acelerado, batendo violentamente contra as costelas doloridas. — Sei que matou aquela gata.

A quietude que a cercava era insuportável. O silêncio da casa só se comparava ao do outro lado da linha. Violet de repente repensou suas acusações; de alguma forma, dizê-las em voz alta para a pessoa de quem ela desconfiava fazia tudo soar estranhamente absurdo. Teve uma compreensão fugaz de como Jay devia se sentir.

Não que importasse; ele deveria ter confiado nela.

Respirou fundo, decidindo que não se importava com como soava. Não estava enganada.

— Sei que é você, Megan. — Sua voz ficou ainda mais baixa, se é que era possível, até mal conseguir se ouvir. — E Jay também sabe.

Do outro lado, mal se percebeu algum ruído audível. Violet achou que pudesse se tratar de uma respiração, um suspiro, talvez um gemido. Não podia ter certeza. Mas depois daquele instante, daquele breve lapso, veio apenas um silêncio ensurdecedor.

Nada.

Megan havia desligado.



CAPÍTULO 20

Violet se olhou no espelho e entendeu porque a mãe permitiu que ela ficasse em casa e faltasse ao colégio. Estava acabada. A pele pálida e sem saúde, os olhos vermelhos e inchados. Franziu o rosto ao assoar o nariz, que estava em carne viva e dolorido.

Culpava Jay pela imagem abatida que a olhava de volta.

E Megan, é claro.

Violet voltou para a cama. Já tinha se sentido cansada antes, mas nunca assim. Sentia-se derrotada, desprovida de qualquer raciocínio coerente. Tinha certeza de que não sobreviveria a uma única aula, quanto mais a um dia inteiro.

Tentou *não* pensar em Jay. Quando o fazia, sentia o coração ruindo.

Disse a si mesma que deveria estar preocupada com Megan, uma menina que foi capaz de coisas aterrorizantes, mas não conseguia se concentrar nisso. A recusa de Jay em defendê-la quando mais precisara era mais do que Violet podia suportar. Fechou os olhos violentamente, forçando o pensamento a se afastar.

Estava exaurida demais para jogar esse jogo outra vez. Mas era tarde demais; ele já tinha voltado, e ela já podia sentir as lágrimas, apesar dos esforços para contê-la.

Meu Deus, como era possível ainda ter lágrimas?

Detestava isso. Detestava se sentir tão frágil, tão infeliz. Deveria estar irritada, ou com medo, mas, em vez disso, estava ali, deitada na cama, sem conseguir funcionar. Tudo por causa de Jay.

E o que significava tudo aquilo? Que ele estava escolhendo Megan em vez dela? Ou que simplesmente não conseguia aceitar que Megan fosse capaz desse tipo de brutalidade?

Fazia diferença?

De qualquer forma, Jay não a apoiou.

Ele tentou ligar para Violet, e quando ela não o atendeu, mandou uma mensagem de texto, perguntando se podia ir. Perguntando se podiam conversar.

Violet digitou a resposta, hesitando apenas por um instante antes de apertar “enviar”.

Não quero ver você.

Parecia tão permanente, tão derradeiro! Tão doloroso!

Cobriu a boca com a palma da mão, puxando os joelhos para o peito enquanto engasgava com os próprios soluços. Mas a pior dor vinha de um lugar que não conseguia alcançar fisicamente. Seu coração parecia ter sido esmagado — estava solitário e infeliz.

Violet se preocupou com ele. Ficou imaginando se podia confiar que continuaria batendo.

Tinha a sensação de que ele tinha desistido.

Ela estava com vontade de desistir.

Tentou dizer a si mesma para deixar de ser tão dramática, mas não *parecia* drama.

Perdera Jay. E mais do que perder a única pessoa por quem havia se apaixonado inteiramente, a pessoa a quem tinha se entregado *completamente*, também perdera seu melhor amigo no mundo.

★ ★ ★

Não sabia quanto tempo tinha passado ali deitada, transitando entre sono e despertar. Era um local tênue para Violet estar, com o subconsciente contribuindo com as imagens que lá estavam reunidas.

Em determinado ponto, Violet ligou o iPod, para bloquear os pensamentos, bloquear tudo, mas nada podia conter os sonhos corrompidos que surgiam sempre que dormia, ou o tormento que a atacava quando acordava.

Então, virou-se, tentando não pensar, e não sentir.

Estava quase escuro quando sentiu o lado da cama afundar, e abriu os olhos. Chelsea olhava para ela.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Violet, se ajeitando no travesseiro. Sua garganta queimava.

Chelsea deu de ombros.

— Fiquei preocupada com você. — Fez uma careta. — Você está bem?
Não estava bem. Nem perto disso.

Violet queria falar para a amiga que estava tudo bem, que estava doente e por isso não tinha ido ao colégio hoje, mas apenas balançou a cabeça. Estava rouca.

— A gente terminou. Eu e o Jay, a gente terminou.

— *Ai, droga, Vi.* — Chelsea pegou a mão de Violet e a apertou. — Vai ficar tudo bem. Tenho certeza que foi só uma briga. Estamos falando de *you* e do Jay. Vai ficar tudo bem, sei que vai. Quer que eu fale com ele?

Violet balançou a cabeça outra vez.

— Por favor, não, Chels.

Chelsea parecia triste, preocupada, confusa — muitas emoções que não eram nada familiares para ela —, tudo ao mesmo tempo. Finalmente suspirou.

— Chega para lá.

Violet não discutiu. Em vez disso, abriu espaço para a amiga.

Chelsea sentou ao lado de Violet. Deitou-se de costas, de modo que as duas estavam olhando para o teto.

— Bem, se ele é burro o suficiente para perdê-la, então é porque não a merece — cacarejou Chelsea, confortando Violet à sua maneira, cutucando-a sob as cobertas. — Além disso, sempre me terá, e eu sou *muito* mais legal do que Jay jamais poderá ser.

Violet conseguiu dar uma risada fraca através das lágrimas. Não sabia como dizer a Chelsea o quanto se sentia agradecida por ela ter vindo sem parecer tola, como um cartão de agradecimento brega. Mas não conseguia imaginar nada melhor do que ter a amiga ao seu lado, sussurrando estímulos enquanto a noite caía.

★ ★ ★

Violet sabia que a mãe tinha vindo verificá-la depois que Chelsea saiu, pois sentiu a mão fria dela passando em sua bochecha e repousando na testa.

Duvidava que a mãe realmente acreditasse que estava doente, mas não disse nada. Apenas entrou silenciosamente para se certificar de que Violet estava bem e saiu novamente. Por isso, pelo menos, Violet se sentiu grata.

Durante aquela noite interminável Violet chegou a uma conclusão: estava abalada, certamente, mas era mais forte do que isso. Não estava quebrada.

Sobreviveria. Tinha que sobreviver. E não queria que Jay soubesse o quanto a machucara.

Desejava, mas não *precisava* dele.

Fechou os olhos, sem sentir paz de fato. O melhor que podia esperar a essa altura era que algum torpor a encontrasse afinal e dominasse seu coração.

Mas o sono foi o máximo que conseguiu.

★ ★ ★

Violet não foi ao colégio outra vez no dia seguinte, não porque estivesse exausta, apesar de estar. Ou com o coração partido, o que também era verdade. Mas ficou em casa porque era seu aniversário.

Feliz aniversário de dezessete anos para ela!

Saiu do quarto, aliviada por a casa estar vazia naquele instante. E, apesar de não estar com fome, serviu-se de uma vasilha de cereal. Matar-se de fome não faria bem algum.

O bilhete na bancada dizia que sua mãe tinha ido resolver algumas coisas, o que Violet interpretou como fazer compras para o *jantar de aniversário que não era uma festa* que havia planejado para Violet. Só de pensar em passar uma noite inteira com a família — os pais, a tia e o tio —, comemorando o aniversário, fez seu estômago se contorcer dolorosamente. O fato de que Jay não estaria lá tornava tudo quase insuportável.

Levava a vasilha pela metade até a pia quando olhou para o relógio. Ainda eram apenas 9h15. De repente, passar um dia inteiro em casa outra vez parecia pior do que estar no colégio. Violet precisava sair, e só conseguiu pensar em ligar para uma pessoa.

Apressou-se, torcendo para conseguir sair antes que a mãe voltasse. Vestiu uma calça jeans e uma camiseta e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo que não se parecia em nada com os de Sara Priest. O cabelo de Violet era rebelde e indisciplinado, mesmo em dias bons.

Deu uma verificada final no espelho para avaliar o estrago. Não estava *tão* ruim. Pelo menos não se ignorasse as olheiras e a pele amarelada. E o olhar vago por trás dos olhos inchados.

Decidiu que provavelmente seria melhor não se olhar no espelho por muito tempo.

Rabiscou um rápido bilhete, avisando aos pais que voltaria a tempo para o

jantar, e se apressou pela porta, sentindo-se melhor assim que o motor do carro ganhou vida.

Foi então que pegou o celular para marcar um encontro que jamais teria previsto em um milhão de anos. Com a última pessoa para a qual imaginaria telefonar.

★ ★ ★

Rafe já estava lá dentro, parecendo confortável pela primeira vez desde que Violet o conheceu. Ela o viu antes que ele a notasse e o observou através do vidro, com seus cabelos negros caindo no rosto. Estava inclinado para trás na cadeira aparentemente vacilante do bistrô, com os braços cruzados sobre o peito, o queixo abaixado. Era alguém acostumado a não ser notado. Parecia preferir que fosse assim.

Percebeu assim que o conheceu. Era aquela característica indefinível que não conseguia identificar. Ele era... *diferente*. Era como se fosse um peixe fora d'água. Como se fosse um menino que não conseguia encontrar seu lugar no mundo.

Como ela.

Esse pensamento a deixou instantaneamente desconfortável. Não gostava da possibilidade de ser um peixe fora d'água, apesar de já ter considerado esta hipótese mais do que podia contabilizar.

Ele tinha escolhido o local do encontro, um café na cidade. Um local escuro situado entre as ruas lotadas e os prédios de tijolos da Pioneer Square: uma área de Seattle cheia de galerias de arte, restaurantes e lojas de antiguidades. Era, também, uma área disputada por sem-tetos.

Violet atravessou a entrada, o assoalho cru de madeira ressoando sob seus pés. O cheiro de café era pesado, intenso.

Rafe levantou os olhos e a viu. Ele não sorriu, não respondeu de forma alguma, e Violet ficou surpresa com a própria decepção. Ficou imaginando o que estava esperando.

E temeu que tivesse cometido um erro em ligar para Rafe.

— Oi — ela disse, de repente nervosa ao puxar a cadeira diante dele.

Ele levantou o rosto e assentiu brevemente, e ela continuou olhando reservadamente para ele. Já havia pedido um café antes de Violet chegar, cujo vapor subia na mesa entre eles.

— Obrigada por me encontrar. Sei que foi em cima da hora.

Ele deu de ombros e limpou a garganta. Como sempre, a voz soou calma.

— Fiquei um pouco surpreso por você ter ligado.

Violet sentia *exatamente* a mesma coisa.

— Foi você que me deu seu telefone. — Desafiou com um olhar, mas não sabia ao certo o que mais poderia dizer. Agora que estava sentada ali, sentia-se tão... desconfortável. — Estava torcendo para que pudssemos conversar... talvez você pudesse, não sei, responder algumas perguntas.

Ele olhou para baixo, como se estivesse com dificuldades de sustentar o olhar da menina.

— Tem razão, dei meu telefone. Mas é que... não sou muito bom em conversar. Sara é melhor nisso. — Levantou os olhos então, encontrando os dela, e Violet novamente se espantou pela sua intensidade. — Não sei ao certo se era para mim que deveria ter ligado.

Violet balançou a cabeça, mas não conseguiu encontrar as palavras para contestar. Podia quase *enxergar* os muros que ele tinha em volta de si, as defesas que não tinha qualquer intenção de baixar.

— Se quiser, posso ligar para Sara e marcar alguma coisa entre vocês, mas acho que eu não consigo fazer — apontou dela para ele, dando de ombros, com o rosto terno — isso.

Violet não respondeu; ela de repente se sentiu uma idiota por pensar que poderia conversar com Rafe. *O que andei fumando?*, repreendeu-se. Estava com os olhos queimando, ardendo, e piscou com força. Não podia acreditar que tinha sido tão tola para acreditar que eles podiam ter alguma espécie de *ligação*. Mas depois de tudo que passara, as lágrimas estavam próximas demais da superfície, e temia que se comesse a chorar agora, na frente dele, poderia literalmente morrer de humilhação.

Afastou-se da mesa, quase derrubando a cadeira na pressa de sair.

Mas Rafe se esticou para alcançá-la, agarrando-a pelo pulso e contendo-a antes que ela pudesse virar de costas.

Violet se encolheu ao toque dele, enquanto uma eletricidade acendeu entre eles, acalmando-a. Puxou a mão de volta, fechando-a com força, sobre o coração acelerado.

— Desculpe — murmurou Rafe, parecendo tão confuso pela corrente estranha quanto ela. Ele relaxou o punho, e Violet notou que as unhas dele estavam cheias de marcador de texto. Levantou os olhos para ela. — Ouça, Violet, não tive a intenção de magoá-la. *Por favor...* não vá. Ainda não.

Violet hesitou, tentando decidir, mas não conseguia ignorar a sinceridade que ouviu na voz dele. Finalmente, ela puxou a cadeira de volta para a mesa e se sentou. Mas, agora, era ela quem estava com um olhar desconfiado.

Então ele sorriu; um sorriso manhoso, perverso. Combinava com ele.

— Eu disse, sou péssimo nisso.

Violet fez uma careta, ainda não estava pronta para liberá-lo.

— Isso é um eufemismo.

— Podemos tentar outra vez? Sobre o que você queria *conversar*?

Violet exalou ruidosamente ao apoiar os cotovelos na mesa e tentar explicar.

— Não sei por que liguei, na verdade. Eu só... só não queria mais ficar sozinha. E isso não significa que ache que temos que ser *amigos* ou coisa do tipo. — Fez uma careta para ele. — Só que você é a única pessoa que sabe sobre Sara Priest. E que encontrei aquele garotinho. Pelo menos, a única pessoa com quem posso conversar. — Pensou em Jay, e em como deveria ter conseguido falar com ele.

Então, por que não conseguiu? Por que não contou a ele sobre a reunião com o FBI?

Agora já não importava; Jay não estaria mais por perto.

— Acho que simplesmente não sei o que fazer, e você parece ter algumas respostas.

As sobrancelhas de Rafe se ergueram, na expectativa.

— Você acha que *eu* tenho as respostas?

Violet deu de ombros.

— Bem, você e Sara.

— E não quer falar com ela. — Não foi uma dúvida naquele momento. Rafe se inclinou para trás ao cruzar os pés preguiçosamente, mas não estava enganando Violet; sabia que tinha a atenção dele.

Também sabia que teria que agir com cuidado; Rafe não parecia ser do tipo que *compartilha*.

Mas tinham alguma coisa em comum, independente de estarem dispostos a admitir ou não. Sara Priest era prova disso.

— Ouça, entendo. *Você* não quer falar sobre *você*, e *eu* não quero falar sobre *mim*. Então, em que pé isso nos deixa, exatamente? — Ela inclinou a cabeça para o lado.

Rafe levantou o ombro.

— Exatamente onde começamos, suponho.

— Quanta bobagem — insistiu Violet, cerrando os olhos para ele. — Você sabe *muito* mais do que transparece. Tipo, por que a Sara está tão interessada em mim? O que ela acha que sabe?

Rafe se inclinou para a frente, não mais fingindo indiferença.

— Você é quem deve me dizer, Violet. Obviamente, existe... *alguma coisa*. Do contrário nenhum de nós estaria aqui. Você estaria segura em casa na sua cidadezinha, e eu ainda na cama. — O rosto dele não tinha expressão, mas Violet viu o brilho provocador nos olhos azul-escuros. — Se quer trocar segredos, então, você primeiro.

Violet cerrou os lábios, preocupando-se e mordendo-os até sentir o gosto do próprio sangue. Considerou o que ele estava falando e reconheceu a armadilha que ele havia preparado. Ele a tinha nas mãos. Claro, ele sabia disso. Violet não ia revelar o que conseguia fazer... não contaria sobre seu dom de encontrar corpos. E ele certamente não estava prestes a se abrir com ela.

Violet exalou, soltando o ar que vinha prendendo enquanto esperava que ele liberasse alguma coisa... *qualquer coisa*.

— Então, você trabalha para ela? É isso que rola entre vocês?

Rafe riu. Foi a primeira vez que Violet o ouviu rir. O ruído era comedido e baixo, assim como a voz dele.

— Trabalho *com* ela. Grande diferença. — Alcançou no bolso e entregou a ela um cartão de visita, exatamente como os outros. — Se tem alguma pergunta sobre Sara, acho que deve ligar para *ela*.

Violet o encarou, mas sabia o bastante para perceber que tinham chegado a um impasse.

Rafe esticou o braço e empurrou o café na mesa.

— Pedi isso para você. Café com leite e baunilha, duplo. Mas, provavelmente, já está ficando frio.

Violet franziu a testa.

— Como sabia o que pedir? — Pegou a caneca. Ainda estava morno.

Ele encolheu os ombros.

— Só um palpite. A maioria das meninas gosta de baunilha.

Violet olhou para ele, incerta. Esta era a lógica mais falha que já tinha ouvido. A maioria das meninas gostava de muitas coisas diferentes: chocolate, caramelo, leite desnatado, leite *integral*, chantilly, café gelado... as opções eram intermináveis. Como ele podia tê-la tomado por uma menina que gostava de café com leite e baunilha?

Deu sorte, concluiu ao tomar um gole. Levantou para se retirar,

reconhecendo que a conversa tinha chegado ao fim.

Mas Rafe se esticou para contê-la, desta vez com cuidado para tocar o casaco, e não a pele.

— Ah, e Violet? — Desta vez estava sorrindo, mais ou menos. — Feliz aniversário.



CAPÍTULO 21

Quando Violet atravessou a porta da frente, a casa estava cheia de aromas de comida. *Comida de verdade*, do tipo que não tinha nada a ver com a seção de congelados do supermercado.

Isso só podia significar uma coisa: alguém, que não a sua mãe, havia preparado o jantar de aniversário.

Violet não se importava com o *quem*. Era *o que* que a deixou com água na boca assim que entrou em casa.

A essência delicada de alecrim misturada ao reconfortante aroma de alho e limão. Soube imediatamente que o pai estivera cozinhando, pois era o prato preferido de Violet — pelo menos na categoria “caseiro” —, *frango ao limão*.

De repente, estava faminta. E até mesmo o aspecto negativo que envolvia uma noite com a família — ou com qualquer pessoa, aliás — não foi suficiente para diminuir o apetite.

Podia ouvir risadas vindo da cozinha e soube que já estava atrasada para a própria festa. Por sorte, conseguiu subir silenciosamente para se arrumar. Sentia-se um lixo depois de ir até a cidade e voltar, tentando obter informações de Rafe. E sabia que provavelmente isso também ficava claro em sua aparência. Beliscou as bochechas para transmitir a ilusão de que ainda havia sangue pulsando em algum lugar do corpo, e escovou rapidamente os dentes.

Quando decidiu que era o melhor que podia fazer em tão pouco tempo, voltou para o andar de baixo. Sua mãe a estava esperando na base da escadaria.

— Feliz aniversário, Vi! — Agarrou Violet, dando-lhe um abraço apertado.

— Mãe, você andou bebendo? — Censurou, meio que brincando, enquanto lutava para se soltar. Podia ouvir os outros na cozinha, algumas cadeiras sendo arrastadas, e vozes vindo saudá-la.

— Não — zombou a mãe, como se a sugestão fosse absurda. — Só estou...
— começou a dizer alguma coisa, mas mudou de ideia.

Preocupada, pensou Violet, concluindo a frase mentalmente. E ficou imaginando o que os pais andaram pensando nos últimos dias, com Violet faltando aula e se escondendo no quarto, quase sem comer, e, então, desaparecendo hoje pela manhã.

No entanto, ela não perguntou nada, principalmente porque não queria saber as respostas.

— Feliz aniversário — o pai interrompeu o silêncio desconfortável. Abraçou-a também, só que com mais delicadeza, mais suavidade.

Violet sorriu para ele.

A tia e o tio também estavam lá, junto com seus dois priminhos, Joshua e Cassidy. Cassidy esticou os braços para Violet, que levantou a menininha loura, comentando sobre como ela havia ficado pesada, apesar de ainda ser leve como uma pena.

— Então, está com quantos agora — Violet provocou a garotinha que se debatia em seus braços —, tipo doze, treze anos?

— Não! — Cassidy riu, mas esta foi sua única resposta.

Joshua, que mal tinha cinco anos, já era sério como o pai de Violet, um minicontador em formação. Ela teve que se forçar para *não* notar as semelhanças entre ele e a foto do garotinho da orla de Seattle.

— Ela não tem nem três anos. Faz aniversário dia seis de abril — declarou com precisão.

— *Hum* — Violet respondeu, incrédula, olhando para ele como se não acreditasse. — Teria chutado mais velha que isso.

Joshua deu de ombros, como se não se importasse com o assunto. Em seguida perguntou:

— O que houve com você? Está doente, ou alguma coisa?

— Joshy! Que grosseria! — Tia Kat olhou como se pedisse desculpa para Violet. — Peça desculpa agora mesmo.

Violet colocou Cassidy no chão. A garotinha agarrou a perna dela e segurou com força.

— Não tem problema — Violet disse para a tia. E depois, para Joshua, deu de ombros. — Estou com alguma coisa, mesmo. Só não sei o quê.

O silêncio desconfortável voltou. E Violet estava ciente de que todos sabiam, ou ao menos desconfiavam, o que havia de errado com ela. Provavelmente, que ela e Jay haviam brigado, talvez até terminado.

Ficou feliz quando o pai prendeu o braço no dela e a puxou em direção à cozinha.

— Vamos. Tem comida suficiente para um exército. Vamos comer.

Violet não precisava ser chamada duas vezes. Comida, ao menos, era algo que podia aceitar. E ele estava certo: tinha mais do que o suficiente.

Violet focou num ponto da mesa e fingiu estar interessada nos assuntos ao redor. Não queria que ninguém perguntasse o que havia de errado. Não queria responder perguntas que eram difíceis demais até de pensar.

O pai terminou de preparar o jantar, e o frango foi servido com purê de batata ao alho e uma salada Caesar. Por sorte, a conversa se manteve longe de qualquer assunto referente a Violet — pelo menos no que dizia respeito a Jay —, com apenas pouquíssimos deslizes. E, apesar de ser seu aniversário, ela mal precisou participar.

Ela se pegou conversando com as crianças — os primos — muitas vezes, principalmente porque eles não precisavam de nada real, de nada profundo vindo dela. Não representavam risco, e Violet preferia assim.

A mãe havia se desviado tecnicamente da regra de não comprar balões ou serpentina. Violet não fora clara o suficiente, e percebeu que devia ter estendido a condição, transformando a regra em uma de *sem decorações*. Mas como não falou isso, a mãe havia seguido à risca suas ordens, a mesa — e a sala — estava lotada de flores e velas.

O resultado era dramático. E mesmo que Violet quisesse protestar, alegar que seus desejos tinham sido ignorados, que o espírito — senão a palavra — do pedido havia sido violado, não conseguiu.

Talvez fosse apenas o resultado da primeira refeição de verdade que fazia em dias, ou, quem sabe, o fato de ter dormido muito pouco, mas até *ela* tinha que admitir que estava lindo. Fez com que se sentisse melhor só por estar cercada por aquilo, e pela família, no seu aniversário.

— Obrigada — disse, quase que para si mesma, enquanto mantinha os olhos abaixados, se concentrando no prato.

Só soube que tinham escutado pela breve pausa na conversa.

Por isso e pela resposta rápida e direta de Joshy:

— De nada.

Violet sorriu ao comer mais uma garfada do purê de batata.

A conversa continuou. Teve bolo e presentes. Violet fez o melhor que podia para permanecer no momento, se manter centrada no aqui e agora, em vez de deixar a mente vagar para outros lugares.

Mas era difícil, e ela se viu distraída diversas vezes, o que piorou muito quando todos ouviram uma batida na porta da frente.

O estômago de Violet se contraiu, ansioso. Não havia ninguém que ela quisesse ver agora, pelo menos ninguém além de quem já estava ali.

Detestava a confusão de sensações, a expectativa e o pavor. Sentiu-se traindo a si mesma por torcer para que fosse Jay, após ter passado tanto tempo se convencendo de que ele era a última pessoa que queria ver. *Principalmente esta noite.*

Violet olhou em volta da mesa, para a mãe, o pai, a tia, o tio, e até para os priminhos. Todos pareciam tão paralisados quanto ela.

— Eu atendo. — Tio Stephen se levantou e foi até a porta.

Violet prendeu a respiração.

Ela sabia. Já sabia que era ele. Estava com medo de vê-lo, medo do que poderia fazer com sua frágil decisão.

Mas quando o tio voltou para a cozinha, estava sozinho. E talvez só ela tenha percebido, mas se sentiu afundando na cadeira. Engasgou-se com a amarga decepção de estar errada e ficou frustrada por se sentir assim.

E então ele disse as palavras que Violet ao mesmo tempo antecipara e temia.

— É Jay. Ele quer falar com você.

O ar parecia negro e pesado, sufocando-a. Ninguém falou enquanto continuaram parados, olhando para ela.

Violet franziu o rosto ao olhar suplicante para o tio e balançar a cabeça negativamente, sem conseguir responder em voz alta.

— Tem certeza? — ele perguntou calmamente, e, apesar da voz baixa, soou alto demais no silêncio da cozinha. Até as crianças tinham parado de se mexer na cadeira.

Violet assentiu, implorando para que ele entendesse. Mas não precisava se preocupar. *Ele* não questionava ou duvidava dela quando ela precisava.

Quando saiu da cozinha, a mãe e a tia jogaram conversa fora educadamente, em vez de fingirem que não estavam ouvindo e tentando escutar o que estava se passando na porta da frente.

Mas Violet não conseguia mais fingir. Assim que ouviu a porta se fechar, pediu licença sem explicações.

— Vou para o meu quarto — disse secamente, sem tom de desculpas.

Ninguém tentou contê-la ou perguntar se estava bem. Os pais se despediriam dos tios por ela, e mais tarde — muito mais tarde —, quando

estivesse melhor, pediria desculpas.

Mas, agora, não tinha em si a capacidade de ser educada ou de lidar com familiares bem-intencionados. Por enquanto, só queria ficar sozinha.

Seu aniversário já havia acabado para ela.

★ ★ ★

Violet esperou até a casa ficar silenciosa para descer novamente.

Ficou no quarto, tentando voltar àquele estado, o entorpecimento no qual conseguiu ficar até a chegada de Jay à festa, abalando sua compostura fracamente estabelecida. Mas não importa o quanto tentasse, os sentimentos eram fortes demais e muito à flor da pele para serem contidos.

Então, em vez disso, queria bolo. Talvez uma boa dose de açúcar pudesse acalmá-la.

Foi calmamente até a cozinha, e quando chegou lá, sorriu. O pai devia ter imaginado que ela voltaria.

Na bancada, que tinha sido esvaziada e limpa depois da festa, havia um prato coberto com papel-filme. E sob ele um pedaço gigantesco do bolo de aniversário.

Violet sentiu uma onda de agitação, mas de um jeito bom. *Do melhor jeito possível.*

Ao lado do prato havia uma pequena sacolinha rosa de presente com papel de seda dentro. Violet ignorou a sacola, olhando-a brevemente antes de ir até a geladeira para pegar o leite.

Só quando se sentou novamente diante do prato e descobriu o bolo ela voltou a pensar no presente ao lado.

Achou que já tivesse aberto todos, os dos pais, da tia e do tio, mas deve ter saído da festa antes que tivessem a chance de entregar aquele.

Apoiou um pé descalço no banco e encostou o queixo no joelho enquanto comia um pedaço do bolo. Estava perfeito, era exatamente o que precisava. Como uma coisa tão simples quanto uma fatia de bolo podia fazer com que se sentisse tão melhor?

Esticou o braço e tocou o papel delicado do presente; o brilho iridescente dele cintilava ligeiramente à luz acima do fogão. Violet sorriu novamente, imaginando se o açúcar já a tinha dominado, ou se era apenas muito superficial, a ponto de ficar tão feliz com um presente em um embrulho

bonito.

Superficial, não. Mas ainda era uma menina, afinal.

Deixou o papel escorregar dos dedos por tempo suficiente para tomar um gole do leite gelado para levar a rica cobertura, podendo começar tudo outra vez. Não tinha pressa. Não tinha nenhum lugar melhor para estar no momento.

Depois que engoliu, comeu outro pedaço, lambendo a cobertura do garfo antes de repousá-lo finalmente no prato. Puxou o embrulho e espiou dentro.

O que quer que fosse, estava embrulhado no mesmo papel bonito.

Puxou algo pequeno, porém sólido. Cabia na palma de sua mão. Retirou o papel brilhante. Dentro havia um porta-retratos dobrável.

Violet ficou imaginando de quem seria, admirando os fios dourados delicadamente entrelaçados nas bordas do porta-retratos ao abrir. Mas quando viu as fotos que já estavam ali, congelou.

Era de Jay.

O presente. As fotos. Deve ter deixado o presente com o tio quando passara lá mais cedo.

Seu estômago saltou. Violet o detestava por fazê-la se sentir tão confusa, tão dividida.

As fotos eram do segundo ano, as fotos escolares de cada um. A de Jay, em particular, sempre foi uma das preferidas de Violet, principalmente porque ela era a responsável por aquele penteado.

Foi no ano em que o fotógrafo distribuiu uns pentes pretos para todas as crianças na fila, e Violet decidira “consertar” o cabelo de Jay. Ela o levou para o chafariz e molhou o cabelo dele, alisando a parte torta e rebelde que fez com o pente gratuito. Achou que ele estava perfeito.

E agora, olhando para a foto, com o cabelo bagunçado e os dentes da frente grandes demais, via que estava mesmo.

De um jeito completamente ridículo.

Mas não importava. O presente teria sido fofo e doce em qualquer outro momento. Mas não agora.

O presente não mudava nada.

Não confiava nela. Não acreditou nela. E isso era tudo que importava agora. Não podia apagar tudo deixando um presente para ela... nem mesmo um presente adorável.

Era o pior presente possível para dar num momento como aquele. E exatamente o tipo de final que Violet deveria ter esperado para o pior

aniversário da sua vida.

Jogou o porta-retratos e o papel de volta no saco e largou, junto com o resto do bolo, no balcão e seguiu para as escadas.

O idiota, o idiota do Jay.

Logo quando estava começando a se sentir um pouco melhor ele tinha que dar um jeito de estragar tudo outra vez.



PREGUIÇA

O silêncio se avolumou, proclamando sua preferida da noite.

Saiu do quarto o mais silenciosamente possível, os velhos tacos do assoalho estalando ocasionalmente. Mas já sabia os melhores pontos para pisar para impedir que protestassem muito alto. A casa estava escura, exatamente como gostava. E calma.

A sala estava cheia de louças sujas e havia jornais espalhados sobre quase todas as superfícies. Roupas — sujas e limpas — estavam jogadas no chão e garrafas cobriam a mesa de centro diante da televisão.

Trabalhou rapidamente, juntando os jornais. Levou os pratos e as garrafas vazias para a cozinha, catando o lixo e dobrando as roupas. Tentou não respirar o odor amargo de uísque barato que se misturava nauseantemente ao cheiro de cigarro que grudava em tudo que o pai tocava — suas roupas, sua pele, seu hálito. Fez uma careta ao pensar nesses odores — os odores dele — tocando-a.

Disse a si mesma para ignorá-los; quanto mais cedo terminasse, mais cedo poderia se deitar.

Ouviu uma porta se abrindo no corredor escuro, e o ar se prendeu na garganta. Seu coração se esqueceu de bater.

Passos percorreram os tacos de madeira, obviamente, nem um pouco cuidadosos como os dela, e ela se encolheu a cada rangido que escutou.

— O que você está fazendo? — seu irmão murmurou, com os olhos turvos, e finalmente recobrou o fôlego. — Pode fazer isso de manhã.

Balançou a cabeça. Não queria contar a verdade para ele. Contar que preferia executar as tarefas quando o pai não estava por perto, que de manhã havia chance de ele estar presente, que poderia ter que vê-lo, ter que falar com ele.

— Não consegui dormir — mentiu.

— Pelo menos me deixe ajudar — se ofereceu, limpando as bancadas e levando o resto das louças para a pia.

Pensou em se abrir com o irmão, em perguntar como ele conseguia suportar aquela

versão inútil do pai. Como conseguia suportar tudo.

Mas sabia como: era mais forte do que ela; sempre fora. Até quando eram pequenos, era ela que tropeçava e caía, que precisava de alguém para levantá-la e limpá-la. Era ela que precisava da mãe.

Ele sempre foi tão independente, tão determinado a fazer as coisas por conta própria! Era inteligente, sociável, alegre. Tudo que ela não era.

Às vezes, imaginava se ele sequer notava que a mãe os deixara. Que o pai não era mais o mesmo. E que ela estava arruinada... destruída.

Queria conversar com ele, mas não o fazia, porque não queria que o irmão visse o quanto era fraca.

Então, em vez de conversar, terminou de lavar a louça em silêncio.

Enquanto secava as mãos, o irmão amarrou o saco de lixo da cozinha.

— Vá, volte para a cama. — O sorriso dele era verdadeiro, talvez até doce. — Eu acabo e apago as luzes.

Não discutiu; apenas concordou, voltando pelo corredor, tomando cuidado a cada passo, calculando cautelosamente onde devia pisar para não acordar o pai.



CAPÍTULO 22

Violet voltou para o colégio no dia seguinte, principalmente porque sabia que ficar em casa outra vez não tornaria o retorno mais fácil.

Teria que fazer isso em algum momento. Mas estar lá, sob o mesmo teto que Jay, era algo parecido com uma dança cuidadosamente coreografada. E não era apenas Jay que precisava evitar.

Violet não esperava que fosse ser difícil ficar longe de Megan. Eram de turmas diferentes — anos diferentes —, e esse nunca fora um problema antes. Mas agora Violet tinha plena consciência de que havia sempre uma possibilidade, de que em algum ponto, e quando menos esperasse, existia a chance de que seus caminhos se cruzassem.

Com Jay, no entanto, era outra história. Teria sido impossível evitá-lo completamente, principalmente porque frequentavam algumas aulas juntos. Mas Violet fez de tudo para se manter o mais longe dele possível.

Chegou mais cedo às aulas e pediu para trocar de lugar com outros alunos, recebendo alguns olhares estranhos, mas ninguém reclamou de fato — pelo menos não em voz alta.

Mas, mesmo com essas precauções, Violet ainda se sentia desconfortável. Podia sentir os olhos de Jay nela, implorando para que olhasse para ele, desafiando-a a ignorá-lo.

E era difícil. Violet *queria* espiar, dar uma olhada na direção dele, só para vê-lo por um instante. Mas não podia arriscar. Sabia que ele estaria esperando, atento a qualquer deslize.

Entre as aulas foi mais difícil, e depois do quarto tempo Jay estava esperando por ela no corredor. Era difícil vê-lo ali, cara a cara, difícil se manter imparcial quando ele parecia tão sério, tão sincero. Seus olhos estavam cansados e vermelhos, e ele parecia derrotado mesmo antes de falar.

Tentou passar direto, mas ele a deteve, agarrando-a pela mão e a puxando

de volta. Era como se seu toque a queimasse, e Violet contraiu-se quando notou o ardente formigamento que sentiu quando os dedos de Jay a tocaram.

— Violet, por favor... fale comigo.

Mas se vê-lo já era difícil, ouvir a voz era ainda pior. Ficou descontrolada e cheia de emoções. Ele parecia tão... *tão infeliz*.

Como ela.

Mas não podia permitir que ele fizesse isso com ela. Tinha que ser mais forte.

— Jay, não. Não quero falar com você. Deixe-me em paz. — Queria pedir *por favor*, implorar para que ele se afastasse, caso ela não conseguisse, mas tinha medo desse termo. Era suave demais, e temia que pudesse revelar muito sobre o que estava sentindo naquele instante, ao vê-lo pessoalmente.

Puxou a mão das garras dele. E, novamente, irritou-se com ele por deixá-la ir, apesar das suas palavras e ações. Não olhou para trás; simplesmente o deixou ali. Mas sabia que ele a estava observando, assim como sabia que queria voltar e apagar tudo o que dissera.

Queria dizer que não se importava, que não ligava para o que ele pensava ou acreditava, porque o amava. E precisava dele.

Mas não podia. Porque se importava.

★ ★ ★

No almoço, Violet se sentou sozinha em seu carro para não correr o risco de encontrar Jay outra vez.

Verificou o telefone pela milésima vez, para ver se Sara Priest havia ligado, e percebeu que estava decepcionada por não haver novas mensagens.

Parte dela, e já não tinha mais certeza sobre quão pequena era esta parte, torcia para que Sara ainda não tivesse desistido.

Recentemente, Violet tivera tempo para pensar em tudo que havia acontecido, inclusive a forma como Sara Priest entrara em sua vida... por meio da descoberta do menino. E, de repente, as coisas pareceram um pouco mais claras, o que deveria ter sido assustador, perturbador até, considerando que o restante de sua vida estava uma bagunça. Em vez disso, fazia perfeito sentido para Violet.

A maneira como reagira nos últimos meses: recuando, mantendo Jay — e todas as outras pessoas ao redor — afastado, com medo de permitir que se

aproximassem demais.

Tinha tido muito medo de deixar que mais alguém se machucasse por sua causa.

Mas agora sabia; agora entendia que não tinha culpa. De nada. Não podia evitar o que fazia, o que era capaz de fazer, assim como se tivesse nascido *sem* a habilidade de encontrar os mortos. Era simplesmente uma parte de quem ela era.

E Violet não queria mais ignorar essa parte. Não havia nada de errado com isso... *com ela*. Aliás, podia até ser útil. *Tinha sido* útil.

E lembrou-se de como se sentira antes, quando procurou um serial killer. Como se tivesse um propósito.

Sentira-se bem. Valiosa. Viva.

Queria *aquilo* de novo. Queria encontrar uma maneira de recuperar aquelas sensações, de ter um propósito para o seu “dom”.

Não queria mais se esconder, ou ter segredos, pelo menos não daqueles em quem confiava.

Talvez Rafe tivesse razão; talvez Sara Priest pudesse ser essa solução.

A não ser que Sara não estivesse mais interessada em Violet. A não ser que tivesse se cansado de esperar que ela se decidisse.

Mas Violet ainda não podia se preocupar com isso. Tinha outras coisas para resolver primeiro.

Tipo, quem *eram* aqueles em quem podia confiar?

★ ★ ★

Violet esperou o máximo que pôde na última aula antes de se aventurar pelos corredores vazios, e em seguida lá fora, pelo estacionamento. A área estava quieta — sinistramente quieta —, mas Violet preferia assim.

A simples ideia de encontrar Megan, ou vê-la passando, fazia a pele de Violet formigar.

Então, quando Violet ouviu uma voz chamar seu nome, *uma voz feminina*, de repente ficou com as pernas fracas. Até reconhecer o tom abrasivo.

Sem virar, sorriu para si mesma enquanto esperava Chelsea alcançá-la.

— Ei, não me ouviu? *Meu Deus*, onde é o incêndio? — Chelsea reclamou, arfando exageradamente. Em seguida, esqueceu imediatamente que estava chateada. — Não se importa em me dar uma carona, não é? Vim com Jules

hoje de manhã, mas ela vai ficar com Claire para fazerem um trabalho de ciências, e não quero ficar com elas na biblioteca. Além disso, você sabe que a Srta. Hertzog me detesta. Vai passar o tempo todo me mandando calar a boca.

— *Não* — Violet disse sarcasticamente, andando em direção ao carro e tentando manter a cara séria. — Você, não, Chels. Você é silenciosa como um ratinho.

— Pois é, eu sei... Ela é louca. — Colocou as mãos nos bolsos, dando de ombros de forma indiferente enquanto acompanhava o ritmo de Violet. Em seguida, arregalou os olhos. — Ah, quase esqueci. — Puxou um pedaço de papel dobrado do bolso direito. Entregou para Violet. — Jay me pediu para entregar a você.

Violet viu seu nome escrito com a letra de Jay na face externa do bilhete, e sentiu um aperto no coração. Não queria pegar, mas ignorar, deixando na mão de Chelsea, também não era opção. Pegou e enfiou no bolso.

A expressão normalmente animada de Chelsea desbotou e ela se inclinou para perto de Violet, quase como se tivesse medo de que alguém pudesse enxergar esse lado dela.

— Se faz com que se sinta melhor, ele anda todo *cabisbaixo* ultimamente também.

— Do que você está falando, Chels?

Chelsea parou de andar e encarou Violet.

— Jay. Estou falando de Jay, Vi. Achei que pudesse querer saber que não é a única sofrendo. Ele anda se lamentando pelo colégio, é difícil até olhar para ele. Está mal... péssimo.

Exatamente como no outro dia, no quarto de Violet, algo próximo de... *solidariedade* cruzou o rosto de Chelsea.

Violet não tinha certeza de como responder.

Felizmente a Chelsea solidária não ficou por muito tempo. Pareceu controlar suas emoções e, como se um interruptor tivesse sido desligado, o momento desconfortável acabou e a amiga voltou, ao velho estilo Chelsea:

— Juro, toda vez que o vejo, quase sinto medo de que ele comece a chorar como uma garotinha, ou peça um absorvente emprestado, ou coisa do tipo. Sério, Violet, é nojento. De verdade. Só você pode consertar isso. *Por favor*, conserte.

Violet não queria, mas não conseguiu deixar de sorrir com a figura absurda de Jay que Chelsea pintou. E apesar de saber que não era maduro se sentir toda convencida numa hora dessas, principalmente por uma imagem

delirante inventada pela amiga maluca, não pôde evitar; riu assim mesmo.

Ainda assim, não queria conversar sobre o assunto com Chelsea. Nem mesmo com a Chelsea mais gentil e mais sensível.

— Tenho certeza de que ele está bem, Chels. E se não estiver, vai superar.

Chelsea balançou a cabeça.

— Só estou dizendo que... estou aqui se quiser conversar sobre o assunto...

— Deixou a oferta no ar.

E Violet se sentiu culpada por não aceitar. Gostaria de *poder* conversar com ela sobre o que tinha acontecido. Gostaria de poder contar tudo a Chelsea, de explicar por que ela e Jay estavam brigando, contar sobre Megan, e sobre o que tinha visto na casa de Mike naquela noite. Mas não podia. Era tudo muito ligado à sua habilidade.

Então não disse nada e tentou ignorar a decepção no rosto de Chelsea.

Quando Chelsea percebeu que não estava chegando a lugar nenhum com Violet, mudou de assunto, mas Violet achou o assunto mais doloroso e nojento do que Jay.

— Comprei um casaco lindo para usar no chalé no próximo fim de semana. — Chelsea se gabou. — Sabe, quente, mas não *tão* quente, então, talvez Mike tenha que usar um pouco do calor do corpo dele para impedir que eu sofra de hipotermia.

Mas Violet já tinha parado de prestar atenção. Tudo que podia ouvir era um zumbido causado pela pressão nas orelhas.

Os amigos ainda estavam planejando a viagem para o chalé. Claro que estavam. Como Violet podia esperar o contrário?

Chegaram ao carro, e Violet entrou desajeitadamente, esticando-se para destrancar a porta para Chelsea. Tentou se concentrar no que Chelsea estava falando. Queria interrompê-la para fazer perguntas que sabia que jamais ousaria proferir: *Jay ainda ia? Estava planejando ir sem ela?*

E mais: *Megan ia?*

Os dedos de Violet ficaram dormentes ao agarrar o volante. Lutou para saber o que tinha que fazer em seguida, e finalmente lembrou. Colocou os dedos em volta da chave e girou. O carro ganhou vida.

Chelsea nem imaginava o vazio que castigava Violet, roubando sua determinação e atacando seu espírito. Violet parou de escutar enquanto Chelsea continuava tagarelando, e as palavras zumbiam no ar até chegarem à casa da amiga.

Violet lembrou-se de se despedir, mas as palavras soaram fracas e vazias em

sua garganta, deixando um gosto amargo na boca.

Tinha a sensação de que estava desaparecendo, como uma sombra atrás do volante do próprio carro, e imaginou como a amiga podia não perceber isso. Como podia simplesmente ignorar.

Só quando Chelsea parou na porta de casa e lançou um olhar estranho a Violet ela percebeu que ainda estava ali sentada, olhando para o nada.

Chelsea acenou sem jeito.

Violet piscou os olhos, lembrando-se de que era hora de ir. Passou a marcha e arrancou, sem se incomodar em acenar de volta.

Mesmo se tivesse acenado, Chelsea não teria percebido.

Violet havia se tornado invisível.

★ ★ ★

Violet parou no Java Hut no caminho de volta, precisando desesperadamente *não* ficar sozinha agora. Torceu para que o caos do ponto de encontro pós-aula pudesse ajudar. Para que de algum jeito o barulho pudesse penetrar, ou até mesmo remover, a ausência que a sufocava.

Mas quando parou o carro e olhou para a multidão no estacionamento, hesitou.

Sabia que não encontraria Chelsea, a quem tinha acabado de deixar em casa. Nem Jules ou Claire, que ainda estavam no colégio fazendo o trabalho de ciências. Nem Jay.

Era quarta-feira, e Jay trabalhava nas quartas.

Então, por que de repente estava tão indecisa? Qual era o problema?

Ela não sabia, mas agora que estava ali, vendo os colegas de turma entrando e saindo do café lotado, aquele era o último lugar onde queria estar. O problema era que não parecia conseguir fazer nada a respeito. Então, simplesmente ficou ali sentada, assistindo a todos continuarem com a própria vida.

Não fazia ideia de quanto tempo havia se passado, ou há quanto tempo estava olhando para a entrada, mas reconheceu o instante em que o coração voltou a bater. Foi quando viu a menina atravessando a porta do Java Hut.

Megan era bonita. De aparência pequena e frágil, e por uma fração de segundo, pelo mais breve instante, Violet pôde entender por que Jay teria dificuldade em acreditar que aquela garota magrinha e delicada pudesse ser

capaz de fazer as coisas das quais Violet a acusou.

Saiu do café, seguida por duas amigas que, perto dela, faziam Megan parecer uma fada. O contraste fazia com que os movimentos afetados de Megan aparentassem ainda mais deslocados. Dava a impressão de que iria se mover com graça, de forma fluida, como uma dançarina, mas em vez disso transparecia ser reservada e cautelosa. Manteve a cabeça baixa, e os braços encolhidos rigidamente, de forma protetora, em volta de si. Parecia assustada. Como um animal sendo perseguido.

Mas não foi isso que deixou Violet sem fôlego, que a fez se inclinar para a frente, para ver melhor.

E não foi o aparecimento súbito de uma luz branca irradiada pela pele clara de Megan. Por que não estava lá. A luz. A marca.

Não estava lá.

Violet piscou os olhos achando que tivesse enxergado errado. Estava cansada, exausta, e talvez seus olhos a estivessem enganando. Mas não estavam.

Não tinha sido Megan.

Não importava quantas vezes Violet piscasse, ou o quanto tentasse dizer a si mesma que sabia o que tinha visto naquela noite no bosque, não conseguiria enxergar agora — *aqui* — se não existisse.

Tentou entender a situação, o que poderia ter acontecido. Será que poderia haver mais alguém na casa de Megan na noite em que faltou energia? Alguém que *tivesse* sido responsável pela morte da gata? Ou talvez Jay estivesse com a razão o tempo todo. Talvez não tivesse visto eco nenhum, talvez tivesse sido outra coisa, completamente diferente. Uma lanterna. Uma vela piscando.

Violet não sabia. Mas tinha certeza de uma coisa agora.

Megan não havia matado a gata. Não carregava em si a marca. Violet se enganara. E a verdade doía. Saber que acusara a menina de algo tão horrível. E havia brigado com Jay por causa disso...

Jay.

Como ia consertar isso? Como explicaria para ele?

E se ele não quisesse escutar?

Violet assistiu entorpecida a Megan entrar em um carro com as amigas, e percebeu que precisava impedi-la de ir embora. Talvez nada daquilo tivesse sido culpa de Megan — a gata, as ligações, o bilhete —, mas Violet a acusara e agora precisava se desculpar. Ainda que a menina não entendesse o porquê.

Os dedos de Violet se atrapalharam com a maçaneta, ficaram desajeitados e errantes. Mas não dava mais tempo; o outro carro já estava saindo da vaga, e

Violet viu, desamparada, se afastar.

★ ★ ★

Violet hesitou do lado de fora da loja de peças mecânicas. Não queria interromper Jay no trabalho, mas de onde estava podia notar que ele estava sozinho lá dentro, e ela não podia suportar mais um segundo sem falar com ele.

Precisava dizer que estava errada.

Quando ela abriu a porta, Jay levantou os olhos por trás do balcão e a viu. Seu coração foi para a garganta, tornando impossível respirar.

Contraiu o rosto e o discurso, que treinara tanto, se perdeu no instante em que o viu correndo para contornar o balcão e alcançá-la. Ele não disse nada inicialmente, apenas a tomou nos braços, apertando-a contra o corpo. Era sua maneira de dizer que estava aliviado por ela ter vindo.

Violet enterrou o rosto no casaco dele, inalando o cheiro familiar de Jay. Grudou nele, sem conseguir se conter, apesar de não merecer, não merecê-lo.

— Meu Deus, Violet, sinto tanto. Sinto tanto, *tanto*... — Apoiou o rosto na cabeça dela, e ela percebeu que ele precisava dela, tanto quanto ela precisava dele.

Aproximou-se, moldando o corpo no dele, com medo de que, caso se separassem, o momento de alguma forma podia ser arruinado. Os braços de Jay se contraíram, como se ele soubesse o que Violet estava pensando, e ela pôde *sentir* o coração dele batendo sob a pele dela, trazendo-a de volta à vida.

Tentou dizer a ele, explicar, mas sua voz a traiu, saindo como um sussurro sufocado.

Jay deve ter interpretado mal o ruído, e o abraço se estreitou ainda mais, puxando-a ainda mais para perto.

— Não, Violet. Por favor, apenas me ouça. Não aguento mais. Você venceu. Eu estava errado. Nunca deveria ter duvidado de você. Confio mesmo em você. Amo você e não posso mais ficar assim. Não quero ficar... — Lutou para encontrar as palavras certas. — ...*sem* você. — E, então, finalmente, relaxou os braços, soltando-a, devolvendo a escolha a ela. Violet sentiu os ombros de Jay caírem, e o coração pular. — Por favor...

Violet não queria que ele se sentisse mal, mas ainda não conseguia falar. Balançou a cabeça, esfregando o rosto no peito dele, tentando fazê-lo entender.

Envolveu-o com os braços, por baixo do casaco, agarrou-se à camisa, recusando-se a soltá-lo.

Foi todo o estímulo que Jay precisava. Suas mãos já estavam nela, tocando-a, reconfortando-a. Segurou-a. Beijou sua cabeça. E suas bochechas.

E esperou para que estivesse pronta.

Quando o coração de Violet voltou ao ritmo normal, tentou novamente.

— Eu é que sinto muito, Jay — finalmente insistiu, e dessa vez a voz não falhou. — Eu estava errada... sobre tudo. Não deveria ter tirado conclusões tão precipitadas, ou forçá-lo a admitir que eu tinha razão. Não deveria tê-lo afastado. — Tremeu, e Jay a abraçou, acalmando-a.

— *Shhh...* — sussurrou nos cachos escuros dela.

— Não, deixe-me terminar. — Limpou a garganta, inclinando a cabeça para trás, para que pudesse olhar para ele.

Sentiu-se mal pelo que viu. Os olhos dele estavam vermelhos, e Chelsea tinha razão: parecia esgotado. Da mesma forma como Violet se sentia.

Mas quando ele sorriu para ela, com a cabeça inclinada e do jeito mais doce possível, tudo pareceu melhor. Ele era lindo. E era dela. Ainda assim, precisava que Jay entendesse.

— Jay, não foi Megan. — As palavras pareciam queimar sua garganta, como veneno.

O sorriso desapareceu, e o estômago de Violet se encolheu enquanto ela procurava as palavras certas.

— O que está dizendo? — Jay perguntou, confuso.

— Não foi Megan que matou a gata. Ou não foi *ela* que vi na casa naquela noite, ou não foi uma marca. Eu a vi hoje. Ela não matou ninguém. Eu estava errada. *Desculpe*. — Estava suplicando a ele, torcendo para que entendesse.

Ele não disse nada de imediato, mas Violet sabia que alguma coisa estava errada. Podia *sentir*. O corpo dele enrijeceu, e ela o sentiu se afastando, ligeiramente — quase nada —, mas o bastante. O espaço entre eles parecia enorme.

De repente lembrou-se de onde estavam. De que ainda estavam na loja de autopeças. De algum jeito, envolvida pelos braços de Jay, Violet se esquecera.

— Jay, não — implorou Violet.

Talvez não tivesse dito corretamente. Talvez a explicação tivesse sido incompleta e ele *não* houvesse compreendido, afinal. Precisava tentar novamente.

— Por favor, também não posso ficar sem você. Não quero mais terminar.

Estava tentando dizer que estava errada...

Mas não teve chance de terminar, pois Jay a puxou novamente, apertando-a contra o corpo, dessa vez sem deixar qualquer espaço. Inclinou-se sobre ela, envolvendo-a com os braços e com o corpo, e ela pôde sentir a cabeça dele tremendo.

Violet lutou para se mexer e respirar em meio ao abraço, e quando ouviu suas palavras, entendeu.

— Não, *eu* estava errado. Não pensei nisso do jeito certo. Teria sido melhor se fosse Megan. É pior agora. Significa que não está segura, porque *alguém* deixou a gata. — Jay relaxou os braços apenas o suficiente para que Violet pudesse respirar. — Droga! *Droga*, Vi, alguém deixou uma gata morta para você. Alguém que continua por aí. Precisa contar para os seus pais. E para o seu tio. Temos que encontrar esse cara.

Violet pensou no bilhete que recebera, no papel rosa com a caligrafia leve e no poema perturbador.

Inclinou a cabeça para trás e olhou para Jay, percebendo que ele tinha razão.

— Ou garota — corrigiu, distraidamente.



CAPÍTULO 23

Violet não contou para os pais, nem para o tio, logo de cara. Aliás, não planejava contar para eles nunca. Em vez disso, propôs uma solução diferente. Uma alternativa.

Jay não gostou muito da ideia inicialmente. Aliás, não gostou nada, na verdade. Teria preferido ir até o tio dela. Alguém que ele conhecia. Alguém em quem confiava.

Mas Violet foi inflexível, insistindo que mantivessem a família dela de fora dessa vez. Não queria preocupá-los. E, ainda que fosse egoísta da parte dela, não os queria perseguindo-a, sufocando-a com preocupação. Justificável ou não.

Queria tentar uma abordagem diferente primeiro.

Jay concordou, relutante, mas apenas a curto prazo.

O que significava que ele estava dando um prazo para o plano dela. Se a *solução proposta* por Violet não funcionasse até o fim da semana, ele ia cancelar e falar com a família dela. Queria que Violet ficasse segura, independente de qualquer coisa.

A contragosto, Violet aceitou os termos dele, acreditando que seu plano era melhor e que iria funcionar. Até o momento da execução.

Agora que ela estava sentada no carro conduzindo o plano tinha algumas dúvidas. Sérias.

Olhou nervosa para o pedaço de papel na sua mão e depois novamente para o prédio decadente. O endereço estava certo. Verificou a placa da rua na esquina mais uma vez — talvez tivesse lido errado e estivesse no quarteirão errado.

Não. Rua certa, quarteirão certo. Droga!

Tentou ignorar as restrições incômodas quanto a estar aqui sozinha no escuro enquanto esfregava os cabelos na nuca, para impedi-los de se

arrepiarem.

Não era exatamente o que tinha imaginado, o local.

Violet contou a Jay sobre Sara, e sobre como ela poderia ajudar, mas imaginou que levaria um ou dois dias até conseguirem marcar um encontro. Ficou surpresa, então, quando Sara concordou em encontrá-la naquela noite. E mais surpresa ainda por marcarem nesse novo local.

Ligou para Jay no trabalho, sabendo que ele iria querer acompanhá-la, mas explicou que as coisas estavam indo rápido demais, e que precisava ir. Ele se ofereceu para sair mais cedo do trabalho, mas os dois sabiam que a oferta era inútil; jamais deixaria a loja vazia.

Então, ali estava, sozinha.

Violet enfiou o pedaço de papel na bolsa, trocando-o pelo pequeno tubo de spray de pimenta ao abrir a porta do carro. Posicionou o dedo no gatilho da lata. Por via das dúvidas.

O fato de não haver ninguém em volta deveria ter feito Violet se sentir mais segura, mas não fez. Fez com que se sentisse uma isca.

Uma isca jovem, desamparada, com um pequeno tubo de spray de pimenta.

Apressou-se pelos degraus até a entrada iluminada e pressionou o botão lascado. Ouviu-o tocar em algum lugar lá dentro. Manteve o dedo posicionado no botão do spray.

Deu um salto quando uma voz retumbou ao seu lado.

— Posso ajudar?

Violet olhou para o interfone preto de plástico. Já estava se sentindo como uma minhoca em um anzol — a voz da mulher foi como colocar um chamariz colorido no pescoço. Definitivamente, uma isca.

— Estou aqui para ver Sara Priest — disse o mais baixo possível, e torceu para conseguir ser ouvida ainda assim.

Ouviu um clique do outro lado, como se tivessem desligado. E em seguida, nada.

Droga!, Violet praguejou em silêncio. Talvez tivesse escrito o endereço errado, afinal. Talvez ela *estivesse* no lugar errado.

Pensou em apertar o botão outra vez, mas seu senso de autopreservação e o medo da voz excessivamente alta da mulher a impediram de se aproximar. Em vez disso, simplesmente ficou ali, mais ansiosa a cada segundo.

Violet não percebeu que havia se encostado com tanta força na porta até que fosse aberta por dentro, e ela tropeçasse para trás.

Caiu desajeitada tentando se segurar quando os pés escorregaram, e bateu primeiro com o cotovelo, em seguida com o ombro — *com força* — na quina da porta. Ouviu a latinha de spray de pimenta atingindo o degrau de concreto aos seus pés enquanto se debatia para encontrar alguma coisa à qual se agarrar.

Bateu com as costas em alguma coisa sólida. Ou melhor, em *alguém*. E, por trás, sentiu braços fortes, até então não notados, pegarem-na antes que atingisse o chão. Mas ficou espantada demais para agir de imediato.

— Acha que posso soltá-la agora? — uma voz riu ao seu ouvido.

Violet ficou mortificada ao olhar desajeitadamente para trás para ver quem tinha acabado de salvá-la de uma queda.

— Rafe! — engasgou, ao perceber que estava cara a cara com aqueles olhos azuis. Levantou-se de um salto, sentindo-se inesperadamente tonta ao se soltar dos braços dele. Sem pensar, e com seu nome ainda queimando nos lábios, acrescentou: — Hum, obrigada, acho. — Em seguida, considerando que ele *tinha* acabado de impedi-la de cair de bunda no chão, tentou novamente. — Não... é, obrigada, quero dizer.

Afobada, curvou-se, tentando evitar os olhos de Rafe enquanto pegava o spray de pimenta que tinha caído de sua mão. Repreendeu a si mesma por ser tão desastrada e ficou imaginando por que se importava com o fato de que *ele* tinha sido seu salvador. Ou por que se importava por ele estar ali.

Levantou-se para encará-lo, sentindo-se mais recomposta, e rapidamente escondeu a evidência da paranoia — o pequeno tubo — na bolsa. Torceu para que ele não tivesse notado.

Ele a observou em silêncio, e Violet viu um esboço de um sorriso se formando nos lábios dele. Esperou para que ele dissesse alguma coisa, ou chegasse para o lado para permitir que ela entrasse. Seu olhar a deixou sem defesas, fazendo com que se sentisse ainda mais exposta do que quando estava sozinha na rua deserta.

Moveu-se agitada e finalmente suspirou impacientemente.

— Tenho um compromisso — anunciou, erguendo as sobrancelhas —, com Sara.

Suas palavras produziram o efeito desejado, e Rafe deu de ombros, ainda examinando-a ao sair do caminho. Segurou a porta para que ela pudesse entrar. Passou rapidamente por ele, entrando no corredor, enquanto tentava ignorar o fato de que, de repente, estava abafada dentro do próprio casaco.

Disse a si mesma que era apenas o calor, e que não tinha nada a ver com a humilhação pela queda. Ou com a presença do ameaçador jovem de cabelos

escuros.

Quando chegaram ao fim do longo corredor, Rafe puxou um cartão plástico espesso do bolso traseiro. Ao segurá-lo diante do bloco preto de plástico na parede ao lado de uma porta, uma pequena luz vermelha piscou e ficou verde, e a porta fez um clique. Ele abriu e foi na frente.

Segurança, pensou Violet. *O que quer que façam aqui, precisam de segurança.*

Violet olhou para o alto e viu uma pequena câmera no canto acima da porta. Se fosse Chelsea, teria feito o sinal da paz — *ou pior* —, um recado para quem quer que a estivesse assistindo do outro lado.

Mas ela era Violet, então, em vez de fazer algum sinal, se apressou atrás de Rafe antes que a porta fechasse e ela ficasse trancada do lado de fora.

A sala onde entrou não era nada do que esperava, principalmente após o breve tour do corredor externo. Depois da porta protegida e da câmera, havia um espaço gigantesco, provavelmente de três andares. Provavelmente um armazém convertido. Mas convertido *demais*.

Não havia nada de “armazém” no local agora. Parecia mais uma sala comercial confortável. Lembrava a imagem que Violet tinha de como deveria ser uma agência publicitária. Espaçosa, arejada, confortável.

Em vez de ser dividida em áreas de trabalho separadas, a sala tinha uma planta com um chão largo, cheio de estações de computador espalhadas sobre mesas compridas. Havia escrivaninhas individuais, mesas de reunião, e áreas comuns. Tinha até um setor para café, com o que parecia uma cozinha completa e máquinas de lanches.

E havia câmeras. Muitas delas.

Só faltava janelas; tinha apenas algumas claraboias no teto que permitiam iluminação natural.

Violet ficou impressionada com a amplitude de tudo.

Não teve muito tempo para absorver tudo antes de ver Sara, a agente-que-não-era-exatamente-uma-agente, vindo em sua direção, trajando um terninho engomado.

Violet tentou reunir algum entusiasmo. Lembrou a si mesma de que *ela* é que tinha marcado o encontro.

— É um prazer revê-la, Violet. Fico feliz que tenha decidido vir. Quer um tour pelo lugar?

Violet temeu que Sara fosse começar seu discurso de vendas, que não tivesse entendido sua razão de estar aqui. Balançou a cabeça.

— Não, obrigada. Estava querendo apenas conversar com você. — De

repente, sentia-se *muito* nervosa.

Sara assentiu.

— Claro.

Em seguida, inclinou a cabeça para Rafe, que continuava ao lado delas. Ele entendeu a deixa e saiu sem dizer nada.

Violet o observou indo para a área da cozinha e pegando uma lata de Coca-Cola, antes de se jogar em um dos sofás. Ele praticamente desapareceu nas almofadas ao se deitar.

Ele pegou um controle remoto e passou pelos canais em uma das muitas tevês de tela plana nas paredes. Violet ficou surpresa quando ele parou nos canais nacionais de notícias, passando por CNN, MSNBC, FOX News. Esperava algo menos... *sério*, imaginou. Ele colocou os pés ainda com tênis em cima da mesa, sentindo-se em casa.

— Então, o que acha? — perguntou Sara.

A voz de Sara chamou a atenção de Violet, e ela percebeu que estava encarando Rafe o tempo todo. Envergonhada, desviou o olhar, fingindo analisar o armazém reformado.

Violet só tinha visto mais uma pessoa no prédio, uma garota não muito mais velha do que ela e Rafe, trabalhando silenciosamente em um dos computadores. Em nenhum momento ela levantou o olhar, como se a presença de Violet não fosse perceptível. A mulher — a com a voz alta demais do interfone — não estava em lugar nenhum.

— É... — Violet não sabia exatamente *o que* dizer. — É grande. E impressionante.

De alguma forma esperava algo mais parecido com o pequeno escritório de um escriturário, um lugar onde Sara pudesse conduzir suas operações *incomuns* sob relativa obscuridade. Não esperava esta espécie de oásis, principalmente não aqui, no meio da parte industrial da cidade.

— Ouvimos muito isso — explicou Sara, soando menos formal agora. — É mais fácil transitar por aqui sem ser notado. E é importante atrairmos o mínimo de atenção possível. É como nossos clientes preferem. Discrição, total e completa discrição. — Conduziu Violet para longe de Rafe e da garota, para onde não pudessem ser ouvidas. — Sente-se.

Violet sentou-se em um sofá e fez o possível para não afundar demais. As almofadas eram espessas e macias, e ela lutou para se reter, de modo a ser levada a sério.

Sara empoleirou-se na borda de uma cadeira adjacente, de algum jeito

conseguindo parecer rígida e formal como sempre, mesmo naquele ambiente casual.

— Sabe, fazemos algumas coisas incríveis aqui, Violet. Minha equipe é uma das melhores na área. Muitos deles sentem que é sua responsabilidade usar seus *talentos* para ajudar os outros. — Continuava sorrindo, comportando-se como uma vendedora, e Violet sentiu-se desconfortável outra vez. — O que me leva à pergunta: conseguiu dar uma olhada nos arquivos que dei a você?

Violet sentiu as palmas começarem a suar.

Tinha olhado, sim, mas era o máximo que conseguia fazer. Assentiu.

Sara esperou por algo mais, e então ela mesma preencheu o silêncio.

— Mas nada?

Violet meio que deu de ombros e meio que assentiu, sem saber ao certo qual seria a maneira correta de responder. Percebeu que estava perigosamente perto de transpor aquele limite, de admitir mais do que queria, mas também precisava de ajuda. E Sara era sua melhor aposta no momento.

— Tudo bem. Quero que saiba que pode confiar em mim, Violet. O que quer que tenha vindo conversar, fica aqui, entre nós.

Era hora, decidiu Violet.

— Preciso da sua ajuda — soltou. — Ou, pelo menos, esperava que pudesse pedir.

Violet observou Sara, contemplando sua falta de reação. Ou ela realmente não se surpreendera com o fato de Violet ter vindo para pedir um favor, ou blefava muito bem. Violet apostava na última opção.

— Com o quê você acha que posso ajudá-la?

Violet se moveu mais para a beira do sofá.

— Estou com um problema. Em casa. Bem, não exatamente em casa, mas com alguém que parece não gostar de mim, acho que posso colocar assim. — As palavras de repente pareciam inadequadas. — Alguém tem deixado recados. E passado trotes. — Pausou brevemente antes de admitir a última parte. — E uma gata morta.

A cara de blefe se desfez, ligeiramente.

— Tem certeza de que foi deixada para você? Como sabe que não a encontrou por acaso?

— Foi deixada em uma caixa, perto do meu carro. Quem quer que tenha deixado lá o fez no meio da noite, para que eu encontrasse de manhã. — Violet remexeu a bolsa e tirou o papel rosa dobrado. — E mais tarde me deixaram um bilhete no colégio.

— Posso ver? — perguntou Sara, esticando a mão.

Violet o entregou a Sara e esperou ela terminar de ler. Violet mordeu o lábio, nervosa.

— O que acha? — Violet perguntou, afinal.

Sara dobrou novamente o papel, mas não o devolveu para Violet.

— Definitivamente, se trata de um aviso. E você acha que Rosie era a gata, certo?

Violet assentiu.

— Certo — concordou Sara. — E as ligações?

— Desligam na maioria das vezes, normalmente no momento que eu atendo. Mas, em outras, a pessoa fica mais tempo na linha. Já falei com ela, mas nunca responde. Pensei que soubesse quem era — admitiu Violet —, mas me enganei.

Sara olhou cuidadosamente para Violet ao fazer a pergunta seguinte.

— Como pode ter tanta certeza de que se enganou?

Violet decidiu ser vaga; a última coisa que queria fazer era trazer o nome de Megan para essa história. Ela já tinha passado por muita coisa.

— Simplesmente sei. Não foi ela.

Sara avaliou as palavras de Violet ao examiná-la, sem desconfiar, mas com curiosidade. Violet se sentiu como se estivesse sendo interrogada sem que uma palavra fosse proferida.

— Então, você acha que foi uma menina? — Sara perguntou finalmente.

— Ou melhor, *achava* que tinha sido uma menina?

Violet deu de ombros.

— Bem, acho. O bilhete. E a letra... — Não parecia realmente uma prova. Mas, então, o outro indício: a marca que *pensou* ter visto, provou ser um engano. Não havia sido Megan. Supunha que um menino *podia* ter forjado o bilhete.

— A natureza é, definitivamente, feminina — concordou Sara. — Mesmo o tom. Contudo, matar um animal normalmente *não* é um comportamento feminino. Não digo que seja impossível, perceba. Tudo é possível, e já vi coisas terríveis e extremamente contraditórias no meu trabalho. Posso guardar o bilhete?

Violet assentiu, ansiosa. Esperançosa.

— Então vai me ajudar?

Sara inclinou-se, com os cotovelos nos joelhos.

— Claro que vou, Violet. Farei tudo que puder para descobrir quem fez

isso. Tem alguma outra pista ou desconfiança com relação a quem possa ser? Fez algum inimigo recentemente?

Violet já tinha pensado nisso milhares de vezes. Não conseguia pensar em ninguém que fosse óbvio.

Balançou a cabeça, mas em seguida hesitou. Havia alguém que a detestava, alguém que vinha se empenhando em se certificar de que Violet *soubesse* o quanto se ressentia dela.

— Lissie Adams. *Elisabeth* Adams — respondeu Violet. — Ela estuda no meu colégio.

Violet tentou se lembrar da última vez em que vira Lissie na escola. Não conseguia recordar exatamente, mas poderia ter sido antes de a gata morta ser deixada em sua casa.

Sara anotou o nome de Lissie em um caderno que tirou do bolso.

— Posso fazer mais uma pergunta, antes de você ir?

Violet assentiu outra vez, agora um pouco mais hesitante.

— Entendo que não se sinta confortável falando nisso, e respeito. Espero que com o tempo perceba que pode confiar em mim. — Sara colocou a mão no joelho de Violet. Era para ser um gesto encorajador, mas para Violet foi assustador. Significava que Sara estava pedindo a Violet que compartilhasse seus segredos. — Sei que não vai me contar o que é isso que consegue fazer, mas pode me responder uma coisa? — Não esperou para ver se Violet estava disposta ou não; simplesmente fez a pergunta. — Você *consegue* fazer alguma coisa, não é?



CAPÍTULO 24

Violet dirigiu para casa em silêncio total, nem o rádio substituiu o zumbido que preenchia sua mente. Preferia a quietude; dava a ela a oportunidade de entender o que acabara de acontecer.

Como Sara tinha conseguido fazê-la admitir que tinha um segredo?

Detestava o jeito como as coisas ficaram depois daquele instante em que simplesmente assentiu. Sentiu-se tonta quase que imediatamente, sendo atacada pelo arrependimento. Queria desfazer o que fizera... aquele movimento ligeiro, quase imperceptível do queixo. Mas era tarde demais. Estava exposto. E Sara o vira.

Tarde demais.

Violet dissera a Sara que precisava ir. Permitira que a mulher a levasse até o lado de fora, mas somente porque estava com medo de sair sozinha outra vez, entre os armazéns escuros.

Mas durante o caminho para casa percebeu que, apesar de perturbada com a confissão, outra coisa também havia mudado. Algo que não havia previsto.

Sentiu como se um fardo houvesse sido tirado de cima dela.

Estava certa de que estava imaginando. Provavelmente, alguma espécie de insanidade latente finalmente aparecendo. Parecia uma hipótese plausível. Estava louca. Explicava tudo, na verdade. Os ecos, os gatos mortos, os assassinos em série. Loucura, tudo isso.

Mas não iria questionar, pois o que quer que fosse — a confissão para Sara, a percepção de que Megan não era a pessoa que a vinha perseguindo, ou o fato de ter feito as pazes com Jay —, a fizera se sentir melhor. E o estado em que estava agora era muito mais agradável do que o de antes, quando estava se afogando em autopiedade, ódio e medo.

Não iria pensar no assunto. A insanidade podia não ser tão ruim, afinal.

Além disso, dormiu um sono profundo e sem sonhos naquela noite, e pela

manhã, quando Jay chegou para levá-la para o colégio, estava se sentindo viva outra vez. E feliz.

Infelizmente, Jay não partilhava de suas opiniões otimistas sobre a loucura.

— Bom dia — Violet disse alegremente enquanto Jay entrava pela cozinha sem bater.

Ele franziu o rosto para ela, cerrando os olhos.

— Não muito — resmungou em resposta.

Violet riu ao pegar a mochila. Não ficou surpresa por ele ainda estar carrancudo: ele ficou basicamente assim ontem, depois que concordou relutantemente em deixá-la cuidar das coisas do seu jeito.

— Na verdade é — insistiu, aproximando-se e dando um beijo na bochecha dele, exigindo que ele focasse por um instante. Ela queria que ele prestasse atenção ao que tinha a dizer.

Por sorte, não precisava se empenhar muito para conseguir a atenção de Jay. Ele passou o braço na cintura dela e a segurou ali, pressionando gentilmente os lábios nos dela. Não era exatamente o que Violet tinha em mente, mas não reclamou. Deixou a mochila cair no chão.

Sentira falta dos lábios dele. E do calor do seu toque.

Reagiu rapidamente, se perdendo, primeiro em um beijo, depois em outro. Queria ficar ali, se entregando a ele. Ele a beijou até que os lábios dela ficassem machucados e inchados, e mesmo assim ela queriam mais. A cabeça de Violet flutuou, e seu coração estava exultante.

No entanto, sabia que havia alguma coisa que queria contar para ele, algo importante.

Após um instante, lembrou o que era.

Afastou a cabeça para trás, sorrindo com a frustração dele. Provocando, deu um último selinho nele.

— Ela vai ajudar — declarou, convencida.

Jay parecia tonto, mas em seguida sua expressão mudou. E a testa franzida voltou.

— Tem certeza? O que ela disse?

— Não precisa se preocupar com nada. Foi um bom encontro. Expliquei tudo, e dei o bilhete para ela. — Violet balançou a cabeça e sorriu. — Ela disse que cuidaria disso.

Observou enquanto a mandíbula de Jay enrijecia, e viu que era difícil para ele permitir que ela cuidasse das coisas do seu jeito. Mas, então, suspirou, e apesar de ter soado mais como se estivesse engasgando, Violet tinha certeza de

que ele estava se contendo a um nível praticamente doloroso. Teve vontade de rir. Tinha certeza de que devia ser mais um sintoma de sua loucura recém-chegada, mas conseguiu *não* rir. Em vez disso, ergueu a cabeça e de algum jeito manteve o rosto sério.

Quando ele não disse nada, e, aliás, nem se mexeu, Violet ergueu a sobrancelha, inquisitivamente.

— Tudo certo? — Quase se descontrolou ao ouvir a própria voz e perceber que parecia uma professora censurando uma criança levada.

Jay contraiu o rosto, como se estivesse tentando decidir, e Violet aproveitou o momento para suavizar a postura.

Pegou a mochila do chão e com a outra mão deu o braço a ele.

— Vamos. Vamos para o colégio, para não precisarmos parar na coordenação e explicar o motivo do atraso. — Apertou-o de maneira tranquilizadora. — Vai ficar tudo bem — sussurrou. — Confie em mim.

★ ★ ★

— Own! Olha, Jules, eles fizeram as pazes. Não é a coisa mais fofa que já viu?
— Chelsea zombou ao colocar a bandeja do almoço na mesa. Mas, mesmo com a voz carregada de sarcasmo, deu uma piscadela para Violet quando achou que Jay não estava olhando.

Chelsea foi interrompida quando Mike veio por trás e cobriu os olhos dela com as mãos. Por sorte, a tentativa de bigode havia fracassado; a pele acima do lábio estava lisa e raspada.

— *Adivinha quem é?* — perguntou, e Violet sorriu. Se Chelsea pegasse Jay fazendo uma brincadeira tão infantil com Violet, o crucificaria verbalmente por ser tão ridículo. Mas, com Mike, entrou na brincadeira.

— Não sei, mas espero que meu namorado não nos veja juntos. — Dessa vez a voz fofa *não estava* carregada de veneno.

Estavam se beijando antes mesmo de Mike se sentar ao lado dela.

Era quase constrangedor assistir.

Mas não foi por isso que Violet se sentiu encolhendo.

Imaginou o que Mike pensaria se soubesse as coisas que dissera sobre a irmã dele.

Teve que lembrar a si mesma de que ele *não* sabia. A única pessoa que sabia era Jay, e ele jamais contaria.

Quando Claire se juntou a eles, seu rosto acendeu.

— Violet! Você voltou! — declarou, atraindo atenção indesejada para a amiga.

Violet olhou tensa para Mike, que acabara de perceber que ela estava sentada ali.

— Oi, bem-vinda de volta — disse. — Chelsea falou que você estava bem doente.

Chelsea deu uma piscadela para Violet outra vez, agora com menos sutileza.

Violet sorriu para ela.

— Estou melhor agora.

— Ótimo — declarou Chelsea, alegrando-se. — Então não vai nos dar um bolo nesse fim de semana.

Violet olhou, confusa, para ela.

— Nesse fim de semana... — disse Chelsea. — O chalé. Ainda vamos, certo?

Abriu um sorriso radiante para Mike, que parecia incapaz de resistir a ela.

Ele sorriu de volta.

— Claro.

Nesse fim de semana! Meu Deus, tão cedo assim? Isso é, o quê, daqui a dois dias?

Violet olhou para Jay, procurando ajuda.

— Não sei... — vacilou. — Não sei se devo. — Não parava de pensar em Mike e na família. Em passar o fim de semana lá, em um chalé pequeno, cercado de neve, nas montanhas, com eles. Com ela, *Megan*. Violet achava que seria incapaz de conseguir.

Como sempre, Jay entendeu a relutância de Violet.

— Talvez Violet tenha razão, ela começou a melhorar agora. Talvez devesse pegar leve no fim de semana.

— Eu vou — interrompeu Claire, caso Chelsea estivesse contando.

Chelsea olhou impacientemente para Claire e em seguida a ignorou.

— Ora, por favor! — reclamou com Violet. — É sério? Tínhamos tudo planejado. Não pode dar um bolo agora. Tem que ir. Por favor, Vi, eu nunca peço nada a você.

— Hum, pede sim — observou Violet.

Chelsea não se incomodou em argumentar.

— Tudo bem, pode ser, mas, sério, é importante. — Estava choramingando agora, implorando a Violet. Em seguida, voltou-se para Jay. — Você não está

pensando em dar para trás também, está? — Encarou-o.

— Cara, não! — Mike praticamente gritou, finalmente percebendo as implicações de Violet ficar em casa. Significava perder Jay no fim de semana também. — Vocês têm que ir. Meu pai quase não vai ficar por perto, então a casa vai ficar só para nós.

Jay balançou a cabeça, e apesar de Violet saber que ele estava ansioso para viajar, o ouviu dizer:

— Foi mal, cara, não quero que ela fique doente outra vez. — Jay apertou a mão dela por baixo da mesa.

Violet de repente se sentiu culpada. Obviamente, os planos dependiam dela. Se não fosse, Mike ficaria preso lá com um grupo de meninas e o pai. Além disso, Chelsea jamais a perdoaria por uma falta tão grave.

Mas um fim de semana inteiro com Megan.

Que não tinha feito nada, Violet lembrou a si mesma novamente. E que não sabia nada sobre as suas suspeitas.

Realmente, não havia uma boa razão para *não* ir.

Inclinou a cabeça para Jay, ignorando os olhares ameaçadores que recebia de Chelsea — e provavelmente de Mike, também.

— Você quer ir, não quer? — ergueu as sobrancelhas, sabendo que os outros a estavam escutando.

Jay sorriu de volta, chegando perto dela, mas sem se incomodar em falar baixo também.

— Não quero fazer nada que você não esteja pronta para fazer, Vi. Faço o que *you* quiser. Não deixe Chelsea intimidá-la.

— Estou ouvindo — reclamou Chelsea.

Jay riu, mas não desviou o olhar de Violet.

— Por que você não pensa a respeito, e conversamos depois?

Ela sorriu para ele. Como conseguiu ser tão sortuda?

Ao fundo, ouviu Chelsea se alegrando.

— Eles vão. Eles *supervão*.



INVEJA

Ficou em um canto da cantina. Escondendo-se. Observando.

Detestava a forma como Mike e os amigos riam, a maneira como ele parecia se encaixar perfeitamente no grupo.

Ela queria aquilo também. Pertencer a algum lugar. A qualquer lugar.

Pensou que talvez fosse diferente aqui. Que esta cidade, esta escola, pudesse ser especial. Que, dessa vez, pudesse ter amigos de verdade.

Era tolice, sabia agora, um sonho de criança. E ela não era criança. Há muito tempo que não era.

Pegou o passe livre, esfregando-o entre o polegar e o indicador, desejando que lhe desse a força que não parecia ter por conta própria. Queria conseguir falar com alguém, pedir ajuda, mas aparentemente não era suficientemente corajosa.

Quantas vezes teria que pedir o passe para a coordenação apenas para mudar de ideia antes de chegar lá? Quantas vezes uma pessoa podia se decepcionar?

Olhou com inveja para Mike, mantendo-se próxima à pilastra que a escondia da vista alheia.

Ele também era um peixe fora d'água; apenas não percebia. Não era melhor do que ela — era pior, aliás. Era seu irmão; deveria protegê-la, cuidar dela. E, no entanto, não notava seu sofrimento.

Ele então levantou o olhar, e Megan recuou, circulando a coluna para que Mike não pudesse vê-la se escondendo. Cerrou a mão ao redor do papel.

Seu coração batia acelerado enquanto esperava. Não queria que ele a notasse; não queria encará-lo enquanto se sentia assim.

Foi dominada pelo desespero.

Tinha amigos também. Talvez não o tipo de amigo com o qual sonhara, mas havia pessoas com quem socializava para não se destacar como uma espécie de aberração.

Mas não era para ser assim. Seria diferente aqui.

Naquele primeiro dia, teve esperança.

Ia tentar; ia se aproximar de alguém, deixaria alguém ultrapassar suas defesas. E deixara, mais do que nunca, quando o conhecera...

Jay.

Ele era tudo com que poderia sonhar, se esforçando para fazê-los — fazê-la — se sentirem bem-vindos. Havia sorrido ao se apresentar, e ela realmente sentiu alguma coisa. Com aquele sorriso ele dizia que seria seu amigo. E talvez, um dia, algo mais.

Mas também se lembrava daquele outro instante, ainda sentia o gosto como bile amarga. O instante em que percebeu que ele já tinha uma amiga. Uma namorada.

Foi o instante em que Megan parou de se sentir especial.

Exceto que isso não era completamente verdade, pois Jay não parou de sorrir para ela. Não parou de convidá-la para se juntar a ele, e chegou ao ponto de usar o seu irmão para se aproximar dela. Então, obviamente, a garota — a garota dele — não significava tanto assim para ele.

Ela era apenas a garota no caminho de Megan.

Megan bateu com o punho no concreto sólido da coluna e espiou em volta mais uma vez. Pressionou a bochecha contra a superfície fria enquanto olhava para a mesa do irmão.

Jay ainda estava lá. E Violet também.

Por que Jay não conseguia enxergar Violet como o obstáculo que ela realmente era? Por que não podia largá-la para poder — finalmente — ficar com Megan?

As lágrimas a cegavam e ela piscou violentamente, limpando o nariz com a as costas da mão.

Por que ele não podia amar Megan?

Bem, agora não importava. Não iria mais tentar assustar Violet. Não tinha funcionado, de qualquer forma. Realmente esperava que Violet fosse ficar assustada a ponto de... o quê... dispensar Jay? Parar de vir à escola? Ou, melhor ainda, se mudar de cidade? Tudo por causa de umas ligações idiotas e um bilhete?

Ou uma gata morta em uma caixa?

Pareceu funcionar por algum tempo — a ausência de Violet da escola, a separação de Jay —, mas agora estavam mais próximos do que nunca.

Parece que não passaram de mais fantasias infantis da parte dela. Mais sonhos tolos.

Teve que parar, de qualquer forma. Violet desconfiava dela. Disse seu nome, naquela noite ao telefone.

Claro, era impossível que ela realmente soubesse que era Megan. Estava apenas chutando. Mas não valia o risco.

Megan não voltaria a ligar. Não haveria mais “recados”.

Megan desamassou o passe e leu mais uma vez, antes de jogá-lo no lixo quando voltava para a aula.

A quem estava enganando?

Nunca iria à sala da psicóloga. Jamais admitiria que o pai era um bêbado. Que se sentia sozinha, assustada e irritada.

Ia apenas murchar... e desvanecer.



CAPÍTULO 25

Depois da aula Violet deu uma olhada nos arquivos que Rafe lhe dera quando ela esteve nos escritórios do FBI. Bem, na verdade só um... o arquivo de Serena Russo.

Violet havia tomado uma decisão depois de ver Mike no almoço naquela tarde. Precisava fazer alguma coisa por ele — e pela irmã — para tentar compensar tudo que tinha pensado, e pelas coisas horríveis das quais havia acusado Megan.

Tinha essa habilidade. Esse dom. Por que não utilizá-lo, como Sara observou? Por que não tentar ajudar alguém?

E, nesse caso, alguém com quem sentia que tinha sido injusta.

Discou o telefone rapidamente, antes que perdesse a coragem.

Após um instante, falou:

— Se eu der um endereço, pode me encontrar?

Violet sorriu ao ouvir a resposta no outro lado da linha, e, em seguida, repetiu o endereço do marido de Serena Russo, que morava a menos de uma hora dela. Esta noite tentaria fazer a diferença.

★ ★ ★

Esperava chegar lá antes de escurecer, mas quando Violet acabou de percorrer a I-5, na hora do rush, a viagem de uma hora se estendeu em duas. O crepúsculo já cobria o céu.

Estava com o estômago perigosamente perturbado, e tentou dizer a si mesma que não precisava fazer aquilo, que ainda podia voltar.

Mas estava determinada — definitivamente, ia. Devia à família de Mike, e a si mesma, verificar se podia tornar sua habilidade útil mais uma vez. Além

disso, não era como se estivesse indo sozinha, lembrou a si mesma.

Saiu da estrada principal ao seguir as referências do caminho que havia anotado. Não esperava que a levasse tão longe da cidade, que o local fosse tão... *isolado*. Por que alguém não podia, ao menos uma vez, morar em uma região legal? Uma vizinhança pacífica — porém *habitada*?

Desacelerou o carro, observando as caixas de correio na rua, tentando enxergar o endereço que procurava. Quando finalmente o localizou, seu pulso acelerou. Respirou fundo ao parar no acostamento, o carro balançando no terreno acidentado. Bufou bem alto.

Não havia outros carros à vista, o que provavelmente significava que tinha chegado antes da pessoa que a encontraria. Pensou em esperar, mas decidiu que não; não fazia ideia do quanto ainda demoraria.

— É agora — disse a si mesma, sua versão de discurso de estímulo. — É agora ou nunca.

Ninguém respondeu, e o canto da sua boca se levantou ao morder o lábio e sair. Decidiu estacionar na rua, torcendo para que — *apenas talvez* — pudesse enxergar uma marca de longe, sem que Roger Hartman um dia soubesse que ela sequer tinha estado aqui.

Estacionar o carro na entrada dele seria o mesmo que se denunciar.

Torceu para que a marca dele — caso carregasse uma — fosse algo que pudesse sentir de longe, e não uma coisa que exigisse proximidade, como era a da mãe de Jay. Violet só podia sentir o cheiro de fogueira de acampamento se estivesse exatamente ao lado de Ann Heaton, ou a tivesse tocado.

Não queria tocar Roger Hartman para descobrir se ele havia matado Serena Russo.

Violet guardou as chaves no bolso ao caminhar pela entrada de madeira.

Manteve-se próxima à fileira de árvores, torcendo para permanecer escondida pelo véu da folhagem enquanto o crepúsculo se transformava em noite. A luz da lua não podia penetrar os galhos acima, e não havia postes de luz para iluminar seu caminho.

Percorreu cautelosamente a escuridão opressora, tropeçando várias vezes nas pedras e nos buracos. Moveu-se lentamente, cuidadosamente, atenta a qualquer ruído que indicasse que não estava sozinha. Mas tudo que podia ouvir era o som dos próprios passos, e a floresta a seu redor.

À frente, um brilho fraco indicava o fim de sua jornada, um pequeno trailer estacionado em meio a um emaranhado de árvores e amoreiras excessivamente crescidas. A luz pálida que vinha de dentro revelava que

alguém, definitivamente, morava ali.

Violet parou, com a mente acelerada, tentando decidir o que deveria fazer em seguida. Não era o plano ideal, supôs, agora que constatou a realidade de estar aqui... na propriedade dele, sozinha, enquanto a noite caía.

Na melhor das hipóteses, ele não tinha uma marca e não era um assassino.

Na pior, era. E Violet muito provavelmente cometera um erro fatal ao ir até ali.

Sua pulsação latejava acelerada na garganta, e tentou engolir, apesar disso. Esperou alguma coisa acontecer.

Não via movimento no interior do trailer. Nenhum ruído. Nada. Apenas a luz, solitária e constante. Não havia carro na entrada, e Violet começou a imaginar se Roger Hartman sequer estava em casa, ou se ela tinha vindo enquanto ele estava fora.

De repente, torceu para que fosse esse o caso.

Escutou a noite, prestando atenção extra aos ruídos que poderiam vir da direção do trailer.

E então ouviu. Primeiro suavemente. Um delicado batuque ritmado.

Gotas de chuva.

Olhou para cima, estendendo a palma da mão, esperando para que as primeiras gotas a encontrassem. Mas sabia que não viriam.

Não ia chover.

Era um eco. E chamava por ela.

Olhou em volta pelo breu assustador, imaginando o que deveria fazer enquanto segurava a gola do casaco perto do pescoço com as duas mãos, apertando como se pudesse protegê-la do som, da escuridão, do perigo.

Mas não era do eco que tinha medo, não *desse* eco. Sabia que era um corpo pela maneira como a chamou, alcançando-a e puxando-a gentilmente. Mas era diferente de alguma forma.

E então percebeu por quê.

O corpo tinha sido enterrado. Esse corpo estava resolvido, já tinha encontrado a paz. Como os do cemitério de Violet, ou aqueles do cemitério que havia visitado enquanto procurava pistas para capturar um serial killer. Violet podia sentir o eco, mas ele não *exigia* ser encontrado.

Deu um passo à frente outra vez, afastando-se das árvores e da proteção oferecida ao seguir o ruído.

As gotas de chuva — *o eco* — não vinham do alto, como a chuva viria, mas *da frente* de Violet. Era o barulho de muitas gotas pesadas batendo em largas

folhas de outono. Violet teve que ficar lembrando a si mesma que era ilusória, uma chuva imaginária, que somente *ela* podia sentir, ao abaixar a cabeça protegendo-se instintivamente do banho.

Olhou cautelosamente na direção do trailer ao passar por ele, preocupada com a possibilidade de que a qualquer instante Roger Hartman pudesse sair.

Mas a entrada permaneceu fechada, a casa, em silêncio.

Sabia quando estava perto, porque o som se expandia, tornando-se cada vez mais firme, mesmo que apenas aos seus ouvidos. Um vento úmido a envolveu, penetrando em sua pele e seus ossos, fazendo suas juntas doerem.

Era mais difícil com esses tipos de eco, os que não eram visuais, detectar uma localização exata. Então, enquanto Violet se aproximava, tinha que aferir a intensidade acústica, e considerar a queda de temperatura que a fazia tremer.

Circulou um ponto na área atrás do trailer, perto da base de um pinheiro nodoso. Na sombra da noite, o velho pinheiro guardava a sepultura que Violet acreditava existir sob os galhos espinhosos.

Olhou novamente em direção à luz que filtrava da estrutura decadente, antes de cair de joelhos. O ruído da chuva a cercou, e o vento frio da tempestade estava dentro dela.

Estava aqui.

O chão era negro, e Violet passou a mão sobre a superfície, tentando decidir onde deveria cavar. Parte dela queria parar, dizia que bastava, que podia ligar para Sara Priest e deixar que ela assumisse a partir dali. Mas sabia que não pararia. Nem sequer tinha certeza quanto ao que havia seguido até aquele local. Podia ser simplesmente um esquilo, ou um rato morto.

Queria investigar mais, ter certeza antes de procurar ajuda.

Assim que seus dedos afundaram na camada solta do solo, tão diferente da terra compacta que a cercava, Violet soube que tinha encontrado o local do túmulo que vinha procurando.

Pegou um punhado de terra macia, ainda tremendo contra o eco que a cercava. Usou os dedos para localizar o limite da cova, que seguiu com as mãos, cavando pela escuridão, ajoelhada. Quando percebeu o tamanho do túmulo, tremeu.

Um corpo caberia ali. Um corpo *humano*.

Não sabia ao certo por que continuou mexendo ali, por que permaneceu cavando a terra com os dedos, com garras. Deveria parar, disse a si mesma mais de uma vez, e mesmo assim não parou. E o tempo todo a chuva assombrosa continuou preenchendo o ar noturno com a tempestade mordaz.

O frio que trazia era mais do que real para Violet.

Quando sua mão passou por algo macio, algo que crepitou sob as pontas dos seus dedos, Violet hesitou. O que quer que tivesse acabado de sentir, não era natural, era obra de um homem.

Tocou outra vez, ouvindo o ruído sintético enquanto o dedo chegava a algo mais firme, abaixo, algo grotescamente familiar ao tato.

Era um corpo.

Enrolado em um plástico.

Violet se levantou num pulo, respirando com força ao levar a mão ao colo.

Quando sentiu alguém agarrá-la por trás, dedos fortes pegando-a pelos ombros, ofegou, engasgando com o próprio fôlego. Seu coração bateu agressivamente, violentamente. Como podia ter sido tão tola? Por que não esperara?

Então, uma voz suave a silenciou, fazendo com que choramingasse.

— *Shhh...* — Sua bochecha foi aquecida pelo hálito. — Tudo bem, sou eu.

Rafe!

Virou rapidamente, envolvendo-o nos braços enquanto alívio e gratidão se entrelaçavam em uma mistura de emoções.

— Graças a Deus! Estou tão feliz que você veio. — Agarrou-se a ele. Não estava mais sozinha; estava segura.

As pontas dos seus dedos tocaram a pele exposta da nuca de Rafe, bem abaixo do cabelo, e aquela faísca estática, a que tinham sentido antes quando se tocaram no café, correu por ela. Correu por eles. Rafe enrijeceu, e Violet de repente se deu conta da proximidade, do calor dele sob ela, da força vigorosa e do cheiro de Rafe.

Violet abaixou os braços imediatamente.

— Desculpe — começou, com os olhos arregalados demais. Desesperou-se para que aquele momento fosse esquecido. O barulho da chuva continuou cercanda-a, e ela olhou para o tumulto. — Encontrei alguma coisa... *alguém*, bem aqui. — Observou. — Não sei quem é, mas, definitivamente, é um corpo.

— Precisamos sair daqui. — Rafe agarrou a manga do casaco de Violet e a arrastou dali. — Temos que ligar para Sara e contar o que achou.

Violet permitiu que ele a puxasse passando pelo trailer e pela estrada. E mesmo ao se afastar da tempestade sensorial o pavor gélido se manteve, recusando-se a soltá-la. Estava com muito medo de que, quem quer que tivesse deixado a luz acesa, voltasse, os encontrasse ali, com ela coberta da terra de uma cova rasa. Temia que acabassem enterrados também... enrolados

em seus respectivos plásticos.

Quando chegaram à beira da estrada, Violet esfregou as mãos nos jeans e apalpou os bolsos para encontrar as chaves. Suas mãos estavam trêmulas.

— Consegue dirigir? — Rafe perguntou, com uma voz calma demais para as circunstâncias.

Violet viu o grande SUV preto estacionado atrás do carro dela, e percebeu que Rafe tinha vindo com o carro de Sara.

Ela assentiu.

— Estou bem. — Era mentira. Tinha certeza de que poderia dirigir, mas não estava “bem”.

— Tem um posto no fim da rua, na esquina. Siga-me. Paramos lá e depois ligamos para Sara.

Violet respirou trêmula ao ligar o motor, esperando Rafe sair na frente. Empenhou-se em controlar os nervos, que estavam à flor da pele.

Em algum lugar ali atrás na escuridão, enterrado sob um velho pinheiro, havia um corpo envolvido em um plástico. E por alguma estranha razão, parecia em paz.

★ ★ ★

Violet seguiu Rafe até o posto, com um estacionamento lotado e *muitas* luzes. Ainda não sabia ao certo se seu coração algum dia voltaria a bater normalmente.

Ele não foi para uma vaga demarcada, apenas parou na lateral do estacionamento, e Violet encostou atrás dele e esperou.

Rafe deu uma batidinha na porta do carona, e Violet se esticou para destrancá-la. Ele assentiu para ela ao entrar.

— Tem certeza de que está bem? Está um trapo.

Violet olhou para as próprias mãos, para a terra nas unhas, depois para o casaco, com uma crosta de sujeira. Ainda estava com os dedos tremendo, mas ignorou a preocupação de Rafe.

— Quer ligar, ou eu ligo?

O menino pegou o celular e discou.

Violet ficou agradecida por apenas sentar e ouvir. A conversa foi breve, e novamente Violet teve a impressão de que poucas palavras eram necessárias entre os dois.

— Ela encontrou um corpo na casa do Hartman; está nos fundos, embaixo de uma árvore. — Pausou para escutar. — Você vai ver; ela estava cavando quando cheguei. — Mais uma pausa breve, e, então, Rafe a olhou de lado, como se buscasse confirmação. — É, ela diz que está bem. — Após escutar por mais alguns segundos, desligou, sem se despedir, sem falar mais nada. E em seguida olhou para Violet, no fundo dos olhos dela. — Estou falando sério. Pode dirigir para casa? O caminho é longo.

Violet respirou fundo, e até sua respiração estava trêmula, mas assentiu, ainda assim.

— Só quero ir para casa tomar um banho. — Rafe a examinou por alguns longos instantes e pareceu satisfeito com seu bem-estar. Mas antes que pudesse sair, Violet o conteve. — Fico feliz por ter vindo, Rafe. Obrigada.

Ele sorriu daquele jeito furtivo e saiu do carro. Como com Sara, ele não deu outra resposta. Supôs que ele não fosse do tipo que falava muito.

Uma vez sozinha novamente, teve tempo para pensar. Estava nervosa com o que — ou melhor, *quem* — Sara iria encontrar ao chegar. Temia que fosse a mãe de Mike — Serena Russo. E que ela própria fosse a razão pela qual a família do rapaz descobrisse que a mãe não tinha fugido há tantos anos, mas que estava morta, enterrada sob um velho pinheiro.

Mas havia outra parte dela, uma parte que se sentia bem com o que tinha acabado de fazer. Realizada, até, pela primeira vez em muito tempo. Uma parte dela que se sentia como se talvez tivesse ajudado.

Precisava chegar em casa. Precisava esperar até que Sara ligasse de volta, para dizer se o que ela desconfiava era verdade.

E precisava lidar com o fato de que talvez Sara estivesse certa desde o princípio, que, talvez, Violet pudesse dar às pessoas as respostas que procuravam... ainda que não fossem as que gostariam de ouvir.



CAPÍTULO 26

Violet serviu uma caneca de café enquanto esperava que Jay a buscasse para o colégio.

Sua mãe franziu o rosto ao levar o cereal para a mesa.

— Noite difícil?

— Algo assim — Violet respondeu vagamente.

Difícil era um eufemismo. Violet tinha passado metade da noite acordada, esperando ansiosamente pela ligação de Sara — ou de Rafe — sobre a descoberta dela perto do trailer de Roger Hartman.

Felizmente, como esse corpo, seja lá por que razão, parecia estar resolvido e em paz, Violet não foi atormentada pelo desconforto remanescente que normalmente sentia quando deixava um corpo para trás. Ficou imaginando se algum dia entenderia *completamente* a estranha habilidade que possuía.

Pegou o celular do bolso e checkou novamente. Ainda nenhum recado.

— Bem, vai ficar feliz em saber que o pai do seu amigo vai passar hoje com todas as informações de contato para o chalé. — Sua mãe ofereceu cereal. — Você está com cara de que precisa de uma viagem pra já.

Violet acenou dispensando a caixa de cereal enquanto o estômago se contraía. Com tudo que acontecera ontem, quase esqueceu que iriam viajar no dia seguinte.

Lá se foi esse plano, pensou amargamente. Depois do que havia descoberto na casa de Roger Hartman, a última coisa de que a família de Mike e Megan precisaria era uma viagem.

Além de tudo, a culpa ainda pesava sobre ela. Mas, até receber notícias de Sara, decidiu que seria melhor manter a farsa de que tudo estava seguindo como planejado.

Conseguiu esboçar um sorriso fraco, falso na melhor das hipóteses, enquanto tomava o restante do café.

— Acho que ouvi Jay — mentiu, dando um rápido beijo na bochecha da mãe e pegando a mochila. — Até depois da aula.

Violet se apressou e esperou os últimos minutos na entrada, deixando o ar refrescante do inverno entrar em seus pulmões. E entorpecer seus pensamentos.

★ ★ ★

Em algum momento no terceiro tempo de aula Violet sentiu o telefone vibrando no bolso. Quando verificou, viu que tinha acabado de perder uma ligação de Sara. Disse à professora que não estava se sentindo bem e pegou um passe para a enfermaria e se dirigiu à tranquilidade do corredor.

Esperou tensa até que Sara atendesse, e quando o fez, Sara foi direto ao ponto.

— Sinto muito, Violet, não era o que pensou. Era apenas um cachorro.

E com essas palavras o frio do eco voltou. Violet não tinha certeza quanto ao que dizer.

— C-como assim, era um cachorro?

— Levei uma equipe para a casa do Hartman, e encontramos o corpo em uma lona. Era um cachorro, um pastor-alemão. Ainda não conseguimos entrar em contato com Roger Hartman, mas suponho que ele tenha tido alguma coisa a ver com isso.

A cabeça de Violet estava girando; tinha perdido a fala. Era um cachorro enterrado embaixo da árvore?

Não era Serena Russo...

Meu Deus!, Violet resmungou internamente. Havia mandado Sara, e sabe-se lá quantas pessoas para a casa de Roger Hartman, para encontrar um corpo... um corpo *humano*. Foi oprimida pela humilhação. Todas as suas boas intenções desapareceram em um instante, todas as esperanças de fazer alguma coisa boa se estilhaçaram.

Violet respirou fundo.

— Por que acha que ele teve alguma coisa a ver com isso?

Sara não hesitou.

— O cachorro não morreu de causas naturais. O pescoço dele estava quebrado.

Violet estava empurrando a parede com as costas. Inclinou-se para a frente,

com uma das mãos no joelho e a outra segurando o telefone. Ela só precisava de um instante para recuperar o fôlego e organizar os pensamentos.

Em sua mente, Violet imaginou a gatinha preta deitada na caixa ao lado do carro, com o pescocinho quebrado.

Ouviu-se dizendo tchau, a voz soava distante do corpo, como se pertencesse a outra pessoa. Esperou ali, sozinha, no silêncio do corredor, até sentir a tontura passar, até se sentir forte o suficiente para andar.

Violet achava que entendia agora por que o corpo que encontrara não havia chamado, insistindo para ser descoberto. Alguém — talvez o próprio Roger Hartman — havia enterrado o cachorro.

Alguém tinha lhe dado uma sensação de conclusão.

Percebeu também que, apesar do constrangimento de ter mandado Sara e os outros em uma caçada inútil, havia um lado positivo em tudo isso.

A mãe de Mike e Megan podia estar viva.

Talvez *tivesse* apenas fugido. Seria melhor, não seria? Para eles? O fato de ainda existir a chance de um reencontro?

Violet guardou o telefone, considerando que deveria estar na enfermaria, e não telefonando, antes de voltar para a sala de aula.

Talvez a mãe estivesse certa de manhã. Talvez precisasse de uma viagem, afinal.



CAPÍTULO 27

Amanhã seguinte chegou depressa, e, como sempre, Chelsea teve razão. Violet *ia* para o chalé com os amigos.

Apesar de ainda estar com dúvidas, reconsiderando sua decisão, as coisas já estavam caminhando, e Jay logo chegaria para buscá-la, junto com Chelsea, Mike e Claire.

Jules resolveu ficar de fora dessa viagem, declarando que preferia pular em uma piscina infestada de tubarões usando apenas um biquíni feito de carne a se sujeitar a um fim de semana com Chelsea babando por Mike. Isso e o fato de que Jules não gostava muito de neve... a não ser que tivesse uma prancha nos pés enquanto descia uma montanha em altíssima velocidade. Bonecos de neve e chocolate quente não eram muito a onda dela.

Mas, definitivamente, eram a de Claire, e ela já estava dividindo os times para a grande guerra de bola de neve que planejava.

O pai de Mike, Ed Russo, havia passado na casa de Violet quando ela estava no colégio, na sexta-feira, para se apresentar e passar todas as informações necessárias para sua mãe, inclusive o telefone da loja de conveniência que ficava a poucos quilômetros, pois não havia serviço telefônico — ou sinal de celular — onde ficariam.

E, apesar de, na verdade, o número ser de um orelhão, ele explicou que tinha um quadro de cortiça em que os donos pregavam recados; garantiu à mãe dela que passaria regularmente na loja, só para garantir.

Seus pais concordaram com o arranjo, era apenas uma noite, afinal — coisa que Violet tinha que lembrar a si mesma diversas vezes.

Podia dar conta de qualquer coisa por uma noite.

— Então, o que querem fazer primeiro? — Claire perguntou animada do banco de trás.

— Meu Deus, Claire. Não sei, mas talvez você devesse perguntar *outra vez* daqui a cinco minutos. Não tivemos muito tempo para pensar desde a última vez que perguntou. — O humor de Chelsea havia diminuído bastante durante a subida da montanha, e ela perdeu a paciência com todo mundo, *inclusive* Claire, que geralmente era poupada de seu temperamento.

— *Que babaquice*, Chels, só estava perguntando. — Os lábios de Claire se contraíram enquanto ela cruzava os braços. Foi o mais próximo de um palavrão que Claire já chegou. Deve ter ficado de saco cheio com o tom irritadiço de Chelsea.

Chelsea não se desculpou; em vez disso, fechou os olhos e respirou fundo mais uma vez, inclinando a cabeça para trás no assento.

— Quer que eu pare outra vez? — perguntou Jay, olhando nervoso para Chelsea, pelo espelho retrovisor. Arregalou os olhos para Violet, que soube exatamente o que ele estava pensando.

Não queria que Chelsea vomitasse... *no carro dele*.

Chelsea suspirou, irritada.

— Por que, Jay? Para eu poder ficar andando nessa merda de frio outra vez, falando sobre como estou me sentindo mal? É isso mesmo, Claire, eu disse *merda*. Não, obrigada. Apenas continue dirigindo. Quanto mais cedo chegarmos lá, mais cedo saio desse inferno.

— Sem ofensas. Certo, Jay? — Mike riu, batendo no apoio de cabeça do banco de Jay de brincadeira. Aparentemente, achava que *ele próprio* estava a salvo das observações grosseiras de Chelsea.

Não estava.

— Acho que não — respondeu Chelsea sem abrir os olhos. — Talvez alguém *devesse* se ofender. Talvez não seja o carro que esteja me deixando enjoada, e sim o motorista.

Violet começou a rir, mas se conteve, por pouco, a tempo de impedir que o som escapasse dos lábios. Cobriu a boca com a mão, de modo que só quem estava com os olhos abertos puderam ver.

Ha-ha, Jay fez com a boca, quando ela olhou de lado na direção dele, tornando ainda mais difícil se controlar.

Foi mal, fez com a boca para ele, quando finalmente sentiu que tinha controle suficiente para não rir.

Violet achou que Chelsea poderia se sentir melhor se se sentasse na frente,

mas não se ofereceu para trocar de lugar com a amiga outra vez. Já tinha tentado, quando pararam para ela respirar um pouco, e Chelsea respondeu irritada que estava bem, que não precisava trocar de lugar.

Violet estava convencida de que Chelsea só havia recusado porque não queria perder o lugar ao lado de Mike, mas depois de ser agredida verbalmente uma vez não iria oferecer novamente. Em vez disso, ficou sentada quieta, fingindo que não estava desconfortável, enquanto tentavam se sujeitar à parede imaginária de silêncio de Chelsea.

Inicialmente, Violet tentou ignorar a breve sensação que se espalhava sobre ela, o estranho tremor que começava no seu âmago e se espalhava em explosões curtas e trêmulas. Mas o carro estava se movendo em ritmo firme, apesar da neve que aumentava no chão à medida que aumentava a altitude, e não demorou muito até que o tremor se tornasse vibrante, e em seguida se transformasse em algo mais tangível.

Uma onda quente de ar perfumado atingiu Violet, trazendo consigo o doce aroma de verão dos picolés, protetor solar grudento e cloro, que preencheu o interior do carro. A temperatura alavancou inesperadamente ao redor.

— Pode diminuir o aquecedor? — Violet sussurrou para Jay ao tirar o gorro da cabeça e puxar o cachecol.

E assim que disse isso ouviu o suspiro horripilante de Claire.

Na beira da estrada estava um cervo, deitado em uma posição nada natural, ferido e abandonado em um amontoado de neve suja na curva da estrada. Sangue infiltrava-se na pilha lamacenta onde a face do animal estava estranhamente presa. Sua boca estava aberta e sua língua pendia na mandíbula lacerada.

Jay esticou a mão e apertou o joelho de Violet ao passarem, e de repente a temperatura inóspita e os cheiros de verão fizeram perfeito sentido. Era o eco do cervo.

Violet e Jay costumavam fazer essa brincadeira quando eram pequenos. Enquanto outras crianças faziam jogos de carro que envolviam os estados nas placas de carro, ou letras do alfabeto em placas de rua, Violet encontrava animais mortos na beira das estradas. Às vezes visíveis, outras vezes, não. Alguns discerníveis somente pelos ecos que deixavam.

Ela os sentia, ocasionalmente a centenas de metros de distância, e ela descrevia o eco único de cada um para Jay com a máxima riqueza de detalhes que conseguia enquanto ele tentava encontrar o corpo deixado para trás.

Atropelados, chamavam o jogo.

Era doentio, certamente, mas eram apenas crianças... com um fascínio mórbido por tudo que era morto. E ela era uma garota que conseguia segui-los.

Agora o eco parecia intruso, e a presença de Jay, calmante.

— Estamos chegando — Mike anunciou de trás. — Ali na frente fica a loja onde podemos parar para comprar alguns lanches e o que mais precisarmos. Última parada. Se precisarem telefonar para alguém, a hora é essa — acrescentou.

Violet pegou o celular da bolsa e checkou se tinha sinal. Mike estava certo; aqui não pegava.

— Ah, graças a Deus! Violet, compra uns biscoitos? E 7UP ou Sprite, se tiver? Estou me sentindo um cocô.

Violet virou para Chelsea, que ainda estava com a cabeça para trás, se recusando a abrir os olhos, mas foi Jay que respondeu.

— Tem certeza que não quer sair e esticar um pouco as pernas?

— Não se preocupe, Capitão Preocupação, não vou arruinar seu couro precioso — rosnou. — Mas se está tão preocupado, deixe um saco ou algo parecido.

Violet viu Mike se inclinar e sussurrar alguma coisa no ouvido de Chelsea, com o rosto apreensivo. Chelsea fez uma careta e virou a cabeça para longe dele. Nem se esforçou para ser educada.

Deve estar passando muito mal mesmo, pensou Violet, para dar patadas em Mike desse jeito.

★ ★ ★

O exterior da loja de conveniência era rústico e charmoso; as paredes externas eram troncos toscos, dando a ilusão de ser uma loja exótica do campo. O interior era desordenado e desorganizado. Os donos — provavelmente por necessidade, em um esforço para acumular o máximo possível de itens —, de algum jeito, conseguiram encher cada centímetro de prateleira, chão e balcão. Mesmo as paredes estavam lotadas de produtos à venda. E onde não havia artigos de fato, havia placas com itens que podiam ser solicitados.

Era quase tão frio dentro da loja quanto no lado de fora. Violet ficou satisfeita por estar com as botas de neve e o casaco pesado de inverno na

viagem, e por ter vestido o gorro e o cachecol antes de sair do carro.

Foi fácil atender aos pedidos de Chelsea, e depois só precisaram de mais uns minutos para que o restante deles comprasse batatinhas, tirinhas de carne, pirulito e uma variedade de lanches, incluindo um pacote de Oreos que Jay comprou para Violet.

Violet pensou brevemente em ligar para os pais, apenas para informá-los de que haviam chegado bem à montanha. Viu o orelhão colocado em um espacinho aberto entre a geladeira e uma prateleira cheia de óleo de motor de carro e tanques de propano. Logo acima do telefone havia um quadro de cortiça cheio de bilhetes coloridos e anotações em papel.

Mas descartou a ideia quase imediatamente. Os pais não estavam esperando ligações, a não ser que houvesse problema, e Violet estava tentando ser mais independente, para provar para eles que podiam confiar nela se virar sozinha. Telefonar para falar que chegou bem parecia destruir esse propósito.

Então, sem olhar para trás, passou pelo telefone, a caminho do caixa.

Se tivesse parado, teria notado o recado preso ali.

Endereçado a ela.

★ ★ ★

Jay decidiu estacionar o carro perto da estrada, em vez de se arriscar a subir a estrada íngreme e sinuosa que levava ao chalé. Temia que pudesse atolar nas camadas espessas de neve.

E, apesar de a picape do pai de Mike não estar lá, era claro que ele já tinha passado por ali, pelas marcas recentes no solo. Mas Violet concordou com Jay de que não valia o risco. O carro dele não era equipado, mesmo que com as correntes de neve, para um trajeto tão traiçoeiro. Não com aquele tempo.

Então foram forçados a subir com as coisas pela montanha até o chalé. Não teria sido tão difícil, não fossem os quase sessenta centímetros de neve sobre os quais tiveram que atravessar. Felizmente, conseguiram andar sobre as marcas da caminhonete do pai de Mike.

Aparentemente, os biscoitos e o Sprite funcionaram como mágica no estômago perturbado de Chelsea, pois ela havia voltado ao normal quando chegaram. Violet até a ouviu pedindo desculpas para Mike por estar tão “rabugenta”, uma palavra que nunca tinha escutado sair da boca de Chelsea. Principalmente naquele tom.

O “chalé” da família de Mike era menos a casa pitoresca da montanha que Violet imaginara, e mais um abrigo contra desastres naturais. Como uma choupana, mais ou menos. Com encanamento.

Mas o que faltava em eletricidade, linhas telefônicas e calor, era compensado por mobília escassa, uma cozinha mínima e um cheiro disseminado de mofo. A salvação era uma lareira grande, com um fogo já aceso quando chegaram, proporcionando ao ambiente um calor que Violet sentia convidando-a a entrar antes mesmo de passarem pela porta.

— Uau! — Jay suspirou em apreciação, e Violet reconheceu imediatamente que *rústico* era o tipo de lugar que ele gostava. — *Este lugar é tão legal*. Há quanto tempo vocês o têm?

Mike deu de ombros, jogando a mochila velha no chão, e Violet podia jurar que viu uma lufada de poeira se erguendo ao redor.

— Acho que era dos meus avós, e quando eles morreram, meus pais herdaram.

— E onde está sua mãe? Você nunca fala dela. Ela vem também? — Claire perguntou afetadamente enquanto espanava o assento de uma cadeira de madeira com a mão antes de colocar sua mala cara sobre ela. É a cara de Claire levar uma mala de marca para o bosque.

Chelsea olhou em tom de reprovação para Claire, respondendo por Mike.

— A mãe de Mike não mora mais com eles. E ele não gosta de falar sobre o assunto.

Mas Mike simplesmente deu de ombros e acrescentou:

— Tudo bem. Ela foi embora há algum tempo, e não temos notícias. — Em seguida levantou o dedo. — Espere um segundo. — Olhou para o pequeno corredor da espaçosa sala de estar. — Megan? — gritou.

Levou um instante, mas uma porta que estava fechada finalmente se abriu. A voz baixa do outro lado parecia irritada.

— O quê?

— Só queria avisar que chegamos. Papai falou que horas voltava?

Após diversos longos segundos Violet olhou para ver se a porta podia ter sido fechada outra vez. Pensou que talvez a irmã tivesse decidido ignorar a pergunta, mas, então, soando quase tão irritada quanto antes, respondeu afinal:

— E alguma vez ele avisa?



CAPÍTULO 28

Violet perdeu o fôlego ao se sentir sendo levantada por trás e erguida no ar.

Soube imediatamente que tinha sido Jay, porque ouviu o ruído grave da risada misturada ao calor do seu hálito na orelha ao caírem de lado na neve macia. Ouviu Jay se engasgar quando bateu o ombro nele ao atingirem o chão. Mesmo assim, ele estava sorrindo quando olhou.

— Você está bem? — ela perguntou, rindo do sorriso no rosto dele. Ficou imaginando se algum dia se cansaria daquele olhar estúpido e excessivamente confiante. Torcia para que não.

— Vem aqui que eu mostro — ele propôs, tirando um floco de neve dos cílios de Violet com a ponta da luva.

Tinha começado a nevar levemente quando enfim descarregaram suas bagagens e decidiram sair. Mike convidou a irmã para ir junto, mas ela ignorou, sem ao menos se incomodar em responder. Então se reuniram e saíram para explorar, só os cinco.

Apesar das desconfianças de Violet em relação à estrutura da construção, a localização do chalé era espetacular. Era afastado, ficava no alto da montanha, no meio das árvores que, junto com as camadas brilhantes de neve, compunham um cenário de tirar o fôlego.

Estavam no bosque há mais de uma hora e, no entanto, ninguém reclamou da temperatura. Era excepcionalmente lindo, e a neve cativante demais, para se queixarem do frio.

Claire tinha tentado organizar equipes para a guerra de bola de neve, meninas contra meninos, mas logo virou um jogo sem regras, e não demorou muito até que Jay estivesse defendendo Violet de Chelsea, e Chelsea protegendo Mike contra Jay. Claire se tornou neutra, como a Suíça, tentando inventar regras para impedir uma guerra total. Mas acabou desistindo e

encontrou um local tranquilo fora do caminho, onde podia fazer anjos na neve.

Quando Chelsea e Violet se juntaram a ela, decidiram de forma unânime que os “anjos” de Chelsea não estavam muito angelicais e tinham que ser renomeados. Consequentemente, nasceram os “diabos na neve”. Até fizeram chifres neles, para completar o efeito.

Mas agora que ela e Jay estavam sozinhos, roubando alguns minutos só para eles, Violet ficou feliz em se entregar à calmaria silenciosa da floresta coberta de gelo que os cercava.

Os lábios de Jay tocaram os dela. Foi como acender uma fogueira.

Violet fechou os olhos e se perdeu no calor que irradiou do estômago quando a boca dele se colocou sobre a dela. Aproximou-se dele, esforçando-se para chegar mais perto sob as camadas espessas de roupa.

Foi a explosão congelante de uma bola de neve acima deles que interrompeu o momento. Fragmentos gelados choveram sobre eles.

Jay protegeu a cabeça de Violet com os braços e a cobriu enquanto levantava os olhos para ver quem tinha interrompido o cessar-fogo temporário.

E em seguida sussurrou de modo que só Violet pudesse escutá-lo:

— Já volto. — Juntou um punhado de neve, compactando com firmeza, apressado, entre as luvas, ao se levantar e correr, deixando-a sozinha sob o abrigo das árvores.

Violet ouviu Chelsea e Claire discutindo ao longe, por causa do boneco de neve que estavam fazendo.

Ficou ali deitada, de costas, olhando para os galhos cobertos de branco que se cruzavam acima dela, filtrando a neve que caía, e difundindo a luz já tênue que tentava penetrar o céu cinzento espesso. Ainda não era crepúsculo, no entanto, a escuridão já descia enquanto a cobertura baixa de nuvens se intensificava, ameaçando cobrir o que sobrava da luz do dia.

Violet piscou quando frágeis flocos de neve bateram em seu rosto, e ela inalou fundo o ar frio. Escutou enquanto, ao longe, Jay e Mike se atacavam com bolas de neve, as risadas altas na calmaria do dia.

Quase teria sido fácil desconsiderar o chamado que sentia vindo da direção oposta. E tentou, fechando os olhos e fingindo por um instante que não tinha percebido. Mas a atração era visceral, penetrando sua pele e deslizando até coçar, até não conseguir mais ignorar a sedução enigmática.

A canção da morte.

Estava chamando por ela.

Levantou-se lentamente, ainda tentando decidir — como se algum dia tivesse tido escolha no assunto —, e limpou a neve das costas ao se erguer. Olhou em volta para se certificar de que ninguém estava vendo. Não queria que alguém a visse se esgueirar entre as árvores, para o bosque, para procurar o que queria — não, *precisava* — ser encontrado.

Sentiu aflição de uma dor fria surgindo na nuca, e estremeceu, projetando os ombros para a frente, tentando extrair calor de si mesma.

Era mais escuro ali, sob a camada sombria de galhos, longe do campo mais aberto onde estivera brincando com os amigos, e se preocupou brevemente com a possibilidade de se perder ao se mover cada vez mais profundamente sob a cobertura.

Aquele não era o *seu* bosque; não era a *sua* terra para navegar. Aqui, caso se perdesse, se ninguém soubesse onde encontrá-la, poderia vagar sem direção durante horas e horas, e não haveria locais familiares para guiá-la de volta.

Mas tinha a neve.

E contanto que os galhos continuassem a capturar os flocos que caíam, as pegadas a levariam de volta novamente.

Prendeu-se àquela esperança ao abandonar toda e qualquer razão em busca de um desejo mais primitivo. Em busca de um eco em meio ao bosque.

Caminhar pelas rajadas que tinham se formado foi um trabalho árduo, mesmo sob o abrigo da folhagem coberta de neve. As grandes camadas brancas dificultavam o avanço, prendendo as botas e fazendo suas pernas queimarem. Em pouco tempo até a cabeça de Violet doía com o esforço.

A pele na região das bochechas estava funda e seca, e os olhos queimavam no ar extremamente frio que parecia ficar ainda mais gelado ali, mais denso, de alguma forma, e mais difícil de respirar. Violet se esforçou para continuar se movendo e, a cada passo, a dor se tornava mais e mais intensa. No entanto, em sua cabeça sentia as tensas vibrações do eco conduzindo-a adiante.

Piscou com força, cerrando os olhos contra as lâminas imaginárias que cortavam seu couro cabeludo, sua testa e seus olhos.

Esse é o eco, percebeu, a dor agonizante que a arrasava, quase cegando-a ao mesmo tempo em que era compelida a localizá-lo. E não tinha como se conter e não procurá-lo.

Para Violet era a própria definição de insanidade, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito disso agora. O que quer que estivesse ali, precisava que ela encontrasse.

E ela encontraria.

Não pensou mais no frio. O corpo estava dormente em comparação à dor na cabeça. Nem tinha certeza se saberia que *estava* com frio, o que podia ser perigoso, na melhor das hipóteses. E, na pior delas, ser uma ameaça à própria vida.

Então, uma consciência repentina atravessou seu desconforto, e de uma vez por todas Violet teve certeza de que havia encontrado a fonte do eco. O corpo pelo qual vinha procurando. Estava enterrado sob o ponto exato onde estava. Foi dominada por um senso de alívio como nunca sentira antes. Foi como se a garra torturante que a prendia tivesse sido solta pela proximidade do cadáver abaixo.

Podia respirar outra vez. Livremente. Quase euforicamente.

Caiu de joelhos e suspirou, aproveitando a sensação de tontura que a dominou.

Mas não perdeu tempo. Esticou o braço e enterrou as luvas na neve, cavando rapidamente, e criando um monte ao seu lado. Suas mãos ultrapassaram os lençóis mais profundos de gelo fino, quebrando-os com facilidade e jogando-os para o lado também.

Trabalhou com dedicação, de forma eficiente, e o esforço a aqueceu, distraíndo-a da dor de cabeça que ainda entorpeceria seu cérebro, obscurecendo os pensamentos e impedindo-a de ficar completamente lúcida.

Sentia-se embriagada. Drogada pelo próprio eco.

A sensação de desorientação narcótica a mantinha focada na tarefa enquanto continuava cavando.

Quando as mãos cobertas pelas luvas chegaram ao chão duro, Violet percebeu tarde demais que tinha sido um exercício em vão. O solo não era macio, não era suficientemente solto para que pudesse cavar. E não era apenas duro; estava congelado em uma barreira fria. Sólida.

Não adiantava nada. Não havia como alcançar o que quer que estivesse embaixo.

Foi assim que Jay a encontrou, ajoelhada na neve, tentando pensar no que deveria fazer em seguida, através do torpor de sua mente enevoada. Tentando decidir como resolver aquele quebra-cabeça.

— *Droga, Violet.* Não nos ouviu gritar seu nome? Você quase me matou de susto! — Jay repreendeu-a ao mesmo tempo em que esticou a mão para ela.

Violet olhou fixamente para a mão, momentaneamente confusa pelo gesto. *O que ele quer que eu faça?*, pensou, ainda meio perdida.

— Quer levantar? — perguntou, inclinando-se dessa vez e agarrando as mãos dela. Puxou Violet para cima, ajudando-a, até que ela estivesse de pé.

O barulho em sua cabeça se intensificou.

Jay olhou ao redor dos pés de Violet, passando da expressão confusa da menina para os montes de neve no chão, e novamente para o rosto dela.

A compreensão finalmente o fez franzir o cenho.

— Sentiu alguma coisa aqui? — perguntou, com a voz baixa agora.

Violet assentiu. Isso ela sabia. Isso ainda estava claro.

— Não podemos ficar aqui, Vi. Todo mundo está vindo. Estão lhe procurando. E você tornou tudo mais fácil com a trilha que deixou. O pessoal veio bem atrás de mim. — Jay a envolveu com os braços, protetoramente, puxando-a para perto. Chutou os montes de neve, espalhando-os. — Vamos, vamos voltar. Vamos afastá-los da trilha antes que cheguem e comecem a perguntar.

Violet se permitiu ser conduzida, apesar da dor crescente enquanto deixava o local onde o corpo estava para trás.

Não queria que ela fosse.

Eles nunca queriam.

Sentiu como se estivesse sofrendo uma espécie de abstinência do torpor que o eco que havia descoberto lhe proporcionava, e quanto mais se afastava, mais forte era essa sensação.

Mas os pensamentos, ao menos, começaram a se tornar mais claros outra vez à medida que a dor de cabeça se intensificava, e ao voltar a si percebeu que Jay tinha razão. O desconforto não era nada comparado ao que sentiria se tivesse que responder perguntas invasivas dos amigos sobre o que estava fazendo, sobre o que estava procurando na neve.

Claire foi a primeira a alcançá-los, apesar de Chelsea e Mike não estarem muito atrás, vagando no próprio ritmo lento e firme, de mãos dadas. Obviamente, nem *todos* estavam preocupados com o paradeiro de Violet.

— Ah, ótimo, você a encontrou! — exclamou Claire ao alcançar Violet e Jay, andando cuidadosamente pela trilha de pegadas. — Onde você estava? — perguntou a Violet.

Violet estava com a cabeça apoiada no ombro de Jay, tentando em vão bloquear as pontadas latejantes do eco chamando-a de volta. As vibrações, a coceira incessante sob a pele, continuavam atraindo-a de volta para o bosque, e era muito difícil não responder ao chamado. Agarrou-se a Jay para resistir.

Jay continuou se movendo, seguindo o rastro de volta à clareira da qual

tinham vindo.

— Só fui dar uma caminhada — respondeu para Claire —, e acabou se perdendo.

Claire franziu o nariz quando Jay passou por ela, quase que carregando Violet agora.

— Por que não seguiu suas pegadas de volta?

Violet ouviu a pergunta de Claire e captou vagamente o som da voz de Jay ressonando na lateral de sua cabeça, mas as palavras mesmo lhe escaparam.

Um suor frio fez a área acima do seu lábio superior pinicar. Os calafrios que a atingiam nada tinham a ver com o clima.

Sombras incomodavam sua visão periférica e foram se estreitando cada vez mais, lentamente, até que ela estivesse mergulhada em escuridão. Sentiu seu corpo caindo e pareceu passar uma eternidade até que finalmente parasse... aterrissando pesadamente contra algo sólido... e quente...



CAPÍTULO 29

Quando Violet abriu os olhos, estava dentro do chalé. Quatro rostos ansiosos olhavam para ela.

E um ligeiramente desinteressado.

Aparentemente, o “contratempo” de Violet tirara até Megan do quarto.

— Vejam quem voltou — Chelsea disse ao se sentar no braço do sofá surrado em que Violet estava deitada.

Violet não pôde deixar de perceber que a voz de Chelsea tinha voltado ao tom normal, o tom que tinha longe de Mike, e estava carregada de preocupação.

— Como está se sentindo? — Jay perguntou em seguida, ajoelhando-se diante dela de modo que ficaram cara a cara.

Sentiu-se melhor só de vê-lo ali.

Violet passou os dedos titubeantes pela nuca, e tocou cautelosamente nas têmporas. Estava sem dor. Tudo tinha acabado. Tudo.

Só o que permaneceu foi a vontade insistente de voltar ao bosque.

— Estou bem — insistiu. E quando ele não pareceu acreditar, Violet acrescentou: — Sério. Estou bem agora.

— Vou pegar um chocolate quente para você — se ofereceu Chelsea, e Violet percebeu que ela devia estar realmente preocupada. Tinha a sensação de estar vendo esse lado de Chelsea com frequência ultimamente.

Claire foi com Chelsea até a cozinha, onde ficaram às voltas tentando acender o fogão a gás até Megan, que estava em silêncio em um canto da sala, aparecer para ajudar. A menina mais nova se moveu habilmente pelo espaço pequeno da cozinha, acendendo a boca do fogão e achando uma panela para elas, até que, no final, Claire e Chelsea acabaram simplesmente saindo da frente. Megan pareceu confortável com a mudança.

— O que aconteceu? — Violet perguntou a Jay, quando Mike foi até a

cozinha se juntar às meninas, dando a eles um momento a sós em frente à lareira.

Jay balançou a cabeça, com uma expressão sombria.

— Eu é que pergunto. Uma hora estava apoiada em mim e, em seguida, desmaiou. Levei um susto desgraçado.

— Claire chegou a gritar — acrescentou Chelsea, voltando para perto deles. Sentou-se em uma cadeira de madeira diante de Violet. — Não acredito que não ouviu. Mas estou com Jay, foi um susto e tanto. Tem sorte de ele a ter segurado antes que caísse no chão.

Violet fez uma careta. Olhou para Jay, humilhada.

— Você... *me segurou*?

Jay assentiu, e deu para perceber pelo olhar no rosto dele que estava gostando dessa parte. Muito.

— De nada — disse, sem expressão alguma.

Olhou para ele novamente e revirou os olhos, recusando-se teimosamente a agradecer, depois que ele claramente já tinha se parabenizado pelo feito.

Megan voltou carregando uma caneca de chocolate quente e Claire veio atrás.

— Cuidado — Megan alertou com a voz baixa, entregando para Violet.

— Está meio quente.

As pontas dos dedos de ambas se tocaram quando a caneca trocou de mãos. Violet olhou nos olhos da menina.

— Obrigada.

Colocou a máxima sinceridade possível na simples palavra e torceu para que o gesto bastasse, ainda que apenas para ela. Sentia-se mal pelo que tinha pensado de Megan, pelas coisas horríveis que desconfiara que ela tivesse feito.

Megan afastou a mão e baixou os olhos, nervosa.

— De nada. — Sua voz soou tímida e hesitante.

— Ela dá chocolate quente e você agradece. Eu salvo sua vida e não ganho nada. Isso está errado — reclamou Jay.

Violet sorriu para ele por cima do chocolate quente.

— O dela tem um gosto melhor — provocou, soprando o vapor e tomando um gole em seguida. — Além disso, acho que você já agradeceu a si mesmo.

Claire interrompeu os dois, entregando um guardanapo a Violet.

— Então, sério, Violet, o que aconteceu lá no bosque?

Violet balançou a cabeça, tentando juntar todos aqueles momentos desde

que Jay a encontrara no bosque, depois que descobriu a localização do eco. Lembrou-se da dor intensa que sentiu, o chamado do corpo e a sensação narcótica e entorpecente depois que o localizou. E depois Jay arrastando-a para longe, e a dor voltando, seguida por sua visão escurecendo. E depois...

— Acho que só fiquei um pouco tonta — respondeu afinal, sabendo que era uma desculpa esfarrapada. — Mas estou bem — repetiu, dessa vez tentando soar mais convincente.

Esfarrapada ou não, ninguém mais fez perguntas; pareceram aceitar a história.

Violet ainda estava distraída pelo eco, apesar da distância que agora a separava dele. Mas, por enquanto, tudo o que podia fazer era tentar ignorá-lo.

Quando decidiram que era hora de preparar o jantar, Mike e Jay saíram, para um pequeno galpão nos fundos, para pegar mais lenha para o fogo.

— Seu pai vai vir para o jantar? — Claire perguntou a Megan, que estava fazendo o melhor que podia para se manter imperceptível no chalé.

Megan simplesmente balançou a cabeça em resposta, quase sem manter contato visual ao responder.

Chelsea lançou um olhar de interrogação na direção de Violet.

— Sabe onde ele está? — intrometeu-se, apesar de ser evidente que a menina estava desconfortável.

Violet percebeu o desconforto de Megan. Parecia irradiar dela. Ela não *queria* ser notada. Não *queria* ser incluída. Estava se movendo, sem dizer nada, sem emitir qualquer som, no canto, existindo em uma solidão quieta.

Ela é tão triste, pensou Violet. *Triste e solitária*. Violet ficou imaginando se ela sempre fora assim.

— Ele está na cidade. Provavelmente, vai ficar fora até tarde. — Megan praticamente sussurrou as palavras.

— O que ele faz, passa a noite toda em um bar? — Claire tentou brincar.

Megan olhou para Claire, com o rosto sério.

— Às vezes — respondeu.

Mike entrou nesse momento, acabando involuntariamente com o silêncio constrangedor que havia se instaurado entre as meninas. Jay veio logo atrás; cada um deles tinha os braços cheios de lenha. Um carrinho com mais lenha estava na porta dos fundos, e Violet e Chelsea se apressaram para ajudar, empilhando a madeira ao lado da lareira.

Foi uma distração conveniente do desconforto estabelecido pela resposta espantosamente honesta de Megan.

Então, o que aquilo queria dizer exatamente sobre o pai deles? Que ele bebia? Era um alcoólatra? Que os filhos sempre ficavam sozinhos para cuidarem de si próprios?

Explicaria a facilidade com que Megan se virava na cozinha e o comportamento isolado, não? Que ela e Mike estavam acostumados a se virarem sozinhos?

A vergonha de Violet aumentou.

O jantar foi simples: queijo quente com batatas chips. Claro, foi Megan que teve que acender o fogão. E Megan que, novamente, conseguiu fazer os sanduíches sem queimá-los. A tentativa de Chelsea não acabou tão bem, e seu sanduíche ficou mais carbonizado do que grelhado. O de Violet, pior ainda. Jay se saiu melhor, ao menos era comestível. Mas Megan se provou uma espécie de gênio da culinária. Ou ao menos um gênio do queijo quente.

Jay ajudou Megan com o fogão, e essa foi a única vez em que Violet viu Megan se empenhando em interagir com algum deles. Fez perguntas discretamente enquanto preparavam o lanche, e sorriu hesitante quando respondeu às brincadeiras dele.

Fez com que Violet lembrasse por que havia suspeitado de Megan ter sido sua perseguidora. Além das outras suspeitas, era óbvio que Megan cultivava uma pequena paixonite por Jay. Talvez mais do que pequena. E Violet se sentiu culpada imediatamente por sequer pensar no assunto outra vez.

Sabia que não tinha sido Megan.

Violet e Claire puseram a mesa enquanto Jay e Megan preparavam o jantar. Mike e Chelsea “cuidaram da lareira”, o que se provou equivalente a Violet e Jay “fazendo dever de casa”, então, quando foram chamados para pegar os pratos, estavam com os olhos arregalados e distraídos.

Depois do jantar, Mike e Chelsea ficaram encarregados de limpar a bagunça, o que *de fato* significava “limpar a bagunça”, considerando que não tinham ajudado em nada na preparação. Todos os outros foram sentar-se à frente da lareira.

Violet continuava se sentindo puxada pelo que tivesse descoberto sob a cobertura das árvores, enterrado sob as camadas congeladas de gelo e neve. Imaginou por um momento como resolveria o problema... era um animal que não conseguia alcançar, não poderia reenterrar. Ainda não entendia a razão de a atração para encontrar uns ser muito mais forte do que para outros, por que algumas criaturas, como o cervo à beira da estrada, podiam deixá-la passar, enquanto outras queriam tanto ser encontradas que continuavam a atraí-la,

mesmo depois de Violet se afastar tanto.

Torceu com todas as forças para que a necessidade de encontrar aquele corpo simplesmente diminuísse com o tempo, libertando-a, enfim, daquela amarra indefinível.

Já passava das nove horas quando terminaram de limpar as coisas e estavam se preparando para dormir. Lá fora a neve tinha parado de cair e, apesar de o céu estar escuro, o chão brilhava assustadoramente, capturando fios de luz e refletindo-os como pedacinhos de vidro. Criava um cenário fantasmagórico.

Tinham rearrumado os móveis e espalhado sacos de dormir pelo chão, à frente da lareira. Tinha um quarto, onde Violet presumiu que Megan fosse dormir, considerando que era onde ela estava se escondendo mais cedo, e um pequeno loft no andar de cima, onde supôs que o pai de Mike ficasse. Quando estava lá.

Mas, apesar de ter um quarto, Megan não se recolheu de volta. Ficou com o grupo, mantendo-se afastada, sentando sem fazer barulho na cadeira mais distante possível dos outros, mas que ainda assim estivesse no mesmo cômodo.

Sempre que podia, Violet tentava incluir Megan nas conversas. Mas Megan relutava, respondendo com o mínimo possível de palavras e caindo em silêncio outra vez, desviando-se de todas as tentativas de Violet de fazer amizade.

Quando ficou tarde, começaram a se deitar um a um nos sacos de dormir. Violet foi para o dela, ao lado de Jay, e por fim Megan entrou no pequeno corredor e foi para o quarto.

A conversa diminuiu e desapareceu no silêncio, até que tudo o que restou foram os estalos do fogo que se apagava.



CAPÍTULO 30

A chuva a acordou, mas foi a dor que impediu Violet de voltar a dormir. Ia até o pescoço, agarrando a base do seu crânio como garras.

E, com isso, outra coisa lhe chamou a atenção. Uma luz que se intrometeu na noite.

Invadiu suas pálpebras, independente da força com que as mantinha fechadas. Mas não foi a luz em si que a alertou. Foi o padrão. A descontinuidade.

Estava brilhando.

Um vento gelado varreu seu corpo quando ela entendeu, e Violet lutou contra o impulso repentino de entrar em pânico. Por mais difícil que fosse, se forçou a não reagir. Continuou deitada, sem se mexer, fingindo *não* estar acordada.

Existe uma explicação, entoou internamente, repetindo as palavras várias vezes. Tinha que haver uma explicação racional.

Passos atravessaram o chão de madeira, e Violet prendeu a respiração, escutando-os, seguindo-os mentalmente. Pensou em acordar Jay, mas estava morrendo de medo de respirar, quanto mais de se mexer.

E apesar da dor de cabeça estar menos intensa do que antes, a reconheceu imediatamente. Era clara, inconfundível.

Era o eco do bosque. Ou melhor, a marca, vindo da pessoa responsável por enterrar o que quer que Violet tinha encontrado hoje. Mas não era tudo. Havia algo além da luz e da dor que Violet não conseguia identificar.

Ouviu os passos pararem na cozinha, e as chaves que tilintaram ao bater na bancada.

Violet lentamente — *muito, muito lentamente* — abriu os olhos, o pulso acelerando descontroladamente enquanto tentava fingir que ainda estava dormindo. Cada movimento que fazia parecia óbvio e exagerado, e tinha

medo de que quem estivesse ali fosse notá-la. Deitada acordada, tentando conseguir um vislumbre.

O brilho continuou, fazendo com que fosse difícil para Violet se manter parada, pois seu corpo reagia fisicamente a cada pulso de luz. Sua cabeça latejava incessantemente.

Quando seus olhos finalmente abriram, viu um homem. Ou, pelo menos, as costas dele, alto e encorpado, ainda vestindo um casaco pesado de lã xadrez vermelho e preto. Balançava ligeiramente, apesar de estar parado no lugar, com a mão apoiada na beira da bancada. E de onde estava deitada Violet podia sentir o cheiro pesado de tabaco e cerveja dele.

Ele então se virou, cambaleando sobre as próprias botas, e Violet baixou os cílios, esperando muitas respirações para ter certeza de que ele não a vira, e quando olhou outra vez, viu um rosto que reconheceu instantaneamente.

Era o rosto de Mike.

Ou como imaginava que Mike seria se fosse um homem envelhecido, de meia-idade.

Era o pai dele, Ed Russo.

E a luz brilhando da pele dele era sobrenaturalmente intensa, dolorosamente brilhante. Mesmo assim, poderia ter sido suportável, se Violet não soubesse a causa.

Lembrou-se da noite em que acordara com aquele brilho e ficou imaginando como um homem — como *aquele homem* — poderia ser responsável pela morte da gatinha que descobrira na sua casa.

E por quê...?

As perguntas, ao mesmo tempo, a assombravam e aterrorizavam.

E agora? Agora estavam *aqui*, neste chalé remoto na montanha, *juntos*? Como podia ser coincidência?

Não sabia o que deveria fazer agora. Sentiu-se presa pelas circunstâncias — o clima, o local, a proximidade com aquele *assassino*. Não tinha nenhuma forma de chegar ao mundo exterior, não sem ir até a cidade e telefonar pedindo ajuda, e não achava que seria inteligente ir sozinha.

Então, quais eram as opções? Acordar Jay? Contar aos outros que o pai de Mike tinha matado uma gata e a deixado em seu quintal para que encontrasse?

Como explicaria isso? *Por que* ele teria feito uma coisa dessa? E por que Violet? Até onde sabia, era a primeira vez o via na vida.

E tinha o bilhete. E as ligações. Realmente achava que aquele homem, *o pai de Mike*, era responsável por aquilo também?

Além disso, ele certamente não parecia ciente da presença dela agora, não parecia se importar com o fato de que ela estava logo ali.

A cabeça de Violet estava rodando — *acelerada* — e a dor implacável fazia com que ficasse cada vez mais difícil se concentrar. Estava tonta. Mas, pior ainda, havia algo mais agora, algo que ela não podia mais ignorar.

Do instante em que fora acordada, quando o homem entrou no mesmo recinto que Violet, ela foi invadida pelo impulso de voltar ao bosque.

Voltar ao eco.

★ ★ ★

Violet ficou parada até muito depois de o silêncio voltar a reinar no chalé, muito tempo após o pai de Mike subir e ela ouvi-lo se deitar para dormir.

E, então, esperou ainda mais, só para ter certeza, antes de, lentamente, cuidadosamente, sair do saco de dormir, tentando não perturbar os outros ao redor. Não queria acordar Jay; sabia que ele tentaria impedi-la. Mas não podia ficar ali.

Seu corpo inteiro tremeu à medida que a dor de cabeça foi completamente oprimida pelo impulso absoluto e irrestrito de procurar o eco outra vez. Até os brilhos de luz que vinham em explosões lá de cima foram facilmente ignorados em face do desejo avassalador de localizar o que estivesse enterrado na neve.

O fogo continuava aceso, e Violet percebeu que alguém, provavelmente Mike ou Jay, tinha colocado mais lenha durante a noite. Mesmo assim, apesar do fogo, Violet estava congelando. E a ideia de sair naquela temperatura quase ártica era perturbadora, mas não intimidante o suficiente diante da necessidade primitiva que Violet não podia mais negar.

Vestiu-se rapidamente, enchendo-se de roupas pesadas de inverno, antes de pegar uma lanterna e sair sem fazer qualquer ruído, levando as botas na mão. Não respirou ao abrir silenciosamente a porta dos fundos, com cuidado para impedir que o trinco fizesse barulho. Deixou as botas caírem na neve, e as calçou enquanto fechava a porta devagar, atrás de si.

O ar amargo da noite penetrou em seus pulmões na primeira inspiração. O choque deslizou pelo corpo de Violet em um espasmo cruel, e o calor que esperava carregar, acumulado no casaco grosso, vazou de uma só vez.

Até os ossos pareciam gelados e frágeis.

Puxou as pontas do gorro para baixo o máximo que podia, e enrolou o cachecol no rosto, respirando nele para criar uma faixa de calor.

Foi até o galpão, sem saber ao certo o que esperava encontrar ali, mas torcendo para que houvesse alguma coisa, *qualquer coisa*, para cavar que conseguisse levar.

O galpão decadente era escuro, e a madeira antiga tinha cheiro de mofo mesmo no frio. Violet ligou a lanterna para enxergar o interior. Havia lenha empilhada do chão até o teto em uma parede inteira. Na outra, caixas velhas, empilhadas umas sobre as outras, ferramentas de diversos tipos, muitas das quais não reconhecia: uma pá de neve que duvidava que fosse útil, latas enferrujadas de tinta, uma vassoura velha e uma escada vacilante de madeira. Queria uma pá de verdade, algo com uma ponta afiada, capaz de penetrar o chão sólido, mas não havia nada assim.

Viu, contudo, algo que poderia ser tão útil quanto. Um machado apoiado contra a pilha de lenha, com uma lâmina que, afiada ou não, ao menos romperia o gelo compactado para chegar à terra abaixo.

Violet segurou o cabo na mão antes de desligar a lanterna e deixar o galpão para trás.

★ ★ ★

Violet andou com as botas fazendo barulho na neve até onde pôde sob a luz projetada pelas janelas do chalé. Não queria acender a lanterna até ter que fazê-lo. Não queria atrair atenção, apesar de todos na casa estarem dormindo.

Mas não tinha lua para iluminar o caminho, e estava sob a coberta espessa de nuvens. E, finalmente, quando estava bem longe da casa, teve que utilizá-la, de qualquer forma.

A luz projetava um reflexo luminoso do chão, como uma bruma fina, etérea. Em qualquer outro instante Violet teria achado maravilhoso e lindo. Agora, no entanto, estava concentrada demais no seu propósito para apreciar o espetáculo de inverno.

O machado ficou pesado em sua mão, e ela teve que levantá-lo, apoiando-o no ombro para aliviar o peso.

Houve apenas um instante de alívio para Violet, depois que se liberou da dor da marca no chalé que deixara para trás — a que o pai de Mike carregava. No entanto, sabia que seria apenas temporário, que sentiria tudo outra vez

quando se aproximasse do abrigo das árvores, onde o corpo estava escondido. Ainda assim, não tinha forças para evitar ir em direção a ele.

Não precisava ver o rastro na neve para achar o caminho, o eco a encontrou novamente com facilidade, procurando-a. Chamando-a.

Mágicos, pensou Violet, *os desejos dos mortos*. E mesmo enquanto a dor a dominava, tinha plena consciência de que a natureza da sua habilidade era milagrosa.

Neste instante, era algo belo.

Exatamente como antes, a dor chegou ao auge, e a sensação narcótica espalhou-se por seu corpo, liberando toxinas imaginárias que a deixaram leve com o alívio.

Havia chegado ao corpo escondido.

Pensou na gatinha na caixa e imaginou, pela primeira vez, o que havia abaixo, enterrado no solo congelado sobre o qual pisava.

Mike disse que o pai era caçador, e Violet presumiu que isso significava uma presa grande — um alce, ou um cervo, e não uma codorna ou um coelho.

Ou um pequeno gato indefeso, Violet pensou amargamente.

Permitiu que o torpor a dominasse ao se ajoelhar.



ORGULHO

Megan ouviu no escuro quando as portas se abriram e fecharam novamente. Estava acostumada a ser uma sentinela da noite. Hábitos antigos eram difíceis de ser quebrados.

Ouvira o pai entrar, e soube pelo ruído dos movimentos oscilantes pelo chalé que ele tinha bebido.

Continuou acordada durante muito tempo depois que ele dormiu e que os ruídos noturnos cessaram.

E, então, ouviu outra coisa. Outro barulho.

Primeiramente, Megan achou que não fosse nada. Um dos amigos do irmão acordando para usar o banheiro.

Mas não era.

Ela ouviu. Com atenção.

Foi quase imperceptível, e se não tivesse ido até a janela do quarto talvez não tivesse notado nada. Alguém havia deixado o chalé.

Não, não alguém. Violet.

Era estranho ver Violet se afastando, vestida para o frio, desaparecendo pela noite nada convidativa. Há apenas poucos dias Megan poderia ter se sentido diferente em relação ao que estava testemunhando, alguém que detestava sumindo nas sombras congeladas.

Mas agora... agora sentia algo que não esperava sentir. Curiosidade.

E preocupação.

Violet fora gentil com ela, quando não merecia nada além de condenação, ainda que Violet não tivesse certeza quanto às ofensas que Megan havia cometido contra ela. Mesmo assim, Violet a recebera no grupo, perdendo o que quer que tivesse suspeitado antes e tentando começar do zero.

Megan se sentiu culpada por tudo o que fizera a Violet.

Era uma estranha mistura de emoções. Sensações não familiares fluíam por ela em ondas indesejáveis.

Megan enfiou a mão embaixo do travesseiro e puxou um colarzinho rosa que havia escondido ali. Tocou-o — com carinho —, acariciando-o lentamente entre o polegar e o indicador ao fechar os olhos.

Sentia falta da gatinha, a vira-lata que alimentara secretamente, amara secretamente. Sentia falta da maneira como esperava por ela, contava com ela, retribuía o amor.

Era a primeira vez em que precisavam de Megan. Realmente precisavam.

Mas o pai havia tirado isso dela também.

Não permitiria que ela pudesse ser amada.

Era egoísta demais para permitir que ela tivesse qualquer coisa boa, então resolveu o problema, sem discutir ou exigir que espantasse a gata, mas simplesmente jogando-a no lixo para que a encontrasse.

Agora, tudo que restava era a coleira que havia comprado para a gata, e uma amargura que se recusava a deixá-la.

O pai nunca admitiu o que fez, e Megan nunca o confrontou. Mas sabia que tinha sido ele.

Ficou enojada quando descobriu a gatinha lá, e furiosa. Mas o passo seguinte foi mal-orientado, percebia agora. Equivocado. Não era culpa de Violet que a vida de Megan não era o que ela gostaria que fosse. Não era Violet que deveria odiar.

Era ele. Era o pai que ela odiava.

Megan reconheceu o som dos passos dele descendo pela escada que rangia.

Seu estômago se contraiu ao se cobrir, fingindo que estava dormindo, como fizera tantas vezes antes.

Mas não foi o seu quarto que ele visitou.

Escutou enquanto, não tão silenciosamente quanto Violet, o pai se movia deselegante pelo chalé, saindo pela porta dos fundos.

Apressou-se para olhar pela janela congelada e o viu caminhando desajeitado pela neve, com uma espingarda na mão.

Seguindo os passos de Violet.



CAPÍTULO 31

Violet fez uma careta quando o machado atingiu a terra congelada, causando uma sensação de formigamento nos braços dela. O machado estava pesado demais e o peso atrapalhava a tarefa.

Ela havia posicionado a lanterna na neve, de modo que iluminava o ponto que tentava cavar.

Estava tendo dificuldades de manter pensamentos coerentes. Eles eram como vapor, pairando como espirais de fumaça, que desapareciam como sombras sempre que tentava agarrá-los. Este eco em particular tinha um efeito inebriante, indefinível sobre ela, que parecia se intensificar de repente... suas garras a apertavam cada vez mais, fechando-se sobre ela.

Mas já estava aqui, atendendo ao chamado; por que ficaria mais forte agora? A não ser que...

A voz dele, grossa e perturbadora, confirmou o que desconfiava — não estava mais sozinha.

Não sabia ao certo como ele tinha conseguido surpreendê-la — se fora a falta de clareza que afligia seu cérebro, ou a dor permanente nas extremidades de seu corpo. Ou se simplesmente fora o fato de que estava tão absorvida na tentativa de encontrar o caminho sob a superfície do solo gelado que não notou que algo havia mudado ao redor.

Que algo estava errado. Muito, muito errado.

— Como soube? — As palavras do homem chiaram fortes pela noite.

A cabeça de Violet clareou brevemente ao se afastar da tarefa na qual vinha trabalhando, o medo arrancando-a temporariamente do torpor. Não precisava perguntar quem era; quando o viu ali, as explosões quebradas de luz emanando do capuz do casaco lhe deram a resposta. Notou que tinha voltado a chover, que estava ouvindo as mesmas gotas pesadas que haviam lhe acordado.

Não, percebeu com atraso. *Não está chovendo; está frio demais para chover*. Era apenas o ruído que estava ouvindo.

Olhou para as mãos cobertas com luvas, para o machado que segurava. Não sabia ao certo o que dizer. O terror bloqueou sua garganta, sufocando-a.

Ele falou novamente, desta vez mais calmo, com a voz devastada por algo que parecia tristeza. Talvez até arrependimento.

— Como conseguiu encontrá-la?

As perguntas não faziam o menor sentido, e Violet lutou para prestar atenção.

Encontrá-la? Violet tentou se lembrar do que sabia — que não era muito — sobre caça, sobre as leis que os caçadores deveriam obedecer. Não deviam caçar somente os machos? Não era ilegal matar as fêmeas?

Cerrou os dentes, se forçando a *não* sucumbir ao chamado atraente do eco, o veneno que prometia matar seus sentidos.

Ele tropeçou ao dar mais um passo em direção a ela, e Violet pôde ver os olhos vermelhos do homem por trás da luz, e os círculos escuros sob eles. De perto assim ele parecia muito mais velho. E muito cansado.

Encarava-a de volta sem realmente enxergar.

Violet se lembrou de que ele esteve fora — presumivelmente bebendo — e imaginou se ele se sentia tão entorpecido quanto ela.

Pensou em se afastar daquilo, do eco sob os pés, para tentar recobrar a lógica. Mas a possibilidade de encarar aquela dor outra vez, amplificada pela presença do homem que carregava a marca correspondente, era insuportável. Preferia se manter entorpecida.

A voz dele, ao falar novamente, estava carregada de angústia.

— Eu a amava. E há muito, muito tempo, ela me amou também. Não queria fazer isso.

Violet estava perdendo a luta para entender o que ele estava dizendo. As palavras não pareciam mais do que peças de um enigma indecifrável.

Abriu a boca para perguntar o que ele estava querendo dizer, mas parecia não conseguir converter os pensamentos em palavras, e em vez disso ficou ali sentada, encarando-o, entorpecida.

— Ela prometeu me amar para sempre. Fez um juramento... — A voz se tornou amarga, irritada. Saliva se acumulou nos cantos da boca, e Violet percebeu que ele não estava mais falando com ela. Olhava fixamente acima da cabeça dela, perdido nas lembranças. — Mas ela mentiu. E em seguida disse que não me amava mais. Disse que... — A voz falhou. — ...disse que queria

ele. Ele *arruinou* minha vida. — Cerrou os dentes.

Os olhos de Violet caíram para a mão dele, pendurada sem vida ao lado do corpo. Viu a espingarda em que ele se apoiava, presa firmemente em sua mão.

Sua cabeça começou a voltar ao normal quando estremeceu. Seu sangue parecia elétrico nas veias, e de repente estava *lucidamente* consciente dos arredores... e do homem diante dela. Estava apavorada pelo que testemunhava, apesar de ainda não ter certeza quanto ao que ele confessava. Mas sabia, no fundo do coração, que ele estava falando alguma coisa que ela provavelmente não queria ouvir. Que ninguém jamais deveria ter que ouvir.

Mesmo assim, não olhou para Violet.

— Mas eu a amava — sussurrou, perdido no passado. — Como ela poderia simplesmente ir embora daquele jeito? Como eu poderia deixá-la ir?

Violet não conseguia desviar os olhos da arma, e seu coração batia dolorosamente, vibrando violentamente. Sonoramente.

— Não tive a intenção de machucá-la — admitiu, seu olhar encontrando Violet, tentando convencê-la, implorando para que entendesse.

O coração de Violet explodiu, e ela estava tremendo por inteiro enquanto esperava para ver o que ele queria dela. O que planejava fazer com ela.

Violet assentiu, querendo dizer que acreditava nele.

— Não poderia deixar que ela levasse meus filhos para longe de mim. Não podia deixar que comesçassem uma nova família com ele. — Ficou com os olhos febris ao explicar. — Eles me amam, sabe? E tentei explicar isso a ela, dizer que estava errada, que eu *podia* mudar. Mas ela já tinha decidido. Disse que era tarde demais. Disse que eu jamais voltaria a vê-los. — Hesitou, parecendo confuso, perguntando a Violet: — *Nunca mais vê-los? Como ela podia fazer isso comigo?*

Ele contraiu o rosto e balançou a cabeça, carregado de determinação em cada linha de expressão.

— Tentei conversar com ela, e quando ela não quis ouvir, tentei impedi-la. Não tive a intenção de machucá-la. — Ele então chorou, a frase parando em um soluço vacilante. — E depois a trouxe para cá, para que ela pudesse ficar no lugar que sempre amou. Para sempre...

Pegou o cabo da espingarda com tanta força que seus dedos ficaram brancos ao olhar para Violet.

— Sinto muito que você a tenha encontrado — disse ele, abatido. — Não queria que mais ninguém morresse.



CAPÍTULO 32

Jay se virou no saco de dormir e esticou o braço na direção de Violet. Quando a mão tocou a superfície gelada do travesseiro, abriu os olhos.

Sob o brilho das brasas que se apagavam na lareira pôde ver que ela não estava ali, não estava mais deitada ao seu lado. *Deve ter ido ao banheiro*, pensou, sonolento, enquanto se revirava no chão e esperava a volta dela.

Ouviu os ruídos uniformes de sono ao seu redor. A respiração de Mike era quase um ronco, e Jay pensou em cutucá-lo — talvez mais para dar um soco no braço —, para fazê-lo parar, mas decidiu que preferia ficar sozinho com Violet quando ela voltasse, e acordar Mike seria contraproducente.

Não sabia ao certo há quanto tempo estava ali deitado, quantos minutos tinham passado, mas eventualmente percebeu que era demais, e se levantou para ver por que ela estava demorando tanto.

Quando olhou pelo corredor, para a porta aberta do banheiro escuro, seu estômago congelou.

Violet não estava lá.

Hesitou brevemente no lado de fora da porta fechada do quarto — o quarto de Megan — pensando que talvez... *talvez* Violet tivesse entrado para conversar com a irmã de Mike. *Por que*, não sabia. Mas tinha que descobrir.

Bateu com a máxima suavidade possível, tentando não acordar os outros. Ninguém respondeu.

Respirou fundo, ficando mais tenso ao girar a maçaneta para espiar o lado de dentro. O abajur ao lado da cama estava aceso, e a cama estava desfeita, porém vazia. Não havia ninguém no quarto pequeno e frio.

Entrou em pânico. Alguma coisa estava errada. *Tudo aquilo estava errado*.

Correu de volta para onde os amigos estavam dormindo, e dessa vez agarrou o braço de Mike, abaixando-se para acordá-lo.

— Elas sumiram. Megan e Violet não estão aqui — sussurrou, alto.

Mike estava grogue e demorou a entender o que ele tinha dito.

— O quê... — Colocou o braço na frente dos olhos, como se a luz difusa do fogo remanescente fosse demais para ele. — Do que você está falando? — grasniu.

— Jay, *onde* está Violet? — Chelsea perguntou ao se sentar, esfregando o rosto.

— Não sei — respondeu Jay, sua voz ficando mais alta. — Não estava aqui quando acordei, então verifiquei o quarto de sua irmã — disse para Mike. — Ela também sumiu.

Mike se sentou, pegando o casaco do chão e vestindo-o.

— Meu pai está aqui?

Mas ele já estava indo para a frente do chalé, para verificar por conta própria. Voltou e checkou novamente o quarto da irmã antes de correr pela escada para o andar de cima.

— Bem, a picape dele está aqui, mas ele, não — declarou Mike, completamente desperto agora.

— Onde você acha que eles estão? — perguntou Claire, abraçando o travesseiro.

Mike balançou a cabeça.

— Não tem muito para onde ir por aqui. — Olhou para Jay em busca de sugestões.

Mas Jay já estava vestindo sua roupa de neve. Sabia onde Violet estava; devia ter suspeitado o tempo todo que ela tentaria voltar depois que descobriu o eco... o chamado era forte demais para ignorar.

— Você e Claire ficam aqui — Jay disse a Chelsea. — Coloquem lenha na lareira, e se Megan e Violet voltarem, fiquem aqui. Eu e Mike voltaremos assim que pudermos.

A confusão no rosto de Mike era evidente, mas ele se vestiu assim mesmo, seguindo o plano de Jay.

Quando os dois saíram pela porta dos fundos, para o frio pungente da noite, havia três tipos claros e distintamente separados de pegadas na neve.



CAPÍTULO 33

— **E**stá dizendo que ela não nos deixou? — foi o sussurro débil de Megan que estilhaçou a calma mortal pairando no ar noturno.

Violet não sabia ao certo se devia se sentir aliviada pela interrupção, ou se devia gritar para Megan fugir.

Mesmo sob o brilho estranho da lanterna colocada sobre a neve, Violet podia ver as lágrimas correndo pelo rosto de Megan, enquanto ela mesma lutava para entender o que estava acontecendo. Olhou, incrédula, para o pai, com revolta e tristeza evidentes em suas feições.

— Está dizendo que ela está... — Apontou para o chão, para onde Violet esteve cavando. — ...aqui? — A última palavra saiu vazia, desprovida de qualquer som real, mas ainda assim Violet escutou, e sentiu a dor da menina.

— Megan, *por favor*, tente entender. Ela queria tirar vocês de mim. Queria nos separar, mas eu não podia deixar que fizesse isso. Não podia permitir que ela os levasse... não com Roger. Ele era desprezível. Batia na sua mãe, e eu não podia correr o risco de que os machucasse também. Não sei por que ele teve que voltar e estragar tudo... — Deu um passo, aproximando-se dela. Tentou alcançá-la com a mão livre, mas ela recuou, fugindo do toque como se a mão do pai estivesse contaminada. — Eu te amo...

Violet aproveitou a oportunidade para organizar os pensamentos. Sentia-se trêmula, com as pernas bambas pelo efeito entorpecente do eco. No momento, porém, estava bem consciente para pensar — o medo deixava os pensamentos relativamente focados —, mas não sabia ao certo até quando isso ia durar, até quando a adrenalina manteria afastadas as outras sensações intrusas.

— Você não nos *ama*! — gritou Megan, finalmente recuperando a voz. — Como pôde *machucá-la*? Você não é melhor que ele. É pior! Ela era nossa mãe! — Lágrimas correram pelas bochechas. — Ela não teria deixado que ele nos

machucasse! Como pôde? — berrou. — *Como pôde?*

— *Eu amo! Amo você de verdade!* Você é minha princesa. Não poderia viver sem você! — Tentou tocá-la mais uma vez, a mão acariciando a bochecha da filha.

Megan se esquivou depressa, caindo para trás, aos pés de Violet, enquanto tentava se afastar do próprio pai. Foi quando ele notou Violet outra vez, e seu rosto se contorceu de ódio.

— *Isso tudo é culpa sua* — sibilou. — Tudo por sua causa! Se não tivesse vindo, estaria tudo bem!

Megan soluçou.

— Não estávamos bem. Nunca estivemos bem. *Você matou minha mãe!*

Os olhos de Violet estavam arregalados, o coração acelerado. Queria explicar que isso tudo era um engano, uma confusão — qualquer coisa que pudesse fazê-lo ir embora —, mas ele já estava erguendo a espingarda até o ombro, mirando diretamente nela.

Violet tremeu, de medo e de frio. Estava paralisada. A tempestade fantasmagórica continuava caindo enquanto imaginava como seria o *próprio* eco.

— *Que é isso?* O que diabos você está fazendo? — O som distorcido da voz de Mike passou por ela como um vento forte. Ouviu o barulho de corpos colidindo quando Mike se jogou em cima do pai, empurrando-o contra o tronco de uma árvore próxima.

Megan se levantou.

— Ela não nos deixou. Não fugiu. Ele a matou — soluçou, apontando para o pai.

Mike olhou para Violet, confuso.

— Quem? — E em seguida se virou para Megan, observando seu estado, e foi como se um interruptor tivesse sido ligado. A confusão acabou.

— É verdade? — Mike levou a mão até a garganta do pai, prendendo-o ao tronco de árvore. — *O que ela disse é verdade?*

O pai simplesmente fechou os olhos, e, apesar de não negar a acusação, a resposta era evidente.

E então Violet sentiu Jay, que chegou apenas alguns segundos depois de Mike. Ele a tomou nos braços, certificando-se de que ela estava bem, antes de se colocar à frente dela, para protegê-la.

Mike arrancou a espingarda das mãos do pai. Ele nem lutou para impedir; simplesmente deixou que ele a pegasse, como se tivesse desistido. Como se já

estivesse derrotado.

Mike deu um passo para trás, soltando o pescoço do pai com um solavanco, fazendo com que a cabeça dele batesse na árvore. O barulho crepitou em volta deles.

— Como pôde machucá-la? Como pôde fazer isso com a gente?

Violet viu Mike soltar o cabo da espingarda, verificando para ver se havia cartuchos dentro ao mesmo tempo que falava.

De onde estava, Violet viu o mesmo que ele e soube que a arma estava carregada.

Quase esperava que Megan dissesse alguma coisa, se opusesse ao rumo que as coisas estavam tomando. O olhar no rosto de Mike ao se posicionar para confrontar o homem que acabara de assumir o assassinato de sua mãe era frio. O fato de estar armado era ainda mais sombrio, inexplicável.

Mas Megan apenas ficou ali, movendo-se silenciosamente ao fundo, definhando diante de todos. Até os olhos dela estarem vazios.

Violet se agarrou a Jay, com medo até de respirar.

O pai de Mike desabou no chão. Chorou abertamente, berrando no ar frio, o hálito quente formando baforadas de vapor ao implorar aos filhos:

— *Sinto muito... Por favor... me perdoem.* — As palavras saíram em chiados.
— *Não mereço viver. Por favor, me mata logo... Não quero ir para a cadeia...* — Enterrou o rosto nas mãos.

Ao apontar a arma para a cabeça abaixada do pai, as mãos de Mike tremiam visivelmente.

— Mike — Violet ouviu Jay dizendo ao dar um passo para a frente. Violet queria contê-lo, mas era tarde. — Não faça nenhuma besteira — implorou ao amigo.

Ficou imaginando como Jay podia soar tão calmo, tão racional, quando duvidava que ela mesma pudesse sequer falar naquele instante. As sensações nebulosas do eco a atingiram novamente enquanto lutava contra elas, tentando afastá-las.

O olhar de Mike desviou-se para Jay, os olhos brilhando de um jeito estranho, como se estivesse louco. Por um instante, foi como se tivesse esquecido que não estava sozinho... que não eram apenas ele e o pai ali. Franziu o rosto para Jay, perplexo.

Jay levantou as mãos diante de si ao se aproximar ainda mais de Mike.

Mentalmente, Violet gritou para Jay voltar para ela, protegê-la, ficar longe daquela situação absurda.

— Você não quer fazer isso, Mike. Acredite em mim. Ele já confessou e vai para a cadeia pelo que fez. Não piore as coisas machucando-o.

A resposta de Mike foi seca:

— Não estava planejando *machucá-lo*.

Jay deu mais um passo para perto, entendendo o significado por trás das palavras de Mike.

— Eu sei. Mas pense na sua irmã. — Jay olhou para onde Megan estava, quieta, com lágrimas silenciosas descendo pelas bochechas. — Ela precisa de você, Mike. Se fizer *qualquer coisa* com o seu pai, vão tirar você dela, e, então, quem ela vai ter?

Algo louco piscou nos olhos de Megan. Medo, talvez. E carência.

Mike também olhou e a viu, a viu *de verdade* ali, destruída. Ele hesitou, os ombros caindo ligeiramente enquanto a raiva no rosto se convertia em algo mais suave.

Megan não se moveu, mas os olhos dela não saíram dos dele.

Quando Mike olhou novamente para Jay, ele assentiu.

— Leve as meninas de volta para o chalé e vá para a cidade pedir ajuda. Vou ficar aqui esperando.

— Não vai fazer nada com ele? — perguntou Jay, querendo alguma espécie de garantia de que Mike não atiraria no pai.

Mike encarou Jay. Sério e decidido, respondeu:

— Prometo.

★ ★ ★

Violet não teve intenção, mas novamente se viu recostada em Jay enquanto o afastamento torturante do eco comprimia seu crânio.

O que foi surpreendente para Violet, no entanto, foi a reação de Megan. A menina se recusou a soltar Violet, segurando sua outra mão enquanto Jay as mantinha em movimento pela neve em ritmo constante. Violet não sabia se ela a agarrava para prestar ou receber apoio dela. Só sabia que Megan estava segurando firme.

E depois de tudo que a menina havia sofrido, Violet não tinha intenção de soltar. Em algum momento do caminho, quando a dor era quase insuportável, Violet jurou ter ouvido Megan sussurrando alguma coisa para ela, algo tão discreto que só Violet deveria ouvir.

Soava como:

— *Desculpe.*

Mas Violet estava esgotada demais para ter certeza.

Ao se afastarem das árvores, abrindo um caminho no terreno aberto, a dor começou a diminuir, só um pouco, inicialmente, e em seguida, a cada passo, Violet podia sentir o alívio brotando nela como uma flor. Respirou fundo, apreciando a libertação.

À frente deles, o céu noturno em volta do chalé estava riscado por explosões incandescentes. Mas estas luzes eram diferentes da marca que irradiava da pele do pai de Megan. Eram do tipo que *todo mundo* conseguia ver. Luzes brilhantes nas cores vermelha e azul que iluminavam a paisagem cristalina em tons de índigo e escarlate.

A polícia já estava lá. *Mas como?*

Atrás deles, o estouro de um tiro soou agudo, ensurdecedor. Violet e Jay se assustaram, se contraindo num reflexo enquanto os pés paravam de caminhar pela neve. Do outro lado, Violet não sentiu nada vindo de Megan. Nem mesmo uma hesitação. Só parou de se mover porque eles pararam.

E sabiam, os três, que qualquer beleza que tivesse aquela noite cheia de neve não passava de ilusão gelada.

O chalé diante deles de repente irrompeu em um frenesi de movimento. Onde estivera quieto há apenas alguns momentos, havia uma tempestade repentina de pessoas correndo na direção deles, surgindo da porta dos fundos como um bando inquieto. Luzes de lanterna refletiam pelo chão, encontrando-os onde estavam, congelados na noite.

No tumulto, Violet reconheceu uniformes na multidão. Viu o tio e os pais, que estavam correndo pela neve para se aproximarem dela.

E, em algum lugar, em meio aos rostos em movimento que envolveram os três — ela, Jay e Megan —, viu Sara Priest.



CAPÍTULO 34

Para Violet, o restante da noite pareceu um sonho desconexo. Tantas coisas já haviam acontecido e ela ainda tinha tantas perguntas...

Seus pais explicaram a ela tudo sobre os telefonemas que haviam recebido de Sara Priest, que lhes tinha passado a impressão errada — exatamente como quando conhecera Violet — de que era agente do FBI.

Primeiro, aparentemente, Sara apenas deixou um recado pedindo que Violet retornasse a ligação, um recado que transmitiram aos donos da loja de conveniência, já que não tinham conseguido entrar em contato com Violet pelo celular. E, mais tarde, a ligação mais desesperadora — a ligação urgente, no meio da noite —, dizendo a eles que Violet corria perigo e que precisava de ajuda. Sara também sugeriu que eles ligassem para o tio da menina, e que os três fossem encontrá-la, junto com as autoridades locais que ela própria chamaria, no remoto chalé.

Não conheciam Sara, nem sabiam qual era sua relação com Violet, mas naquele instante, ouvindo que a filha podia estar em perigo, não pararam para questioná-la. Saber que Violet poderia talvez precisar deles já bastava.

Ficaram aliviados ao encontrar a filha segura e viva. E horrorizados por Sara ter acertado, e Violet *ter* corrido perigo, e pelo fato de que alguém podia ter morrido ali, naquela noite.

Abraçaram Violet com tanta força que ela achou que pudesse se quebrar toda. Nunca foi tão bom vê-los.

Chelsea e Claire estavam mais que aliviadas, ambas choraram ao perceberem que Violet, Megan e Jay estavam bem.

Nenhum deles sabia ao certo o que havia acontecido com Mike. Ele ainda estava lá.

Mas quando os policiais foram procurá-lo, ele já estava saindo do bosque congelado.

O caos se estabeleceu.

Violet esticou-se toda para tentar vê-lo, para dar uma olhada nele, enquanto ouvia a comoção que a aparição repentina dele criou. Ouviu vozes gritando, exigindo que ele mostrasse as mãos e as mantivesse levantadas.

Mike obedeceu, apático, e Violet percebeu que os olhos dele agora estavam tão vagos quanto os da irmã. As mãos esticadas estavam vazias.

Não sentiu nada vindo dele. Nenhum cheiro curioso, nenhuma cor ou luz anormal, nenhum ruído indefinível.

Nenhuma marca.

Violet se afastou dos pais e se aproximou do local onde Mike estava sendo algemado. Queria chegar perto dele. Precisava saber o que realmente tinha acontecido lá no bosque. Ela o investigou, analisando-o. Examinou-o com toda a sua habilidade e acabou não descobrindo nada.

— O que você acha? — Ouviu a voz familiar perguntando ao seu lado.

Violet balançou a cabeça, confusa.

— Não acredito que tenha sido ele. — Então fez-se uma pausa, e ela em seguida se virou para Sara, lembrando-se de uma coisa que ainda precisava ser dita. — Tem outro corpo lá, sem contar com o corpo do pai deles. Acredito que Serena Russo esteja enterrada lá faz muito tempo — declarou Violet secamente, sentindo-se vazia também.

Sara piscou, e Violet podia ver que ainda havia dúvidas, as que Violet sabia que podia responder agora. Quando tudo acabasse, contaria tudo a Sara.

— Pode me mostrar onde? — perguntou Sara.

Violet levou Sara ao bosque, em direção ao eco que a atraía inicialmente.

Não podiam chegar mais perto; a área já estava sendo isolada, e, apesar de seu relacionamento com as autoridades, inclusive Sara teve que se manter afastada. Mas isso não tinha importância; estavam perto o bastante.

O pai de Mike estava lá, no mesmo lugar em que estivera quando Jay levou Violet e Megan para longe. Ainda possuía as marcas das vidas que havia roubado antes de morrer.

E Violet também sentiu a nova marca, vibrante e fresca. Cercando o corpo sem vida, cobrindo-o com camadas fantasmagóricas e pairando sobre ele com asas nebulosas e espectrais, havia borboletas. Centenas e centenas de borboletas, lindas e sublimes.

O corpo de Violet cantarolou com cada batida daquelas asas delicadas e brilhantes.

A arma repousava estranhamente sob o braço dele.

Violet soube que Mike não tinha atirado no pai. Teria visto a marca nele... e não estava lá. Em vez disso, o pai carregava a marca e o eco da própria morte.

Sara esticou a mão para tocar o braço de Violet, interpretando mal a expressão de dor no rosto dela.

— Não precisa olhar para ele — explicou gentilmente.

Mas Violet não estava olhando para ele. Era o outro eco que estava fazendo com que tremesse de dor.

— Ela está ali. — Violet apontou para o local ali perto. — Ele a matou e enterrou ali.

Sara assentiu, e Violet percebeu que logo tudo acabaria. A dor, o desconforto, a sensação perturbadora de um corpo em busca de paz.

Uma vez que Serena Russo fosse adequadamente enterrada — finalmente —, Violet seria libertada.

— Foi ele, sabia? — explicou Sara quando viraram para sair. — Ed Russo é que foi o responsável pela morte do cachorro de Roger Hartman.

Violet tentou responder, mas a dor já era insuportável. Sara não tinha como saber.

— Finalmente encontramos Hartman, ele contou que Ed Russo vinha perturbando-o desde que se mudou novamente para a região, passando no trabalho e na casa dele, fazendo ligações ameaçadoras. Hartman nos mostrou algumas das mensagens.

Sara não pareceu surpresa quando Violet a alcançou, agarrando seu braço para se apoiar, e Violet estava com muita dor para se preocupar com as aparências. Sara prosseguiu, sem hesitar.

— Discursos de bêbado, basicamente. Mas acusava Hartman de ter envenenado a mente da esposa e de ter destruído a família dele. No último recado, ele se gabava de ter matado o cachorro. Só coisas horríveis.

Mas Violet já sabia. Tinha testemunhado o eco — a chuva fantasma — em primeira mão.

Ela franziu o rosto, ainda curiosa em relação a uma coisa.

— Como soube que eu precisava de ajuda? — perguntou a Sara. — O que fez com que viesse até aqui no meio da noite?

Sara levantou o olhar, mas não para Violet.

Olhou à frente dela, para onde as árvores se transformavam em um campo aberto outra vez. Havia algo estranho em seus olhos quando viu a pessoa ali parada, algo que Violet não sabia interpretar. Um segredo só dela, talvez.

Violet seguiu o olhar de Sara e viu Rafe lá, esperando por elas na neve, com as mãos enfiadas nos bolsos. Foi a primeira vez que Violet percebeu que ele estava lá. Os olhos azuis sérios as observavam com cuidado, em alerta.

Mesmo no meio da noite, ele parecia misteriosamente deslocado.

Quando Sara respondeu a pergunta de Violet, estava com a voz rouca, as palavras enigmáticas e carregadas de significado.

— Uma pessoa me avisou que você estava em perigo.



EPÍLOGO

Violet se posicionou do outro lado do vidro e examinou os homens diante dela.

Novamente, não conseguiam vê-la. E, novamente, foi atacada por diversas sensações ao mesmo tempo. Chegou mais perto, até ser possível enxergar a respiração na barreira que a separava deles e pressionou as mãos contra a superfície fria, fechando os olhos, concentrando-se.

Havia apenas uma sensação que procurava no meio das outras.

Ouviu cuidadosamente, o ruído da própria respiração se estabilizando enquanto separava uma marca das outras.

Linda. Amarga. Melódica.

As cordas evocativas da harpa.

Era ele, o homem que havia roubado o garotinho da família em Utah e o largado para morrer no contêiner na orla de Seattle. Violet o reconheceria em qualquer lugar.

Abriu os olhos.

— Ali — disse, apontando para o homem no fim da fila.

Sara assentiu.

— Você acertou. É impressionante, Violet.

Violet sorriu.

— Então, passei?

— Já disse, não é um teste.

Deu um passo para longe do vidro, distanciando-se enquanto os homens eram retirados da outra sala.

— É, mas era um pouco.

Sara não respondeu. Não precisava. Violet sabia, mesmo que Sara se recusasse a admitir.

Violet esperara sentir alívio; já sabia que confessar o fardo, pelo menos para

Sara, a faria se sentir melhor. Mas não havia contado com o fato de que se sentiria tão... *viva*.

Estremeceu com um novo senso de propósito. E, apesar de ainda não ter aceitado oficialmente o convite de Sara para se juntar ao grupo, Violet sabia que, de certa forma, já tinha aceitado.

Ainda não entendia exatamente o que a equipe de Sara fazia, ou como agia, mas, após testemunhá-la em ação naquela noite no chalé, Violet soube que Sara, definitivamente, exercia influência sobre as autoridades. Vira Sara dando ordens ao chefe de polícia local, e a assistira interagindo com agentes do FBI que chegaram depois ao lugar.

Mesmo que não trabalhasse de fato *para* o FBI, Sara Priest era, sem dúvida, uma força reconhecida.

E, mais importante, Violet sabia que podia contar com ela, podia confiar em Sara. E isso significava muito para Violet.

Quanto a Mike e Megan, eles já tinham ido embora. Mudaram-se para o Oregon, a fim de viver com uma tia que se oferecera para recebê-los.

Megan admitira tudo. Confessou que inicialmente detestara Violet, que sentira inveja e que pretendeu assustá-la. Confessou ter deixado a gata morta na casa de Violet como um aviso. Confessou a autoria do bilhete e dos telefonemas também.

Violet havia perdoado Megan, sabendo que a menina já sofrera o bastante, com os anos vivendo com um pai alcoólico, e descobrindo que ele havia assassinado sua mãe.

Megan precisaria de muita terapia para desfazer o estrago causado pelo pai, e Sara garantiu a Violet de que fariam o possível para oferecer à menina a ajuda da qual precisava.

Mike, por outro lado, não admitiu nada.

E, apesar de ninguém poder contestar sua versão de que o pai havia arrancado a arma dele para tirar a própria vida, Violet desconfiava de outra coisa, de algo ainda mais perturbador. Não podia deixar de se lembrar da maneira como o pai de Mike havia implorado para Mike acabar com sua vida, permitir que morresse, e imaginava se Mike não tinha simplesmente concordado, oferecendo ao pai a alternativa à prisão.

E Violet não tinha certeza se o culparia se o tivesse feito. Não sabia se o pai não merecia, de certa forma, o que havia lhe acontecido, e se Mike e Megan não mereciam a paz de saber que nunca mais teriam que encará-lo outra vez.

Sinceramente, não sabia...

Enquanto Violet reunia as coisas, Sara pediu que telefonasse mais tarde.

Violet assentiu, concordando, enfim, e mais uma vez ficou pensando como se encaixaria no grupo.

No corredor, Rafê esperava por elas. Esperava por Violet.

Estendeu a mão para ela, e nela Violet viu o bilhete rosa dobrado que tinha dado a Sara quando pediu ajuda. Olhou com curiosidade para ele.

— Aqui. — Falou com a voz tranquila, à qual ela já tinha se acostumado. Combinava com a natureza sombria dele. — Não preciso mais disto.

Violet esticou a mão tentando meio incerta pegar o papel, a mente especulando o motivo pelo qual estaria com ele. Já tinha pensado muito no papel dele no grupo, então, como o bilhete se encaixava nisso?

As pontas de seus dedos tocaram as dele, e, não pela primeira vez, Violet sentiu o tremor de alguma coisa passando por ela, algo elétrico.

Ele puxou a mão rapidamente, mas olhou para ela, encontrando seu olhar.

Violet sorriu, incerta.

— Ei, queria agradecer. Sabe, por ter levado ajuda naquela noite. Fico devendo uma a você. — Não disse mais nada e não esperou por uma resposta. Mas quando começou a sair, deixando-o para trás no corredor, com o canto do olho o viu sorrir em reconhecimento.

Violet não precisava de uma explicação sobre como ele soube que ela estava em perigo, assim como não queria sair por aí relatando para os outros o que sabia fazer.

Bastava saber que eram parte de outra coisa agora.

Juntos.

★ ★ ★

— Foi rápido — Jay disse quando Violet entrou no carro.

— Falei que não demoraria.

— Ótimo, porque acho que vamos nos atrasar — respondeu, olhando para o relógio no painel.

Violet suspirou.

— Está falando da festa?

— Eu já disse: não tem festa. — Em seguida sorriu para ela. — Além do mais, se não fingir surpresa, Chelsea vai me matar.

— *Ugh!* Detesto festas.

Jay se esticou e deslizou o braço para trás do pescoço de Violet, puxando-a em sua direção. Ela pôde sentir o cheiro da bala de menta que ele estava mastigando ao se inclinar na direção dele.

— Vamos. Ninguém pôde comemorar seu aniversário com você. — Ele a beijou uma vez, suave e docemente, na bochecha. — Deixe que façam a festinha deles; não vai demorar muito. — Beijou-a na outra bochecha, e depois no queixo, e Violet sentiu que sua firmeza estava escapando.

— Sairemos de lá rapidinho. — Os lábios dele a tocaram na testa; seus olhos ardiam ao olhar Violet. — E depois... — encontrou seus lábios, provocando-a ligeiramente —, podemos fazer nossa própria festa.

Violet suspirou, derrotada, se perdendo no argumento persuasivo dele.

— Acho que vamos nos atrasar — ela sussurrou, rendendo-se, afinal.



AGRADECIMENTOS

Primeiro, devo agradecer à minha agente, tão paciente, Laura Rennert, por sempre estar ao meu lado, vibrando a cada passo... obrigada!

Aos meus editores na HarperCollins, Farrin Jacobs e Kari Sutherland, obrigada pelo apoio, pela orientação, e pelo bom humor inabalável... vocês fizeram de *Desejos dos mortos* algo de que todos podemos nos orgulhar!

Agradeço, também, à maravilhosa equipe de marketing, publicidade e design da HarperCollins, que inclui minha *superassessora* Melissa Bruno — que trabalha incansavelmente para colocar meus livros nas mãos de, bem, basicamente todo mundo — e Sasha Illingworth, a designer incrivelmente talentosa que criou não uma, mas duas capas incríveis para os meus livros. Não tenho como agradecer o suficiente!!!

A todos da Debs e da Tanners, por sempre me darem cobertura! A Jacqueline e Tamara, eu não poderia ter sobrevivido ao lançamento de *Ecos da morte* sem vocês duas! A Shelli Wells, por ser tão boa amiga ao vivo quanto pela internet. Um agradecimento especial a toda a equipe de rua de *Ecos da morte*, que se empenhou além da conta para divulgá-lo. E a Reggie, tente manter este longe da banheira!

Também quero agradecer ao meu pai, Gerry, com quem aprendi o dom de tagarelar (dentre outras coisas), uma característica importante para qualquer escritor... obrigada. E ao meu irmão, Scot, que me ensinou que um irmãozinho irritante pode se tornar um melhor amigo.

E, novamente, à minha mãe, Josh, Abby, Connor e Amanda... porque estão sempre aí, me amando tanto quanto eu os amo!

Sobre a autora



Kimberly Derting vive em Washington, nos Estados Unidos, com o marido e os três filhos. *Ecos da morte*, primeiro livro da série THE BODY FINDER, foi sua estreia literária.

Conheça os livros da autora



Ecos da morte



Desejos dos mortos